



A LÍNGUA **MINA-JEJE** NO BRASIL
UM FALAR AFRICANO EM OURO PRETO DO SÉCULO XVIII

YEDA PESSOA DE CASTRO

Imprem ou hor de amon, que
Andria e feror, sus dando asp
Ebrov m. Satiras.

Do conth. medary por m. ma
Vido; e aptu qto por notorio ep
A qrd. depura, e pnd. garto,
Hence feito, nesta nota v se

Da verencia:

Malgun nome aonde ouve
Estar de ha d' honra, e e' n
Comar paruo comalgun negro, a
gra mima por de m. diferente
nuncia

Per a l' am. m. ann. i. Ba
Per a l' de 1795 Per a l' am. am

grande di grace e' n asier
porque de se que o peccar
de por de se que o peccar
moner,



Coleção
MINEIRIANA
Série Clássicos

A LÍNGUA **MINA-JEJE** NO BRASIL
UM FALAR AFRICANO EM OURO PRETO DO SÉCULO XVIII



GOVERNADOR

Itamar Augusto Cautiero Franco

SECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA
Angelo Oswaldo de Araújo Santos

SECRETÁRIO DE ESTADO DO PLANEJAMENTO
E COORDENAÇÃO GERAL
Frederico Penido Alvarenga

PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO
Ricardo Carneiro

DIRETORA DO CENTRO DE ESTUDOS HISTÓRICOS E CULTURAIS
Sylvana de Castro Pessoa Santana

P 475 L Castro, Yeda Pessoa de
A língua mina-jeje no Brasil: um falar africano em Ouro Preto
do século XVIII / Yeda Pessoa de Castro - Belo Horizonte: Fundação
João Pinheiro; Secretaria de Estado da Cultura, 2002.

240 p. - (Coleção Mineiriana - Série Clássicos)

ISBN : 85-85930-45-4

1. Língua - Ouro Preto século XVIII. 2. Língua africana - Ouro
Preto século XVIII. 3. História - Ouro Preto século XVIII. 4. Língua
mina-jeje - Ouro Preto século XVIII. I. Título. II. Série.

CDU 801(815.12 Ouro Preto)

Publicação realizada pela Fundação João Pinheiro em co-edição com a Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais, em comemoração ao centenário de nascimento do Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira.

CONSELHO EDITORIAL

Alúcio Pimenta
Amilcar Vianna Martins Filho
Angelo Oswaldo de Araújo Santos
Bernardo Novais de Mata Machado
Caio César Boschi
Carlos Antônio Leite Brandão
Douglas Cole Libby
Eleonora Santa Rosa
Fábio Lucas
Fernando Correia Dias
Friedrich Ewald Renger
Guy de Almeida
Jarbas Medeiros
José Bento Teixeira de Salles
Lucília de Almeida Neves
Marcus Vinícius de Freitas
Maria Efigênia Lage de Resende
Miguel Augusto Gonçalves de Souza
Ricardo Carneiro
Roberto Borges Martins
Sylvana de Castro Pessoa Santana

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Sylvana de Castro Pessoa Santana

Roseli Raquel de Aguiar

INDICAÇÃO DE TEXTO

Angelo Oswaldo de Araújo Santos

PRODUÇÃO EDITORIAL E EXECUTIVA

Ronara de Paula

Roseli Raquel de Aguiar

PROJETO GRÁFICO

Marconi Drummond

Marcelo Drummond

DESENHO DOS MAPAS

Marcos E. D. Castro

REVISÃO DE TEXTO

Maria de Lourdes Costa de Queiroz

APOIO OPERACIONAL

Luzia Oliva Barros

IMAGEM DA CAPA

Livre adaptação extraída do livro *Ici Bon Coiffeur*
de Jean Marie Ierat, Paris: Syros/Alternatives, 1992

MT
801(815.12 Ouro Preto)
C 355 L



A LÍNGUA **MINA-JEJE** NO BRASIL
UM FALAR AFRICANO EM OURO PRETO DO SÉCULO XVIII

YEDA PESSOA DE CASTRO

Sistema Estadual de Planejamento
Fundação João Pinheiro
Centro de Estudos Históricos e Culturais

BELO HORIZONTE · 2002

Por meio da publicação desse raro documento lingüístico do “falar mina” dos escravos de Ouro Preto do século XVIII e do brilhante e elucidativo ensaio da etnolingüista professora Yeda Pessoa de Castro, a COLEÇÃO MINEIRIANA reafirma sua missão de garimpeira de preciosidades sobre as Minas Gerais.

Além de relevante contribuição para o estudo das línguas africanas faladas no Brasil, o dicionário de Costa Peixoto lança luzes sobre a participação do povo mina-jeje na formação sociocultural de nosso Estado.

O idioma de um povo é seu atributo cultural mais relevante, mediante o qual expressa sua experiência humana e sua visão de mundo. Se, quando escrito, esse dicionário serviu como instrumento de dominação e assimilação dos negros pelos portugueses, seu resgate e o estudo que agora o acompanha fazem dele fonte de revelação e conhecimento de nossa multiculturalidade por tantas vezes ocultada e esquecida.

Agradecemos ao Secretário de Estado da Cultura, Angelo Oswaldo de Araújo Santos, também conselheiro da COLEÇÃO MINEIRIANA, pela indicação deste trabalho, que nos permite afirmar os valores da diversidade, particularmente da diversidade lingüística como patrimônio precioso da humanidade, e do respeito a todas as culturas.

Ricardo Carneiro
PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO

APRESENTAÇÃO As Minas da língua Mina

Angelo Oswaldo de Araújo Santos

SECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA DE MINAS GERAIS

*Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!*

Cecília Meireles · *Romanceiro da Inconfidência*

Os registros da língua mina-jeje nas Minas Gerais da primeira metade do século XVIII constituem raro e notável documento lingüístico de imenso valor cultural. Demandam, por isso mesmo, atenção e interesse extraordinários. Foi o que me comprometi a assegurar-lhes, em outubro de 2000, ao participar, em Berlim, de seminário sobre os cinco séculos da civilização brasileira. Chamado pelo embaixador Sérgio Rouanet para tratar do século de Tiradentes, assisti à exposição da etnolingüista Yeda Pessoa de Castro sobre o século de Zumbi. A alusão aos manuscritos de Antônio da Costa Peixoto prontamente envolveu-me na idéia fascinante de promover a edição do estudo da ilustre intelectual da Bahia sobre a obra preciosa. Antevi a edição inscrita na MINEIRIANA, sob a chancela da Fundação João Pinheiro, certo de que a Coleção, como aqui se constata, inigualavelmente se enriquece com a contribuição.

11

Vissungos da região de Diamantina fazem ecoar, ainda hoje, palavras africanas em roças e garimpos esquecidos do Jequitinhonha. Em obra clássica¹ Ayres da Matta Machado Filho havia recolhido alguns dos cantos de trabalho e funeral, tal como, recentemente, outros foram gravados por Erildo Nascimento na voz de jovens diamantinenses. Em Bom Despacho, moradores da Tabatinga (barro branco, em tupi) escandem uma língua africana insuspeitadamente preservada naquele bairro da cidade oeste-mineira, objeto de esplêndida tese de Sônia Queiroz. A partir dessas referências a línguas africanas em Minas Gerais, cresce o empenho da pesquisa científica sobre tão formidável patrimônio cultural. Daí a razão de se oferecer ao público este novo volume da Mineiriana, que irradiará repercussão no País e no exterior.

¹ MACHADO FILHO, Ayres da Matta. *O Negro e o garimpo em Minas Gerais*. José Olympio, 1943.

O universo afro-brasileiro, que se presume território ágrafo, para além das *afrografias* a que se refere o belo ensaio de Leda Martins sobre o congado do Jatobá, em Belo Horizonte, alfabetiza-se através do vocabulário recolhido por Costa Peixoto na Vila Rica setecentista. Em contexto marcado pela preponderância de negros recém-chegados dos dois litorais sul-atlânticos para as grandes galés das catas e lavras auríferas, ele compôs uma obra que se situa no mesmo plano das altas expressões da talha, da pintura ou da música do período, nas quais somente, faz pouco, se podiam ler inscrições africanas na terra do ouro.

12 É que a singularidade e a originalidade do legado desse Bluteau da Mina das Minas permitem ao estudioso de hoje nova, ampla e profunda visão do que foi a saga do nosso eldorado. Iluminam-se a presença e a participação, ainda agora ofuscadas ou seqüestradas, dos africanos no processo de formação sociocultural deflagrado pela descoberta da *itaveravaçu* no interior do Brasil.

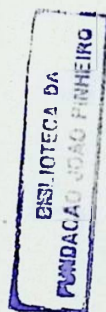
Darcy Ribeiro lembra que, em Minas, os negros fizeram o branco falar português. Os bandeirantes paulistas, descendentes de reinóis, eram afeiçoados à língua tupi, depois de século e meio de apresamento de bugres dos sertões do Tietê e do Paraná. Chegaram às minas, nos últimos anos do século XVII, falando como os indígenas. Mas logo se viram cercados de africanos, bem como de portugueses, fluminenses, baianos e pernambucanos – os invasores *emboabas* que lhes vieram tomar as terras prometidas pelo rei Dom João IV como recompensa pela descoberta do metal amarelo. A comunicação na babel do ouro impôs o idioma da metrópole. Não havia quase índios nas vilas e arraiais prontamente configurados – massacrado ou acantado a Leste o “indômito pataxó” citado no verso de Cláudio Manuel da Costa. Multiplicavam-se, porém, os africanos. Assim, não mais a língua autóctone, muito menos as línguas várias da África, mas o português falado pelos *forasteiros* vencedores da guerra de 1713.

Só que os africanos, simultaneamente, continuaram a cultivar a língua de origem, por banzo e autodefesa, o que teria motivado as anotações de Costa Peixoto com vista a um glossário indispensável ao morador de Vila Rica, capital e centro socioeconômico da mineração. Os negros deram combate permanente ao regime escravocrata. Quilombos espalharam-se por todos os quadrantes do mapa mineiro, como núcleos ativos de contestação e resistência. A língua

materna deve ter sido extremamente útil nas estratégias de fuga e guerrilha, interessando seu conhecimento aos capitães-de-mato e todo o aparelho repressor mantido pelo Estado e pelos donos de escravos.

O dicionário parece ser contemporâneo do “Triunfo Eucarístico”, esplendoroso festival barroco que assinalou a inauguração da nova Matriz do Pilar, em maio de 1733. A crônica do evento, assinada por Simão Ferreira Machado, foi impressa na Oficina da Música, em Lisboa, no ano seguinte, à custa dos Irmãos Pretos do Rosário, empenhados em “dar à pública luz esta escriptura, e narração de tão grande solenidade”. O texto comprova o vulto assumido pelos negros no quadro social de Vila Rica. “Seguia-se a Irmandade da Senhora do Rosário dos Pretos, numerosa de muitos Irmãos”, assinala o autor do relato, “todos com opas de seda branca. No meyo della hião tres andores: o primeiro de Santo Antonio Calatagirona: o segundo de S. Benedito: o terceiro da Senhora do Rosario; nas imagens era muito vistoso o ornato em sedas de ouro, e prata; e em varias, e custosas peças de ouro, e diamantes: nos andores em sedas, galoens, e franjas de ouro; e variedade, e galantaria de diferentes flores de diversas materias, e alternadas cores”. A Irmandade dos Pretos aparecia logo no início do cortejo processional, em posição de destaque, igualmente conferida a muitos negros ao longo do séquito solene.

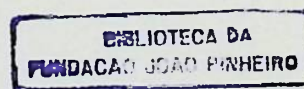
13



Atrás da figura representativa do bairro de Ouro Preto, no desfile fabuloso em que se constituiu o traslado do Santíssimo Sacramento para a Matriz nova, “vinhão a pé oito negros, vestidos por galante estilo: tocavão todos charamellas, com tal ordem, que alternavão as suas vozes com as vozes do clarim, suspendidas humas, em quanto soavão outras”.²

Os negros tiveram papel decisivo na Vila Rica de Ouro Preto. Foram protagonistas do desenvolvimento da cidade, do enriquecimento de suas elites e da sofisticação da vida artística e social. Assumiram postos de relevo, esforçaram-se para galgar patamares, em busca de afirmação e reconhecimento, sobretudo como artistas. A tradição à volta de Chico Rei (adquiriu a própria liberdade e a da família, tornando-se próspero senhor de minas) traduz o fenômeno da escalada

² ÁVILA, Afonso. *Resíduos seiscentistas em Minas*. Belo Horizonte: UFMG, 1967.



social dos africanos, que se alforriavam e conquistavam direito à fortuna crescente ou a um relativo prestígio numa sociedade rigidamente compartimentada e preconceituosa. Falando português, praticavam a língua ancestral certamente como exercício de sobrevivência no quadro inapelavelmente adverso da escravidão. Alcançaram a atualidade resíduos dessas práticas lingüísticas aos quais o ensaio que ora se lança vem oferecer caminho para novas investigações e análises.

14

O recenseamento realizado em Vila Rica, em 1804, revelou que, em clima de estagnação, a sede do governo da Capitania vivia ainda da atividade mineradora, naquele princípio do século XIX, e contava 8.990 almas. Foram registrados 4.504 mulheres e 4.486 homens. Do total, 6.097 eram livres e 2.893, escravos. O censo visou balizar a coleta do “subsídio voluntário” para o custeio da guerra portuguesa contra Napoleão Bonaparte. O nome da escrava Brígida Rabelo, de 30 anos de idade, acompanha-se da observação: “E há três anos que a tem fugida no quilombo”. As nações dos escravos são referidas no minucioso levantamento: Mina, Angola, Banguela, Congo.³ Ainda em 1804, na sua “Descrição Curiosa” de Minas Gerais, contrastando com a repressão tremenda que provocara o extermínio do quilombo do Pai Ambrósio (evocado nas Cartas Chilenas, de 1788), Joaquim José Lisboa fala dos quilombos de maneira amena: “Entranham-se pelos matos/ E como criam e plantam,/ Divertem-se, brincão, cantam,/ De nada têm precisão”.⁴

Guia de turismo em Ouro Preto, Marcelo Hipólito alerta a sensibilidade de intelectuais como Alberto Manguel⁵ para a escrita africana que se codifica numa guirlanda de búzios em refinada talha de altar na Igreja de Santa Efigênia (princesa núbria beatificada pelo Vaticano e eleita pelos negros de Minas sua patrona excelsa) ou na negritude da Madona, dos anjos e dos doutores eclesiásticos na apoteose celestial do forro pintado da Igreja de São Francisco de Assis. Em meio a tantos signos sorrateiramente dissimulados na trama barroca da vida mineira dos Setecentos, o dicionário de Costa Peixoto irrompe como

³ MATHIAS, Herculano Gomes. *Um recenseamento na capitania de Minas Gerais – Vila Rica, 1804*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1969.

⁴ BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Negros e quilombos em Minas Gerais*. Belo Horizonte, 1972.

⁵ MANGUEL, A. *Lendo imagens*. Cia. das Letras, 2001.

uma chave do segredo africano. Desvela aspectos culturais de peso na formação de Minas Gerais e na cultura afro-brasileira, em múltiplas dimensões.

Na aurora do século XXI, abre-se o acesso a esse tesouro graças à inteligência e à erudição de Yeda Pessoa de Castro, uma das mais brilhantes especialistas em línguas africanas da atualidade internacional. A ela, o reconhecimento e a gratidão da Secretaria de Estado e dos meios culturais de Minas pelo generoso oferecimento do valioso trabalho à Coleção MINEIRIANA.



15

Vale acrescentar uma síntese histórica de Vila Rica. A fundação de Ouro Preto ocorreu em 24 de junho de 1698, festa de São João. Nessa data, a bandeira de Antônio Dias de Oliveira, do Taubaté, e do padre João de Faria Fialho, vigário licenciado de Pindamonhangaba, achava-se parada no campo grande que se estende na cumeada da Serra de Ouro Preto, junto às mais altas nascentes do Rio das Velhas. Os bandeirantes perceberam, então, visível no outro lado da garganta colossal, o Pico do Itacolomi. Era o sinal de estarem na mais ambicionada e importante região aurífera dos sertões então entrecortados por desbravadores paulistas.

Milhares de pessoas passaram à região do ouro recoberto por uma fina camada escura de paládio, o ouro preto. Diversos arraiais se estabeleceram nas encostas do grande *canyon* e no fundo do vale. Houve fome em 1701, resultado do desabastecimento provocado pela febre da bateia. Em 1709, Lisboa criou a Capitania de São Paulo e Minas de Ouro, governada no distrito, a partir do arraial de Ribeirão do Carmo, a 12 km do Ouro Preto.

Em 1711, o governador Antônio de Albuquerque instituiu as três primeiras vilas (Vila do Carmo, Vila Rica e Vila Real de Sabará) e enviou ao Rio de Janeiro 6 mil homens armados contra os invasores franceses comandados por Dugay-Trouain. Em 1713, a Guerra dos Emboabas foi a exacerbação do conflito incontornável entre paulistas e portugueses, a estes somados brasileiros do Rio de

Janeiro e do Nordeste, na disputa pelo controle das minas. Em 1720, a Sedição de Vila Rica decorreu de protestos agravados contra a cobrança de impostos. Nesse ano, após o rigor implacável da reação comandada pelo Conde de Assumar, desmembraram-se as Capitânicas de São Paulo e de Minas Gerais. A capital mineira fixou-se em Vila Rica, sendo Vila do Carmo elevada a cidade de Mariana, em 1745, para acolher a sede do primeiro bispado das Minas.

16

Ao longo do século XVIII, Vila Rica de Ouro Preto se expandiu e ganhou edificações de porte monumental, como o Palácio dos Governadores, dos anos de 1740, e a Casa de Câmara e Cadeia (desenhada em 1784 pelo governador Luís da Cunha Menezes). A Capela de São Francisco de Assis, projetada em 1766, é obra-prima de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, que nasceu e morreu em Vila Rica (1738-1814), ao lado de outros mestres notáveis no campo da talha, da escultura e da arquitetura. Poetas, músicos e pintores igualmente se destacaram na intensa produção artística local. Aleijadinho era filho de uma africana escravizada e de um arquiteto e mestre carapina português.

Em 1788, articulou-se uma conspiração em favor da independência da colônia. Denunciado o levante, os conjurados foram presos em maio de 1789. O alferes Joaquim José da Silva Xavier foi enforcado, no Rio de Janeiro, em 21 de abril de 1792, enquanto os demais condenados seguiram em degredo para a África ou foram recolhidos em conventos de Lisboa. Não houve, entre os conspiradores, definição precisa sobre a escravidão após o fim do regime colonial.

Em abril de 1822, o príncipe regente Dom Pedro assegurou ao povo de Vila Rica que seria feita a independência do Brasil. Em 1823, o imperador Pedro I elevou Vila Rica à condição de Imperial Cidade de Ouro Preto. Em 12 de dezembro de 1897, a capital do Estado mudou-se de Ouro Preto para Belo Horizonte, construída nos padrões de “ordem e progresso” da legenda positivista da República. O presidente Getúlio Vargas, em 1933, declarou Ouro Preto monumento nacional. Em 1938, a cidade foi tombada pelo IPHAN, sendo inscrita pela Unesco, em 1980, no Patrimônio Cultural da Humanidade.



CARTA GEOGRÁFICA DO TERMO DE VILLA RICA.
Segunda metade do século XVIII. Rio de Janeiro. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro



PRAÇA TIRADENTES, OURO PRETO, SÉCULO XVIII
Original manuscrito do Instituto de Estudos
Brasileiros da Universidade de São Paulo.



INTRODUÇÃO	25
ABREVIATURA E CONVENÇÕES	31
I · LÍNGUAS DA AFRICA	35
I.1. CLASSIFICAÇÃO DE GREENBERG	35
I.2. Línguas subsaarianas	37
I.3. Línguas africanas no Brasil	39
I.3.1. O domínio banto	39
I.3.2. Os oeste-africanos	43
II · A DENOMINAÇÃO MINA-JEJE	47
II.1. O ciclo da Costa da Mina	48
II.2. A presença ewe-fon	50
II.3. A denominação mina	52
II.4. A denominação jeje	54
II.4.1. A relação guedeji-jeje	58
II.4.2. Uma etimologia para jeje	62
III · O VOCABULÁRIO DE COSTA PEIXOTO	67
III.1. Notas introdutórias	67
III.2. Tabela de equivalências	70
III.3. Vocabulário	71
III.4. Números cardinais	90
III.5. Conta de ouro	92
III.6. “Chingar”	93
IV · OS APELATIVOS	113
IV.1. O apelativo melandutó – Carijó	113
IV.1.1. Dois diálogos como testemunho	114
IV.2. O apelativo agudá	120
IV.2.1. A presença agudá	122
IV.2.2. A divindade Leba	126
IV.2.3. A imagem projetada	128
IV.2.4. A imagem restaurada	130
IV.3. As denominações gamlimno e cobu	131
IV.3.1. O topônimo maranhense Codó	135

IV.3.2. Sobre Barba Soeira	139
IV.3.3. A propósito da denominação “galinhas”	143
IV.4. A denominação guno	145
IV.5. A denominação aglono	147
V · OS DIÁLOGOS	151
V.1. O enfrentamento nas relações humanas	151
V.2. Processo de socialização: a igreja e a venda	155
VI · ÁREAS TEMÁTICAS	171
VI.1. Corpo humano e funções	171
VI.2. Mal-estar, má-sorte, doenças e pragas	172
VI.3. Casa, família e sexualidade	173
VI.4. Vestimenta e adornos	174
VI.5. Alimentação, bebidas, comidas e fumar	174
VI.6. Flora, plantas e vegetais	176
VI.7. Fauna, insetos, aves, animais e derivados	177
VI.8. Crenças, divindades e oficiantes	179
VI.9. Dias da semana, tempo, terra e natureza	179
VI.10. Defeitos, qualidades e outros atributos	180
VI.11. Objetos fabricados e outros instrumentos	181
VI.12. Confusão, escravidão, guerra e mandatários	182
VI.13. Ofícios, profissões e comércio	183
VI.14. Etnônimos e topônimos	184
VI.15. Pornografias	184
VII · A LÍNGUA FON	187
VII.1. Fonologia	187
VII.2. Morfologia e sintaxe	187
VII.2.1. Verbos e modificadores	191
VII.3. Linguagem religiosa	195
VII.4.1. Glossário	199
ANEXOS	217
1. Narrativas daomeanas	217
2. A história de Rachel Pringle	229
BIBLIOGRAFIA	233

42

Compreo ou troço de humas, que com
 Anedid e fervor, fizo dando asprello.
 E breve m. Satiras:

Co conto. medarey por m. mal s.
 Vido; e apto f. z. por no toris e publico
 Agido de puzo, e p. g. d. g. a. to, que
 Hento feito, neita nota v. f. e. lina.

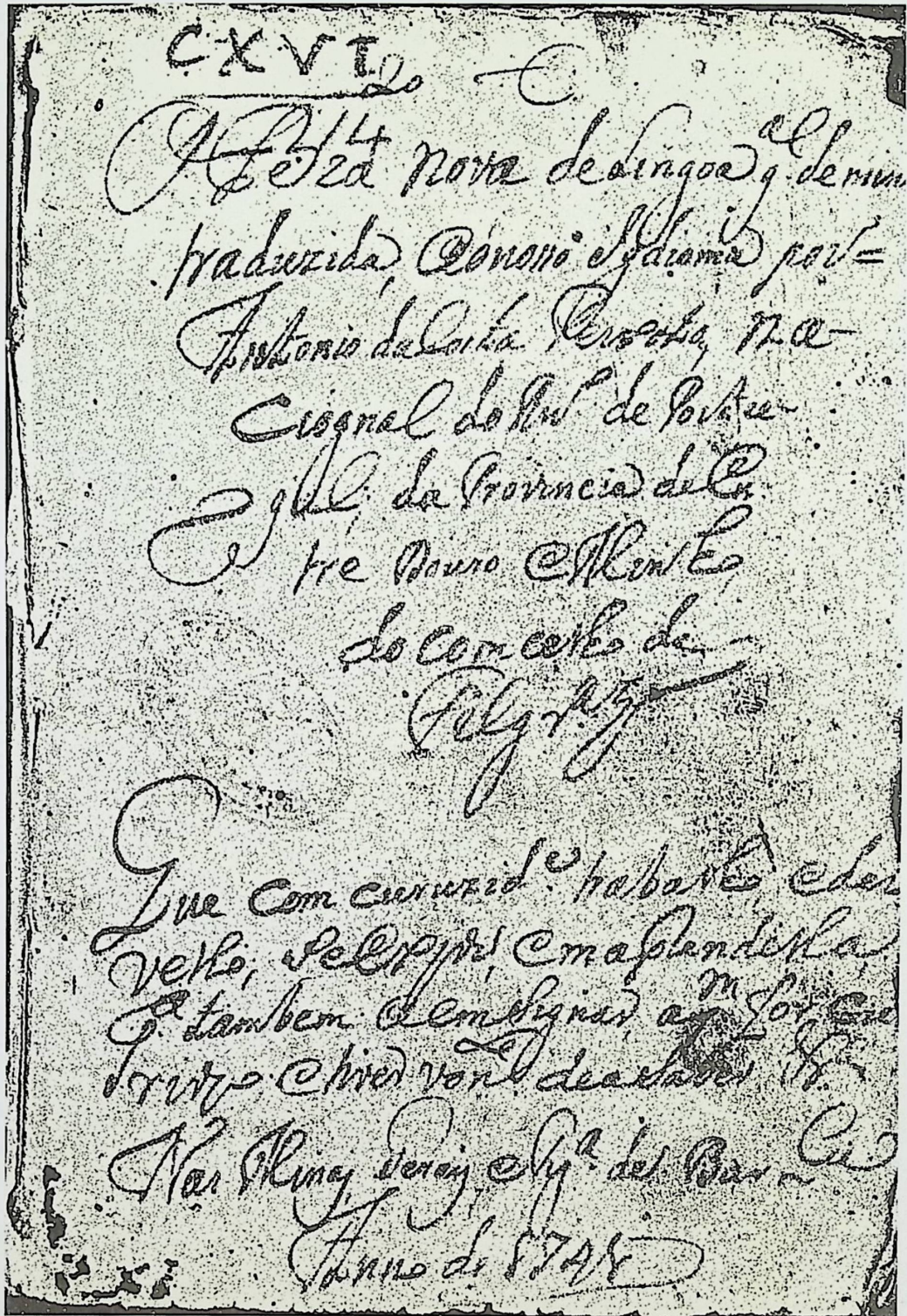
Ad verthencia:

Em algum nome a onde ou verem
 Citas de h. a. S. untag) C E / E e' ney p.
 Tamaz pareceo com algum negro, ou ne
 gra mina, porq. de m. diferente per-
 t. nencia.

Dez q. d. arm. m. ann. s. Barm. Cu
 A de 1771 de 1771 / Dez. am. amant:

Grande di grace e' na fier,
 porque de se que o peccar,
 de pois de peccar morrer,
 de pois de morrer penar.

Amiz.



INTRODUÇÃO

1. Há muito, tínhamos o intento de fazer um estudo sobre os manuscritos de Antônio da Costa Peixoto. No entanto, afazeres burocráticos e repetidas ausências da Bahia, para atender a compromissos acadêmicos em instituições, também no exterior, nos fizeram prorrogar esse projeto. Uma dessas vezes, em Berlim, há dois anos, falando sobre o *Século de Zumbi, a história ainda continua*, durante o *Seminário Comemorativo dos 500 anos do Brasil*, patrocinado pelo Instituto Cultural Brasil Alemanha (ICBRA), mencionei o vocabulário de Costa Peixoto, lamentando que nada de semelhante tivesse sido feito sobre Palmares. Por acaso ou por trama dos deuses-voduns do povo mina-jeje, lá estava, também participando do evento, Dr. Angelo Oswaldo de Araújo Santos, Secretário de Estado da Cultura de Minas Gerais, que se comprometeu, de pronto, a publicar, na COLEÇÃO MINEIRIANA, da Fundação João Pinheiro, em Belo Horizonte, os resultados da análise que estávamos a fazer sobre aquele documento.

25

Assim nasceu este ensaio crítico, de natureza etnolingüística, baseado nos manuscritos de Antônio da Costa Peixoto, datados de 1731 e 1741. O primeiro, que se encontra na Biblioteca Nacional de Lisboa, consta de 14 folhas sem numeração e, como o próprio título sugere, não passa de *Alguns apontamentos da Língua Minna com as palavras portuguesas correspondentes*, uma espécie de rascunho para o caderno que seria escrito dez anos depois, com 46 páginas mais elaboradas, contendo um vocabulário e manual de conversação da *Obra nova da língua geral de mina*, guardado no acervo da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora. Duzentos anos depois, com esse mesmo título, eles foram reunidos em uma só edição, publicada, em 1945, pela Agência Geral das Colônias, em Lisboa, acompanhada de comentários filológicos de Edmundo Correia Lopes.

2. A obra de Costa Peixoto é um dos raros documentos lingüísticos e o mais importante do tempo da escravidão no Brasil. Pelo seu caráter polivalente, além de oferecer subsídios de interesse, também, para a lingüística e a dialetologia africanas, especialmente para os especialistas em línguas do grupo gbe da África Ocidental, reúne elementos verdadeiros para a história e a sociologia do negro brasileiro nos tempos colônias.

Costa Peixoto, cidadão português, natural de Entre-Douro-e-Minho, de quem pouco se conhece – um desafio a mais para os nossos historiadores –, deve ter chegado à antiga Vila Rica, na região das Minas Gerais, nas primeiras décadas do século XVIII, entre tantos outros aventureiros, sonhando enriquecer nos garimpos. Presumivelmente, essa condição lhe rendeu a possibilidade de se tornar um “branco ladino”. Aprendeu “o falar mina” da escravaria local, “com curiosidade e desvelo”, como ele próprio confessa, o que talvez lhe tenha custado dez anos para redigir o segundo caderno, onde terminou por retratar, por intermédio do que as palavras descrevem, usos e costumes da vida cotidiana, conflitos entre senhores e escravos, atividades profissionais e comerciais, incluindo a prostituição da mulher negra na cidade de Ouro Preto daquele século. Seu objetivo era tornar essa linguagem acessível ao entendimento das autoridades e senhores coloniais, o que ele mesmo esclarece no prólogo ao leitor, datado de 15 de julho de 1741:

Pois hé serto e afirmo, que se todos os senhores de escravos, e hinda os que os não tem, souvecem esta lingoage não sucederão tantos insultos, ruhinas, estragos, roubos, mortes e, finalmente cazos atrozes, como mtos. miseraveis tem experimentado: de que me parece de alguma sorte se poderião evitar alguns destes descomsertos, se ouvece maior curiozid.e. e menos prguisa, nos moradores, e abitantes destes payses.

3. Essa declaração e a análise filológica de Correa Lopes é que vamos aprofundar e alargar por meio dos dados obtidos pela pesquisa de campo que realizamos entre 1972-1974, nas cidades de Porto Novo e Abomé, no Benim, com a ajuda do estudante daomeano Joseph Dansu, quando conferimos, por intermédio de um questionário, o *corpus* lingüístico de que já dispúnhamos, recolhido entre terreiros de candomblé da Bahia, acrescido do repertório de Costa Peixoto. Naquele momento, estávamos como Honorary Research Associate na Universidade de Ifé, atual Obafemi Awolowo, na Nigéria, e em companhia do professor Guilherme de Souza Castro, delegado pelo Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal de Bahia e Ministério das Relações Exteriores do Brasil, responsável pela introdução do curso de língua portuguesa e cultura brasileira no Departamento de Línguas Modernas daquela universidade.

No presente ensaio, começamos pela apresentação panorâmica e classificação das línguas africanas, seguida pela justificativa do emprego da denominação mina-jeje e das suas implicações de natureza etnológica que se somam à documentação histórica existente no Brasil. A partir daí, buscando sempre o apoio dos resultados apontados pela análise etnolingüística do conteúdo dos manuscritos de Costa Peixoto, procuramos identificar as etimologias do seu vocabulário e o que elas nos dizem, de novo, em relação ao povo mina-jeje no Brasil, uma trajetória que nos levou do Benim até o Caribe.

4. O estudo que propomos, portanto, reabre um capítulo da história da língua portuguesa no Brasil que pouca atenção tem recebido dos pesquisadores e não se trata de interesse, apenas, dos especialistas em assuntos afro-brasileiros: as línguas africanas que foram faladas no Brasil. Por sua vez, preenche uma lacuna ainda maior na historiografia brasileira, aberta pelo desconhecimento, entre nós, desse grupo lingüístico, cujos falantes trazidos por dois séculos consecutivos, em levadas numerosas e sucessivas, principalmente para o Rio de Janeiro, Bahia, Minas Gerais e Maranhão, terminaram por implantar as bases da estrutura conventual dos terreiros de tradição mina-jeje no Brasil, que têm sido objeto de importantes trabalhos no domínio da antropologia religiosa afro-brasileira. Nessa estrutura, despontam a língua fon e o panteão do reino do Daomé, ainda agora, sob esse ponto de vista, a merecer um estudo mais aprofundado, reiterando aquela advertência feita por Sérgio Ferretti, dedicado pesquisador da Casa das Minas de São Luís do Maranhão.

27

Tanto quanto sabemos, o único trabalho com a pretensão de analisar a terminologia religiosa desses terreiros é o do lingüista togolês Lebene Bolouvi, publicado pela sua universidade, em 1994, sob o título *Nouveau dictionnaire etymologique afro-bresilien*. Preocupado em decalcar, com alguns comentários complementares, parte do vocabulário ewe-fon da minha tese de doutorado (1976), não chegou a mostrar os resultados da sua pesquisa na cidade do Salvador e em São Luís, o que, de fato, traria uma nova contribuição para o emaranhado campo das etimologias africanas no Brasil. À época, ele se encontrava como bolsista do CNPq., no quadro do acordo de cooperação cultural assinado, em 1982, entre o Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia e a Universidade do Benim, no Togo.

5. Lamentavelmente, não realizamos pesquisas em Minas Gerais. No entanto, a sabedoria popular nos ensina que “há males que vêm para o bem”. Por conseguinte, equívocos e lacunas que, certamente, serão encontradas e criticadas com a leitura deste ensaio, esperamos que sejam um incitamento para que os estudiosos, nessa área de competência em questão, reflitam sobre a necessidade de se implementar uma reorientação metodológica no domínio dos estudos afro-brasileiros, sem se esquecer de que línguas africanas foram faladas no Brasil e de que a língua é o documento vivo mais antigo da história de um povo.

28

Nossos agradecimentos ao Dr. Angelo Oswaldo de Araújo Santos, Secretário de Estado da Cultura da Minas Gerais (SEC/MG), ao Sr. José Eduardo Liboreiro, Chefe de gabinete da SEC/MG, ao Sr. Agnus Rodrigues, Superintendente de Ação Cultural da SEC/MG, Sr. Antônio Carlos da Silva Ribeiro, membro da Diretoria de Desenvolvimento Cultural e Ação Regionalizada da SEC/MG, à Dr^a Sylvana de Castro Pessoa Santana, Diretora do Centro de Estudos Históricos e Culturais da Fundação João Pinheiro, à Roseli Raquel de Aguiar, coordenadora da COLEÇÃO MINEIRANA, e à Ronara de Paula, da equipe de produção, cujo empenho tornou possível a publicação deste livro. À Prof^a. Eugênia Dias Gonçalves, historiadora do povo banto-mineiro. Na Bahia, à Dr^a. Doralice Alcoforado, Maria do Carmo Salomão de Oliveira, pela gentileza de terem colocado suas bibliotecas de literatura brasileira à minha disposição, e a Ana Pessoa de Souza Castro, pela tradução em português dos anexos. Ao professor emérito da Universidade Federal da Bahia, antropólogo Vivaldo da Costa Lima, que me franqueou a sua valiosa biblioteca. No Maranhão, aos professores Maria de Lourdes Siqueira, Maria do Rosário Santos, Maria Raimunda Araújo e, especialmente, Sérgio Ferretti e Mundicarmo Ferretti, pelo que pude obter de informações pessoais e da visita que fizemos aos terreiros de São Luís e da cidade de Codó, além do companheirismo e da generosidade da acolhida que sempre me dispensaram em sua residência. Ao Embaixador Alberto da Costa e Silva, Presidente da Academia Brasileira de Letras, historiador da África antes e depois da chegada dos portugueses. Em Portugal, ao Ministro Luís Vinhaes da Costa, cuja ajuda foi imprescindível para localizar o documento da Biblioteca Nacional de Lisboa. Aos amigos daomeanos, Joseph Dansu e Dohou Dennis, pelo inestimável auxílio durante nossas pesquisas de campo no Benim.

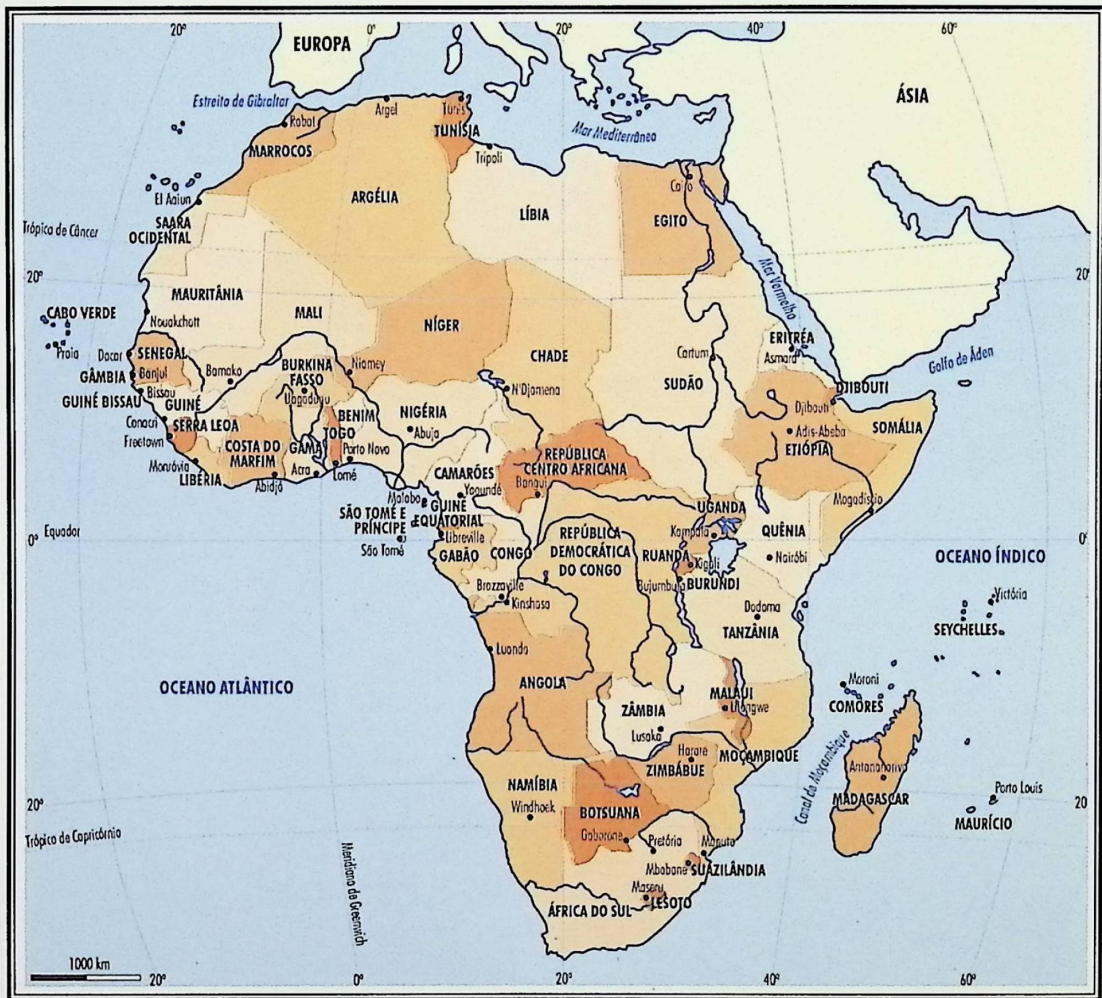
N'ávalú wè,
 Novariê,
 minha homenagem,
 ao povo mina-jeje das terras do Benim
 e dos terreiros do Brasil.

BAHIA, OUTUBRO DO ANO 2002.

*OBra nova de Lingoa g.^{al} de mina,
 traduzida, ao nosso Igdioma por
 Antonio da Costa Peixoto, Na-
 ciognal do Rn.^o de Portu-
 gal, da Provincia de En-
 tre Douro e Minho,
 do comcelho de
 F i l g r .^{as}*

*Que com curuzid.^a trabalho, e des-
 vello, se expoz, em aprendella,
 p.^a tambem a emsignar, a q.^m for curio-
 zo, e tiver von.^{de} de a saber &^a*

*Nas Minas Gerais, e Frg.^a de Barm.^{cu}
 Anno de 1741*



MAPA DA ÁFRICA - 2002

ABREVIATURAS E CONVENÇÕES

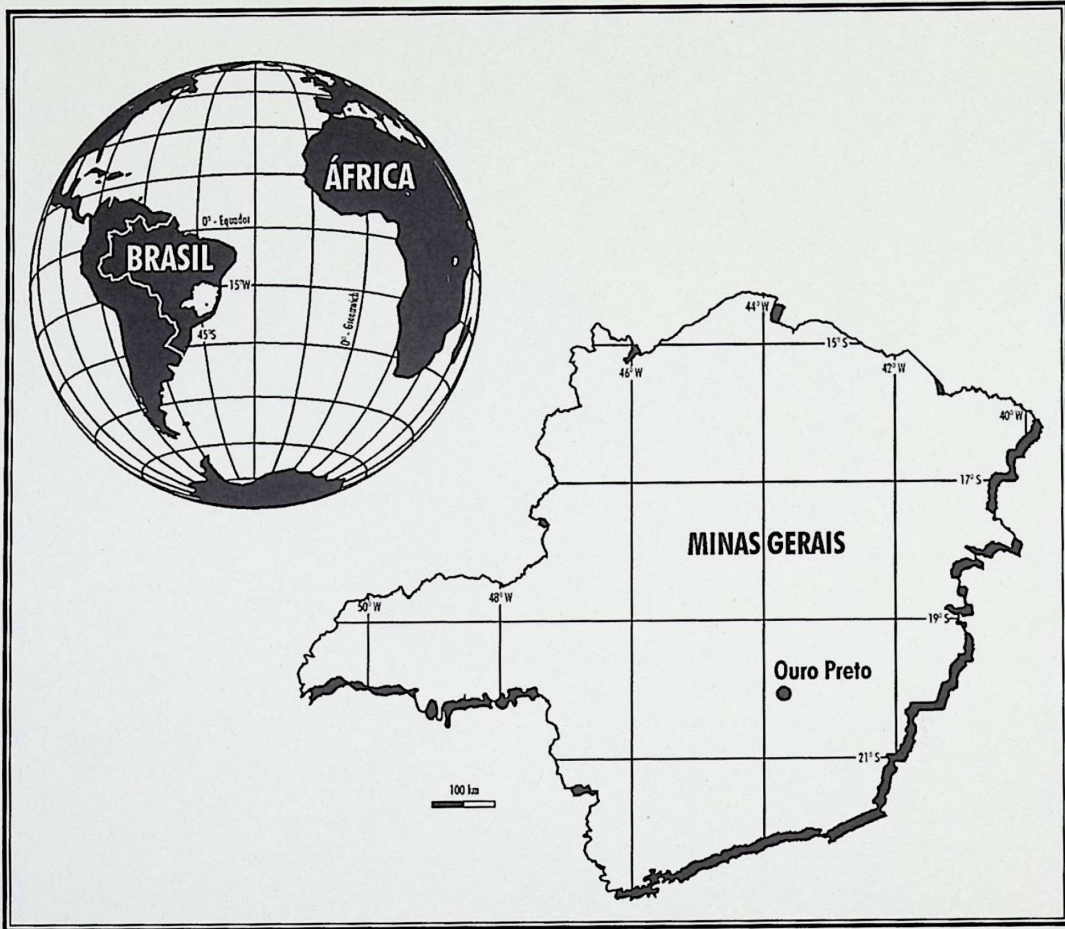
1. Abreviaturas

- adj.** – adjetivo
adv. – advérbio
BR – português do Brasil
Cf. – conferir, comparar
CP – manuscrito de Costa Peixoto
euf. – eufemismo
f. – gênero feminino
fig. – sentido figurado
gen. – gênero
Kik. – quicongo
Kimb. – quimbundo
lit. – literalmente
m. – gênero masculino
num. – numeral
onom. – onomatopéia
PB – português do Brasil
p.ext. – por extensão de sentido
pl. – plural
poss. – possessivo
pr. – pronome
prep. – preposição
ref. – referente
s. – substantivo
sing. – singular
v. – verbo
Ver – verificar
Var. – variante
Yor. – iorubá

31

2. Convenções

- (*) – forma hipotética ou não convencional.
(V) ou (C) – pronúncia opcional. Ex. búz(i)o, ve(r).



MAPA DE LOCALIZAÇÃO DA CIDADE DE OURO PRETO · MINAS GERAIS

- $x > y$ – x origina de y
 $x < y$ – x deriva de y
 $x \sim y$ – x muda para y
 $x \sim y$ – x alterna com y
 $x = y$ – x equivalente a y
 $x \neq y$ – x é diferente de y
 x / y – x ou y

REPRESENTAÇÕES FONOLÓGICAS EM FONGBE

1. Vogais

- / ϵ / – timbre aberto (café, galera, matéria,).
 / e / – vogal fechada (abelha, dedo,).
 / ɔ / – timbre aberto (bola, moda, avó).
 / o / – timbre fechado (moça, doce, soro).

2. Semi-consoante

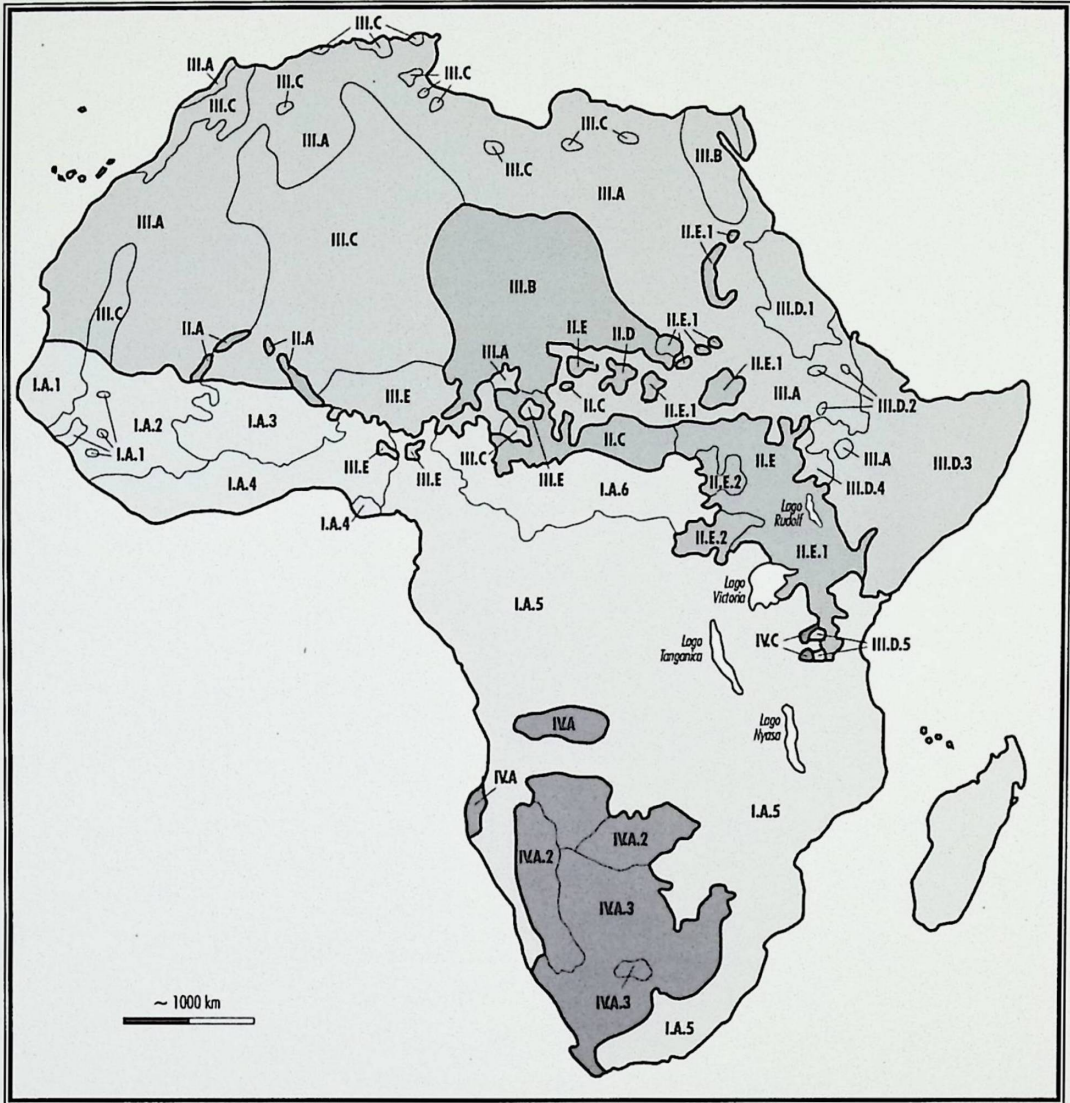
- / w /

3. Consoantes

- / \tilde{n} / – palatal sonora (ninho, vinho)
 / x / – fricativa velar surda, como “jota” em espanhol (mujer)
 ou “ach” em alemão
 / h / – fricativa velar sonora
 / c / – africada palatal surda, como, em italiano, “ciaio”
 / j / – africada palatal sonora (adjá, abadjé)
 / k / – oclusiva velar surda (casa, cola, que, quilo)
 / g / – oclusiva velar sonora (gato, guerra)
 / kp / – oclusiva labiovelar surda
 / gb / – oclusiva labiovelar sonora
 / ɕ / – oclusiva retroflexa ou alveolar
 / r / – vibrante alveolar simples

4. Acentos tonais

- / $\acute{}$ / – tom alto (á)
 / $\grave{}$ / – tom baixo (à)



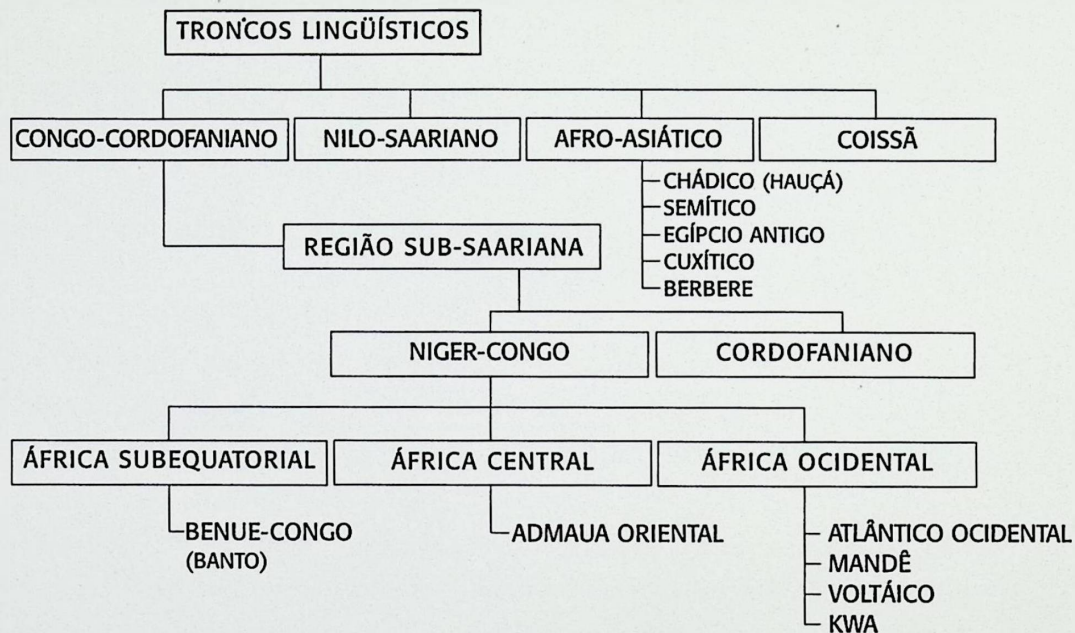
MAPA DE GREENBERG

I. LÍNGUAS DA ÁFRICA

Quinze anos foi quanto custou a Joseph Greenberg tornar realidade o sonho de tantos africanistas: o de estabelecer uma classificação realmente válida de todas as línguas da África, calculada, atualmente, em torno de 1.900 (Grimes 1988).

I.1. CLASSIFICAÇÃO DE GREENBERG

Segundo ele, elas estão distribuídas em quatro grandes troncos lingüísticos:



I. CONGO-CORDOFANIANO (Niger-Congo + Cordofaniano): mais de mil línguas faladas por centenas de povos negro-africanos, praticantes das mais diversas formas de religião, das nativas tradicionais às de imposição colonial cristã e islâmica, ocupando um vasto território que se estende da direção sul do Saara ao cone sul-africano e do Atlântico ao Pacífico.

Compreende duas grandes famílias:

I.A. NIGER-CONGO, com mais de mil línguas e 260 milhões de falantes, concentrados na África ocidental, central, oriental e meridional, e distribuídas em seis ramos:

I.A.1. *Atlântico Ocidental* (uolofe, fulani, serere, diola, ...)

I.A.2. *Mandê* (solinguê, suçu, malinquê, bambara ...)

I.A.3. *Voltáico* (gur) (senufo, moci, grunce, bariba ...)

I.A.4. *Kwa* (iorubá, ibô, ijó, fon, ewe, gun, mahi ...)

I.A.5. *Benue-Congo*:

a) *as línguas do platô* (cambari, birom...) e da região do Cross-Rivers (íbibio, efique...), na confluência dos rios Níger e Benue, na Nigéria;

b) *as línguas do grupo banto*, cerca de 500, faladas em toda a extensão ao sul da linha do Equador (anjico, quicongo, quimbundo, umbundo, zulu, quioco, macua, maconde, herero, ronga, tonga, jaga, luba, teque, bamba, lunda ...).

I.A.6. *Adamaua Oriental*, línguas da República Centro-Africana (adamaua, imbaca, songo...)

I.B. **CORDOFANIANO**, um pequeno grupo de línguas pouco conhecidas, faladas em uma das regiões do Cordofão, no Sudão.

II. **NILO-SAARIANO**: cem ou mais línguas faladas por 30 milhões de pessoas no Sudão, Etiópia, Uganda, Quênia e norte, da Tanzânia e sul do Saara (canure, songai, massai, nuer, turcana...).

III. **AFRO-ASIÁTICO**: antes chamadas de hamito-semíticas, são cerca de 300 línguas com 250 milhões de falantes. Foram introduzidas na África, no 7º século, depois das invasões islâmicas. Esse grupo compreende cinco ramos:

A. *Semítico* (árabe e línguas etíopes)

B. *Egípcio antigo*

C. *Berberes* (Maghreb)

D. *Cuxítico* (Somáli)

E. *Chádico*, do qual faz parte o *hauçá*, no noroeste da Nigéria, na África Ocidental, com extensão no sudoeste da atual República do Níger.

IV. **COISSÃ**: usadas, hoje, na África do Sul, Namíbia, Botsuana e Angola, sua característica marcante está no uso dos "cliques", razão por que são conhecidas como "línguas de clique". O termo é composto dos vocábulos

khoikhoi (hotentotes) e *san* (bosquímanos), cada grupo com cerca de mil falantes. Consideradas “as primeiras línguas” da África do Sul, onde foram faladas por 8 mil anos.

I.2. LÍNGUAS SUBSAARIANAS

Ao contrário do português, as línguas subsaarianas ou negro-africanas são línguas de acento tonal, o que equivale a dizer que, no discurso seguido de sons, certos fragmentos da cadeia falada são colocados em destaque, em confronto com outros fragmentos. Tais particularidades – os acentos – podem afetar o fonema ou um grupo de fonemas, isto é, a sílaba, por uma *intensidade maior* ou por uma *altura maior*. No primeiro caso, temos o *acento de intensidade* ou *dinâmico*; no segundo, o acento de *altura* ou *tons*, que são, basicamente, três: alto, baixo e médio, representados, na escrita, pelos respectivos acentos agudo (´), grave (`), incidindo sobre a vogal, enquanto o tom médio não traz marca formal (a).

37

Sistema tonal x não tonal

As línguas não tonais se apóiam na *intensidade* determinada pela força expiratória que dá ao movimento ondulatório maior ou menor número de vibrações por segundo. Numa série fônica, a intensidade permite estabelecer o contraste entre *sílabas acentuadas* e *não acentuadas*. A sílaba acentuada é pronunciada com uma energia articulatória maior que as torna mais sonoras ou audíveis em relação às não acentuadas. O acento será tônico e a vogal da sílaba acentuada será aguda em relação às outras, não acentuadas ou átonas.

A posição do acento de intensidade, em algumas línguas, é predominante numa sílaba determinada (em francês, geralmente na última). Em outras, ele é inteiramente imprevisível, como costuma acontecer nos homônimos em português, nos quais o acento de intensidade dá aos vocábulos valores significativos e diferenciais, a exemplo de “sábia ≠ sabia ≠ sabiá” ou mares ≠ marés (cf. Câmara Jr., 1953:59). Já nas *línguas tonais* essa função distintiva se apóia na frequência, isto é, nas variações da altura da voz (tom laríngeo), provenientes do número de vibrações das cordas vocais por segundo, como em iorubá *dú* (preso) ≠ *dù* (procurar) ≠ *du* (correr). Neste caso, em vez do *acento tônico* ou

de *intensidade*, isto é, o contraste entre *sílabas acentuadas* e *não acentuadas*, temos o *acento de altura* ou *tons*, isto é, a oposição entre o *abaixamento* e a *elevação* da vogal como traço fônico distintivo e significativo (cf. Martinet, 1965:85-86).

38

As línguas tonais ainda se valem da duração, isto é, da oposição entre *vogais longas* e *breves*, para fins distintivos, porque, nesse caso, a duração não está dependente de outro traço fônico, a *intensidade*, que, nas línguas não tonais, determinam automaticamente o alongamento da vogal em sílaba acentuada. Na maioria das línguas subsaarianas, as vogais longas são representadas por um traço sobre elas ou pela duplicação, a exemplo de *kikōngo* ou *kikoongo*, nome da língua congo ou quicongo (cf. Pike, 1966).

Como os tons não anulam a *entonação*, é muito importante que eles não sejam confundidos. Nas línguas tonais, as variações de altura da voz afetam cada sílaba da palavra e é tão significativo quanto os fonemas que as compõem, enquanto nas línguas não tonais essa altura afeta um ponto da curva melódica descrita no curso de um enunciado, o que cria distinções entre tipos de frases (interrogativa, imperativa, negativa, etc.). Nas línguas tonais, certos pares de palavras, os homônimos, como vimos, só se distinguem pelos tons, mas em todas as línguas a melodia de entonação é significativa e também tem função distintiva. Logo, as línguas tonais diferem das línguas acentuadas, no que cada sílaba é afetada por uma certa altura melódica, enquanto nas não tonais essa altura é pertinente apenas na sílaba acentuada, por isso os desníveis da altura melódica entre os tons, na palavra, assumem função distintiva, fazendo com que formas aparentemente iguais, mas diferentes em tons, sejam diferentes em significado, dentro ou fora do contexto, como vimos, no caso acima citado, em iorubá.

Portanto, não há uma sílaba que seja pronunciada com mais "força" do que outra. Ao contrário, há vogais que, por serem mais agudas (pronunciadas mais alto) ou por serem longas (pronunciadas com maior duração), impressionam, acusticamente, mais do que as outras ao falante de língua não tonal, razão de ir-se buscar na vogal mais alta ou mais longa a idéia fônica diferencial, passando para tônica a sílaba onde essa vogal se encontrar. Como em latim vulgar, a passagem do ritmo tonal ao intensivo motivou o desaparecimento da quantidade da vogal como traço fônico distintivo, os vocábulos africanos importados pelo

português do Brasil ou que constituem o *corpus* lingüístico das religiões afro-brasileiras e de línguas isoladas faladas em antigos quilombos, a exemplo do Cafundó, no Estado de São Paulo (cf. Vogt e Fry 1996), perderam não só aquela oposição entre vogais longas e breves, como substituíram as vogais médias, altas e baixas, por vogais em sílabas tônicas e átonas, em obediência ao sistema rítmico de uma língua não-tonal, no caso, o português, como se poderá verificar nos exemplos ao longo do texto e no glossário geral, ao final deste estudo (cf. Pessoa de Castro, 1969: 65-71; ibidem 2001: 90-100).

I.3. LÍNGUAS AFRICANAS NO BRASIL

39

Os povos africanos, trazidos para o Brasil ao longo de quatro séculos consecutivos, procediam de duas regiões subsaarianas:

- a) o domínio banto, toda a extensão abaixo da linha do Equador, englobando os seguintes países: Camarões, Gabão, Congo-Brazzaville, Congo-Kinshasa, Angola, Namíbia, África do Sul, Zâmbia, Botsuana, Uganda, Ruanda, Burundi, Moçambique, Tanzânia, Zimbábue, Quênia, Lesoto, Malavi;
- b) a África Ocidental, que vai do Senegal à Nigéria, no Golfo de Benim, compreendendo, geograficamente, além desses dois países, Gâmbia, Guiné-Bissau, Guiné Conakry, Serra Leoa, Libéria, Burquina-Fasso, Costa do Marfim, Gana, Togo e Benim.

I.3.1.O DOMÍNIO BANTO

O povo banto, que se encontra em um território mais vasto e menos densamente povoado em relação ao da África Ocidental, fala uma variedade de línguas que remontam a um tronco lingüístico comum, o proto-banto, de quatro milênios atrás. Possuem um elaborado *sistema de classes* (10 a 20) que funciona por meio de prefixos nominais e se ordenam em pares (1/2, 3/4,...) para exprimir a oposição singular e plural dos nomes, o aumentativo e o diminutivo, o locativo, o infinitivo dos verbos, permitindo ainda delimitar o sentido desse nome. Em outros termos, em uma língua banto, todo substantivo entra numa classe, isto é, num grupo de substantivos que têm o mesmo prefixo (ou variante) que eles e que impõem a concordância das palavras dependentes (adjetivos, pronomes e

verbos) por meio dos mesmos prefixos. Por conseguinte, uma classe é determinada por três (às vezes quatro) tipos de prefixos: nominal, verbal e pronominal. Assim, a palavra zulu para “rapaz” é *umfana*, marcada pelo prefixo *u-* da classe 1. Para formar a sentença “o rapaz corre”, o verbo *gijima* (corre) também é prefixado pelo *u-*, produzindo *umfana ugujima*.

40

Já o sistema vocálico é constituído de sete vogais orais, longas ou breves, e não possui as nasais correspondentes. O sistema tonal é formado basicamente por dois tons simples, alto e baixo, enquanto a sílaba é do tipo aberta, ou seja, termina sempre por uma vogal (V). Entre as consoantes (C), apenas um nasal (N) pode ser silábica, não havendo grupos consonantais (CC). Assim, a estrutura básica da sílaba em banto é $\{(N)CV\}$, ou seja, nasal silábica, consoante, vogal, prevalecendo para os nomes a forma dissilábica (cf. Pessoa de Castro, 2001:29-34).

Exs. *mu-ntu* (pessoa) – *ki.zi.la*, (tabu)
CV. NCV CV.CV.CV

Existem várias classificações relacionadas com as línguas bantos, contudo, a mais usada é a de M. Güthrie, que teve sua primeira versão em 1948. Sua “classificação prática”, como ele a denomina, repousa em base tipológico-geográfica, no sentido em que as unidades são constituídas na base da existência de traços lingüísticos comuns e da proximidade geográfica.

Assim, ele reúne:

1. línguas diferentes em *grupos* (conjunto de línguas com falares regionais que têm um dado número de traços comuns e que estão próximas geograficamente), representados por *números*;
2. os grupos em 15 *zonas* (conjunto de grupos que têm um dado número de traços comuns e que estão próximos geograficamente), designadas por uma *letra maiúscula* (A, B, C...) (Meussen introduziu uma décima-sexta zona, J ou D-E.);
3. em cada *zona* (A, B, C...) um número variado de *grupos* (1, 2, 3...), denominados pelo nome de uma língua ou de duas línguas representativas.

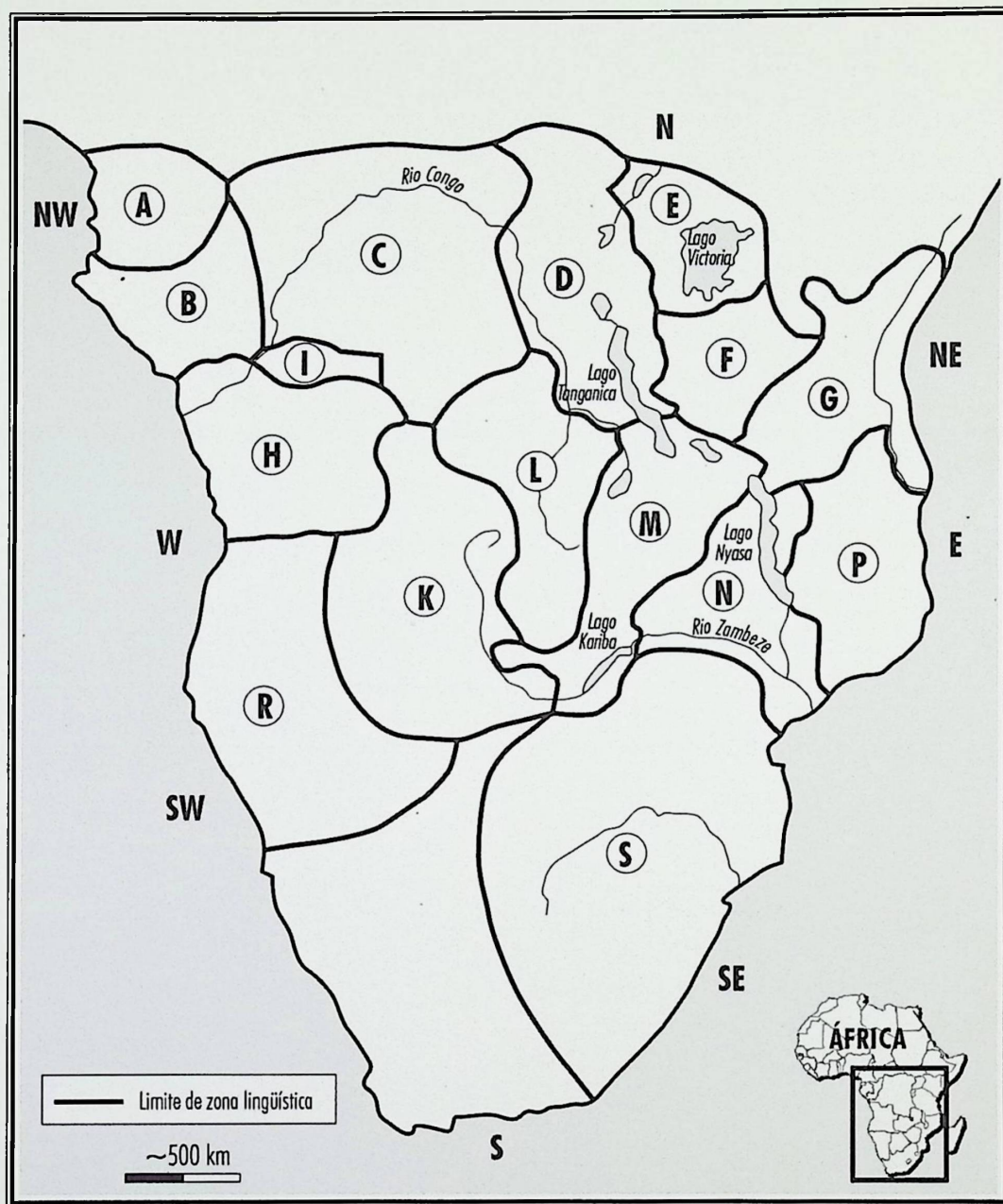
Exemplo:

ZONA	GRUPO	LÍNGUA	REGIÃO LITORÂNEA
H	16	quicongo	Congo e Angola
H	21	quimbundo	Angola
R	11	umbundo	Angola

DOMÍNIO BANTO (de oeste para leste e de norte para sul)

41

ZONAS	PAÍSES ONDE SÃO FALADAS	LÍNGUAS
A	Camarões, Guiné Equatorial, parte do Gabão	duala, fang ...
B	Gabão ao Congo-Kinshasa, passando pelo Congo-Brazzaville	anjico, betê, tequê...
C	noroeste do Congo-Kinshasa, estendendo-se ao Congo-Brazzaville	gombê, tetela
D	nordeste do Congo-Kinshasa	bembe, conjo...
D-E ou J	nordeste do Congo-Kinshasa, Ruanda, Burundi, Uganda, parte de Quênia e da Tanzânia	ruanda-rundi, maçaba...
E	maior parte do Quênia e norte da Tanzânia	camba, curia...
F	sul do Lago Vitória, na Tanzânia	tongue, sucuna...
G	centro da Tanzânia e na costa oriental	suaíle, xambala...
H	sul do Congo-Brazzaville, sudoeste do Congo-Kinshasa, noroeste de Angola,	quicongo, quimbundo, jaga, imbala.
K	nordeste de Angola, prolongamento no Congo-Kinshasa, Zâmbia e Botsuana	quioco, pende...
L	grupo Luba, centro sul do Congo-Kinshasa, com prolongamento em Zâmbia	songa, luba, lunda...
M	Zâmbia, com prolongamento em Tanzânia, Congo-Kinshasa e Malavi	bemba, tonga...
N	Malavi, com prolongamento na Tanzânia	nianza, manda...
P	Costa oriental, Moçambique, Tanzânia e Malavi	macua, maconde...
R	sul de Angola, Namíbia, com prolongamento para Botsuana	umbundo, herero, cuaniama...
S	Moçambique, Zimbábue, Botsuana, Lesoto, África do Sul	xona, rongá, zulu...



MAPA GUTHRIE

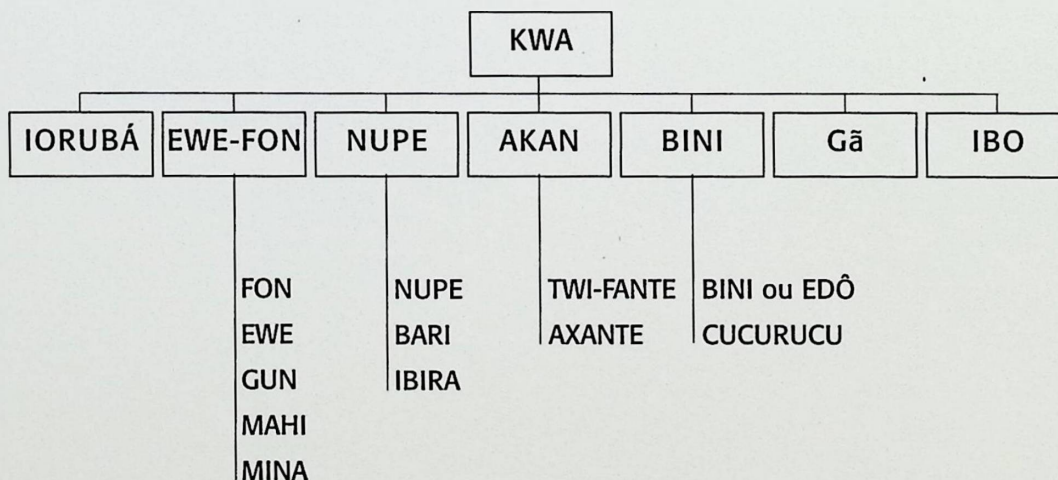
Nesse emaranhado de línguas, foram relativamente importantes sobre outras, no Brasil, três línguas litorâneas – umbundo, quimbundo (Angola) e quicongo (Angola e Congo-Brazzaville) –, conseqüência da precedência temporal dos seus falantes, densidade demográfica e amplitude geográfica da sua distribuição humana em território brasileiro durante quatro séculos consecutivos (cf. Pessoa de Castro, 2001).

I.3.2. OS OESTE-AFRICANOS

Quanto aos oeste-africanos, tradicionalmente chamados de sudaneses, destacaram-se, no Brasil, pela preponderância numérica entre outros procedentes da mesma região, os de língua iorubá e do grupo ewe-fon, pertencentes à família lingüística kwa, termo que significa homem em muitas dessas línguas e que foi usado pela primeira vez por Krause, em 1885 (cf. Westermann e Bryan, 1952:76). São línguas de sistema tritonal, constituídas de sete vogais orais, mais as nasais correspondentes, nas quais a distinção fonêmica de comprimento não é relevante. Não possuem gênero gramatical, nem derivados verbais. A estrutura silábica básica é (CV), ou seja, consoante e vogal [cf. Yor.: *ara* (corpo), *ará* (parente), *àrà* (procurar)].

43

FAMÍLIA DE LÍNGUAS KWA



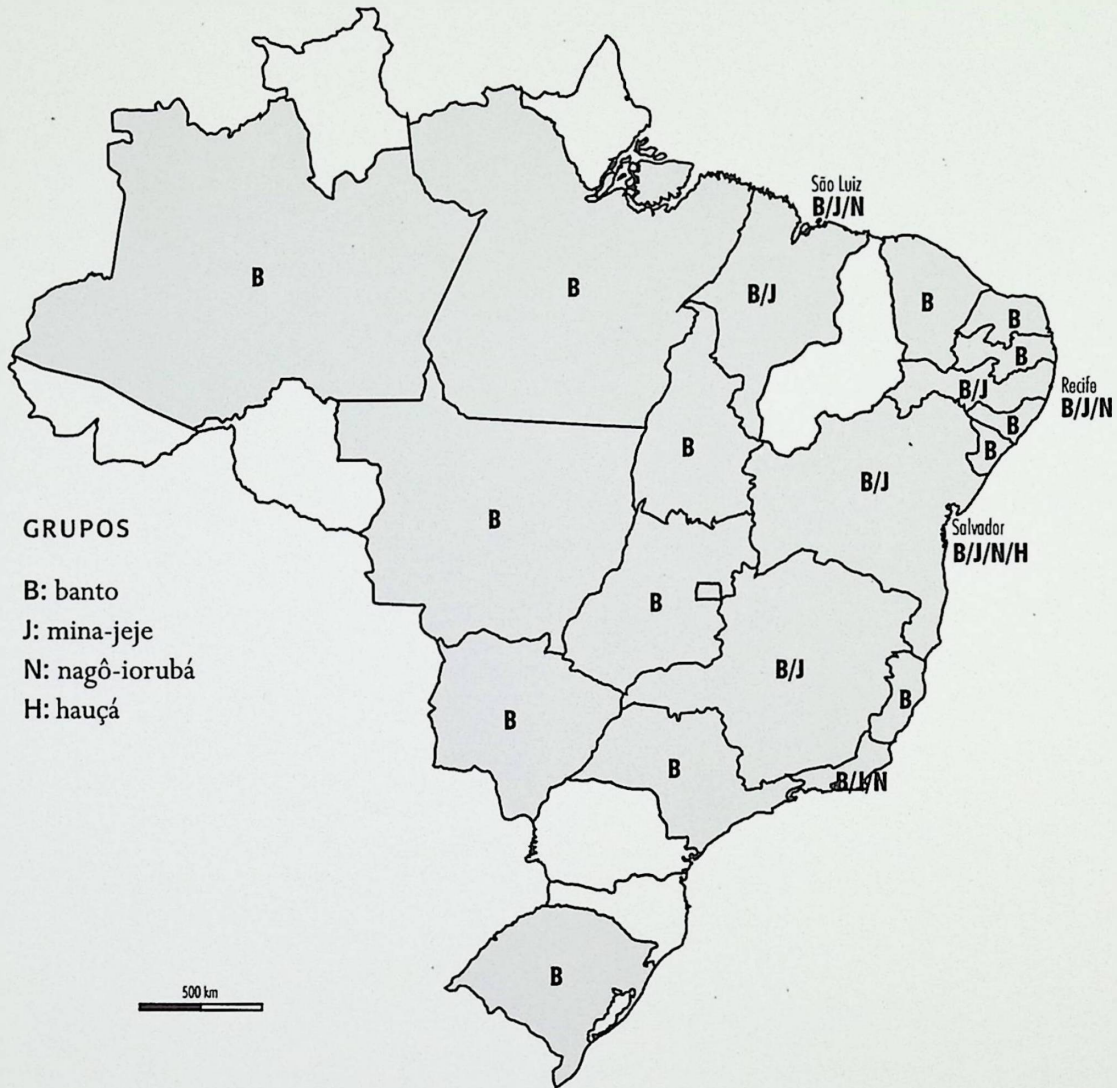
Faladas na parte oriental da Costa do Marfim, sudeste de Gana, sul do Togo, Benim meridional e Nigéria ocidental, ao longo dos portos de Aladá, Anexô, Uidá, Cotonu, Badagri e Lagos, as que se mostraram, até agora, mais importantes no Brasil foram as do grupo ewe-fon e a língua iorubá. Esta possui 20 milhões de falantes, concentrados no reino de Queto, atual Benim, onde é chamada de nagô, e na Nigéria ocidental, país onde é uma das três línguas nacionais. As outras duas são o hauçá (29 milhões), na região norte, e o ibo (12 milhões), ao leste do país.

44

Hauçá é uma língua afro-asiática, geralmente tida por “sudanesa” por causa da presença significativa dos seus falantes na África Ocidental, onde possuem inúmeras colônias espalhadas também pelo Benim, Togo e Gana. Foram trasladados em grande número, nas primeiras décadas do século XIX, para a cidade do Salvador, num momento em que se exigia a mão-de-obra escrava em trabalhos domésticos e serviços urbanos, uma condição que lhes permitiu criar oportunidades para promover sucessivas revoltas. A última e mais importante foi a de 1835, que ficou conhecida como Revolta dos Malês, termo ewe-fon e iorubá para muçulmano (cf. Reis, 1988). Nina Rodrigues (1932:216-217) chegou a registrar um vocabulário de 88 palavras lembradas por alguns de seus representantes que ainda viviam naquela cidade, no final do século XIX. Também, na mesma época, pôde documentar um vocabulário grunce (172), canure (79), tapa (nupe) (62) e jeje (mahi) (72) entre alguns falantes dessas línguas que se encontravam reunidos “em colônias” na cidade do Salvador.

Estes últimos, denominados jeje (mahi) por Nina Rodrigues, são os povos do grupo de línguas ewe-fon ou gbe, que, neste estudo, trataremos por mina-jeje.

ESBOÇO DE MAPA ETNOLÓGICO AFRICANO NO BRASIL



ATIVIDADE PRINCIPAL	SÉCULO DE INTRODUÇÃO MACIÇA			
	XVI	XVII	XVIII	XIX
Agricultura	B	B/J	B/J/N	B/J/N
Mineração			B/J	
Serviços urbanos				B/J/N/H

II. A DENOMINAÇÃO MINA-JEJE

A denominação mina-jeje aplicamos ao conjunto de línguas do grupo ewe-fon ou gbe do ramo kwa da família Niger-Congo, parte do tronco lingüístico Congo-Cordofaniano, na classificação de Greenberg (1963). Seus falantes, cerca de 10 milhões, estão distribuídos por territórios de Gana, Togo e Benim, na costa da África Ocidental, região compreendida entre o rio Volta, em Gana, ao oeste, e o país iorubá, ao leste, o golfo de Benim, ao sul, e o estado muçulmano e antigo reino de Dagomba, ao norte (Westerman e Bryan, 1952:83).

47

Do ponto de vista da dialetologia, esse grupo lingüístico provavelmente evoluiu como diassistema da língua adjá, da região de Tado, no Togo atual, e deu lugar ao ewe e ao fon que, por sua vez, desenvolveram as variantes 1. ADJÁ-EWE e 2. ADJÁ-FON, cada qual agrupando um conjunto de línguas e vários subgrupos étnicos, dentre eles, anló, agonli, aizô, tchi, ewe, mina, fon, gun, huedá, hula, cotafon, mahi, tofin, tori, uatchi, uemé (cf. Sogbossi, 1998:22-23).

I. ADJÁ-EWE

– Ewe p.d., majoritária no Togo e uma das suas línguas nacionais – a outra é cabié, ao norte, do grupo gur ou voltáico –, conta, aproximadamente, com 1 milhão e 200 mil falantes, concentrados na capital Lomé e no sul do país até às circunvizinhanças de Atakpame, estendendo-se pelos territórios limítrofes do sudoeste de Gana, por um lado, e sudeste de Benim, por outro, em direção ao lago Volta.

– Mina, güen ou güin, muito próxima ao ewe, resultou de uma antiga migração de gãs de Acra, de língua do grupo gã-adangbe, para a região de Anexô (Popó Pequeno), no Togo; também é falada pelo povo hula ou plá, originários do reino de Jaquim que foram se instalar em Popó Grande, no Benim, após Uidá, que lhe assegurava proteção, ter caído sob o domínio fon em 1727.

– Anló ou auna, corrente na costa, entre o rio Volta e Lomé.

– Uatchi, substancialmente o mesmo anló, falado em Atapame e Anexô, no Togo, Atiemé e Popó Grande, na fronteira do Benim, para onde seu povo emigrou, originário do Togo.

2. ADJÁ-FON

– Adjá, à margem esquerda do rio Mono, no Togo, através da fronteira do Benim, falada por um grupo étnico que povoa os territórios situados entre Atiemé e Tado, de onde partiu o ramo Adjá-Tado para conquistar Aladá e, depois, Abomé no século XVII.

– Aizô, no sul do Benim, língua de um grupo étnico que constitui a base da população de Aladá e que se diz autóctone do platô do mesmo nome, embora antropólogos acreditem ter constituído a mais antiga migração adjá para o Benim.

48

– Fon p.d., língua nacional e majoritária do Benim, estimada em 1 milhão e 200 mil falantes concentrados em Abomé, capital do antigo reino do Daomé, para onde adjás-aizôs emigraram no século XVII e se misturaram aos gue devis, nativos do platô de Abomé, expandindo-se, através de conquistas, pelos territórios circunvizinhos ao norte, Savalu, e, ao sul, Porto Novo, Cotonu e o reino de Uidá, então habitado pelo povo pedá, um agrupamento de pescadores que vive hoje às margens do lago Aheme e cujo centro principal é Guezim; já em Atiemé, fala-se também o cotafon, um dialeto ligeiramente diferenciado do fon.

– Gun, em territórios correspondentes ao reino de Xogbonu ou Hogbono, atual Porto Novo, capital administrativa do Benim, situada no cone sudeste do país.

– Mahi, nas regiões montanhosas ao norte dos fons, tendo Savalu como centro, um antigo reino nagô onde seu povo se instalou, vindo do lago Ahemé, a leste de Abomé, ao fugirem dos guerreiros daomeanos, em meados do século XVIII, e cujo falar é muito próximo do fon. Entre seus vários agrupamentos está o da região de Agonli-Cové, em território cortado pelo rio Zu.

II.1. O CICLO DA COSTA DA MINA

Em decorrência do parentesco histórico-genético dessas línguas e do fato de o ewe e de o fon serem majoritárias e as mais conhecidas do grupo até hoje, o termo ewe-fon começou a ser usado pelos pesquisadores para nomear o conjunto de línguas e seus respectivos falantes concentrados nessa região do Golfo de Benim, na África Ocidental, tradicionalmente chamada de “sudanesa”, mas

denominada Costa da Mina pelo tráfico transatlântico. Trazidos em grande número para o Brasil, a partir da segunda metade do século XVII e durante os dois séculos subseqüentes, esses povos receberam diferentes denominações, tais como mina, jeje, ardra, aladá, lada, lano (de aladano), uidá, mahi, maí, maki, makim, maquim, marri, mundubi, mondobi ou butubi, savalu, sabarú ou cavalo, anexô ou nejô, cobo ou cobu, uma etnonímia que nos leva á conclusão de que o antigo Daomé teria fornecido ao Brasil, assim como se acredita para Cuba e o Haiti, contingentes maiores de mão-de-obra servil do que aqueles originários do Togo e de Gana.

49

O manuscrito de CP nos dá uma pista nessa direção quando assinala a presença “**guno**, gente mina” e “**gamlimno**, gente **cóbù**” nos trabalhos de mineração em Minas Gerais no século XVIII, assim, também, a conexão do tráfico da Costa da Mina, via Bahia, referida como **aguda**, que à época praticamente monopolizava esse tipo de comércio com base na negociação de tabaco e fumo-de-rolô produzidos no Recôncavo, região circundante à baía de Todos os Santos e à cidade do Salvador, com a qual sempre esteve interligada por uma linha histórica contínua desde os primórdios da colonização do Brasil (cf. Tavares, 1974).

Por um lado, provenientes de uma região africana localizada nas proximidades do forte de El-Mina, onde se tinha conhecimento do trabalho de mineração, e, por outro lado, dirigidos, em grande parte, para a extração de minérios então descobertos no Brasil, o século XVIII passou a ser conhecido na historiografia brasileira pelo nome de “Ciclo das Minas”, que lhe foi dado por Luís Viana Filho em *O negro na Bahia* (1946), a melhor síntese já escrita sobre o tráfico transatlântico para o Brasil. Mais tarde, essa denominação foi divulgada amplamente por Pierre Verger (1962) na sua importante obra *Flux et reflux de la traite des nègres entre le Golfe de Bénin et Bahia de Todos os Santos, du XVII au XX siècle*.

Apenas para citar algumas estimativas quanto ao número de cativos importados durante o Ciclo das Minas, Maurício Goulart (1949:153-217), por exemplo, calcula que, entre 1725-1727 dos 5.700 que entraram anualmente pelo porto do Rio de Janeiro, 2.300 foram transferidos para as zonas de mineração, e, durante o século XVIII, 350 mil oeste-africanos foram desembarcados no Brasil, a maioria enviada para Minas Gerais, cuja população, em 1786, constava

de 274.135 negros entre os seus 352.847 habitantes. Boxer (1963:160), guiado pelos números levantados na matrícula de escravos adultos de ambos os sexos entre 1735 e 1750, verificou que a primeira somava 100.141, enquanto a última, relativa a 1749, totaliza 86.797 escravos válidos em Minas Gerais, o que, no cômputo geral, equivale a 186.983 indivíduos, apenas para um período de 15 anos.

50

Quanto a Viana Filho, baseado em estatísticas aduaneiras, chega à conclusão de que, no século XVIII, 70% dos africanos introduzidos na Bahia provinham da Costa da Mina, e 30% dos portos de Angola, que “continuava a atrair o comércio baiano em razão da rapidez maior na travessia atlântica”, calculando, então, uma entrada de 402.800 oeste-africanos, para 252 mil bantos (cf. 1946:47). Em Belém do Pará, no ano de 1793, para uma população de 8.573 habitantes, 3.051 eram escravos negros trazidos da Bahia, prevalecendo entre eles os denominados de angolas e minas, que dali eram vendidos para as minas de Mato Grosso e Goiás (cf. Salles, 1971:69-70). A presença de bantos nas áreas de mineração foi registrada por Costa Peixoto como **cucano** (1731) e **aglono** (1741), gente de Angola, e aparece, com frequência, nos documentos históricos da escravidão em Minas Gerais ao longo do século XVIII, entre eles, os de 1714 a 1740, nos quais Boxer (1963:161) constatou que os “minas eram os mais numerosos, seguidos de perto pelos angolas e benguelas, ficando na retaguarda as categorias dos congos, loangos e moçambiques, além dos ameríndios ou carijós que durante alguns anos ocuparam o terceiro lugar”.

II.2. A PRESENÇA EWE-FON

Na historiografia brasileira tem-se notícia da presença ewe-fon a partir da segunda metade do século XVII, quando, em relatório, Henrique Dias menciona “minas e ardras” no batalhão sob o seu comando durante a expulsão dos holandeses em Pernambuco (Carneiro, 1958:75). Nos dois séculos seguintes, prevalecem as denominações mina e jeje, sendo a ocorrência desta última documentada a partir de 1702 nos inventários do Arquivo Público do Estado da Bahia (cf. Carlos Ott, 1953), onde aparece com mais frequência do que no Maranhão, Estados que concentram as mais conhecidas manifestações religiosas afro-brasileiras nascidas na escravidão, o candomblé e o tambor-de-mina, nas quais o legado cultural e lingüístico ewe-fon é evidente na configu-

ração da sua estrutura conventual, no seu panteão e na sua linguagem litúrgica, do que voltaremos a falar. Na Bahia, esse legado assentou as bases para a estrutura conventual dos candomblés, particularmente para os que se identificam como de “nação jeje” e predominam em Cachoeira, cidade da região do Recôncavo, que no século XVIII foi o mais importante mercado produtor de tabaco no Brasil.

As evidências lingüísticas encontradas até agora não deixam dúvidas quanto às raízes daomeanas da sua estrutura conventual e litúrgica, apoiadas em um sistema lexical de base fon, muito embora não devemos esquecer de que fon, gun e mahi são línguas muito próximas e de que seus falantes costumavam incorporar ao seu panteão divindades pertencentes a povos vizinhos, principalmente daqueles por eles conquistados por expedições guerreiras, como foi o caso do povo fon que adotou o culto a Xapatá, vodum da variola, de provável origem mahi (cf. Verger, 1953:159). No Maranhão, essa influência ewe-fon ainda se encontra nos ritos agrícolas da colheita do inhame (cf. Valente, 1969; Ferreti, 1985) e, de maneira muito evidente, na relação histórica e lendária da Casa das Minas com a família real do Daomé, cultuando, entre outros, os voduns reais Zomadonu, Agongono. Também, na constituição da orquestra cerimonial, à semelhança dos candomblés da Bahia, formada pelos tambores sagrados rum e rumpli, percutidos com aguidavis pelo runtó e acompanhados pelo gantó, o tocador do *gã*, idiofone de uma só campânula de ferro (cf. Ferretti, 1985: Glossário).

51

Por sua vez, convém ter em mente que o fato dos etnônimos **guno** e **gamlimno** constarem do manuscrito de Costa Peixoto não significa dizer que todos os seus informantes seriam *gũnu* e *aqõlinu*. No entanto, esse registro torna evidente a probabilidade de que se tratava de uma maioria falante de línguas do grupo adjá-fon do antigo Daomé, denominado por ele de “língua geral da mina”, numa demonstração de que o termo mina não estava empregado como etnônimo, mas como identificador de um grupo de procedência trazido da Costa da Mina, conforme se deduz da seguinte “advertência” feita pelo próprio autor, ao final do manuscrito, sobre a diversidade dos falares de seus informantes:

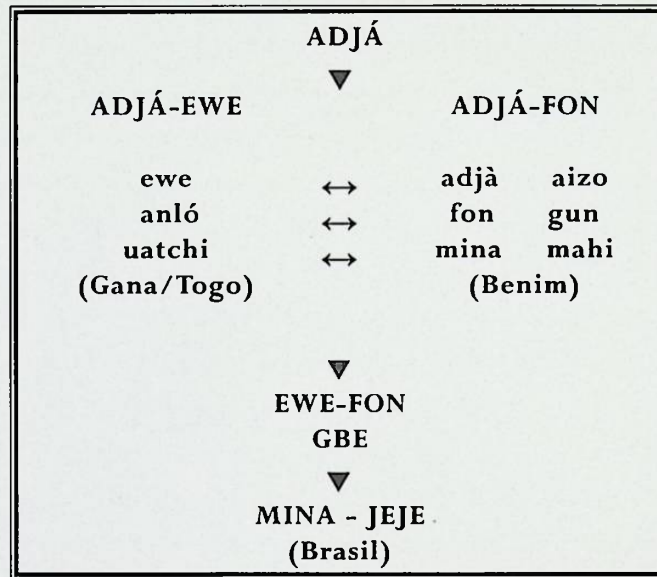
Em alguns nomes aonde ouverem estas letras juntas /ch/

hé necess.º tomar parecer com algũ negro, ou negra

mina, porq.tº tem diferente pernuncia.

Por essas mesmas dificuldades e razões, identificamos, aqui, o grupo etno-lingüístico ewe-fon pela sua correspondente denominação genérica de mina-jeje em lugar de jeje-mina, seguindo a ordem de precedência de entrada de cada um desses dois termos na historiografia brasileira, a exemplo de congo-angola em vez de angola-congo.

52



II.3. A DENOMINAÇÃO MINA

Essa denominação tem-se prestado a muitas interpretações confusas na historiografia brasileira, em razão de o termo mina ter sido usado indistintamente pelo tráfico:

- a) para dar uma identidade própria, mas genérica da procedência geográfica dos contingentes embarcados na Costa da Mina, sem especificação de grupo étnico;
- b) como etnônimo, para denominar apropriadamente o grupo etno-lingüístico mina ou güen (geralmente ortografado “gen”) que emigrou de Gana para se instalar em Anexô, um dos portos localizados naquela região do Golfo de Benim que se alargava através de Uidá, Jaquim, Popó Grande e Apa, onde o tráfico para o Brasil, liderado pela Bahia e seguido pelo Rio de Janeiro, foi concentrado durante o século XVIII.

A partir dessa percepção, em *Os africanos no Brasil*, obra valiosa pelas informações etnográficas que contém e por salientar a importância do estudo das línguas africanas para o melhor conhecimento dos seus falantes no Brasil, Nina Rodrigues (1933:161-163), guiado pelos resultados da pesquisa que realizou entre africanos ainda vivos na cidade do Salvador, no final do século XIX, depois de afirmar que “minas eram os negros de língua gá (leia-se gã) e tshi da Costa do Ouro”, estende essa noção a todos aqueles provenientes da Costa da Mina, quando conclui que, “embora não tivesse visto mais do que cinco deles naquela cidade, seu número devia, no entanto, ter sido muito avultado a um ou dois séculos atrás”. Tal suposição é atribuída à importância do Forte da Mina como empório do comércio do tráfico sob os portugueses, que chegou a tornar sinônimas as denominações “africano” e “mina”. Para justificar a abrangência geográfica do termo além dos limites da Costa do Ouro, atual Gana, Nina Rodrigues alega a viagem que fez a São Luís do Maranhão, em 1896, quando visitou “uma negra jeje”, do Benim, e “outra nagô, de Abeokutá”, da Nigéria, segundo ele, “os últimos negros africanos que existiam na capital daquele Estado e que são ali geralmente conhecidos por negros Minas”. No entanto, esclarece, em seguida (p. 163), que “os africanos distinguem duas espécies de minas, os minas-santés (de asante ou axante de Gana) e os minas-popos, esses, negros de língua tshi (diríamos gã) que atravessaram o Volta e ocuparam uma pequena zona do território dos jejes”, logo, no Benim atual.

53

Para Artur Ramos, em *Introdução à antropologia brasileira* (1961:306), minas eram chamados, na Bahia, os negros procedentes da Costa do Ouro, mas no sul do país, especialmente no Rio de Janeiro, onde prevalecia a presença de bantos, “a denominação se aplicava a todos os negros sudaneses, englobando nagôs, jejes, minas propriamente ditos”, para ele, os fantes-axantes de Gana atual, uma região aurífera, por isso, batizada pelo tráfico de Costa do Ouro. Seguidor de Nina Rodrigues, Ramos também menciona Debret, que, relacionando as nações negras mais numerosas do Rio de Janeiro, depois dos angolas, menciona os “minas-nejos, minas-mahis e minas-cavalos”, onde se percebe que o termo mina precede a região de concentração do grupo de origem ou mesmo da própria origem étnica do grupo. Assim, “nejo” é Anexô, o Popó Grande, habitada por güens ou minas p.d., algumas vezes denominados de minas-popos, enquanto mahis e cavalos são da região de Savalu, também no Benim atual.

Esse testemunho, mais o registro dos termos **gamlimno** e **cóbù** em CP, do que trataremos adiante, vem apoiar a hipótese de que entre os negros denominados de minas, trazidos para trabalhar na terra das minas do Brasil (**gamthome**) no século XVIII, predominavam aqueles do grupo etnolingüístico adjá-fon. Logo, podemos reafirmar que mais do que oriundos de Gana ou do Togo, o apelativo mina se referia aos povos procedentes em grande parte dos territórios compreendidos no antigo Daomé, falantes de línguas que os estudiosos denominaram gbe, por terem esse lexema comum para dizer “língua, idioma”. Entre elas, o fongbe destaca-se como majoritária no repertório da “língua geral de mina”, além de se mostrar a mais significativa do seu grupo no processo de configuração da linguagem litúrgica das religiões afro-brasileiras, razões por que foi tomada como paradigma no estudo que ora estamos a fazer.

II.4. A DENOMINAÇÃO JEJE

Na documentação brasileira, como vimos, o termo jeje aparece a partir de 1702 nos inventários do Arquivo Público do Estado da Bahia, suplantando, logo em seguida, a denominação mina até o fim do registro em 1860, conforme levantamento feito por Carlos Ott (1953) sobre a origem étnica dos escravos residentes na cidade do Salvador nos séculos XVIII e XIX. Sendo assim, a denominação jeje aplicada genericamente a um grupo de procedência oeste-africana ou como etnônimo é muito anterior a 1739, data proposta por Matory (1999:62), que não menciona de onde tirou tal informação.

Quanto à origem do termo, há controvérsia entre os pesquisadores, mas quase nenhuma em relação ao fato de se tratar de povos pertencentes ao grupo lingüístico adjá-fon, como é possível verificar pela análise do vocabulário recolhido por Nina Rodrigues (1932:216), sob o rótulo de “gege (mahi?)”, entre alguns dos seus falantes que ainda viviam na cidade do Salvador, ao final do século XIX e que reproduzimos adiante. Enquanto uns afirmam que “djedji / jeji” era o nome reservado pela administração francesa para os guns que formavam o elemento dominante no reino de Porto Novo, os lingüistas Westermann e Bryan (1952:1954) dizem o mesmo, mas em relação aos fons. Entretanto, Nina Rodrigues (1932:161-163) procura identificá-los como ewes, cuja colônia, em sua época, segundo ele, “já era extremamente reduzida na Bahia”, enquanto a

palavra jeje viria do termo “geng” ou “gen”, isto é, do nome da língua güen ou mina falada na fronteira atual entre o Togo e o Benim. Para Verger (1970:19), “jeje seria uma deformação do termo adjá”, hipótese aceita por Segurolo (1963: s.v.) ao afirmar que, embora “a palavra seja desconhecida em fon, é empregada no Brasil para designar os negros de origem adjá”, no que se aproxima do topônimo Adjadi, aldeia perto de Aladá, alternativa aventada por Matory (1991:63). Costa Lima (1977:14-15), no entanto, prefere o vocábulo “ajeji”, estrangeiro, forasteiro, uma alcunha que os iorubás, supostamente, deram aos seus vizinhos (então, inimigos) daomeanos em revide ao tratamento pejorativo “anagonu” (> nagô), os sujos, os piolhentos, que deles teriam recebido, segundo Cornevin (1962:104).

55

Consultando uma fonte de informação mais antiga, no manual daomeano (fon) de Delafosse, de 1894, lê-se: “jeji, nome indígena do povo daomeano”, enquanto D’Albéga, em 1889, ao tratar das línguas “jeji e mina” faladas no Daomé, o léxico e a gramática não deixam dúvida de que se trata do fon e do güen. A partir desses dados e das informações históricas existentes sobre os fons, chegamos aos gue devis, filhos de Gédé, os habitantes nativos do platô, entre Bohicon e Kana, no qual seria edificada a cidade de Abomé, quando ali se instalou a dinastia de Dakodonu, no século XVII (cf. Cornevin, 1962:92-5; Silva, 2002:546-549). Foram vendidos em bloco para o mercado de escravos nas Américas, principalmente para o Brasil e o Haiti, onde ainda se pratica o culto a Guede, entidade associada a Leba, à sensualidade e à procriação (cf. Herskovits, 1938:76; ibidem 1971: 173). É importante observar que, em 1741, Costa Peixoto registra “achósû, governador” (< àxò’sù, rei, chefe), em lugar da variante **aholu**, do manuscrito de 1731, título de um chefe gue devi, morto nas campanhas vitoriosas promovidas, então, por Huegbaja, sucessor de Dakodonu (Cornevin, 1962:95). Na Bahia, também ocorre com o mesmo significado no nome da entidade Aholu Besseim Docomi.

Ainda na Bahia, Agbo, divindade protetora dos gue devis que deu o nome à cidade de Agbomé > Abomé, está presente na linguagem litúrgica dos terreiros que conservam a tradição jeje e que se dizem de nação jeje-mahi, jeje-mundubi ou jeje-cavalo. Entre eles, fundado na cidade do Salvador na primeira metade do século XIX, segundo informação pessoal de Everaldo Duarte, membro da

comunidade, o Zoogodô Bogum Malê Rundó, de (*So / Zo*) *Xogbodò(nu) Agbóhū` mlé hundo*, literalmente, “os fundamentos dos descendentes de Agbo, do panteão das divindades do raio /*Sò*/, do fogo /*Zò*/, postos no portal da casa”. Mais conhecido por Bogum < *Agbóhū` / gū`*, isto é, casa de Agbo, ainda guarda o culto a Obonsu < *Agbósu*, segundo Verger (1981:213), de origem Savalu (mahi), o que coincide com o fato de as suas antigas lideranças religiosas afirmarem que o Bogum é um terreiro de nação jeje-mahi. O mesmo lexema também se encontra em nomes lembrados como de outras nações jejes na Bahia: Abo, Aboum < *Agbó.nù*, povo da cidade de Abomé, e Boalama < *Agbó Lama*, região pantanosa ao sul de Abomé (cf. Pessoa de Castro, 2001: Vocabulário).

- cf. Abo < *Àgbó*, divindade protetora dos guedevis, a cidade de Abomé
 Aboum < *Àgbónù*, povo de Abomé
 Boalama < *Abgó Lama*, região pantanosa ao sul de Abomé
 Bogum < *Agbó.gū* < *Agbó.hū`*, a divindade Agbo.

Em outras palavras, isso equivale a dizer o seguinte:

1. As oclusivas labiovelares /*gb, kp*/, desconhecidas em português, são substituídas no termo importado pelas bilabiais correspondentes /*b, p*/, uma norma seguida pelos lexemas de origem gbe correntes na linguagem litúrgica afro-brasileira, a língua-de-santo (LS), tanto quanto pelos aportes lexicais dessa origem que estão dicionarizados como termos do português do Brasil (PB) e pelos itens registrados na cartilha de Costa Peixoto (CP).

cf. Fon	→	LS / PB	CP
<i>àgbadé</i> , milho		abadê	abadê
<i>àgbā'</i> , prato		abā	abam
<i>a(gbo)</i> , carneiro		abô	lembo
<i>Legbá</i> , demônio		Leba	Leba

No Maranhão, *Legbá* é pronunciado Légua, com a labiovelar trocada pela oclusiva correspondente, seguida de uma semivogal /*gb > g + w*/, conforme o que Delafosse (1894:35) havia observado, um século atrás, na pronúncia de

mulheres e crianças daomeanas. Exemplo semelhante encontra-se nas variantes brasileiras Pó e Puó < Kpó`, nome da pantera-gênio da família real de Abomé, cultuado nos terreiros jejes da Bahia, entre os quais o Poçu Beta, localizado na cidade de Cachoeira, literalmente, templo maior da divindade Kpó`.

2. Quanto à troca do fonema aspirado por uma oclusiva velar sonora / h > g/ em *Agbó.hũ`* > Bogum, comprovada em Costa Peixoto não apenas em posição intervocálica, era uma prática dos cronistas portugueses antigos que, a exemplo do caso anterior, pode estar relacionada com variantes regionais de pronúncia daquela época no *Dãxome* ou *Dãhome*, freqüentemente escrito Dagomé, da maneira como aparece no nome de um famoso líder religioso afro-brasileiro, Joãozinho Dagoméa, e é lembrado como uma antiga nação jeje na Bahia.

57

cf.	Fon	→	CP
	<i>àhã</i>		agam , aguardente
	<i>aihũ`</i>		ahigum , zombar
	<i>hã</i>		ugam , porco
	<i>hã`jó</i>		(u)ganjou , manteiga
	<i>hũ</i>		gum , sangue
	<i>huè</i>		guhê , sol
	<i>huevi</i>		guhevi , peixe
	<i>hùhõ</i>		gugom , abrir a porta
	<i>hui</i>		gui , tu, você
	<i>jòhõ`</i>		gegom , vento
	<i>ma yì hõ gbe</i>		mahi gumbê , vou arrancar capim
	<i>mehũto`</i>		meguto , matador de gente
	<i>mehuelito`</i>		megulitó , capitão-do-mato.

Ainda falando do Maranhão, observa-se, na linguagem litúrgica da Casa das Minas, uma alternância / h, g / nos lexemas em fongbe, quando em posição inicial, o que não ocorre na língua-de-santo dos candomblés da Bahia. Esses conservam a fricativa velar sonora / h /, representada graficamente pelo / r / nos aportes incorporados ao português do Brasil que, devido à sua divulgação pela literatura voltada para as religiões afro-brasileiras e pelos meios de comunicação, mereceram constar nos mais importantes dicionários brasileiros da lín-

gua portuguesa (BR) (cf. Pessoa de Castro, 2001: 120).

cf. Fon	→ Casa das Minas	LS > BR
<i>humkpi</i>	gumpli, rumpi	rumpi
<i>hũ je 've`</i>	gonjeva, ronjeva, ronjevi	runjebe
<i>hũ ya</i>	gonjai, runjai	

II.4.1. A RELAÇÃO GUEDEJI / JEJE

58

Como a questão relativa às etnogêneses é uma tarefa que compete mais a historiadores e a lingüistas africanos, lembramos que nossa discussão fica, portanto, limitada à análise das evidências de natureza etnolingüística de que dispomos até agora, com o objetivo de procurar entender melhor quem foi o povo jeje no Brasil (assim também escrito atualmente em fon, onde a consoante – j – representa uma africada palatal sonora – dj –) e o que a palavra significava para o tráfico.

Nossa hipótese é de que ambos os casos estejam relacionados ao lexema *Gédé*, pela antigüidade do povo *guedevi* na historiografia do reino do Daomé e abrangência geográfica da sua distribuição humana nas Américas, onde não se registra o termo fon nos documentos históricos nem na tradição oral. Esses poderiam ser os que se diziam “efans” no tempo de Nina Rodrigues (1932:161-62), mas ele mesmo desmente ao explicar, sob a epígrafe de “gege”, que se tratava dos negros centrais, muito distintos dos daomeanos e que tinham, por tatuagem característica, uma queimadura na fronte. Parecia, portanto, tratar-se de gente Ifonyin ou Efanhin, cujo reino, ao sul do Benim, fundado por imigrantes de Oió, do país iorubá, foi invadido e conquistado pelos seus vizinhos daomeanos ao final do século XVIII (cf. Cornevin, 1962:49; Silva, 2002: 545).

Ainda sob a mesma epígrafe, Rodrigues declara (p.162) ter conhecido alguns do Daomé (Benim atual), mas quase todos do litoral, de Ajudá, do Popó Grande e Popó Pequeno, de Abomé, Cotonu e duas famílias mahis que lhe forneceram grande cópia das informações sobre a colônia jeje na Bahia, o que justifica a sua interrogação “gege (mahi?)” no vocabulário de 72 itens por ele coletado. Entre eles, tirante 18 que também podem ser de origem ewe, gun, mahi ou aizô (marcadas, na relação abaixo, com um asterisco), os demais (75%) são lexemas do fon, numa proporção semelhante ao que se observa no vocabulário de Costa

Peixoto (755 para um total de 920 entradas). Tal evidência vai em direção à hipótese aventada por Yai (1997:547) de que “a língua geral de mina” retratava um processo inicial de crioulização por absorção de traços lexicais e gramaticais de outras línguas do grupo gbe, tendo o fon como língua lexicalizadora”, próximo ao que denominamos “dialeto das minas”, um falar afro-brasileiro que teria emergido nas Minas Gerais no século XVIII, em razão da grande concentração de negros originários do antigo Daomé naquela região (cf. Pessoa de Castro 1980).

Confrontando os dois vocabulários, é curioso indagar por que Costa Peixoto, em Minas Gerais, não registrou palavras em ewe-fon para nomear certos elementos ou fenômenos da natureza e acidentes geográficos, como o fez Nina Rodrigues, um século e meio depois, na cidade do Salvador? Seria porque “céu, estrela, aurora, trovão, lago, montanha, pedra e cinza” faziam parte do cotidiano da vida em Vila Rica, assim como a figura do “inimigo”, que ele não achou necessário incluí-los no manuscrito que elaborou? Quanto à ausência de termos para “veado e elefante”, sobretudo este último, ainda é compreensível, se imaginarmos que não deviam ser conhecidos na região. Muito menos na cidade do Salvador, onde foram mencionados, provavelmente por se tratar de animais-totens do panteão da família real daomeana, como a pantera, o leão, o leopardo, a píton, o crocodilo, dentre outros associados a práticas religiosas de tradição jeje que, no século XIX, já se desenrolavam naquela cidade da Bahia, e das quais Nina Rodrigues tinha conhecimento como pesquisador. A representação desses animais pode ser vista na tapeçaria com aplicações pictográficas coloridas, cada qual projetando a história de um dos reis do Daomé ou contando uma saga relativa ao seu povo, uma arte popular típica do povo de Abomé.



	NR (século XIX)	CP (século XVIII)	FON atual
1. CÉU	djênukom		<i>jinukũ(sũ)</i>
2. TERRA(CHÃO)	aikúgumã	alim bibam	<i>àikũgbã</i>
3. SOL	huê	guhê	<i>huè</i>
4. LUA	çum	sum	<i>sũ</i>
5. ESTRELA	çumvi		<i>sũvi</i>
6. DIA	aihon		<i>ai(hi)hõ (aurora)</i>
7. NOITE	ozamdo *	zame	<i>zãdo(crepúsculo) / zãme` (de noite)</i>
8. TROVÃO	gidôbi		<i>jidoqbe (troveja forte)</i>
9. CHUVA	édji *	gi	<i>e jí (chove)</i>
10. VENTO	djóon	gegom	<i>jõhõ`</i>
11. ÁGUA	ezin *	asim	<i>(a)šĩ</i>
12. RIO	tódóum	to	<i>to` / to`donú (buraco de água)</i>
13. LAGO	ôtan *		<i>tã (água estagnada)</i>
14. FOGO, LUZ	zô	zo	<i>zò</i>
15. FUMO	ôzó*	azó	<i>àzo`</i>
16. CINZA	afim		<i>afi</i>
17. MONTANHA	çô		<i>só</i>
18. PEDRA	ahuinha		<i>awi nã</i>
19. AREIA	kó	ko (barro)	<i>ko`</i>
20. HOMEM	çunno	sunno	<i>sũnũ</i>
21. MULHER	yonu	hinhono	<i>nõ`nũ</i>
22. VELHO	êmêfôfô*	nuchou	<i>e mexoxo, e mefofo / nuxoxo (coisa velha)</i>
23. PAI	tôcê	thõhê	<i>to`cê (meu pai).</i>
24. MÃE	nócê	nohê	<i>nõ`cê (minha mãe)</i>
25. FILHO	vi-cê	vi	<i>vicê (meu filho)</i>
26. FILHA	vi-cê	vi	<i>vicê</i>
27. IRMÃO	novi-cê	novi	<i>nõ`vicê</i>
28. AMIGO	ponton	chomto	<i>x õtõ</i>
29. INIMIGO	kuentò		<i>kẽto`</i>
30. REI	ahoçu, rhó	achósũ (governador)	<i>axo`sũ</i>
31. GUERRA	ahuan	aguam	<i>dhũã`</i>

32. FOME	akovê	gove, hove	(a)xovê'
33. SEDE	êzimbra *	numblá	asĩ gbla / nuqbla
34. MORTE	ku	cu	kú
35. CABEÇA	ôotá *	tâ	tá
36. OLHOS	ônôkum *	anucum	nukũ
37. NARIZ	aonti	ahotim	aôfi
38. BOCA	ônun *	nu	nu
39. LÍNGUA	êdê	èdê	(è)dê
40. DENTE	adú	adum	áqú
41. ORELHA	ôtôquê	utou	u tó (orelha); tógbe (pingente de orelha)
42. CABELO	odá *	dâ	dá
43. BARBA	atán	atam	âtã'
44. PESCOÇO	kógudô	coguedoi	ko`gudo (nuca)
45. COSTAS	cogomum	nébè	kogudonu / nê`gbe` (costas, atrás)
46. BRAÇO	alókuedié,	alóbácáme	alokó`e / alobapkáme
47. MÃO	aló	aló	alo
48. DEDO	alovi	alóvi	alovi
49. PERNA	afókuê	zàcálaquá	afowe / zàke`te`gblá
50. PÉ	afó	afó	afó
51. BARRIGA	odó*	choume	do (bacia, fossa)
52. CORAÇÃO	ôhômé*	tum	hũ / hũme (dentro do coração)/ tũ (pulsar)
53. SANGUE	ôhun *	gum	hũ
54. OSSO	fú	chu	xú
55. BOI	eiçú; çu, macho	nhi	ñisú; asú / ñi
56. VACA	êibu; bú, fêmea	nhisi	ñi(bú) / ñi(bu)asi
57. BEZERRO	êivi	nhivu	ñivi / ñivu
58. CAVALO	zó	sò	so'
59. CABRA	bó	bò	agbo
60. CARNEIRO	agô / abô	elembô	lêgbo
61. PORCO	ôhan *	ugam	hã
62. GATO	ahui	ahuhy	awii
63. RATO	hêtô	afim	etô/ afi , rato do campo
64. CÃO	avum	avum	avũ
65. MACACO	ôhá *	azim	ha (cinocéfaló)/(a)zi
66. VEADO	agmarin		agbãh
67. ELEFANTE	adjinacu		àjinakú
68. GALINHA	kókôlu	couculou	kok(u)lo
69. GALO	kokoluçu	couculousu	kokluosu
70. OVO	hezim *	couculouzi	àzi / kok(u)lo'zi
71. PEIXE	uhui *	guhevi	huê / huevi
72. FORMIGA	êicizen *	azimzem	zi zê` / ayizize

II.4.2. UMA ETIMOLOGIA PARA JEJE

Se o termo jeje decorre do lexema fon *Gédé*, a hipótese que nos parece mais provável é a de que ele derive de *Gédéji* > *Gééji* > *Géji*, oriundos ou nascidos de Guede, por meio de uma evolução idêntica à do termo *Gédévi* > *Géévi* > *Gévi*, filhos de Guede, registrado por Segurola nos seguintes versos que não deixam dúvidas quanto aos laços históricos desse povo com o Daomé (cf.1963: s.v.):

Nu e utu Gévi tome fi é ñí Dāxome

62

(eis por que este país Guevi se chama Daomé).

Em nosso caso, a passagem de *Géji* > Jeje, ou seja, da oclusiva velar para uma africada palatal /g > j /, encontra uma explicação pelo processo de contaminação regressiva da palatalização do morfema /-ji /, que, neste caso, pode funcionar como uma dessas opções:

1. verbo “nascer”, registrado por CP no substantivo **vigidòdé** (*vijitóme*), crioulo ou crioula, filho nascido na terra, assim, também, no nome do vodum Poliboji, de *Kpɔ̀'ligboji*, os grandes ancestrais de Abomé, segundo a lenda, nascidos da pantera *Kpɔ̀*;
2. sufixo indicativo de local, da idéia de estar no alto, sobre alguma coisa, atestado, no manuscrito de CP, em **agági** (< *àgàji*) para cima, **zamgi** (< *zā`ji*), cama (literalmente, sobre a esteira), **aligi** (< *aliji*), no caminho e, freqüentemente, em topônimos daomeanos, tais como Coveji, Tindji e Ajaji, esse, como vimos, aventado por Matory como possível etimologia do termo jeje.

Em relação à queda da consoante entre vogais idênticas e contração dessas vogais, ocorre com certa regularidade em fongbe, a exemplo, dentre outros, de *hoxovi* > *hoovi* > *hovi*, gêmeos, *gblògbló* > *gblóó*, amplo, largo, e *Gédévi* > *Géévi* > *Gévi*.

Diante desses argumentos, propomos a seguinte etimologia para jeje:

Gédéji > **geéji* > **geji* > jeji, ortografado JEJE

Tais evidências lingüísticas vão ao encontro, mais uma vez, da linguagem

litúrgica da Casa das Minas-jeje do Maranhão. Em seu panteão, além de Poliboji, tratado por Da ou Dadá, títulos atribuídos aos reis de Abomé, destaca-se a figura da rainha Nã Agotimé, mãe do rei Guezo (1818-58), que fora vendida por Adandozã (1803-1818) como escrava e trazida para o Brasil. Aqui, teria fundado em São Luís, na primeira metade do século XIX, o Querebentã de Zomadonu, terreiro dedicado a esse Tohoço, nome genérico dado aos espíritos dos filhos anormais dos reis de Abomé que eram jogados nos rios para morrer, mas de onde ressurgiam, segundo a crença local, transfigurados em divindade das águas (cf. Argyle, 1966:110). Convém notar que, no terreiro do Egito, fundado em 1896, em São Luís, hoje desaparecido, as entidades caboclas eram chamadas de gue devis (cf. Ferretti, M. 1993:448). Entre elas, Boço Von Dereji, de *Bosuhô Gédéji*, que também é um Tohoço, embora identificado, no Maranhão, como vodum cambinda por estar associado a Légua-Boji do tambor-da-mata da cidade de Codó.

63

Por sua vez, na Bahia, um sistema lexical de base fon não só é utilizado nas práticas litúrgicas dos terreiros de tradição jeje que se encontram, em maioria, nas cidades de Cachoeira e São Félix, no Recôncavo, mas ainda na estrutura conventual do modelo urbano prestigioso dos candomblés em geral, quer sejam eles de raízes congo-angola (banto) ou nagô-queto (iorubá). São de origem ewe-fon a estratificação e terminologia dos grupos de iniciação ou barcos (adofona, adofonitinha, fomo, fomitinha, etc.), os termos peji e pejigã (o santuário e seu encarregado), runcó e rumpame (quarto de iniciação e terreiro), ajuntó (o espírito guardião), assento (o altar), e, como na Casa das Minas, a orquestra cerimonial composta pelos atabaques rum, rumpi, lé, percutidos com aguidavis (cf. Pessoa de Castro, 2002:80-86).

Sendo assim, é admissível que o termo jeje, para designar falantes de fon, gun e mahi, mais do que mina ou güen, aizô e adjá, pode ter-se originado como uma variante do lexema *geji, uma vez que se trata de um aporte lexical adjá-fon, modificado em sua origem, como tantos outros de base africana, sob a influência da língua portuguesa, e cujo uso seria difundido nos dois lados do Atlântico, a partir do século XVIII, pelos traficantes, ex-escravos e comerciantes oriundos principalmente da Bahia, que se instalaram em Aladá, Uidá e Porto Novo (cf. Matory, 1999:63-64). A palavra jeje, então, teria sido usada como uma marca

de procedência do comércio estabelecido por esses agudás com os fons de Abomé durante o século XVIII, o que justificaria as seguintes denominações brasileiras:

- jeje-mina, procedente da Costa da Mina ou de língua güen,
- jeje-mahi, de etnia mahi,
- jeje-cavalo, da região Savalu, de fala mahi,
- jeje-mudubi, mondubi, butubi, provavelmente de *Xogbónuvi*, povo de Porto Novo, de etnia gun, registrado **guno** em CP, mas ausente na historiografia brasileira.

64

Semelhantemente ao uso generalizado pelo tráfico do termo jeje para nomear falantes das línguas adjá-fon do antigo Daomé e que a administração colonial francesa, ao findar o século XIX, começou a aplicar ao povo gun, provavelmente como reflexo do volume do tráfico existente com a Bahia (ver Matory 1999:63-64), temos o caso dos apelativos mina e angola ou **aglon**, em Costa Peixoto, este último servindo para designar, genericamente, o povo banto trazido para as Américas. Convém lembrar que, nas mesmas proporções, aconteceu com o uso do apelativo nagô no Brasil. De referência ao povo de fala iorubá do reino de Queto, no Benim atual, passou também a nomear os seus vizinhos da chamada “iorubalândia”, na Nigéria ocidental, sendo, mais tarde, estendido aos africanos em geral, sem distinção de língua e etnias, graças à orientação metodológica de visão etnocêntrica que tomaram os estudos afro-brasileiros, concentrados em pesquisas nos mais proeminentes terreiros de tradição nagô-queto da cidade do Salvador, nos quais são evidentes os traços da religião tradicional e da língua dos iorubás em suas práticas litúrgicas (cf. Pessoa de Castro, 2001:53-54).



III. O VOCABULÁRIO DE COSTA PEIXOTO

III.1. NOTAS INTRODUTÓRIAS

- a) Dentro dos recursos ortográficos de que se dispunha à época, a lexicalização do vocabulário ewe-fon da “língua mina” foi facilitada pelo fato do português também apresentar uma estrutura silábica CV (consoante + vogal) e conhecer a oposição distintiva entre vogais abertas /ε, ɔ / e fechadas / e, o / (cf. avó ≠ avô, reis ≠ réis). Ao mesmo tempo, foi dificultada por estranhar a africada palatal / c / (ocorrente, em português, apenas em pronúncias dialetais), as labiovelares / kp, gb /, a fricativa velar surda / x /, a retroflexa ou alveolar sonora / d /, assim representadas na escrita das línguas subsaarianas onde elas ocorrem.
- b) Além disso, como essa retroflexa tem variantes dialetais e Costa Peixoto contou com falantes procedentes de diversas regiões do domínio ewe-fon, razão daquela “advertência” feita por ele, ao final do manuscrito, tal diversidade provocou a aparente confusão na escrita dos termos do seu vocabulário, a exemplo de / d > l, r / ou / d > l, n /, sobre o que falamos no corpo do texto, assunto de interesse dos estudos de dialetologia africana.
- c) O uso excessivo do / h / mudo é um recurso gráfico para atrelar a liberdade de sonorização das vogais a uma consoante (cf. **hiháboundo** por *yavonõ*, **fiánáhi** por *fi a na yi*), uma espécie, segundo Correia Lopes (em Peixoto, 1945:38) de “guarda-damas das vogais sem companhia e ajudante de ordem dos tt”, isto é, numa função mais decorativa do que útil (cf. **gamthômê** por *gãtome*, **thôhê** por *tò`cè*), à exceção dos casos onde representa uma fricativa velar sonora em fongbe (cf. **gauheno** por *gãhuenu*, **huhò** por *huhõ*).
- d) Em relação às vogais, esse tipo de confusão é menos freqüente porque as línguas ewe-fon possuem sete vogais orais / i e ε a ɔ o u /, mais as cinco nasais correspondentes / ï ē ā ò ũ /, como em português (cf. Pessoa de Castro 2001:115), o que levou Costa Peixoto a querer assinalar, muitas vezes, o

timbre da vogal fechada / o / com o dígrafo / ou / (cf. **touboume** < *togbome*), enquanto, para indicar nasalização, recorreu pouca vezes ao til (~), ao contrário da consoante nasal / m / em final de sílaba (cf. **agam** < *àhã*), uma norma em vigor na ortografia da língua portuguesa (cf. amém, bombom, afim).

68

e) Excetuando o emprego do circunflexo (^), sem nenhuma função aparente (cf. *gamchôme* por *gãxóme*), mas que, em determinadas palavras do vocabulário, parece indicar uma vogal aberta (cf. **gantulô** por *gātunto*), à semelhança das convenções ortográficas em francês, os acentos grave e agudo podem ser vistos como uma tentativa remota de marcar os tons musicais alto (´) e baixo (˘), característicos das línguas negro-africanas, uma discussão que transferimos para os especialistas nessa área do conhecimento. No entanto, cabe observar que, confrontando o vocabulário da “língua mina” com o do fongbe, certas vezes a acentuação coincide total ou parcialmente, mas na sua maioria esse tipo de coincidência não ocorre, a exemplo, dentre outros, de **azô** por *àzo* ˘, **abádê** por *àgbadé*, **tâ** por *tà*, **thôhê** por *tò* ˘cè, **zóbam** por *zogbã*.

f) Aqui, a apresentação do manuscrito está organizada em ordem alfabética e os diálogos reconstituídos de trechos que aparecem em meio ao vocabulário. As “Contas de ouro” são postas em destaque, assim como o conjunto de vocábulos que ele denomina de “Chingar”, sem declarar em português, “por serem palavras menos desentes a nossa pulícia”, mas que conseguimos fazer uma tradução livre em termos conhecidos hoje. Que nos desculpem, pois, os nossos leitores.

g) As definições em português são fiéis ao manuscrito. Apenas dois casos fogem a essa regra, porque estão em fon (cf. **gamlimno** = *cóbù*, **huhô** = *angiê*), sendo a tradução de nossa responsabilidade. As poucas diferenças entre os manuscritos de 1731 e o de 1741 são citadas entre parentêses, ao final de cada entrada do vocabulário. Também, entre parentêses, uma ou mais letras que representam fonemas opcionais, a exemplo de **acru** < Fon (*a*)*kānu* / *ewe klú* (vi).

h) Tomamos a língua fon como paradigma da nossa análise. É majoritária no vocabulário de Costa Peixoto (82%), predominava no reino do Daomé e

continua a mais falada no Benim atual. Compartilham dessa opção o filólogo português Correira Lopes, responsável pelos comentários feitos na edição de 1945, que divulgou a obra de Costa Peixoto, apesar da bibliografia limitada à língua ewe, e, como vimos, o lingüista beninense Olabiyi Yai (1997:547), ao sugerir que ele teria sido a língua lexicalizadora de um processo inicial de falar criouliante de base gbe da “língua mina”, que denominamos de “dialeto das minas” ao estudar a interação social dos falares africanos no Brasil colonial (Pessoa de Castro, 1980). No entanto, quando necessário, indicamos as etimologias provenientes de outras línguas do mesmo grupo (mina, gun, ewe, mahi) e dos aportes bantos “fongbeizados” (**aglono, cucano**).

69

- i) A transcrição dos termos em fongbe está baseada no dicionário de Segurola (1963). Confrontando essa ortografia com a utilizada por Costa Peixoto, foi possível esboçar a seguinte correlação entre elas, na qual as vogais colocadas entre parênteses, após uma consoante, significa que essa consoante pode ser seguida por uma dessas vogais (Cf. *h* > **h** (**i, o, u**), **g** (**a, u**). Lembramos que o vocabulário fon está em *itálico* e o de Costa Peixoto, em **negrito** (cf. **alim** < *àh*).



III.2. TABELA DE EQUIVALÊNCIAS

FON- ATUAL = COSTA PEIXOTO

Vogais	<i>a</i>	a, ha
	<i>ã</i>	ã, õ
	<i>e</i> (fechado)	eu, heu
	<i>ε</i> (aberto)	é, hé
	<i>ē</i>	e, en, em
	<i>i ou γ</i>	e, i, u, he, hi
	<i>ī</i>	in, im, hin, him
	<i>o</i> (fechado)	ou, hou, ò, ô
	<i>ɔ</i> (aberto)	ò, ó, ô, u, hó, hu
	<i>ō</i>	õ, ò, u, ã, hõ, hò, hu, hã
	<i>u</i>	u, hu
	<i>ū</i>	hun, hum
Semiconsoante:	<i>w</i>	u, hu
Consoantes:	<i>b</i>	b, v
	<i>c</i>	ch, c, t(i), h (e).
	<i>d</i>	d, n, l, t
	<i>ɖ</i>	r, l
	<i>f</i>	f
	<i>g</i>	g (a, u), h (a, u, o), g, j (i, e), qu (e)
	<i>g^b</i>	b, v, qu (a)
	<i>g^{bl}</i>	l, cl, bel
	<i>h</i>	h (i, o, u), g (a, u), l (i), w (a)
	<i>j</i>	j, r
	<i>k</i>	c, ch (u), qu (e, i)
	<i>kp</i>	p, qu (a, e)
	<i>kp^l</i>	l, pl, cr
	<i>l</i>	l, r
	<i>m</i>	m
	<i>n</i>	n, r, un
	<i>ñ</i>	nh, hinh, inh (inicial), r
	<i>p</i>	p
	<i>s</i>	s
	<i>t</i>	t
	<i>v</i>	v, b, hu
	<i>x</i>	ch, c
	<i>z</i>	z, s, d

III.3. VOCABULÁRIO

A

- ABADÊ, milho. Fon *àgbadé*
 ABADECUM CLOUCLOU, canjica grossa.
 Gun/Mahi *àgbadé kũ kloklo*.
 ABADECUM FLIM-FLIM, canjica fina.
 Gun/Mahi *àgbadé kũ Ì fi*.
 ABAMNÓ, rico. Fon *agbãno* (mercador).
 ABAM, pratos. Fon *agbã*.
 ABLAYA, calções. Fon *vlàyà*
 ABÓNUM, os ombros. Fon *abò`xú*.
 ACHÓLUPÊ, soldados. Fon *àxò`dùkpe*.
 ACHÓSÛ, governador.
 Fon *àxò`sù* (rei, chefe). (1731: **aholu**)
 ACHÓSUCHUHÊ, palácio. Fon *àxò`sùxué*.
 ACLÁCHÒME, forno. Fon *aklaxò`mè*.
 ACLÁCHUCHÛ, biscoito. Fon *aklaxuxu*.
 ACÒME, os peitos. Fon *àkò`mè`*.
 ACRÛ, cativo. Fon *(a)kãnu*. Ewe *klú(vi)*.
 ACRUCHE HÊ CUPOU, os meus negros
 morreram-me todos. Fon *akluce e kú kpo*.
 ACRUCHÒME, senzalas. Fon *(a)kluxóme*
 ADAMHATÕ, pessoa valente. Fon *adãwátò`*.
 ADIDÒ, urina. Fon *àdìdò`*.
 ADI, sabão. Fon *adi*.
 ADI MATIM, não tenho sabão. Fon *adi ma ã*.
 ADÔ, tripas. Fon *àdò*.
 ADÛ, dentes. Fon *àdú*.
 ADUM HÊ DUME, doem-me os dentes.
 Fon *àdú ve nu mi*.
 AFIM, ratos. Fon *afĩ* (rato-do-campo).
 AFÓ, pés. Fon *afò`*.
 AFOGUEDÓI, meias. Fon *afò`guedoé*.
 AFÓPÂ, sapatos. Fon *afò`kpà*.
 AFÓPÁTATÔ, sapateiro. Fon *afò`kpátò`tò`*.
 AFÓVI, dedos dos pés. Fon *afòvi*.
 AGÁGI, para cima. Fon *àgàji*.
 AGAM, aguardente. Fon *àhã`*.
 AGAMGÉTIM, aguardente de cana.
 Fon *àhã` (yovó) jè`ti*.
 AGAM HINHÔ, aguardente é boa?
 Fon *ahã e nã?*
 AGAM NUTÕ, bêbado. Fon *àhãnutò`*.
 AGAMVÉGÊ, vinho. Fon *ahãve`ve`*
 (aguardente vermelha).
 AGÁZÃ, caranguejos. Fon *agásá*.
 AGLONO, gente Angola.
 Fon *ãglanù* (1731: **cucano** < cucongo).
 AGOM GOU GOU, miolos. Fon *agò gogo*.
 AGUAM, guerra. Fon *áhuã`*.
 AGUDÂ, a Bahia. Fon *àgudà* (português).
 AHICUM, feijão. Fon *aikũ*.
 AHIGUM, zombar ou folgar. Fon *aihũ`*.
 AHIM BIBAM, o chão.
 Fon *àli gbigbã*, chão tortuoso.
 AHIMSOMNÛ, depois de amanhã ou
 anteontem. Fon *(a)isò`nu*.
 AHIZOM, para baixo.
 Fon *àlí dõ* (caminho para baixo, descida).
 AHOLU, governador. Fon *aholu*, título de
 um chefe Guedevis, habitantes nativos do
 platô de Abomé (1741: **achósû**).
 AHÓTIM, nariz. Fon *àõfĩ*.
 AHÛ, casaca, veste ou vestia. Fon *a(w)u*.
 AHÛ, vestimenta.
 Fon *àú / d'au*, vestir uniforme militar.
 AHUHY, gato. Fon *awíi*.
 AHULÂ, camisa.
 Fon *awukplá* (roupa de bolso).
 AHUTÛ, o corpo. Fon *aũtu*.

AJÁME, as costelas. Fon *àjayame`*.
 ALEFIM, farinha. Fon *alífĩ* (de milho).
 ALEFIM TOUBOUME, farinha do reino
 Fon *alífĩ togbome*.
 ALICHOU HINHARAM, o caminho não
 presta. Fon *alixo e ñàlã`*.
 ALICHOU HINHÕ, o caminho está bom.
 Fon *alixo e ñõ*.
 ALIM, as cadeiras. Fon *àlĩ* '(rins, lombo).
 ALIM, enxada ou almocafre. Fon *alĩ`*.
 ALIMHÉVÉMÉ, doem-me as cadeiras.
 Fon *àlĩ`é ve mì*.
 ALÓ, mãos. Fon *alo`*.
 ALÓBÁCÁME, os braços. Fon *alobapkàmè*.
 ALOGULITÒ, casado.
 Fon *alowlító`* (pessoa casada na igreja).
 ALÒHÉHUNIE, aqui estão as mãos.
 Fon *alo` e u ni we*.
 ALÓVI, dedos das mãos. Fon *alovĩ*.
 AMÂ, couves, mostardas e toda variedade
 de ervas. Fon *amà*.
 AMÁDÁTÔ, capineiro. Fon *amāwato`*.
 ANAQUÊ, lenha. Fon *nakĩ*.
 ANGIÊ, Ver **huhõ**. Fon *xue`* (cotilédone).
 ANIGUIGEROI, que é o que queres?
 Fon *ani hui jìró i?*
 ANIGUISÃ, que é o que vendes?
 Fon *ani hui sà?*
 ANIHÛTU, por quê? Fon *ani útu*.
 ANI HUTUGUIVIATIM, pois, por que
 choras como criança? Fon *ani útu huivi yà vĩ*
 (1741: **vihávim**).
 ANIHUTU HINARAM, por que não presta?
 Fon *ani útu e ñàlã`?*
 ANIHÛTU MÁGEROUME, por que razão
 me não queres? Fon *ani útu ma jìró mì?*
 ANI HÛTU ME NA BLAN HÊ, pois, por
 que te não hei de amarrar?
 Fon *ani útu ma na bla e*

(1731: **humbihóhéhíhávou vódum**).
 ANIHUTÛNÁGUME, por que razão me
 quereis matar? Fon *ani útu na hu mì?*
 ANIVÉDOUHÉ, que é o que lhe doi?
 Fon *ani ve do wè?*
 ANÓHIHÓFOU,Fon *anu í hũ fõ*
 (seu coisa, vá te arreganhar).
 ANÕ, mamas. Fon *anò* (mamilos).
 ANUCUM, olhos. Fon *nukũ`*.
 ANUNHATÕ ANGALITO PLOU PLOU.
Fon *anuñato` aqalétó kpló kpló*, (sua coisa
 debochada, prostituta, filho/filha-da-puta).
 ANUNHATÕ CRI CRI..... Fon
anuñato` kplĩ kplĩ (sua coisa ruim, ordinária).
 ANUNHATÕ VEO.....Fon *anuñato` ve u*
 (sua coisa desgraçada, seu desgraçado).
 AÓTUTÔ, alfaiate. Fon *avototo`*.
 APÁCOU, gamela ou bateia. Fon *akpakpò*.
 AQUHÉ CARÊ HÉ SÛ uma oitava é muito.
 Fon *àkue` kãdè e sú*.
 AQUHÉCATOM, três oitavas.
 Fon *àkue` kã tō* (120).
 AQUHÉ COHÉSÚ, meia oitava é muito.
 Fon *àkue` ko e su(su)*.
 AQUHÊ HUTÛ NAGUHI, por mor do
 ouro o quero matar.
 Fon *akue` utu na hu è* (1731).
 AQUHÉ NÁBI NÁ NAUHÊ, quanto te hei
 de dar? Fon *àkue` nabĩ na na we?*
 AQUHÉNÁBI NÁ SÁRUPOU, por quanto
 vendes uma? Fon *àkue` nabĩ na sà dokpò?*
 AQUIZA, vassoura. Fon *akízà*.
 AQUOUQUHÊ, banana-de-são-tomé.
 Gun/Mahi *akokwe/* Fon *kwekwe*.
 ASÂ, coxas. Fon *àsá*.
 ASICHÊ ÈMÒCHOU, minha mulher anda
 prenhe. Fon *asice e mō xo*.
 A SICHÊ HÈCÛ, minha mulher morreu.
 Fon *asice ku*.

ASICÒ, machado. Fon àsiyo.
 A SIM, água. Fon sī.
 ASIM MIHOM MIHOM, água fria. Fon (a)sī
 mīō' mīō' (água quente).
 A SIM VIVÊ, água ardente. Fon (a)sī vive
 (água picante).
 ASIMZO, água quente. Fon (a)sīzo.
 A SUCHÈ HÈCÙ, o meu marido morreu.
 Fon asuce e ku.
 ATÂ, gengibre. Fon ata.
 A TAM, barba. Fon àtā'.
 ATANCHÓLÁTÔ, barbeiro. Fon atāxwle't o'
 ATAQUIM, pimentos. Fon (a)takī.
 ATÀQUIMTOUBOUME, pimenta-do-reino.
 Gun atakī'togbome/ Fon yovotakī.
 ATIM, pau. Fon atī (árvore).
 ATIMCAM, raiz de pau. Fon atī'kā' (cipó).
 ATIMCAMLEFIM, farinha de mandioca.
 Fon atī'kā'lefī.
 ATIMPÀTÒ, carapina. Fon atī'kpatō'.
 ATIM SI SEM figos, joazes (juás), cidras,
 goaivas e outras frutas semelhantes.
 Fon atī'sī'sē'.
 AVANACAME, bananal.
 Fon agbānakpame / Mina ablanapkamε.
 AVÁNÂTOU, banana-da-terra.
 Fon agbānato. Mina ablanato'.
 AVIVÔ, frio. Fon àvivo'.
 AVÔ, roupa ou fazenda seca. Fon àvo'
 (roupa, tecido).
 AVÓCAM, linhas. Fon àvo'kā.
 AVODUMCŪ, quaresma.
 Fon avodū 'su. (1731: **avodunçu**).
 AVÓ DUM CHUHÊ, Igreja.
 Fon avodū 'xué (casa do vodum)
 AVÓDUM CHOMTO, compadre ou
 comadre. Fon (a)vodū 'xō'tō' (amigo do
 vodum. conjurado por pacto de sangue).

AVODUMCŪ HI HÁBOUNO MÁDU
 LAMHÃ, na quaresma os brancos não comem
 carne. Gun avodū 'su yavonō ma du lā a.
 AVÓDUMGÊ, contas de rezar. Fon (a)vodū 'je.
 AVODUMNHI, páscoa. Fon avodū 'nī.
 AVODUMZAMBE, domingo.
 Gun avodū 'zāgbe.
 AVODUMZAMPÊ, dia santo.
 Gun avodū 'zāgbe
 AVÓDUNO, Padre. Fon (a)vodū 'nō.
 AVÓDUNO HÉ CŪ, um padre morreu. 73
 Fon (a)vodū 'nō e kú.
 AVÓDUNO HÉ JÁ, aí bem (vem) um
 padre. Fon (a)vodū 'nō we já.
 AVÓQUIJÂ, trapos. Fon àvokijà.
 AVÓSÁCHÔME, loja de fazenda seca.
 Fon àvo'sáxo'mε.
 AVUM, cachorro. Fon àvū'.
 AYÓ, Fon ayō' (vagina).
 AYÓTÔ, ferreiro. Fon àyátō'.
 AZÊ, sarnas. Fon àze.
 AZI, macacos. Fon (a)zī.
 AZIM, amendoins. Fon àzīt'.
 AZIMZEM, formigas. Fon ayizize.
 AZÔ, fumo. Fon àzo' (tabaco).
 AZÓLILI, tabaco em pó, rapé. Fon àzo'lilí.
 AZOMHÁTÔ, sorgião (cirurgiã).
 Fon azōwato' (curador de doenças).
 AZÓQUÊ, pito. Fon àzokue' (cachimbo).
 AZÓTIM, canudo. Fon àzo'fī (piteira).

B

BÂ, bacalhau de açoitar. Fon ba (açoite).
 BÂCHUHÊ, o rosto. Fon gbakwé.
 BÂCOM, chapéu. Fon gbākū'.
 BADANONUM, cear.

Fon *gbada n' d'úqú* (noite, comida).
 BÀJÁ, patrona. Fon *agbaja* (cartucheira).
 BÈRESŪ SÓHÁDÊ, torne vosmicê cá outro dia. Fon *gbe' e sù sò wa de*.
 BETEBE HU'NÁSÓ CHÓME, pois quando mas há de tornar? Fon *gbe te gbe hui na sú axo' mi* (que dia vais me pagar a sua dívida?)
 BÈZÉ, sapos. Fon *bèsé*.
 BLÁCHOUME, amarre a barriga.
 Fon *bla xome*.
 BLAME ABÕ, amarre-me devagar.
 Fon *bla mi abõ*.
 BLÁSÕ, amarre o cavalo. Fon *bla sò'*.
 BLÁTÁ, amarre a cabeça. Fon *bla tá*.
 BÒ, cabra. Fon *agbo*.
 BÕBI, mulato ou mulata. Fon *(yo)vovi* (filho de branco).
 BÓNUM, cala a boca. Fon *bò' nu*.
 BOUDOU, boubas. Fon *gbodõ*
 (doença infecciosa causada pelo *Treponema pertenue* e que determina alterações semelhantes às da sífilis).
 BOU TOUCLÊ, limões. Fon *gbodoklwe*.
 BUCÔ, sorgião (cirurgião).
 Fon *bõkõ'nõ'* / Mina *bõkõ'*
 (mediastro, curandeiro).

C

CHÉGUTÔ, caçador.
 Fon *xehutõ'* (de passarinhos).
 CHIHOM BÁCUM, ponha o chapéu na cabeça. Fon *ciõ' gbákõ*.
 CHIHOMAVÓ, cubra-se com a roupa.
 Fon *ciõ' avõ*.
 CHOGÓME, tenho a barriga cheia.
 Fon *xo go mi* (não tenho fome).
 CHOMTO, amigo ou camarada. Fon *xõ 'tõ'*.

CHÓNUM, compra e bebe. Fon *xõ' nu*.
 CHOUCHOU, muito tempo. Fon *sòsò*.
 CHOULOM, toque viola.
 Fon *xò + Port. violão (V. ulom)*
 CHOUME, barriga. Fon *xome'*.
 CHOU MEHÉDUME, dói-me a barriga.
 Fon *xome' edu mi*.
 CHOUMEZ BLÂ, cinta. Mina *xomeblá'* /
 Fon *xomeblánú*.
 CHU, osso. Fon *xú*.
 CHUHÉBÛ, um ano. Gun / *Mahi sũ we bu*
 (doze luas).
 CLÒ, lave-se. Fon *klõ'*.
 CLOUCLOU, lavagem. Fon *klõklõ'*.
 CÔ, pescoço. Fon *kõ'*.
 CÔ, barro. Fon *ko*.
 CÓBLÂ, toalinha. Fon *kõ'blá* (cachecol).
 CÓBÛ, de Cové, região de grupamento mahi, vizinha a Agonli, muitas vezes referida como Cové-Agonli, no Benim meridional.
 CÓDUHEMA NAME, deite neste papel.
 Fon *kõ' do wema na mi* (então, deite neste papel e me dê).
 CÓGAM, corrente. Fon *kõ'gã* (de pescoço).
 COGUEDO, cachaço. Fon *kõ'gudoe* (nuca).
 COUCOLOUCHÔME, galinheiro.
 Fon *kok(u)loxóme*.
 COUCULOU, galinhas. Fon *kok(u)lo*.
 COUCULOUFUM, penas. Fon *kok(u)lofũ*
 (de pássaro).
 COUCULOU LÈQUETÊ, galinha nanica.
 Fon *kok(u)lo lekpete*.
 COUCULOU MI, sujidade. Fon *kok(u)lomi*
 (de galinha).
 COUCULOU SI SÂ, capões. Fon *kok(u)losisa*.
 COUCULOU SÛ, galo. Fon *kok(u)lo (a)su*.
 COUCULOU VÛ, pintos. Fon *kok(u)lovu*.
 COUCULOU VY, pintainhos. Fon *kok(u)lovi*
 (1731).
 COUCULOUZIM, ovos. Fon *kok(u)lozi*.

COUHÊ, o pito (cachimbo) de gesso.

Fon *kowe*.

COUNUM, rir. Fon *ko nu*.

CUCANO, angolano. Kik. *kukongo*

(1741: *aglono*).

CUHATÔ, pobre. Mina *ku(ko)wato'* (pedinte).

CUM, grão. Fon *kũ*.

D

DÂ, cabelo. Fon *dâ*.

DÁBÂ, cabeleira. Fon *dâba* (penteados)

DAM, lombriças. Fon *dã*.

DAM, mingau. Fon *adã*.

DÁPÁNUM, tesoura. Fon *dakpanú*.

DÉ AVÓ, dispa-se. Fon *dè avo*.

DÊ AVOPÁ, tire os sapatos. Fon *dè afo'kpà*.

DÉ AVÓ POU, dispa a roupa. Fon *dè avokpó*.

DECIO, lenço. Fon *de àcô'*.

DIDAME, ajude-me a levantar. Fon *dji'dá mi*.

DIM, agora. Fon *dĩ*.

DO, membro. Fon *do* (membro viril).

DÕ, dizer. Fon *dò*.

DÓCUNO, rico. Fon *do'kũnô'*.

DÒNIMNHI RUFUI, dizer-lhe que eu estou aqui. Fon *dò' ni ñi' dò' fi*.

DÒPO, saco. Fon *àdò'kpó'*.

DOPO, HÉMATIM NUMRÉHÃ, as algibeiras não têm nada. Fon *dokpò, e ma fí nu ndé a*.

DOU, buraco. Fon *dó*

DOUAFOPÃ, calce os sapatos. Fon *do afo'kpà*.

DOU AVÒ, vista-se. Fon *do avo*.

DOUQUIM, batatas. Fon *dókwi* (batata-doce).

E

ECHÊ, pássaro. Fon *xé' / Mina exé'*.

ECLOU, é grosso. Fon *e kló*.

ECÓDUGÊ, já se batizou. Fon *e koduje'*.

ÉBÁ TÁ NÁME, quebraram-me a cabeça.

Fon. *e ba ta na mi*.

ÈBE, hoje. Fon *égbe*.

EDÁCÓNUCOM, está jogando.

Fon *e d(è) akó' nu kpò*.

EDÁFÕCLÓCOM, está lavando os pés.

Fon *e d(è) afo' kló' kpò*.

EDÁHIJUGOM, está assentado.

Fon *e d' aiji' 'jô'*.

EDÁMÛ-LADÕ, está dormindo.

Fon *e d' amlô do* (1731: **e de nundu com**).

ÉDÁNÁQUÉZÉCOM, está rachando lenha.

Fon *e de nàki ze kpò*.

EDÁTAM CHULÉCOM, está fazendo a

barba. Fon *e d' atã' xulé kpò*.

EDAVÒ DEN, está despindo-se.

Fon *e d(è) avo de*.

EDAVÓ DOU, está vestindo-se.

Fon *e d(è) avo do*.

EDÁVOUHÁCOM, está lavando roupa.

Fon *e d(è) avo ña kpò* (1731: **edeavondacom**).

ÉDÁZOMHÁCOM, está trabalhando.

Fon *e d(è) azo wa kpò*.

ÈDÊ, língua. Fon *adé*.

EDEAVONDACOM, está lavando roupa.

Fon *e d(è) avo ña kpò*. (1741: **edávouhácom**).

EDECHOUDÓCOM, está conversando.

Fon *e de xo dó' kpò*.

ÈDEGÂ, é comprido. Fon *e de gâ*.

EDEHUHEMA CHLÉCOM, está lendo.

Mina *e de wema xle' kpò / Fon e de wema xa kpò*.

EDEHUHEMA-GULAMCOM, está

escrevendo. Gun *e de wema wlã kpò*.

EDÉMINHI..... Fon *e dè mi ñe`*,
está defecando.

EDENUMDÁCOM, está cozinhando.

Fon *e dè nu dà kpò*, está fazendo comida.

EDE NUNDU COM, está comendo.

Fon *e dè nuqù kpò* (1741: **edámù-ladõ**).

EDEZOUCHOU, está aquecendo-se ao
fogo. Fon *e dè zo xo*.

EDIBŪ HÉ MANEMO (sem tradução).

Fon *e dji bu – e ma ñēgbo*, tem motim – não
tem por quê.

EFEM, unhas. Fon *fē` / Gun/Mahi efē*.

ÉGI HINHONO, pariu fêmea. Fon *e jì ñõnu*.

ÉGI SUNO, pariu macho. Fon *e jì sũ`nù*.

ELEMBÔ, carneiro.

Fon *lēgbo/ Gun/Mahi eļēgbo*.

ELEM SI, ovelha. Fon *lēsí*

E MÀCODUGEHÂ ainda se não batizou.

Fon *e ma ko djuje` a*.

EMÁCÓGIBIHÂ, ainda não pariu não.

Fon *e ma ko jivi a*.

EMÀTIM NUM RÉ HÂ, não tem nada

(pobre). Fon *e ma tĩ nu ndé a*.

ÈMŪ AGAM, está bêbado. Fon *e mu ahã* (ele
bebeu aguardente).

ÉNÁDUGUHEVI, comem peixe.

Fon *e naqù huevi*.

EPÊ, abobras (abóboras). Fon *a'kpē*.

EPOUPARÉ, falta pouco. Fon *e kpò kpe dē*.

EVÊ, dói, arde, amargo, azedo. Fon *é ve*.

F

FIHÀ AQUHÉGOU, mostre o picuá, ou
borracha de ouro. Fon *fi wa àkue`gò* (mostre,
aqui, o saco de dinheiro).

FIHÁHÉHI, aonde foi? Fon *fi (t)ε a é yi?*

FIHÁNÁHI, aonde vais? Fon *fi (t)ε a na yi?*
FILHÀHEGULIALŪ? aonde casou?

Fon *fi tε a é ulialo?*

FLIM-FLIM, delgado.

Gun/Mahi *lĩfi-lĩfi/ Fon wini-wini*.

FÓLIMNO, preguiçoso. Fon *fõlĩnõ*.

G

GAM, ferro. Fon *gã*.

GAMBAM, tacho. Fon *gãgbã*.

GAMCHÔME, cadeia. Fon *gãxóme*.

GAME, uma semana. Fon *gà atõ`mē*
(em Abomé, espaço compreendido entre
três mercados).

GAMLIMNO, gente **cóbù**. Fon *agõlinu*, de
Agonli, região situada às margens do rio Zu,
no Benim meridional, em antigo
agrupamento mahi (Ver **cóbù**).

GAM MÀTIM, não tenho a chave.

Fon/ Gun *gã ma tĩ*.

GAM MATIM, não tenho força.

Fon *adã`ma tĩ*.

GAM MATIM HÃ, não tenho balança.

Fon *gã ma tĩ a*.

GAMPOU, alavanca. Fon *gãkpo(ti)*.

GAMTHÔMÊ, as minas.

Fon *gãtome* (país das minas).

GANTIN, colheres. Fon *ganĩ*.

GANTULÔ, ourives. Fon *gãtũto`*.

GAUHENO, branco (gente). Fon *gãhuenu*

GEGOM, vento. Fon *jo`hõ`*.

GÉRÊ, pese. Fon *je`re`*.

GÉTIM, cana-de-açúcar. Gun/Mahi *yevóje`tĩ*.

GÉTIM MI, melado. Gun/Mahi *yevóje`timi*.

GI, chuva. Fon *ji*.

GIHÊJA, aí vem chuva.

Fon *ji wɛ jija* (vai chover).
 GLETÁ, roça. Fon *gleta* (plantação).
 GLETÁ AERÛ, roceiro. Fon *gleta àinõ*.
 GOM DE NUM VOÜ, a porta está aberta.
 Fon *hõ` denu bò*.
 GOM DE SUSU, a porta está fechada.
 Fon *hõ ` denu su*.
 GUACHE GUI MÁNÁMEDIM
 HUMBEUHÊ, se ma não deres agora, não a quero. Fon *hu a cé hui ma na mì ãi gbɛ nu ɛ*.
 GUACHE GUI MÁNÁMENUM RÉ
 UNÁCÛ GÓVÊ, se não me deres alguma coisa, morro de fome.
 Fon *hu a cé hui ma na mì nù dɛ m na kú gɔ vɛ*.
 GUACHE GUIMA NAME NUM POUPOU
 NAGUN MAHIHI, se me não der tudo, hei de matá-lo.
 Fon *hu a cé hui ma na mì nù kpokpo na hũ ma yi*.
 GUÁCHEGUIMATIM HUEMA, NÁ
 BLAUHÊ, se não tens escrito, hei de amarrar-te. Fon *hu a cé ma ãi wema na bla hue*.
 GUBESUMI, tenho fome. Fon *gɔ vɛ ãi mì* (a barriga me dói).
 GUGOM, abre a porta. Fon *hùhõ`*.
 GUHÊ, sol. Fon *huè*.
 GUHÉGUTÔ, pescador. Fon *huegùtõ`*.
 GUHEME, meio-dia. Fon *huemɛ`* (em pleno sol).
 GUHEMENUM, o jantar.
 Fon *huemɛ`nu* (ceia).
 GUHI, faca. Fon *(givi)wi*
 GUHICUM, banheira. Fon *wikũ*.
 GUHIGÂ, espada. Fon *wigã*.
 GUI CLÓME, tu enganaste-me. Fon *hui gblo mì*.
 GUIDÁSUCAM, tu tens amigo?
 Gun/Mahi *hui d'ású kã?* (amigo, marido).
 GUIDÓMÓRUFIDIM, você diz isto aqui, agora. Fon *hui dɔ` mo dɔ fi ãi*.
 GUIGEROI COU SÓGAM NAME, se

queres isso (meia oitava), dá cá a balança.
 Fon *hui jiró ko i sa gã na mì*.
 GUIGÉROUME, tu queres-me?
 Fon *hui jiró mì?*
 GUI HINHÓGAMPÈ GUÀSUHE, tu és mais formosa (formosa) do que ela (minha mulher.). Fon *hui ñõ gã kpɛ hu asu e*.
 GUI MA SOGAM HUMBÕ, pois se não pode, não possa. Fon *hui ma sɔgã nùgbó*.
 GUI RÁHIGUMDÃ, vosmicê está zombando.
 Gun/Mahi *hui aihũ` dã*.
 GUISI, andas fugido? Fon *hui si?*
 GUITIM A SITÓHÊ, vosmicê tem sua amiga. Gun/Mahi *hui ãi àsi towe* (mulher).
 GUIVÉNUM, você é escassa.
 Fon *hui vɛ nu* (avara).
 GULÁNUM NÁME, guarde-me esta cousa.
 Fon *hula nu na mi*.
 GUM, canoa, sangue, navio. Fon *hũ*, canoa, navio/ Fon *hũ*, sangue.
 GUNO, gente mina. Fon *gũnù*, povo gun.

77

H

HÁHUITU POUPOU HÉ VEMÉ, dói-me todo o corpo. Fon *ya ú utu dokpo é vɛ mì*.
 HAUHÃ, azar. Fon *a huã*.
 HÉBÂ, quebrou-se. Fon *e gbà*.
 HEBELAHU, está magro. Fon *e gblá ú*.
 HÉBIBI, está doce. Fon *e vivi*.
 HÉBOU, corta. Fon *e gbò*.
 HÈCÓCÛ, já morreu. Fon *e ko kú*
 H(E)CÓGIBI, já pariu. Fon *e ko jivi*.
 HÉCÓGULIAIÔ, já casou. Fon *e ko ulialo?*
 HEDEM, é longe. Fon *e dè*.
 HEDEJOU, está gordo. Fon *edɛ jo*.
 HÉDÓMÓGUI HUHÀ CHÓME, ele diz que entre para dentro (para você entrar na

casa). Fon e *ɔ* ɔ' *ma hui huhō xomε*'.
 HEGÕ, está cheio. Fon e *gɔ*.
 HÉGUHÉTHÓHÉHINHÕ, tem muita
 razão. Fon e *huε* ' *towe n̄õ*.
 HEGULIALÔ TOUBOME, casou no Reino.
 Fon e *ulialo togbome*.
 HÉGUJIALÔ TOUMEFI, casou nesta terra.
 Fon e *ulialo tomε* ' *fi*.
 HÉGUME, ganhou-me. Fon e *hu mi*.
 HÉHIDÒ, foi passear. Fon e *yí do*.
 HÉHIHÃ, é perto. Fon e *ya*.
 HEHIROY João, chama-se João.
 Fon e ' *yiró i João (1731: enhi)*.
 HÉHUNIHE, aqui está. Fon e *nũ ni we*.
 HÉJÁZOM, está doente. Fon e *jazõ (jε azõ)*
 (principalmente de varíola).
 HÉLÔ, quebrou-se. Fon e *uló*.
 HELUÃ, fede. Fon e *lũ wã*.
 HÉMÁ BOUHÃ, não corta não.
 Fon e *ma gbò a*.
 HÉMACÓBÍ HÃ, ainda não está feito.
 Fon e *ma ko gbi a*.
 HÉMADEMÃ, não, é longe não.
 Fon e *ma ɔe a*.
 HÉ MÁGULIALÓHÃ, não, é casado não.
 Fon e *ma ulí alo a (na igreja)*.
 HÉMÁPOUHÃ, não, é velho não.
 Fon e *ma xó a*.
 HÉMÁRUCHUHÉHÃ, não está em casa.
 Fon e *ma ɔo xué a*.
 HÉMÁSÓGAM NÁDÓCHOUNAUHE
 HÉBEHÃ, ele não pode hoje falar com
 vosmicê. Fon e *ma sigã ná ɔo' xo na wè égbε a*.
 HÉMATIMNHIHÃ, não tem nome não.
 Fon e *ma fĩ n̄i a*.
 HÉMÁVÉGÉHÃ, não está salgado não.
 Fon e *ma vε jε a*.
 HÉMENAUHÁ HÃ, não há de tornar.
 Fon e *ma na wa a*.

HENAUHÁHEBE, há de tornar hoje.
 Fon e *na wa égbε*.
 HÉNHÕ, está podre. Fon e *n̄õ'*.
 HERUCHUHĒ, está em casa. Fon e ' *ɔo' xue*.
 HÉSÉ, pombas. Fon *xue xε*.
 HÈ SÓ CHOUME HIMBÊ, deitou a barriga
 fora. Fon e *sɔ xomε n̄i gbe*.
 HÉTIM GAMSUSŪ, tem muita força.
 Fon e *fĩ gã' susu*.
 HÉTIM NUM SU SŪ, tem muita coisa
 (rico). Fon e *fĩ nũ susu*.
 HÉTIMVI, tem filhos. Fon e *fĩ vi*.
 HETIMVI RUPOU, tem um filho.
 Fon e *fĩ viɔkpo'*.
 HÉTOM, foi para fora. Fon e *tõ'*.
 HÉVUM, está roto. Fon e *vũ*.
 HEZĒ, rachou-se. Fon e *zε'*.
 HI, tome. Fon *yi*.
 HIBILHÕ MERE, vá pedi-la a alguém.
 Fon *yi bi(y)ó meɔε'*.
 HIDÓPOM, tome e prove. Fon *yi dokpõ*.
 HIHÁBOUBI, menino branco. Fon *yavóvi*
 (mulato).
 HIHÁBOUCE, mulher branca ou senhora.
 Fon *yavósi*.
 HIHÁBOUCE DE CRUÁME, eu sou escra-
 vo de uma mulher (branca).
 Fon *yavósi ɔe kru a mi*.
 HIHÁBOUGÊ, açúcar. Fon *yavójè*
 (sal de branco).
 HIHÁBOUCE HÉ JÁ, aí vem uma senhora
 (branca). Fon *yavósi we já*.
 HIHABOUNO CHÒME, casa de branco.
 Fon *yavonõ xómε*.
 HIHÁBOUNO DÉ HÉ BAUHĒ, um
 (homem) branco é que o procura.
 Fon *yavonõ ɔe é bà we*.
 HIHÁBUONO HÉJÁ, aí vem um (homem)
 branco. Fon *yavonõ we já*.

HIHÁBOUNO, HÈ NACHUHÉ ACRÚ
SUSŪ, os brancos castigam muito os
escravos. Fon *yavonō*, e na *xó* e *akru* (*akānu*)
susu (açoitam).
HIHÁBOUNO HÉRUCHUHĒ, o senhor
está em casa. Fon *yavonō* e *dò xue*.
HIHÁBOUTÓMÉ MANHÔHĀ, terra de
branco não presta. Fon *yavotòmē ma nō a*.
HIHÁBOUTÓ MÉMATIMAGUAM, terra de
branco não tem guerra.
Fon *yavotòmē ma tĩ àhuā`*.
HIHÁBOUZOM, laranjas.
Fon *yavozē / Gun/Mahi yavogbo*.
HIHÁHŪFELAZOU NIM, sopra-lhe o fogo
depressa. Fon *ya u flo` zo ni*.
HIHÁHUZOM, caminhe depressa.
Fon *ya u zō`*.
HIHÁ LICOUTHÓHĒ, vai andando o teu
caminho. Fon *yi alixò towe*.
HIHÁVOUVÓDUM, Nosso Senhor.
Fon *yavóvodũ`* (deus branco).
HIHĒ, mentira. Fon *e hē*.
HIHUMJĀ, vá andando que eu vou.
Fon *yi m ja*.
HINHACHOU, é velho.
Fon *e ña xo* (homem idoso).
HINHAHOM,
Fon *e ñ`àwō`* (dar peidos, peidar).
HINHARAMGAMPĒ, é feio (muito).
Fon *e ñilā kā kpe*.
HINHÔ, é boa. Fon *e ñō`*.
HINHOGAMPĒ, é bonito (muito).
Fon *e ñō kā kpe*.
HINHONO, mulher. Fon *ñōnù*.
HINHONO BLAYA, saia. Fon *ñōnù vlàyá*.
HINHONO CHOME, casa de mulher
(prostíbulo). Fon *ñōnù xó`mē*.
HINHONO HÉ JÁ, aí bem (vem) uma mulher.
Fon *ñōnù e já* (a mulher está chegando).
HINUM POUPOU MAGUMEHĀ, tomai

tudo e não me mateis.
Fon *yi nu kpo kpo ma hu mì a*.
HIPOUHÉHÉPOU, vá com o mesmo Senhor.
Fon *yi kpo wé kpo*.
HUGUHĀ, brancas (cães, cabelos brancos).
Gun *ohuà*.
HUHÁDUMI. Fon *wa du mi* (venha me
comer, foder).
HUHÁDUMI CHUCHŪ.....Fon *wa` du*
mi cukú (venha me comer, seu cão leproso).
HUHÁMENO, pobre. Fon *wámō`nō`*.
HUHA MI HI, vamos ir. Fon *wa mi i*.
HUHA MI HI ZANGI, vamos para a cama.
Fon *wa mi i zājí*.
HUHÁMIHIZUME Fon *wa mi i*
zū`mē, vamos ir para dentro do mato.
HUHEMA, papel. Fon *wema*.
HUHEMA HÉBU, perdi o escrito.
Fon *wema e bú*.
HUHEMA MATIM, não tenho escrito.
Fon *wema ma tĩ*.
HU HÒ, **angiê**. Fon *huhō* (pedúnculo).
HUIM DÁ MĀ, sobranceiras. Fon *hūdamā*.
HULÓ, cordão. Fon *wó`lo* (corrente).
HULÒ, botões. Fon/ Gun/Mahi *ogbo*.
HUMBĒ, eu começo. Fon *u bē*.
HUM BIHÓ – HEHIHÁVOUVÓDUM,
HUMBIHÓHÉHIHÁVOUVÓDUM,
peço-lhe, pelo amor de Deus.
Gun *ũ bìò` e yavóvodũ`* (cf. 1731:
ani hutu me na blan hē).
HUMCHICHĒ.....Fon *ũ ci wē* (eu te fodo).
HUMCÓJOU, já a larguei. Fon *ũ ko jo.*
HUMCUDIU, estou sujo. Fon *ũ kuijì*.
HUMCUDRÓ, sonhei. Fon *ũ kúdro*.
HUM CU HUNHAM, eu tenho vergonha.
Fon *ũ kú uñā`* (eu morro de vergonha).
HUMDÁSUCAM, eu tenho amigo.
Fon *ũ d`ású kā* (amigo, marido).
HUMDÓMÓ TO POU POU ME, eu digo o

mesmo em qualquer parte.

Fon ũ ɔɔ' mō tɔ kpo kpo mɛ.

HUMDUÀCHOSUSUM, devo muito
(dinheiro). Fon/ Gun/Mahi ũ ɔu axɔ' susu.
HUMÉ NAGUHEHĀ, não matamos não.

Fon hu mi na hu we a.

HUMGÈDEM, estou suado. Fon ũ je'dě.

HUMGÉPEM, tenho catarro. Fon ũ jekpē
(estou doente de ...).

HUMGEROI, quero. Fon ũ jiró i

HUMGUHI, ganhei-lhe. Fon ũ hu hui.

HUMGU MERU POU, matei uma pessoa.

Fon ũ hū meɔe' dokpò.

HUMJAHĪ, caí. Fon ũ jayi.

HUM JAZOM, estou doente.

Fon ũ jazō (je azō) (principalmente de varíola).

HUM SÁNUM POUPOU, vendo muitas
coisas. Fon/Gun/Mahi ũ sanu kpekpo.

HUMSI, ando fugido. Fon ũ si.

HUMTŌ NUCUM, eu sou cego.

Fon ũ tō'nukū'.

HUNÁ NÁME NUM POUPOU, há de me
assistir contudo.

Fon hui na ná mī nū kpókópó.

HUNÁNAUHEĒ, hei de dar. Fon ũ na na nùde

HUSĪ, rabo. Fon ñi(bu)si (de boi).

HUTOU PEM, as fontes (têmporas).

Fon hütómè.

I

INHONO HUTU NAGUHĪ, por mor de
uma fêmea o quero matar (1731).

Fon ñõnu utu na hu è.

J

JÁLÉ JÁLÉ –MÁGUME HĀ, peço-vos que
me não mates. Fon jale jale ma hu mi õ.

JŌ, piolho. Fon jo'.

JOSĪ, mulher dama. Fon ajo'si
(mulher de venda).

JOSŌ, largue o cavalo. Fon jo so'.

JÓZIM, lêndas. Fon jo'zi.

JUJĀHI, sente-se. Fon jijāyi.

L

LAM, carne. Fon lā.

LAM MU, carne crua. Fon lā mumu.

LAMDIDA, carne cozida. Fon lā dīɔa.

LAM MIMÉ, carne assada. Fon lā mime.

LAM CHUCHU, carne-seca. Fon lā xuxu.

LAM NHINHOĪ, carne podre. Fon lā ñiñõ.

LEBA, o Demônio. Fon Legbà.

LELO, mentira. Fon gbléɔo'.

LO AQUHÊ NAME, largue o ouro
(largue o ouro para mim). Fon lo àkue'na mi.

M

MÁBÁTÁ NIM, quebremos-lhe a cabeça.

Fon ma ba ta ní.

MABIBILHĀ, não está doce não.

Fon ma vivi õ.

MÁBLAME HĀ, não me amarre não.

Fon ma bla mí õ.

(1731: thohê jalê jalê ma blamehã,
senhor, peço Fon lhe que não me amarre.)

MÁCUM, sementes. Fon makū

(legume.grão).

MÁDÕ, eu digo. Fon *ma dɔ`*.
 MÁDÓHÃ, não digas não. Fon *ma dɔ` ã*.
 MÁDÓMO, não diga isso. Fon *ma dɔ` mo*.
 MAÉLOHÉHÃ, não, engano não.
 Fon *ma e' gblohẽ õ*.
 MÁGEROI HÃ, não (te) quero não.
 Fon *ma jiró ì õ*.
 MAGEROU HEHÃ, não (te) quero não.
 Fon *ma jiró we õ*.
 MAGUHI HI HABOUNO, matemos este
 branco. Fon *ma hu yì yavonõ*.
 MAGUMÉREHÃ, não matei ninguém.
 Fon *ma hu meɖe'õ*.
 MÁHI, vou. Fon *ma yì*.
 MÁHIACHÓSUCHUHË, vou para o palácio.
 Fon *ma yì àxɔ`sú xué*.
 MÁHIADIDÕ, vou mijar. Fon *ma yì àdɔ̀dɔ̀'`*.
 MÁHIAFÓPÁTATÔCHUHË, vou à casa do
 sapateiro. Fon *ma yì afo`kpàtɔ̀tɔ̀`xué*.
 MÁHIAGLONO TOUME, vou para Angola.
 Fon *ma yì aqlono tome`*.
 MÁHIAGUDÃ, vou para a Bahia.
 Fon *ma yì àgudã*.
 MAHIÁVÓDUNO CHUHË, vou para a casa
 de um padre. Fon *ma yì vodũnõ xué*.
 MÁHIAYÓTÓCHUHË, vou à casa do
 ferreiro. Fon *ma yì àyàtɔ̀`xué*.
 MÁHIBÁNUMDÛ, vou ver alguma cousa
 para comer. Fon *ma yì ba nqúqú* (procurar
 comida).
 MÁHIBIHÕ, eu vou pedi-la. Fon *ma yì biõ*.
 MÁHICHLEVÓDUM, vou rezar.
 Fon *ma yì xué vodũ*.
 MÁHICHÕ, vou comprar uma cousa.
 Fon *ma yì xɔ`nu*.
 MÁHICHÓACRU`HIHÕ, vou comprar
 negros (escravos) novos.
 Fon *ma yì xɔ`aklu yɔ`yɔ`*.
 MÁHICHÓAVÓDOU, vou comprar roupa
 para vestir. Fon *ma yì xɔ`àvɔ`do*.

MÁHICHÓHINHONO, vou comprar uma
 negra. Fon *ma yì xɔ`wi ñõnu*.
 MÁHICHOMTO CHUHË, vou à casa de
 um amigo. Fon *ma yì xõ'tõ xué*.
 MÁHICHÓNUMDÛ, vou comprar alguma
 cousa para comer. Fon *ma yì xɔ`nqúqú*.
 MÁHICHÓSÓ, vou comprar uma cousa.
 Fon *ma yì xɔ`sɔ`*.
 MÁHICHUHË, vou para casa.
 Fon *ma yì xué*.
 MÁHICHULÉATAM, vou fazer a barba.
 Fon *ma yì xule atã`*.
 MÁHICHUZOU, vou aqueitar-me ao fogo.
 Fon *ma yì xu zo*.
 MÁHICHUZUM, vou roçar mato.
 Fon *ma yì xo zũ*.
 MÁHICLEHUHEMA, vou ler.
 Fon *ma yì kpé wema* (livro, carta).
 MÁHICLÓABAM, vou lavar os pratos.
 Fon *ma yì klo`àgbã*.
 MÁHICLÓAFÓ, vou lavar os pés.
 Fon *ma yì klo`afo*.
 MÁHICLÓALÕ, vou lavar as mãos.
 Fon *ma yì klo`alõ`*.
 MÁHICLÓHINHONO,.....
 Fon *ma yì klo`yonu*, vou lavar o traseiro,
 o ânus.
 MÁHIDÁACLÃ, vou fazer pão.
 Fon *ma yì dã akla*.
 MÁHIDÁÀHIGUM, vou folgar.
 Fon *ma yì da aihũ`*.
 MÁHIDÁAZÓZEM, vou fazer uma pitada.
 Fon *ma yì dũ àzɔ̀zẽ*.
 MÁHIDÁMÁNÁSÕ, vou buscar capim para
 o cavalo. Fon *ma yì da mã`na sɔ`*.
 MÁHIDÁMULA, vou dormir.
 Fon *ma yì d`amlõ*.
 MÁHIDÁNUM, vou cozinhar.
 Fon *ma yì dãnu*.
 MÁHIDÉAVÕ, vou despir-me.

Fon *ma yí e àvo'*.
MÁHIDÉHUHĒ, vou tirar bichos.
 Fon *ma yí de hu we* (tirar, matar vermes).
MÁHIDENUM, vou comer. Fon *ma yí du nú*.
MÁHIDESOUNIM, vou dar-lhe um tiro.
 Fon *ma yí e so ní*.
MÁHIDEZAM, vou tirar a mesa.
 Fon *ma yí e zã'*.
MAHIDŌ, vou passear. Fon *ma yí dō*.
MÁHIDÓNIM, eu lho vou dizer.
 Fon *ma yí ɔ' ní*.
MÁHIDOUBOU ZAMGI, vou fazer a cama. Fon *ma yí dɔ́ blo zã'ji* (arrumar o leito).
MÁHIDOUAVŌ, vou vestir-me.
 Fon *ma yí do àvo'*.
MAHIDOU AHICUM, vou plantar feijão.
 Fon *ma yí dɔ́ aikū'*.
MÁHIDOUAZIM, vou plantar amendoim.
 Fon *ma yí dɔ́ àzĩ*.
MÁHIDOUBÀDÊ, vou plantar milho.
 Fon *ma yí dɔ́ àgbadé*.
MÁHIDOUBÉNÁME, vou salvar uma pessoa. Fon *ma yí do gbe nu mɛ'*.
MÁHIDOUGÉTIM, vou plantar canas.
 Fon/Gun/Mahi *ma yí dɔ́ yevójěĩ*.
MÁHIDOUGUIM, vou plantar batatas.
 Fon *ma yí dɔ́ dokū'* (batata doce).
MÁHIDOUZAM, vou pôr a mesa.
 Fon *ma yí dɔ́ zã'*.
MÁHIDŌ VODUM, vou confessar-me.
 Fon *ma yí do vodū* (vou contar a deus).
MÁHIDUBADANO NUM, vou cear.
 Fon *ma yí du gbadanu nú* (vou comer no começo da noite).
MÁHIDUGUHEMENUM, vou jantar. Fon *ma yí du hueme nu* (vou comer meioFondia).
MÁHIDUZA FOMNONUM, vou almoçar.
 Fon *ma yí du zãfō' nu nu*
 (vou comer de manhã cedo, o desjejum).
MÁHIFELAZOU, vou assoprar o fogo.

Fon *ma yí flo zo*.
MÁHIFLÉAHICUM, vou esburgar feijão.
 Fon *ma yí flé aikū'*.
MÁHIGAMCHÓME, vou para a cadeia.
 Fon *ma yí gā xɔmɛ'*.
MÁHIGAM GUHI, vou amolar a faca.
 Fon *ma yí gā hui*.
MÁHIGANTUTOCHUHĒ, vou à casa do ourives. Fon *ma yí gātunto' xué*.
MÁHIGLETA, vou à roça. Fon *ma yí gleta*.
MÁHIGU'AVUMJŌ, vou matar pulgas.
 Fon *ma yí hu àvū'jɔ'* (de cachorro).
MÁHIGÚCHEM, vou em casa.
 Fon / Gun/Mahi *ma yí xué*.
MÁHIGUCOUCULOU, vou matar galinhas. Fon *ma yí hu kokulo*.
MÁHIGUHEVI, vou pescar peixe.
 Fon *ma yí hu huevi*.
MÁHIGULAMHUHEMA, vou escrever.
 Fon *ma yí hulā wema* (uma carta, um livro).
MÁHIGULIMESSESIM, vou amarrar canhanholas (canhambolas).
 Fon *ma yí gā li mɛsɛĩ* (acorrentar em fila).
MÁHIGUN AHICUM, vou arrancar feijão.
 Fon *ma yí hō aikū'*.
MÁHIGUMBĒ, vou arrancar capim.
 Fon *ma yí hō' gbe*.
MÁHIGUMĒ, vou matar gente.
 Fon *ma yí hu mɛ* (assassinar).
MÁHIGUN/MAHIHI, vou matar bois.
 Gun/Mahi *ma yí hu ñi(bu)vi* (novilhos).
MÁHIGUTUMĒ, vou para a Costa da Mina. Fon *ma yí gūtome'* (país Gun/Mahi).
MÁHIHÁBÁDĒ, vou colher milho.
 Gun *ma yí yà' gbadé*.
MÁHIHUHÁZOM, vou trabalhar.
 Fon *ma yí wazo*.
MÁHIJAJOU, vou furtar. Fon *ma yí jajo*.
MÁHIJUJÁHI, vou sentar-me.
 Fon *ma yí m jayi*.

MÁHILEHŪ, vou lavar o corpo.

Fon *ma yi lɛ' u*.

MÁHILEHŪ NÁSŌ, vou lavar o cavalo.

Fon *ma yi lɛ' u na sɔ'*.

MÁHILIAZŌ, vou moer tabaco.

Fon *ma yi li àzo'*.

MÁHIMELAMHI, vou deitar-me.

Fon *ma yi mlō ai*.

MÁHIMPOM CHOMTO, vou ver um amigo.

Fon *ma yi kpō xō'tō'*.

MÁHINA'NO'NÁVI, vou dar de mamar a um menino. Fon *ma yi n'anō na vi*.

MÁHINHÁCO, vou jogar. Fon *ma yi n akɔ'*.

MÁHINHÁMI, Fon *ma yi mí*
(vou defecar).

MÁHINHAVŌ, vou lavar roupa.

Fon *ma yi ñàvɔ'*.

MÁHINUMAGAM, vou beber água ardente.

Fon *ma yi nù m'ahã*.

MÁHINUMAGAM HŪ HŪ, vou vender
(beber) vinho. Fon *ma yi nu m'ahã húhú*.

MÁHINUMASIM, vou beber água.

Fon *ma yi nù ma sí*.

NÁHINUMMĀ, vou beber uma mezinha.

Fon *ma yi nù amã*.

MÁHIPÁ ATIM, vou lavar paus.

Fon *ma yi kpá afi'*.

MÁHIPOM AZIZOMNO, vou ver um
doente. Fon *ma yi kpō àzi zōnō'*.

MÁHIPOMASUHE, vou ver amiga mulher
ou amiga. Fon *ma yi kpō m'ásúhue*
(jovem em idade de casar).

MÁHIPOM NUM, vou ver uma coisa.

Fon *ma yi kpō nu*.

MÁHIPOMVÓDUM, vou à missa.

Fon *ma yi kpō vodū* (vou ver Deus).

MÁHIROY BUCŌ, vou chamar o sorgião
(cirurgião).

Mina *gbɔkɔ'* / Fon *ma yi yirɔ' gbɔkɔ'nō'*.

MÁHIROY MĒ, vou chamar uma pessoa.

Fon *ma yi yirɔ' mē*.

MÁHISÁ ABÀDÈFĒ, vou vender muito
verde. Fon *ma yi sà àgbadé fē'* (milho fresco).

MÁHISÁACLĀ, vou vender pão ou pastéis.

Fon *ma yi sà akla*.

MÁHISÁACRU HIHŌ, vou vender negros
novos. Fon *ma yi sà aklu yɔ'yɔ'*
(escravos novos, recém chegados).

MÁHISÁADI, vou vender sabão.

Fon *ma yi sà aɔi*.

MÁHISÁAFÓPA, vou vender sapatos.

Fon *ma yi sà afo'kpà*.

MÁHISÁAGAM, vou vender aguardente.

Fon *ma yi sà ahã*.

MÁHISÁAHICUM, vou vender feijão.

Fon *ma yi sà aikū'*.

MÁHISAÁNUNUM POUPOU, vou vender
muita coisa. Fon *ma yi sànu kpe kpo*.

MÁHISÁAVŌ, vou vender roupa.

Fon *ma yi sà avo'*.

MÁHISÁAZIM, vou vender amendoins.

Fon *ma yi sà azfi*.

MÁHISÁBADÉ, vou vender milho.

Fon *ma yi sà àgbadé*.

MÁHISÁCHUHĒ, vou vender a casa.

Fon *ma yi sá xué*.

MÁHISÁ COUCULOU, vou vender galinhas.

Fon *ma yi sà kokulo*.

MÁHISÁFEVI, vou vender quiabos.

Fon *ma yi sà feví*.

MÁHISÁHUHÁVOUZOM, vou vender
laranjas. Fon *ma yi sà yavózē*.

MÁHISÁLOM, vou vender violas.

Fon *ma yi sà ulō*.

MÁHISÁLEFIM, vou vender farinha.

Fon *ma yi sà alífi*.

MÁHISÁMĀ, vou vender couves ou
mostardas. Fon *ma yi sà amã'* (folhas).

MÁHISÁNHI, vou vender bois.

Fon *ma yi sà ñi*.
MÁHISÁNHINÓSIM, vou vender leite de vaca. Fon *ma yi sà ñinõsi*.
MÁHISÁSÕ, vou vender cavalos.
 Fon *ma yi sà sò`*.
MÁHISESĒ, vou vomitar. Fon *ma yi srú*. (1731: seru, sru).
MÁHISOUBADĒ, vou socar milho.
 Gun/Mahi *ma yi so gbadé*.
MÁHITÕ, vou à fonte. Fon *ma yi tó`*.
MÁHITÓAVÓ, vou coser roupa.
 Fon *ma yi tó` àvó`*.
MÁHITÓGUEDOU, vou para a outra banda, Fon *ma yi tò dévo* (vou para outra vila).
MÁHITOIHÓME, vou para a terra nova.
 Fon *ma yi tò tome`* (vou viajar).
MÁHIVÓDUMCHUHĒ, vou para a igreja.
 Fon *ma yi vodū xué* (vou para a casa de Deus).
MÁHIZÁCHUHĒ, vou varrer a casa.
 Fon *ma yi zà xué*.
MÁHIZENAQUĒ, vou rachar lenha.
 Fon *ma yi ze nàkí*.
MAJÁHIHĀ, não, não caiu não. Fon *ma jayi a*.
MÁPÁMI, quintal. Fon *makpáme`*.
MASIHĀ, não, anda fugido não. Fon *ma si`a*.
MATIMVILHĀ, não tem filhos não.
 Fon *ma ti vi ò*.
MEBUBŪ, gente fugida ou perdida.
 Fon *mebúbú*.
MÉGUI ME NÁHIHĀ, não há de ir nu não.
 Fon *me hui ma na yi ò*.
MÉGUI NÁHI, há de ir nu. Fon *me hui na yi*.
MEGULITÓ, capitão-do-mato ou meirinhos.
 Fon *mehuelito`* (agente perseguidor no reino de Uidá). Fon *megolito`* (agente de tribunal do reino de Uidá).
MEGUTÕ, matador de gente.
 Fon *mehū tó`* (assassino).
MELAMDUTÔ, carijó. Fon *meláuto`*

(antropófago, ref. índios).
MESISIM, cambuta. Fon *medékpete* (uma pessoa franzina).
MÉMATIM AQUHE MA HÓHAYO
HĀ.....Fon *me ma ti` àkue` ma wayo ò* (eu não tenho dinheiro para fazer sexo).
MEM CRU HAUHĒ, quem é teu senhor?
 Ewe *mē krunō we?*
MÉ NABI HUGUHI, quantas pessoas matastes? Fon *me nabi hū hui*.
MENŪHĒBÁME, quem é que me procura?
 Fon *menu we bà mi?*
MENU HÉ JĀ, quem é que bem (vem) aí?
 Fon *menu we já?*
MÉRÉ MÁBAUHĒHĀ, ninguém o procura.
 Fon *mede ma bà we a*.
MÈRÉ MÁ JĀ LĀ, não vem ninguém.
 Fon *mede ma já lá* (ninguém não vem, com certeza).
MESE SIM, canhambolas. Fon *mesesi* (alguém que se afastou para longe).
MESESIM DÁLIGI, o caminho tem canhambolas. Fon *mesesi q`aliji*.
MESESIM EFIM AQUACHEPOU, os canhambolas furtaram-me o meu ouro todo.
 Fon *mesesi e fi` àkue` cè kpo*.
MESISIM MATIM HI HĀ BUONO HĀ, os canhambolas não têm amigos brancos.
 Fon *mesesi ma ti yavono ò*.
METHOMEREU, forro. Fon *me dō mede*.
METHÓMEREU AME, eu sou forro.
 Fon *me dō mede a me*.
MHIBÁNAQUĒ, vou buscar lenha.
 Fon *m yiba nàkí*.
MI, sujidade de gente. Fon *mí* (fezes).
MIGOUME, Fon *migome`* (ânus).
MINÁ – HINUM POUPOUTHÓHĒ, queremos lhe tomar tudo.
 Fon *mi na yi nu kpokpo tó` we*.

MÒLI, aros. Fon *m̃h̃li*.
 MIPOUPOU MÁHICHOMTO, nós não
 somos todos amigos, ou camaradas.
 Fon *mi k̃pokpo ma yi x̃õ' t̃õ'*.

N

NÁ HIPOUHIHÁVOUVÒ DUMPO, fique-se
 com Deus Nosso Senhor.
 Fon *na yi k̃po yavóvodũ' k̃p̃o*.
 NÁME ABLYA RUPOU MÁDOU, dê-me
 uma saia para vestir.
 Fon *na m̃i vl̃yà dokp̃o ma do*.
 NÁME AGAM PARÉ MÁNUM, dá-me uma
 pinga de água ardente para beber.
 Fon *na m̃i àh̃ã' k̃pedé ma nu*.
 NAME ALÕ, dá cá as mãos. Fon *na m̃i al̃õ'*.
 NAME APARÉ MÁ DÓ POM, dá-me
 uma pinga para provar.
 Fon *na m̃i àh̃ã' k̃pedé madokp̃o*.
 NAME AQUHÊ, dê-me ouro. Fon *na m̃i àkue'*.
 NÁME AQUHÉ CARÊ, dê-me uma oitava.
 Fon *na m̃i àkue' k̃ãde (40)*.
 NÁME A SIM MÁNUM, dá-me água para
 beber. Gun/Mahi *na m̃i as̃i ma nu*.
 NAME AVÀNÀPOU LEFIM POU, dê-me
 banana e mais farinha.
 Fon *na m̃i agbãna k̃po h̃fi' k̃po*.
 NAME AYO DIM, BERÉ SIË NA NANHE
 AQUHÉ..... Fon *na m̃i ayo di, gbede sie na*
na we àkue' (dê-me logo a bocet., senão
 jamais te darei ouro).
 NÁMENUMRE' MÁDÛ, dá-me alguma coisa
 para comer. Fon *na m̃i nuḍe maḍũ*.
 NÉBÈ, as costas. Fon *ne' gbe'*.
 NEBE, atrás. Fon *ne' gbe'* (as costas).
 NECAM, escroto. Fon *nekã*.
 (órgãos genitais, pênis).

NECNOM CAM, hímem. Fon *neñokã*.
 NEHINHI, como se chama? Fon *ne hui ñi ?*
 NENÁHIROY? como se chama?
 Fon *ne ñõ yir̃o e? (1731: nehinhi)*
 NHÁ AQUHÉCATOM NAME, empreste-me
 três oitavas de ouro. Fon *ñà àkue' kã t̃õ na m̃i*.
 NHÊ, agulha. Fon *ñe*.
 NHI, bois. Fon *ñi, ñibú*.
 NHIDÒ, tripas de boi. Fon *ñido*.
 NHIFÒ, mucutos (mocotós). Fon *ñif̃o*.
 NHICHÔME, curral de gado. Fon *ñix̃õ'm̃e*.
 NHIGUBÊ, sábado. Fon *ñigbigbe*.
 NHIGUTÔ, carnicheiro. Fon *ñigut̃õ'*.
 NHI HINOITÓ LIM, eu sei nadar.
 Fon *ñ ñõ y t̃õ' h̃'* (eu sei ir nadar).
 NHIJOU, sebo. Fon *ñijo*.
 NHIJOU TOUBOUME, manteiga do Reino.
 Fon *ñijo togbome*.
 NHILAM, carne de vaca. Fon *ñi(bu)lã*.
 NHIMÁCLOMERÉ BEREHÃ, eu nunca
 enganei ninguém.
 Fon *ñ ma gblome ne' gbede /õ'*.
 NHIMÁCÓHINHÍNUNUM MÔHÃ, eu ainda
 não sei de ser (por seus) negócios.
 Fon *ñ ma ko ñinu m̃õ /a/*.
 NHIMÁDÁ HÂHIGUMHÃ, eu não zombo
 não. Fon *ñ ma da aihũ'a*.
 NHIMÁDUÁCHÓMERÉHÃ, eu não devo
 nada a ninguém. Fon *ñ ma ḍax̃õ'm̃ed̃e*.
 NHIMÁ-GEROU NÁPOM GUMTHÒ
 HÉ HÃ, eu não quero olhar para ti.
 Fon *ñ ma jir̃o na k̃p̃o g̃õ towe a*.
 NHIMÁHIDOMHÃ, eu não vou lá.
 Fon *ñ ma yi d'aml̃õ /a/* (não vou deitar lá.)
 NHIMÁHINHÁRAM NÁCRUHÃ, eu não
 sou ruim para os escravos.
 Fon *ñ ma ñalã na kru /a/*.
 NHI MA NA AYÓ HE ACHÓ HÃ,
Fon *ñ ma na àỹõ' we s'ax̃õ /a/*
 (eu não vou te dar minha bocet.. a crédito).

NHIMÀNHOIHÃ, eu não sei não.

Fon *ñ ma ñõ i õ*.

NHIMANHOILOUCHOUCHÃ, eu não sei tocar viola. Fon *ñ ma ñõ i (u)lõ xo a*.

NHIMÁNHOI FIHÁHÉHIHÃ, eu não sei aonde foi. Fon *ñ ma ñõ i fi wa é yì a*.

NHIMÁNÓFI HÃ, eu não fico aqui.

Fon *ñ ma no fi /a/*.

NHIMÀNHOITÓ LIM HÃ, eu não sei nadar.

Fon *ñ ma ñõ y to` h /a/*.

(eu não sei ir nadar).

NHIMÁNUM AGAMHÃ, eu não bebo aguardente. Fon *ñ ma nu ahã` a*.

NHIMÁSÁCOUCULOUCH ACHÓHÃ, eu não vendo as minhas galinhas fiadas.

Fon *ñ ma sà kokulo s`axõ õ*.

NHIMATIM AQUHÉDIMHÃ, eu não tenho agora ouro. Fon *ñ ma tí` àkue` di a*.

NHIMÁTIM A SIHÃ, eu não tenho amiga.

Fon *ñ ma tí` àsì a* (esposa, mulher).

NHIMÁTIM A SIM RUCHUHEM HÃ, eu não tenho água em casa. Fon *ñ ma tí` así` o xue` a*.

NHIMÁTIM ASUHÃ, eu não tenho amigo.

Fon *ñ ma tí` àsú a* (marido, macho).

NHIMATIM GAMRUFÍ, eu não tenho aqui balança. Fon *ñ ma tí` gānú fi*.

NHIMATIM NUMRÉNÁNAUHĒHÃ, eu não tenho que lhe dar. Fon *ñ ma tí` nudé na na we/õ/*.

NHIMÁVÉNUMHÃ, eu não sou escassa não.

Fon *ñ ma ve nu õ* (avara).

NHIMERABOUHÁME, eu sou bom.

Fon *ñ me ñlã bi a mì* (eu não sou de todo mau).

NHIMI, bosta. Fon *ñimi*.

NHIMONO, eu vejo. Fon *ñ mōnu*.

NHINÁHI, eu hei de ir nu ? Fon *(me) ñ na yì*.

NHINOSIM, leite. Fon *ñinõsì* (vaca.leite).

NHINOSIM DIDÀ, queijo. Fon *ñinonsì dīdā* (vaca.leite.cozido).

NHIPLAMBE, sexta-feira. Fon *ñimagbe*.

NHIRUPOU MÁ SÓGAM DAMULA HÃ,

eu só não posso (dormir).

Fon *ndókpo ma sigã d`amlõ õ*.

NHI SI, vaca, fêmea. Fon *ñi(bu)asì*.

NHITÃ, cabeça de vaca. Fon *ñita*.

NHITIMCAM Fon *ñ tí` kã*

(eu tenho cabaço, hímen, virgindade).

NHITIM NUCUM, eu tenho olhos.

Fon *ñ tí` nukū`*.

NHIVU, bezerras. Fon *ñi(bu)vi / Gun ñivu*.

NHIZOM, para baixo. Fon *ní` dõ*.

NHIZOU, chifres. Fon *ñizo*.

NÓ FI ABÕ, esteja aqui quieto. Fon *no fi abõ*.

NOHÊ, mãe. Fon *nõce* (minha mãe).

NOHE NAME AYO PARÈ,(1731).

Fon *nu ye` na mì ayo kpeḍe*

(sua coisa, me dê a bocet.. um pouco).

NÓSIPOME, espere aqui por mim.

Fon *no si kpo mì*.

NOVI, irmão. Fon *nõvi*.

NUM, boca. Fon *nu*.

NUMBIATÔ, mendigo, pedinte. Fon *nùbiõ`to*.

NUMBLÁ SUMI, tenho sede. Fon *nugbla sī` mì*.

NUMCHOU, coisa velha. Fon *nuxõ*.

NUMDÀ CHÒME, cozinha. Fon *nuḍáxo`me*.

NUMDÉDU HÉCOBI, o comer está já feito?

Fon *nùḍúḍú e ko gbi*.

NUMDÉDU HEVÉ GÊ, o comer está salgado.

Fon *nuḍúḍú e ve je*.

NUM GÔ, barbela. Fon *nùgò*.

NUMHIHÓ, cousa nova. Fon *nuyõ`yo`*.

NUMJÁNUM, peneira. Gun/Mahi *nujaxúnu*.

NUMPOUPOUTĒ, pois, que coisas?

Fon *nu kpe kpo te`?*

NUMQUO, adiante. Fon *nukõ`*.

NUMPLOU, os beiços. Fon *nufló*.

NUMQUOM, testa. Fon *nukõ`*.

NUMRUFÍ MÁGEROUMEHÃ, o que aqui está não me apetece. Fon *nu ḍu fi má jìró mì a*.

NUMSÀCHÒME, casa de venda.

Fon *nùsáxo`me*.

P

PÁPACHÊ, patos. Fon *kpakpa xe*.
 PLOMME, ensine-me. Fon *klô' mî*.
 PO, bordão. Fon *kpo*.
 POM, vede. Fon *kpô'*.
 POUGOULI, joelhos. Fon *kogóli*.

Q

QUI GEROI AYŌ, vosmicê quer ir?
 Fon *hui jirô ì wayo?*
 (termo grosseiro equivalente a "trepar").
 QUIMATIM NUCUMHĀ, vosmicê não tem
 olhos? Fon *hui ma ti nukū' a*.

S

SÁCOUCULOURUPOU NÁMEACHÔ,
 venda-me uma galinha fiado.
 Fon *sà kokulô'okpô na mî axô*.
 SÁ ATOMNO NÁME, vende-me quatro
 vinténs. Fon *sà atô' no na mî* (três vinténs).
 SENHOR FUÃO CRUAME, eu sou (escravo)
 do Senhor Fuão. Fon *kānu me / Ewe kru(vi)*
me + Port. Senhor Fidalgo.
 SO, espingarda. Fon *sò*.
 SÔ, cavalo. Fon *sô'*.
 SÔ, amanhã, ou ontem. Fon *sô'*.
 SÓAME, sou um cavalo (pouco inteligente).
 Fon *sô' ame* (cavalo, pessoa).
 SOBÁLILĀ, peças de artilharia.
 Fon *sôgbaliá* (canhão).
 SÓCANÁME, dá cá uma corda.
 Fon *sô kã' na mî*.

SÓCHÔME, estribaria. Fon *sô'xóme*.
 SÓDÓPÓ THÓHÉ MÁPOM, dê cá as
 algibeiras para ver. Fon *sô do kpô towe ma kpô*.
 SÓGAMNÁME, dá cá a corrente.
 Fon *sô gā na mî*.
 SÓGINUM, cela. Fon *sô'jinu* (cela de cavalo)
 SÓHĀ, dê cá. Fon *sô wa*.
 SÓHÁHUHEMA MÁPOM, mostra escrito
 para ver. Fon *sô wa wema ma kpô*.
 SÓHÁ MÁDÉNAUHĒ, dê cá que eu to
 tirarei. Fon *sô wa maqê na we*.
 SÓHÁ MÁPOM,.....
 Fon *sô wa ma kpô'* (mostre para eu ver).
 SÓHÉCOHIGOM, o cavalo vai andando.
 Fon *sô e ko i hō* (o cavalo já vai fugindo)
 SÓLOMNÁME, dê cá a viola.
 Fon *sólô na mî*.
 SÓMĀ, capim de cavalo. Fon *sô'mā'*.
 SOPEM, balas e chumbo. Fon *sokpê'*
 (fuzil, bala / chumbo).
 SOTUTŪ, pólvora. Fon *sòduqu*.
 SOU, pente de fuzil. Fon *sô*.
 SÓVÓNOME MÁSUMS(U)M, dê cá a toalha
 para me limpar. Fon *sòvo na mî ma sūsū*.
 SUGOM, fecha a porta. Fon *súhō'*.
 SUJAQUEM, francês. Fon *zójage*.
 SUM, lua. Fon *sū'* (lua, mês lunar).
 SUMBU, um mês. Fon *sūbu*
 (a lua desapareceu; fim do mês lunar).
 SUMBŪ VŌ HU NÁNAUHĒ, daqui a um
 mês. Fon *sūbu vō' hui na na wè*
 (vou lhe pagar quando a lua desaparecer
 completamente).
 SUM-HURIHŪ (sem tradução).
 Fon *sū uli huè*, eclipse do sol.
 SUMSUM, limpe-e. Fon *sūsū*.
 SUNDEGI, luar. Fon *sūdjí*.
 SUNO, homem. Fon *sū'nù*.
 SUPŌ, moscas. Fon *sukpò*.

T

TÂ, cabeça. Fon *tâ*.
 TÂHÉDUME, dói-me a cabeça. Fon *tâ èdu mî*.
 TÂ HINHÓNÁME, tenho boa fortuna.
 Fon *ta ni ñõ na mî*.
 TÂ HINHARAM NÁME, não tenho fortuna.
 Fon *ta ni na ñõ na mî*.
 TÉVI, carás. Fon *tevi* (inhame pequeno).
 THÕHÊ, pai. Fon *tõ`cè* (meu pai).
 THOHÊ JALÊ JALÊ MA BLAMEHÂ, Senhor,
 peço-lhe que me não amarre.
 Fon / *Gun tõ`cè jale jale ma bla mi a*.
 TITÊ, levante-se. Fon *cite*.
 TITÊ HUHÁHI, levante-se, ande buscé-la
 (ref. à toalha). Fon *cite wa i*.
 TÒ, rio, Fonte, córrego, mar. Fon *tõ`*.
 TÓGÔ, o rio está cheio. Fon *tõ` go`*.
 TOUBOUME, o Reino (Portugal).
 Fon *togbome* (lugar grande, importante).
 TOUBOUME AGAM, aguardente do Reino.
 Fon *togbome ahã* (grapa ou graspa, aguardente
 destilada das borras do vinho).
 TOUBOUME AMI, azeite doce.
 Fon *togbome ami* (do reino).
 TOUGAM, brincos ou argolas. Fon *togã*
 (argola de orelha).
 TOUMEFI, esta terra. Fon *tomefi*.
 TOUXIMÊ, a minha terra. Fon *toxõ`me*
 (meu país, minha cidade)
 TOUXIMENO, paisano. Fon *toxõ`menu*
 (conterrâneo).
 TÓVI, meio-irmão. Fon *tõvi*
 (consangüíneo, filho do pai.)
 TUM, coração. Fon *hũ/ tũ* (pulsar).
 TUM AFÕ, sangue-se nos pés. Fon *hũ afo`*.
 TUMÁLÔ, sangue-se nos braços. Fon *hũ alo`*.
 TUMCAMNÁME, tire-me as cordas fora.
 Fon *tũkã` na mî*.

U

UFUM..... Fon *ufũ`*
 (plumagm do corpo, pentelhos).
 UGAM, porcos. Fon *hã` / Gun/Mahi ohã`*.
 UGAM CHÔME, chiqueiro. Fon *hãxóme /*
Gun/Mahi ohãxóme.
 UGAM DÒ, linguças. Fon *hã`do /*
Gun/Mahi ohã`do.
 UGAM FÒ, mocotós de porco. Fon *hã`fó /*
Gun/Mahi ohã`fó (patas).
 UGAM JÂ, entrecostas. Fon *hã`ja /*
Gun/Mahi ohã`ja (costeletas).
 UGAMJOU, banha, manteiga. Fon *hã`jó /*
Gun/Mahi ohã`jó.
 UGAM LAM, toucinho. Fon *hã`lã /*
Gun/Mahi ohã`lã.
 UGAM SI, porca fêmea. Fon *hã`si /*
Gun/Mahi ohã`si.
 UGAM TÂ, cabeça de porco. Fon *hã`ta /*
Gun/Mahi ohã`ta.
 UGAM VÛ, leitões. Fon *hã`vu /*
Gun/Mahi ohã`vu.
 UGAM ZUMETOM, porcos-do-mato.
 Fon *hã(Gun/Mahi ohã) zũ`me tõ*.
 UGOM, embigo (umbigo).
 Fon *hõ / Gun/Mahi ohõ*.
 UGOM, porta. Fon *hõ / Gun/Mahi ohõ*.
 UHÁCHÓ ACHÕ, ande (vá) comprar fiado.
 Fon *wa xo` axõ*.
 UHÃ CHÓNUM, ande (vá) comprar alguma
 coisa. Fon *wa xo` nu*.
 UHÁMIHIMELAMHI, vamos deitar-nos.
 Fon *wa mi hui mlã*.
 UHÊ, bichos. Fon *we / Gun/Mahi owe*
 (vermes).
 ULOM, viola. Port. violão.
 UNÁSÁ AQUHÉCOU, vendo-a por meia-
 oitava. Fon *ñ na sã` ãkue`ko* (vinte cauris).

UQUÂ, melancias. Fon *agba/ okpá*.
 UTOU, orelhas. Fon *utó* (orelhas do corpo).

V

VÉGOME, garganta. Fon *vegame'*.
 VI, filho. Fon *vi*.
 VI ECÓDUGÊ? o menino já se batizou?
 Fon *vi e ko ðuje'*?
 VIGIDÒDÉ, crioulo ou crioula .
 Fon *vijitóme'* (filho da terra).
 VIHÁVIM, chorar. Fon *yàvi*
 (1731: **ani hutuguiviatim**).
 VINÁVI HÈTIM? quantos filhos tem?
 Fon *vinabi e tí?*
 VIPE, rapaz ou moleque. Fon *vikpe'vi*.
 VÔ, sem causa. Fon *vɔ* (em vão).

Z

ZÀCALÀQUÂ, as canelas.
 Fon *zàke'te'gblá*.
 ZAFOMNO, pela manhã.
 Fon *zã'fõ'nu* (manhã)
 ZAFOMNO NUM, almoço. Fon *zã'fõ'nu nu*
 (comida da manhã, o pequeno almoço).
 ZAM, mesa. Fon *zã'* (esteira).
 ZAME, noite. Fon *zãme'* (de noite)
 ZAMGI, cama. Fon *zã'ji* (sobre a esteira).
 ZEM, panela. Fon *zē*.
 ZEM MÁCÓFIHÉHÁ HÃ, a panela ainda
 não ferve. Fon *zē ma ko fiē'wa a*.
 ZIMFLU, escuro. Fon *ziflú* (trevas, escuridão).
 ZO, fogo. Fon *zò*.
 ZÓBAM, candeia. Fon *zɔgbã*.
 ZOCAM, torcida ou vela. Fon *zò(gbē)kã*.
 ZOMATOM, cinco vezes. Fon *azō atō*.

ZOMDEDÊ, caminhe devagar. Fon *zō dede*.
 ZOME, inferno. Fon *zō me*, dentro do fogo.
 ZOMI, azeite de mamona. Fon *zò(gbē)mi*
 (óleo de lamparina).
 ZOMLIM, primeiro. Fon *zō ma ali*
 (andar à frente no caminho).
 ZOMNÁBI, quantas vezes. Fon *azō nabi*.
 ZOQUI, apagou-se o fogo. Fon *zòki*.
 ZOTIM, tem fogo. Fon *zò tí*.
 ZUME HÉMIHOM Fon *zū'me e miō*,
 dentro do cabaço está quente/ úmido.



III.4. NÚMEROS CARDINAIS

Ao contrário do português que possui nomes especiais para os números de 1 a 10, os povos de língua ewe-fon possuem apenas os cinco números simples:

1. *ɔkpó*.
2. *(o)wè*.
3. *atõ`*.
4. *`ene*.
5. *àtõ'*.

90

Depois do cinco, também chamado de “um pé” (*afɔ*), dizem 5 (*atõ`*) e 1, 5 e 2, 5 e 3 até 10 (*wo*), e, excepcionalmente, o número 6 (*aizē*). Em seguida, contam 10 (*wo*) e 1, 10 e 2, 10 e 3, 10 e 4, etc., com nomes especiais também para 15 (*afɔ tō*, 3 pés), 20 (*ko*), 30 (*gbã*) e 1 corda (*kã*), unidade que serve para contar depois de 40 (*kãde*) a 200. Como no nordeste do Brasil, uma corda de caranguejo equivale a 10 unidades desse molusco preso por um cordão em fileira, na África, tratava-se de uma corda de cauris em nervura de palma dessecada, quando esse tipo de molusco gastrópode (*àkue'*), de concha branca e transparente (espécies *C. moneta* e *C. annulos*) era usado, até o século XIX, como moeda, do Sudão à China.

Esse tipo de contagem provocou o seguinte comentário de Costa Peixoto, antes de registrar a numeração de 1 a 40:

“Esta hé a conta que uzão os negros minas da lingoa geral, e della não. pasão. só sojuntão. m.tos 40 de que fazem as suas somas”.

Contar:

1. DUPOU Fon *okpó*.
2. HÒPÊ. Gun/Mahi *owè*/ Fon *wè*.
3. UTOM. Fon *atõ`*.
4. HENĒ. Fon *`ene*.
5. ATOM. Fon *àtõ'*.
6. AHIZEM. Fon *aizē*.

7. ATI HÓHÊ. Gun/Mahi *ciãwe*/ Fon *àtõ'we* > *tewe*.
8. ATIHÀTOM. Gun/Mahi *ciãtõ*/ Fon *àtõatõ'* > *tãtõ'*.
9. ATIHENÊ. Gun/Mahi *ciẽ'ne*/ Fon *te'ne*.
10. OU OU. Gun/Mahi *awo*/ Fon *wo*.
11. OUHOU RUPOU. Gun/Mahi *awo ðokpó*/ Fon *wo ðokpó*.
12. OUHÓHÊ. Gun/Mahi *awowè*/ Fon *wowè* > *wewe*.
13. OUHUTOM. Gun/Mahi *awotõ'* / Fon *wo'atõ'* > *wãtõ'*.
14. OUHENÊ. Gun/Mahi *awo'ene*/ Fon *wo'ene* > *we'ne*.
15. AFÓTOM. Fon *afõ tõ'*.
16. AFÓTOM CURUPOU. Fon *afõ tõ' nukū ðokpó*.
17. AFÓTOM CUHÓHÊ. Fon *afõ tõ' nukū wowè*.
18. AFÓTOM CU ATOM. Fon *afõ tõ' nukwãtõ'*.
19. AFOTOM CUHÉNE. Fon *afõ tõ' nukwe'ne*.
20. COU. Fon *ko*.
21. COU CUMRUPOU. Fon *ko nukū ðokpó*.
22. COUCUHÓHÊ. Fon *ko nukū wowè*.
23. COU CU HUTOM. Fon *ko nukwãtõ'*.
24. COUCUHÉNÊ. Fon *ko nukwe'ne*.
25. COU HÁTOM. Fon *ko àtõ'*.
26. COUHATOM CURUPOU. Fon *ko àtõ' nukū ðokpó*.
27. COIHÀTOM COUHÓHÊ. Fon *ko àtõ' nukū wowè*.
28. COUHATOM COUHÀTOM. Fon *ko àtõ' nukwãtõ'*.
29. COUHÀTOM CUHÉNÊ. Fon *ko àtõ' nukwe'ne*.
30. BAM. Fon *gbã*.
31. BAM CURUPOU. Fon *gbã nukū ðokpó*.
32. BAM COUHÓHÊ. Fon *gbã nukū wowè*.
33. BAMÁTOM. Fon *gbã atõ'* > *gbãtõ'*.
34. BAM CUHÉNÊ. Fon *gbã nukwe'ne*.
35. BAMHÁTOM. Fon *gbã atõ'* > *gbãtõ'*.
36. BAM HÁTOM CURUPOU. Fon *gbã atõ' nukū ðokpó*.
37. BAM HÁTOM CUHÓHÊ. Fon *gbã àtõ' nukū wowè*.
38. BAMHÁTOM CUHATOM. Fon *gbã àtõ' nukwãtõ'*.
39. BAM HÁTOM CUHÉNE. Fon *gbã atõ' nukwe'ne*.
40. CARÊ. Fon *kãḑe* (uma corda).

III.5. CONTA DE OURO

Nome do sistema pecuniário utilizado na região das minas, cuja unidade era a oitava de ouro em pó, equivalente, hoje, a uma onça ou 3,586 gr. O vintém era uma antiga moeda de cobre usada em Portugal e no Brasil, igual a 20 réis.

92

- AQUHÉ DUPOU, 1 vintém. Fon àkue' àdòkpó.
AQUHÉ HÒPÊ, 2 vinténs. Fon àkue' wè/Mahi, Gun owè
AQUHEATOM, 3 vinténs. Fon àkue' àtō (No manuscrito está "4 vinténs",
que seria àkue' ene).
AQUHÉ HÁHIZEM, 6 vinténs. Fon àkue' aizē.
AQUHÉ OU, 1/4. Fon àkue' wo (dez de 40).
AQUHÉ AFÓTOM, 1/4 de 80. Fon àkue' afstō (15 = 10 + 5, ou 3 pés)
AQUHÉCOU, 1/2 8ª. Fon àkue' ko (20 ou metade de 40).
AQUHÉ COU ATOM, 1/2 80. Fon àkue' ko àtō' (25 = 20 + 5).
AQUHÉ BAM, 3/4 . Fon àkue' gbā (30).
AQUÉ BAM HATOM, 3/4 80. Fon àkue' gbā àtō' (35 = 30 + 5).
AQUÉ CARÊ, 1/8. Fon àkue' kãde (40).
AQUÉ CARÊ ATOM, 1/8 e 80 rs. (réis). Fon àkue' kãde àtō' (45 = 40 + 5).
AQUÉ CARÊ OU, 1/8 1/4. Fon àkue' kãde wo (50 = 40 + 10).
AQUÉCARÊ AFOTOM, 1 1/4 80. Fon àkue' kãde afstō (55 = 40 + 15).
AQUÉ CARÊ COU, 1 1/2. Fon àkue' kãde ko (60 = 40 + 20).
AQUÉ CARÊ BAM, 1 3/4. Fon àkue' kãde gbā (70 = 40 + 30).
AQUÉ CARÊ BAM ATOM, 1 3/4 80. Fon àkue' kãde gbā àtō' (75 = 40 + 30 + 5).
AQUÉ CAUHÊ, 2/8ª. Fon àkue' kãwe (80 = 2 cordas).
AQUÉ CATOM, 3/8ª. Fon àkue' kãtō (120 = 3 cordas).
AQUÉ CANÊ, 4/8ª. Fon àkue' kãne (160 = 4 cordas).
AQUÉ AFORÊE, 5/8ª. Fon àkue' afãde (200 = 5 cordas ou 1 pé).
AQUÉ AFORÉ CARÊ, 6/8ª. Fon àkue' afãde kãde (240 = 6 cordas ou 200 + 40).
AQUÉ AFORÉ CAUHÊ, 7/8ª. Fon àkue' afãde kãwe (280 = 7 cordas
ou 200 + 80).
AQUÉ AFORÉ CATOM, 8/8ª. Fon àkue' afãde kãtō (320 = 8 cordas
ou 200 + 120).
AQUÉ AFORÉ CANÊ, 9/8ª. Fon àkue' afãde kãne (360 = 9 cordas
ou 200 + 160).
AQUÉ AFÓ HÉ, 10/8ª. Fon àkue' afãwe (400 = 10 cordas ou 2 pés).

AFÓHÀ HIZEM CAUHÊ, uma quarta de ouro. Fon *afoó aizē kãwe*
(2480 = 10 pés + 6 + 2 cordas).

GAM PUPOU, 1/2 libra. Fon *gã dokpo*.

GAMBÛ, 1 libra. Fon *gãbú*.

III.6. "CHINGAR"

*Não declaro em portuguez, por serem palavras
menos desentes a nossa pulicia.*

93

ANÓHIHÓFOU,Fon *anu í hī fó*.

ANUNHATÕ ANGALITO PLOU PLOU..... Fon *anuñats' agaletó kpló kpló*.

ANUNHATÕ CRI CRI..... Fon *anuñats' kplí kplí*.

ANUNHATÕ VEO..... Fon *anuñats' ve u*.

HUHÁDUMI..... Fon *wá'u mi*.

HUHÁDUMI CHUCHÛ..... Fon *wá'u mi cukú*.

TABELA FINAL

FON	MAHI/ GUN	EWE	TOTAL
755	76	11	842
NÚMEROS			40
CONTA DE OURO			30
FONGBEIZADAS			2
"CHINGAR"			6
TOTAL			920



p. 97
TAPEÇARIA IDEOGRÁFICA
 Michel Imondje, inspirada no reinado de Agadja [1708-1732]
 84 x 130 cm, Abomé, República Popular do Benim
 Universidade Federal da Bahia, coleção Museu Afro-Brasileiro, Bahia, 1983.



p. 98
LEBA-EXU
 Barro cozido, altura 36 cm, Cachoeira, Bahia
 Universidade Federal da Bahia, coleção Museu Afro-Brasileiro, Bahia, 1983.



p. 99
ESTÁTUA VODUM
 Madeira, vidro, fibras, osso, ferro, couro, penas,
 cauris e sangue, 87 cm, Benim
 Fundação Bienal de São Paulo, Arte Afro-brasileira, p. 92.
 Mostra do Descobrimento, 2000, coleção Samir Borro.



p. 100
CONGADO MINAS GERAIS
 foto José Israel Abrantes.



p. 101
CAPITÃO-DO-MATO
 Johann Moritz Rugendas
 Litografia colorida à mão,
 51.5 x 35.5 cm, coleção particular
 Fundação Bienal de São Paulo, Negro de corpo e alma, p. 281.
 Mostra do Descobrimento, 2000, coleção Ruy Souza e Silva.



p. 102
**OS REFRESCOS DO LARGO DO PALÁCIO/
 VISITA A UMA FAZENDA**
 Jean Baptiste Debret
 Litografia colorida à mão, 49 x 34 cm, coleção particular
 Fundação Bienal de São Paulo, Negro de corpo e alma, p. 122.
 Mostra do Descobrimento, 2000, coleção Ruy Souza e Silva.



p. 103
CABINDA, QUILOA, REBOLA, MINA
 Johan Moritz Rugendas
 Litografia, 39.5 x 29.5 cm, coleção particular
 Fundação Bienal de São Paulo, Negro de corpo e alma, p. 91.
 Mostra do Descobrimento, 2000, coleção Emanuel Araújo.



p. 104/p. 105
OFÍCIOS DE NEGROS
 Amolador/ Carregador de lenha com marimba/ Vendedor de peixes/ Sapateiro
 Aquarela, guache e tinta ferrogálica, c. 1829, 18 x 23.5 cm, coleção particular
 Fundação Bienal de São Paulo, Negro de corpo e alma, p. 128-129.
 Mostra do Descobrimento, 2000, coleção Bolsa de Arte do Rio de Janeiro p. 105.



p. 106

HABITAÇÃO DE NEGROS/JOGO DA CAPOEIRA

Johann Moritz Rugendas

Litografia colorida à mão, 35.5 x 51.3 cm, coleção particular

Fundação Bienal de São Paulo, Negro de corpo e alma, p. 476.

Mostra do Descobrimento, 2000, coleção Emanuel Araújo.



p. 107

MERCADO AFRICANO

Catálogo do Musée de L'Homme, Paris.



p. 108

MÁSCARA, Gelede, século XIX

Madeira, latão e pigmentos, 41 cm, sul do Benim

Fundação Bienal de São Paulo, Arte Afro-brasileira, p. 89.

Mostra do Descobrimento, 2000, coleção particular, Bruxelas.



p. 109

ESTÁTUA DO DEUS GŨ

Benim, século XIX, ferro, 165 cm

Fundação Bienal de São Paulo, Arte Afro-brasileira, p. 94.

Mostra do Descobrimento, 2000, coleção Musée de L'Homme, Paris.



p. 110

**ESTÁTUA DE LÉGUA BOJI NA TENDA
DE SANTA TEREZINHA**

Festa do Preto Velho, 13 de maio de 2002

São Luiz, foto Mundicarmo Ferretti.



p. 111

RACHEL PRINGLE DE BARBADOS

Cartão-postal.



p. 112

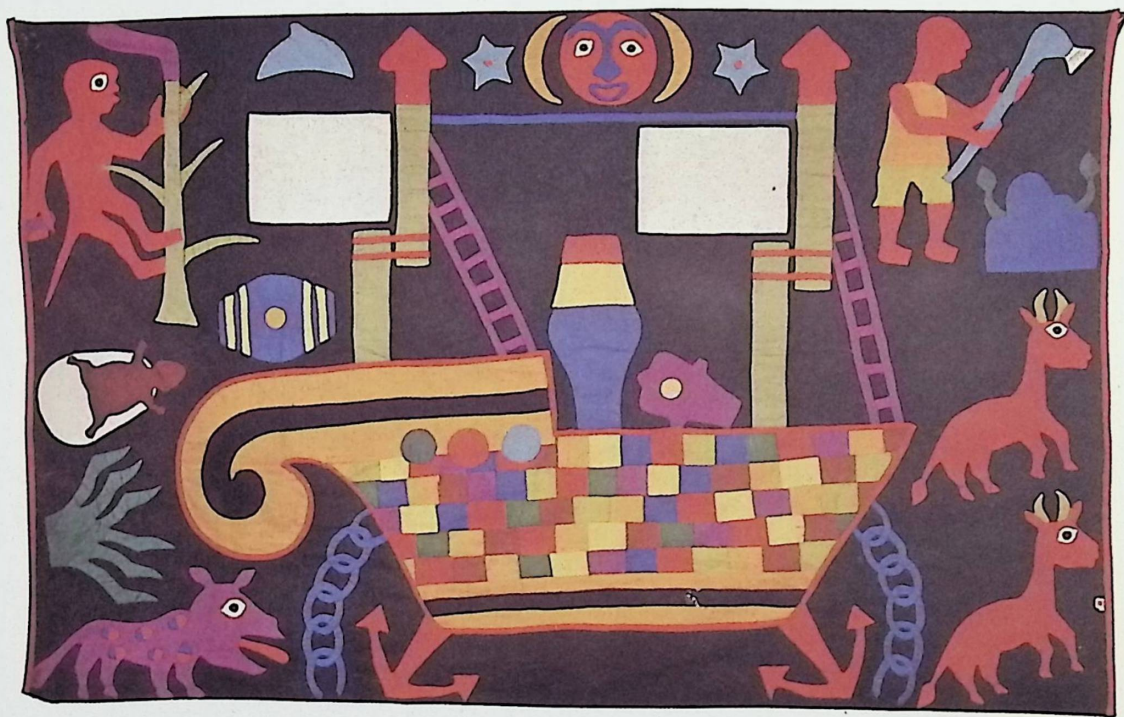
NEGRO E NEGRA NUMA FAZENDA

Johann Moritz Rugendas

litografia colorida à mão, 51.3 x 35.5 cm, coleção particular

Fundação Bienal de São Paulo, Negro de corpo e alma, p. 133.

Mostra do Descobrimento, 2000, coleção Emanuel Araújo.



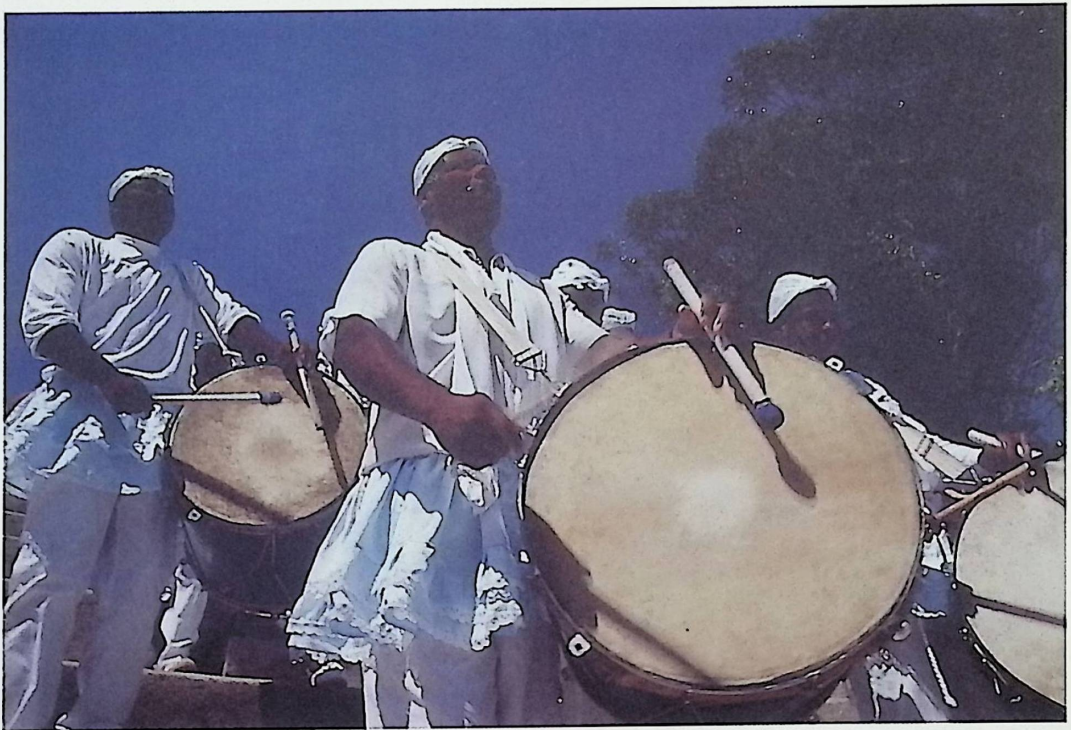
TAPEÇARIA IDEOGRÁFICA



LEBA-EXU



ESTÁTUA VODUM



CONGADO MINAS GERAIS

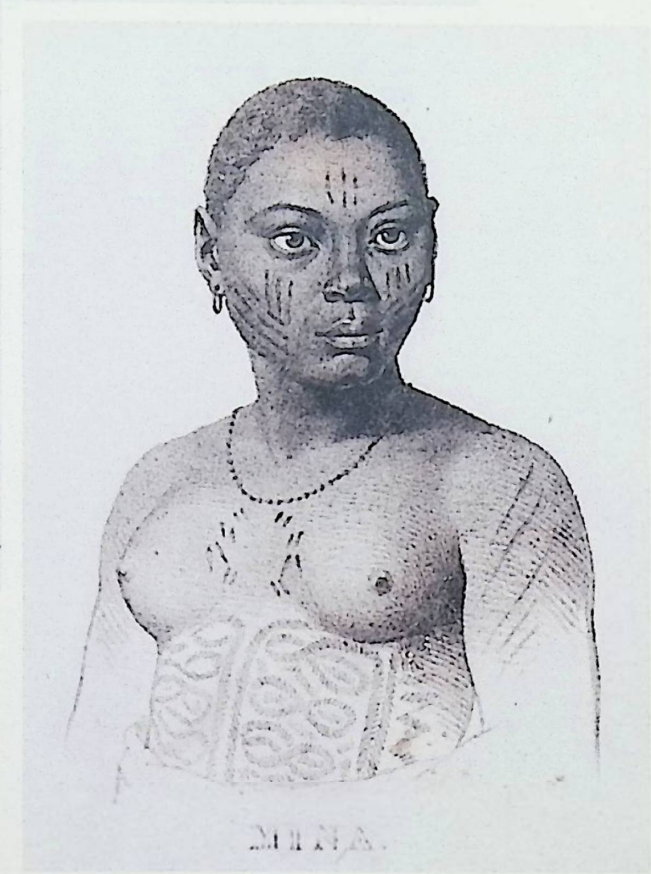


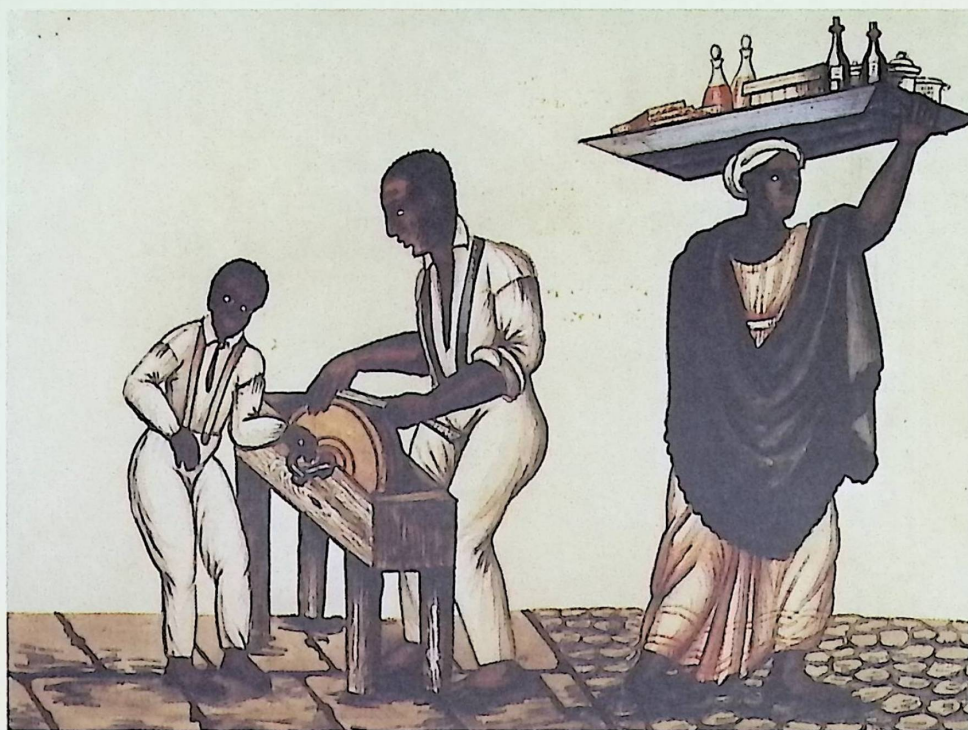


LES RAFFRAICHISSEMENTS DE L'APRÈS DÎNER SUR LA PLACE DU PALAIS .

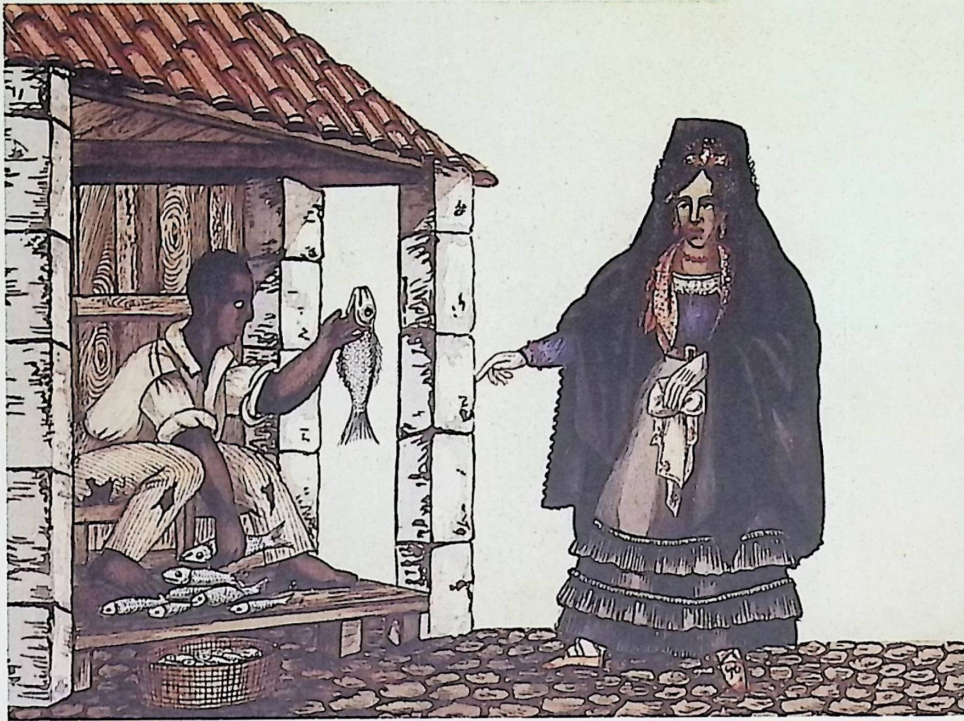


OS REFRESCOS DO LARGO DO PALÁCIO / VISITA A UMA FAZENDA

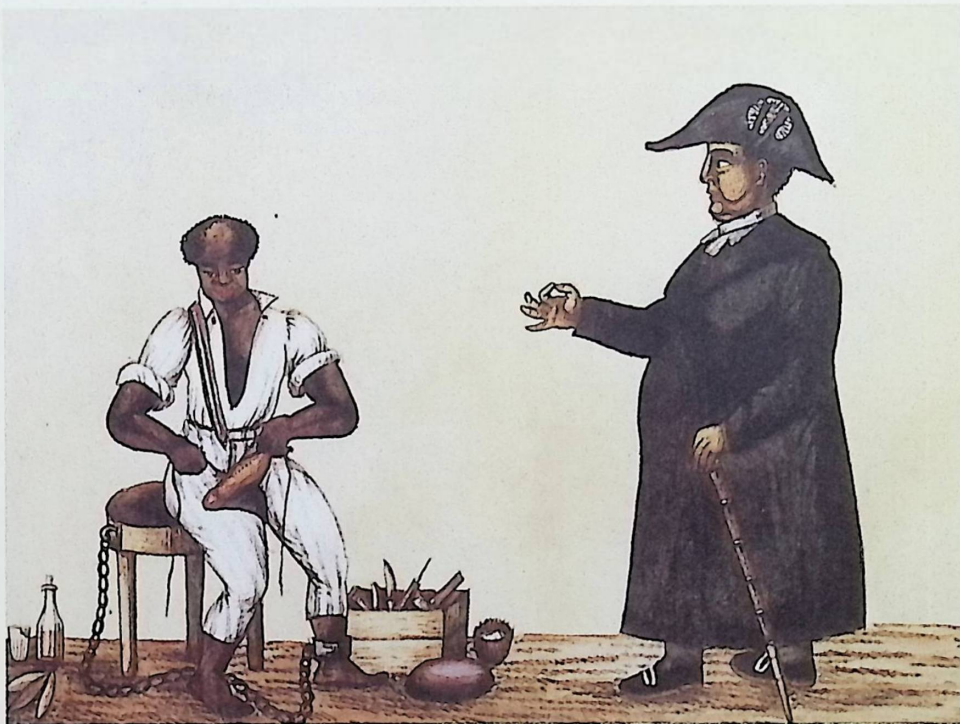




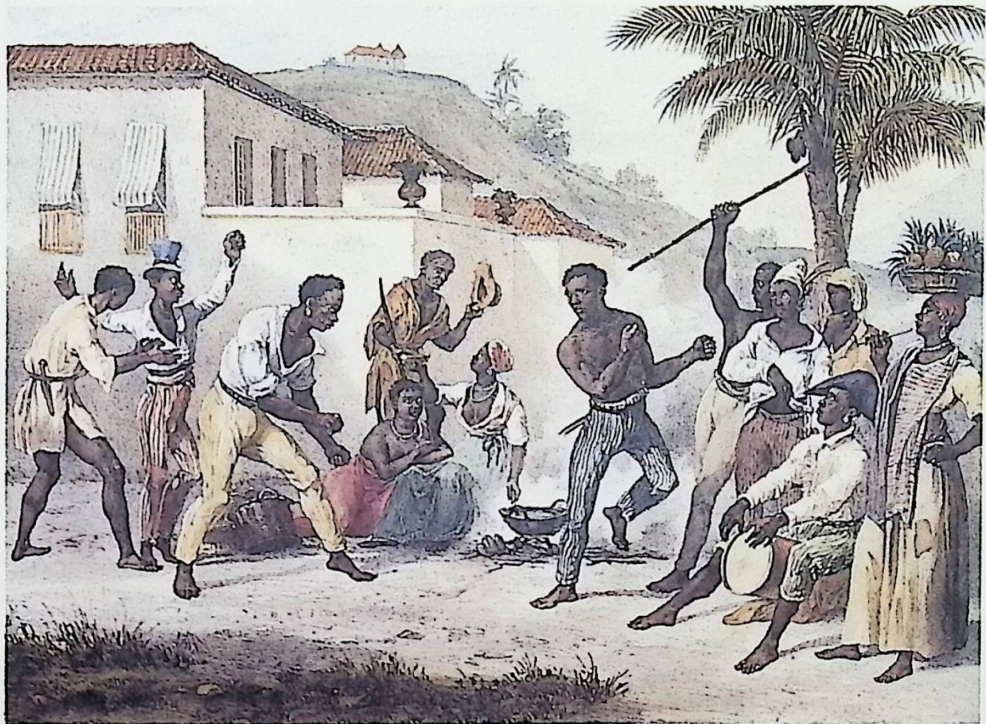
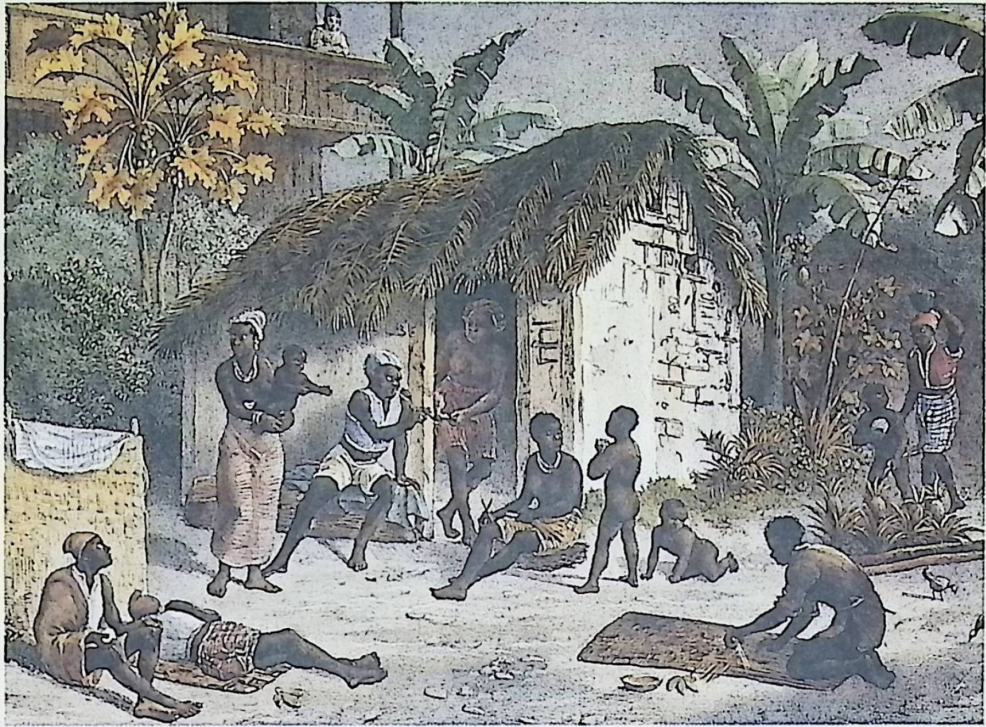
OFÍCIOS DE NEGROS · Amolador/ Carregador de lenha com marimba



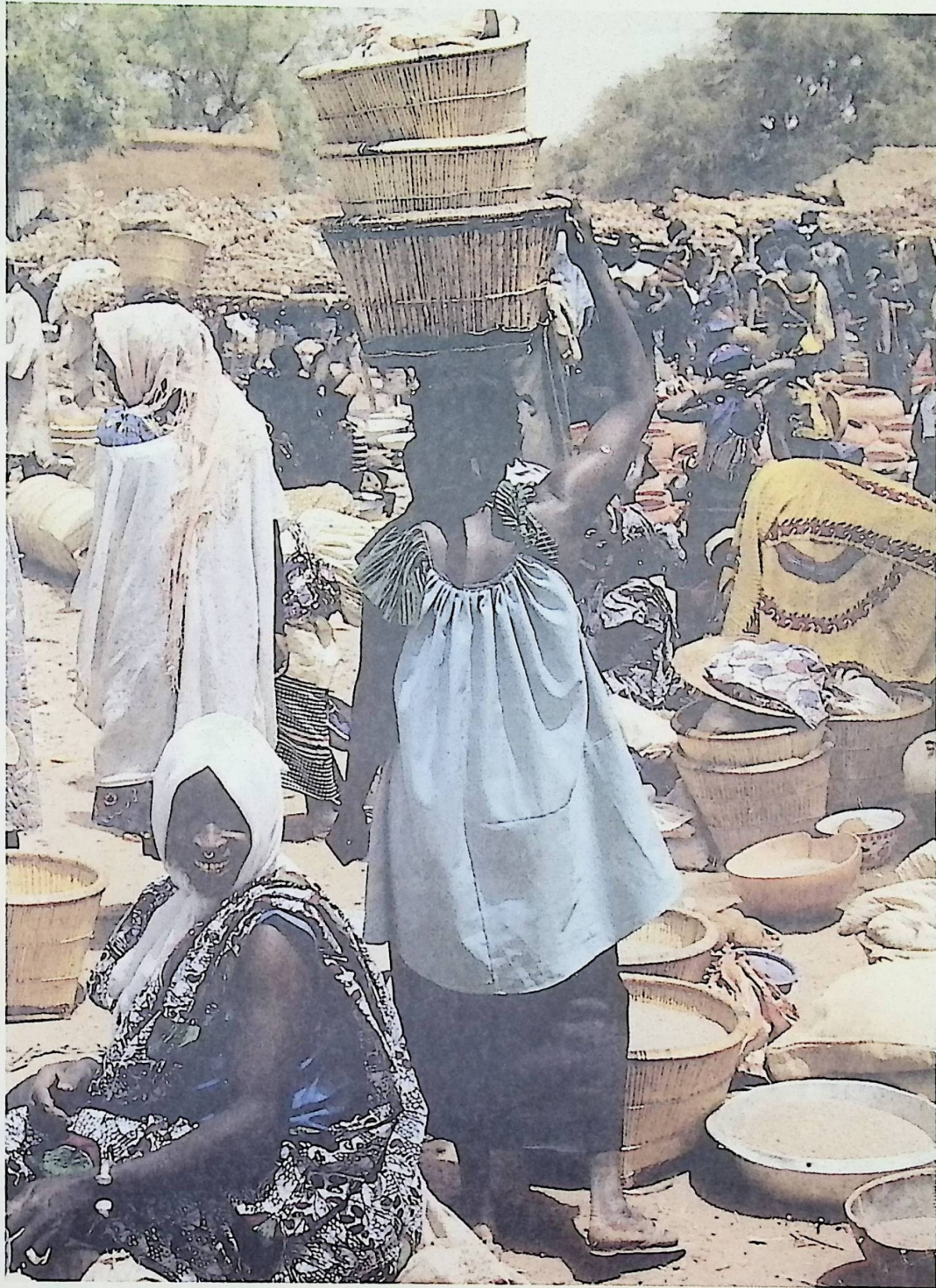
105



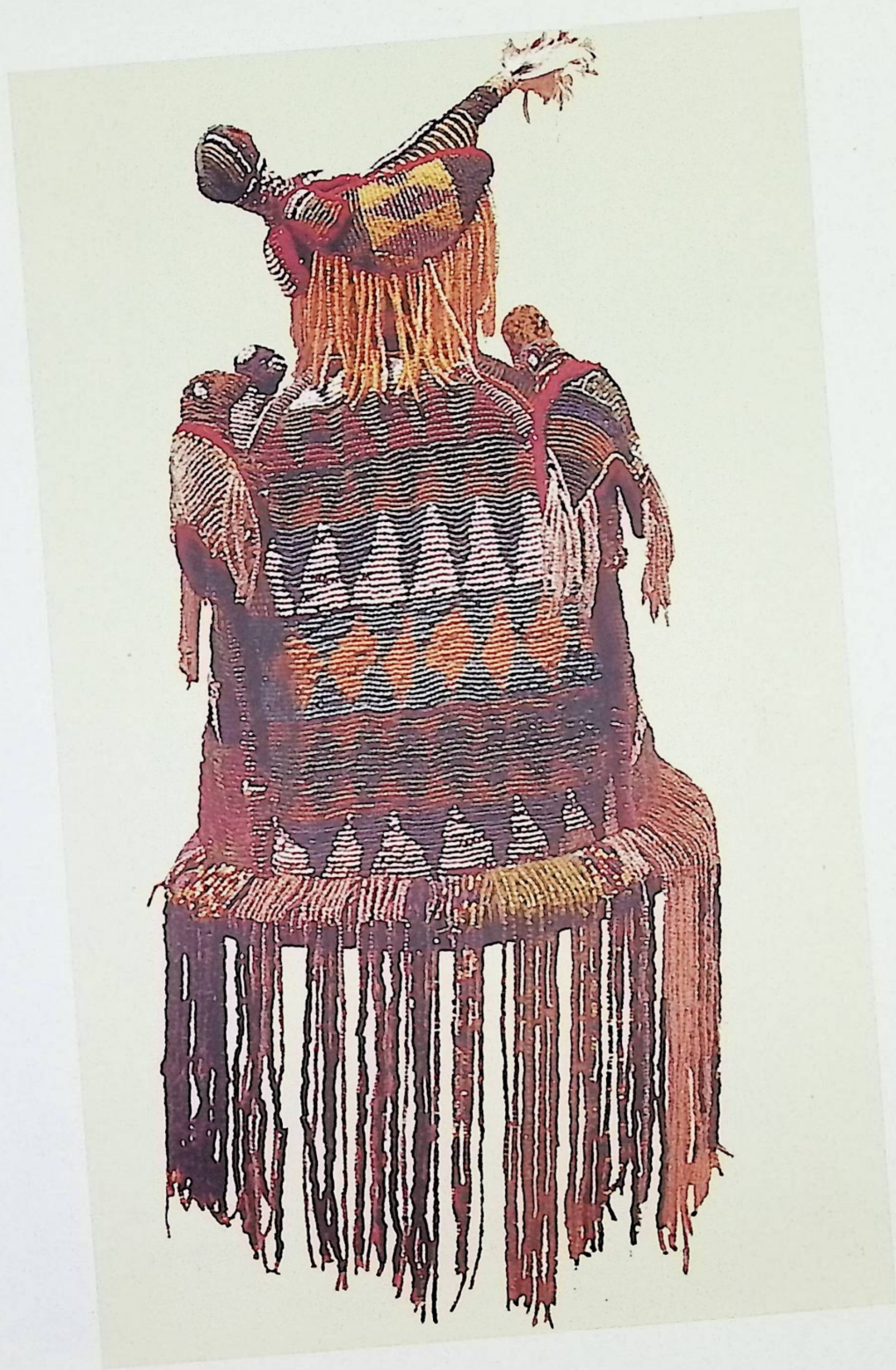
OFÍCIOS DE NEGROS · Vendedor de peixes/ Sapateiro



HABITAÇÃO DE NEGROS / JOGO DA CAPOEIRA



MERCADO AFRICANO



MÁSCARA, GELEDE



ESTÁTUA DO DEUS GÛ



ESTÁTUA DE LÉGUA BOJI NA TENDA DE SANTA TEREZINHA



III

RACHEL PRINGLE DE BARBADOS



NEGRO E NEGRA NUMA FAZENDA

IV. OS APELATIVOS

No manuscrito, encontramos apenas quatro termos que denunciam a origem étnica e/ou a procedência geográfica do negro-africano em Vila Rica, no momento em que a cartilha foi escrita. São eles: **gamlimno**, **cóbù**, **guno**, **aglono**. Também, os apelativos locais, **melandutó** definido como “carijó”, e **agudá**, como “a Bahia”.

IV.1. O APELATIVO MELANDUTÓ – CARIJÓ

113

Para os falantes da “língua mina”, **carijó**, termo que serviu, por muito tempo, para designar os índios da floresta mineira (cf. Souza 1961:s.v.), era o **melandutó**, ou seja, o antropófago, selvagem, insubmisso, o que talvez explique as razões de Boxer ter duvidado de que a maioria deles tivesse sido empregada na mineração, apesar de seu contingente ter chegado a ocupar, à época, o terceiro lugar em número de escravos na região, como vimos pela documentação histórica por ele mesmo levantada (cf. 1963:161).

A partir dessa informação e das evidências encontradas nos diálogos que reconstituímos do vocabulário de Costa Peixoto, podemos crer que os **carijós**, por serem nativos (ameríndios, não-africanos) e silvícolas, além de bons rastreadores para acompanhar bandeiras e milícias, eram usados também na procura de fugitivos (**mebubu**), negros ou não, que se embrenhavam nos matos. Ao mesmo tempo, espalhada a fama de que se tratava de assassinos (**megutô**), matadores e comedores de gente (**melamdutô**), passavam a ser ainda mais temidos pela população local, um temor de morte que se estendia à figura do **megulitô**, homem-do-mato ou capitão-do-mato, como “caçador de gente”. Essa era uma das mais odiadas instituições da época e a que poucos negros tinham acesso, desde quando “só o governador o poderia prover, tendo o candidato que ter boas referências, além de dinheiro (750 réis, segundo Regimento dos Salários e Emolumentos de 1725) para comprar a patente” (Martins, 1995:87). Não obstante, segundo o mesmo autor (p. 88), “era um cargo muito almejado pela gentilha e pretos (livres e escravos), pois lhes conferia uma enganosa “autoridade”, permitindo-lhes “prender e amarrar” até mesmo brancos sem-nome criminosos, mormente envolvidos com contrabando e quilombolas”.

Esse tipo de carrasco agia sozinho ou em conjunto com uma tropilha recrutada entre pardos (**bõbi**, filhos de branco), crioulos (**vigidòdé**, filhos da terra), negros forros (**methomereu**) ou escravos (**acru**), cujo objetivo era caçar, como se fossem feras, os negros fujões das senzalas e fazendas que se escondiam nos matos e quilombos. Em troca, recebiam “tomadias”, ou seja, pagamento em oitavas de ouro (**aquhé**, moeda), cada uma equivalente, hoje, a 1/8 de onça ou 3,586 gr (cf. **conta de ouro**), que eram arbitradas em função da distância entre a residência do homem-do-mato e o local de apreensão do fugitivo.

114

O estabelecimento desses aldeamentos era uma constante e constituía grandes problemas para o governo colonial enfrentar e combater, principalmente na região das Minas Gerais, onde, somente no século XVIII, existiram 127 quilombos conhecidos (Guimarães, 1988:37), desafiando a crueldade das punições a que canhambola (**mesesim**) eram submetidos quando recapturados. Entre elas, o açoitamento no pelourinho, a prática de marcar o fugitivo com a letra F, com ferro em brasa, a gargantilha de ferro e o decepamento de uma perna ou o corte do tendão de Aquiles, conforme sugerido pelo conde de Assumar, que, em 1717 tomou posse como Governador da capitania de Minas Gerais (cf. Goulart, 1971; Boxer, 1963: 158-59).

IV.1.1 DOIS DIÁLOGOS COMO TESTEMUNHO

Vejamos, nos diálogos reconstituídos do manuscrito de Costa Peixoto, dois testemunhos de abordagem feita por um capitão-do-mato a um suposto negro fugido, e, outro, da prisão de um branco por canhambolas, que nem sempre se tratava de **mesesim**, pois o quilombo era visto como uma salvaguarda de punições, perseguições de negros e de todos os “fugitivos da justiça” ou considerados por ela injustiçados. Ainda, por meio desses diálogos, deduz-se que os envolvidos conheciam a “língua geral de mina”, deixando entrever que alguns brancos tinham acesso à língua falada pela escravaria.

O motivo era manter em segredo suas interações lingüísticas, a fim de combinar ardis por intermédio do sigilo em torno de roubos, contrabandos e outras contravenções muito comuns na prospecção e comércio das minas por parte dos canhambolas e mercadores. À época, esse procedimento se chamava de “passar

língua” e deve ter sido objeto da preocupação de Costa Peixoto, tanto que o levou, como ele próprio confessa no prólogo do manuscrito, a aprender aquele linguajar, visando repassar esse conhecimento, por meio de uma cartilha, às autoridades coloniais e proprietários da região. Observe-se que, ainda hoje, é corrente no Brasil a expressão popular “de língua passada” para dizer “informado de antemão sobre como proceder ou orientar-se em dado caso” (cf. Machado Filho, 1964:108).

O primeiro diálogo é de um capitão-do-mato interrogando um negro capturado, suspeito de fuga e de roubo, que cai em contradição quando reivindica ser escravo de uma mulher e, logo depois, alega ser forro de uma autoridade local, o **Senhor Fuão**, uma espécie de salvaguarda para tentar se livrar do castigo que lhe seria imposto por não ser portador de “um papel” (**huhema**) com a autorização por escrito do seu dono, como era exigido à época, em situações como tais. Note-se que o termo **Fuão**, de “fidalgo” (> *fidão > *fudão > fuão), é um arcaísmo português, registrado na Bahia, em 1591, na seguinte “oração-forte, feita por velhas alcoviteiras rezadeiras para donzelas cristãs, cheias de desejos e recalques”, citada por Cascudo em um de seus mais interessantes estudos: *Meleagro: pesquisa do catimbó e notas da magia branca no Brasil* (1978:160):

115

Fuão! eu te encanto e reencanto, com o lenho da Vera Cruz, e com os anjos filósofos que são trinta e seis, e com o mouro encantador que tu te não apertes de mim e me digas quanto souberes e me dêes quanto tiveres, e me ames mais que todas as mulheres.

Por outro lado, no antigo Daomé, **Fuão** era o título que os fons reservavam aos governadores das províncias dos seus portos costeiros (Law, 1997:21), geralmente agudás provenientes do Brasil, um dado histórico-lingüístico que reafirma a influente presença desses “brasileiros” no comércio negreiro daquela região, a partir do final do século XVII. Entre esses portos, destacava-se o de Uidá, no reino de mesmo nome, que, como sabemos, manteve fortes ligações comerciais com a Bahia e Rio de Janeiro, principalmente durante o ciclo da mineração, no século XVIII (cf. **megulitô**).

cf. – **Guisi?** – *Hui si?*

Tu andas fugido?

– **Masihã** – *Ma si a.*

Não ando fugido não.

– **Mem cru hauhé** – *Mē krunō we?*

Quem é teu senhor?

– **Methomereu ame. Hihàbouce de cruàme** – *Mε dὲ μεδε a με.*

Yavósí de kru a mì.

Eu sou forro. Eu sou escravo de uma mulher.

– **Gui clóme. Lelo** – *Hui gblo με`. Gbléqo`.*

Tu enganas-me. Mentira.

Sóhâhihema mápom – *Sɔ wa mì wema ba kpõ.*

Mostra escrito para (eu) ver.

– **Huhemamatim. Huhema hébu** – *Wema ma tĩ .Wema è bú.*

Não tenho escrito. Perdi o escrito.

– **Guácheguimatim huema, ná blauhen** – *Hu a cé hui ma tĩ wema, na bla hue.*

Se não tens escrito, hei de amarrar-te.

– **Thohê jale jalê ma blamehâ. Hum biho, hehíávouvódum**

– *Tocè jale jale ma bla mi a. M bìò', yewehiha vovodũ'.*

Senhor, peço-lhe que me não amarre. Peço-lhe, pelo amor de Deus.

– **Ani hutu mena blan hê?** – *Ani útu'mi na bla hui?*

Pois, por que te não hei de amarrar?

– **Sógamnáme. Sócamname. Name alõ** – *Sogã namì. Sokã nami. Na mì alo`.*

Dá cá uma corrente. Dá cá uma corda. Dá cá as mãos.

– **Alòhéhunie** – *Alo`le fi nu we.*

Aqui estão as mãos

– **Blame abõ. Tumcamnâme** – *Bla mì abo. Tunkã ` na mì.*

Amarre-me devagar. Tire-me as cordas fora.

– **Ani hutuguiviatim** – *Ani útu hui yà vĩ.*

Pois, por que choras (como criança)?

– **Gui blame vô** – *Hui blame vo.*

Vosmicê amarra-me sem causa.

– **Mem cru hauhé** – *Mēklunō we.*

Quem é teu senhor?

– **Methomereu ame. Senhor Fuão cruame** – *Mεdὲ μεδε a με.*

Senhor Fidalgo *kru a mi*.

Eu sou forro. Eu sou (escravo) do Senhor Fidalgo.

– **Gui clóme** – *Hui gblo me*´.

Tu enganas-me.

– **Melohéhã. Nhimá clomeréberehã. Numbou** – *Ma ε' gblohe. a.*

Ñi ma gblome ne' gbée a. Nùgbó.

Não engano não. Eu nunca enganei ninguém. É verdade.

– **Lelo. Hihem** – *Gbléqo*´. *E hē.*

Mentira. É mentira.

– **Nhimácóhinhinum môhã** – *Ñ ma ko ñinu mō ã.*

Eu ainda não sei de ser (por seus) negócios

– **Sódópó thóhé mápom** – *So dokpò towe ma kpō.*

Dê cá as algibeiras para ver.

– **Dopo, hématim numréhã. Pom** – *Dokpò, e ma tĩ nu nd é a. Kpō*´.

As algibeiras não têm nada. Vede.

– **Dé avó pou** – *dè avokpó.*

Dispa a roupa.

– **Nhináhi** – *(Me) n na yì.*

Eu hei de ir nu ?

– **Mégui me náhihã** – *Me hui ma na yì ã.*

Não há de ir nu, não.

– **Jálé jálé – mágume hã. Hum bihó – hehihávou vódum**

– *Jale jale ma hu mi ã. N bìò' e yavóvodū*´.

Peço vos que me não mates. Peço vos, pelo amor de Deus.

– **Humé naguhehã** – *Hu mi na hu we a.*

Não matamos não.

– **Guidómórufidim** – *Hui'ò' mó'u fi ãi.*

Você diz isto aqui, agora.



Em outra situação, depois do suspeito comprovar que não era canhambola, continuam a conversar como se quisessem estabelecer um pacto na intenção de se prevenirem contra quem já haviam sido roubados.

cf. – **Mablame hã** – *Ma blahue a.*

Não me amarre não.

– **Tumcamnáme. Hefinhuema** – *Tunkã` na mì. e fi nu wema.*

Tire-me as cordas fora . Aqui está o escrito.

– **Hihá licouthóhen** – *Yi alixò towe.*

Vai andando o teu caminho

– **Alichou hinharam. Mesesim dáligi** – *Alixo e ñàlã'. Mesešĩ d'aliji.*

O caminho não presta. O caminho tem canhambolas.

– **Mesesim efim aquachepou** – *Mesešĩ e fi ` àkue` cè kpo.*

Os canhambolas furtaram-me o meu ouro todo.

– **Mesesim matim hi hà buono hã** – *Mesešĩ e fi ` àkue` cè kpo.*

Os canhambolas não têm amigos brancos.

– **Nósipomme** – *No si kpo me`.*

Espere aqui por mim.

– **Nhimánófi hã** – *N ma no fi a.*

Eu não fico aqui

– **Hihumjã** – *Yi n ja .*

Vá andando, que eu vou.

– **Edibu – hé manemo. Hiháboutó mématimaguam -**

E tí blú – e ma ñēgbō. Yavotòme ma tí àhuã` a.

Tem motim – não tem. Porque terra de branco não tem guerra.

– **Hiháboutomé manhôhã** – *Yavotòme ma ñō a.*

Terra de branco não presta.

– **Anihutu hinaram** – *Ani útu e ñàlã'?*

Pois, por que não presta?

– **Hi hà bouno, hè nachuhé acrí susû** – *Yavonō, e na xúhue aklu susu.*

Os brancos castigam (açoitam) muito os escravos.

Adiante, o diálogo é praticamente o mesmo, mas, desta vez, os papéis se invertem. São os canhambolas que prendem um branco acusado de contrabandear ouro (doc. 1731) ou de manter um relacionamento suspeito com uma mulher (doc. 1.741). Em sua defesa, o prisioneiro alega nunca ter ofendido, muito menos castigado os negros, uma “desculpa esfarrapada”, segundo o dito popular, que, em termos atuais, não soa estranho.

cf. – **Maguhi hi habouno** – *Ma hu yì yavonō.*

Matemos este branco.

– **Anhutū nágume** – *Ani útu na hu mì?*

Porque razão me quereis matar.

– **Inhono hutu naguehî** – *Ñõnu utu na hu è.*

Por mor de uma fêmea o quero matar.

Aquhê hutû na guhi – *Àkue' utu na hu è.*

Por amor do ouro o quero matar (1731).

– **Lo aquhê name** – *Lo àkue'na mi.*

Largue o ouro para mim.

– **Guache guima name num poupou nangun/mahihi. Miná – hinum poupouthôhũ.**

– *Hu a cé hui ma na mì nù kpokpo na hũ ma yi*

Se me não der tudo, hei de matá-lo.

– **Hinum poupou magumehã** – *Yi nu kpokpo ma hu mì a.*

Tomai tudo e não me mateis.

– **Héguhéthóhéhinhõ. Sódópó thóhé mápom**

– *ε hue` towe ñõ. So dokpò towe ma kpõ.*

Tem muita razão. Dê cá as algibeiras para ver.

– **Dopo, hématim numréhã. Pom** – *Dokpò, e ma ñi nu ndé ã. Kpõ.*

As algibeiras não têm nada. Vede.

– **Fihà aquhégu. Dé avó pou** – *Fi wa àkue'gò, dè avokpó.*

(Aqui) mostre o picuá, ou borracha de ouro. Dispa a roupa.

– **Nhináhi** – *(Mε) n na yì.*

Eu hei de ir nu?

– **Mégui me náhihi.** – *Mε hui me na yì a.*

Não há de ir nu, não.

– **Jálé jálé–mágume hã.** – *Jale jale ma hu mi õ.*

Peço-vos que me não mates.

Hum bihó – hehíhávouvódum – *ũ biò' e yavóvodũ'.*

Peço-vos, pelo amor de Deus.

– **Humé naguehã** – *Hu mi na hu we a.*

Não matamos não.

– **Mipoupou màhichomto** – *Mi kpokpo ma yi xõ' tõ*

Nós não somos todos amigos ou camaradas.

– **Nhimáhinháram nácruhã. Nhimerabouháme** – *Ñ ma ñalã na akru ã.*
Eu não sou ruim para os escravos. Eu sou bom. Eu não sou de todo mau

– **Guidómórufidim** – *Hui'ó` mo du fi ãi.*

Você diz isto aqui, agora.

– **Humdómó to pou pou me** – *M'ó` mō tō kpo kpo me.*

Eu digo o mesmo em qualquer parte.

IV.2. O APELATIVO AGUDÁ

120

Provavelmente o mais antigo registro do termo na historiografia do tráfico, traduzido por Costa Peixoto como “a Bahia”, no manuscrito de 1741. Esse tipo de evidência testemunha a extensão da importância do comércio do tabaco, produzido na região do Recôncavo baiano, com os mercados do antigo Daomé, a começar do século XVIII, quando da instalação de “brasileiros”, inclusive descendentes de escravos, na condição de traficantes no Golfo do Benim, principalmente nas cidades costeiras de Aguê, Porto Novo e Lagos (cf. Viana Filho, 1946; Verger, 1968). Esses estrangeiros ganharam o apelido local de *agudá*, isto é, brasileiros vindo da Bahia.

Responsáveis pela introdução e difusão do consumo do tabaco naquela região, o mais famoso e opulento entre eles foi Francisco Félix de Souza, o Xaxá de Souza, que chegou a ocupar o posto de *yevogã*, Capitão dos Brancos, título atribuído aos oficiais encarregados do tráfico, ou seja, do controle da economia do reino do Daomé, que, a essa altura, já tinha sob seu domínio os reinos de Aladá e Uidá. Presume-se que Xaxá tenha chegado a Uidá como comandante do forte português, batizado em 1721, de Forte de Nossa Senhora do Livramento, mais tarde passando a se chamar de Fortaleza Cesária de São Batista de Ajudá, em homenagem a Vasco Fernandes César de Menezes, Conde de Sabugosa, 39º governador da Bahia e 4º Vice-Rei do Brasil, a quem foi confiada a responsabilidade jurídica do forte, cuja renda era assegurada por uma taxa paga por cada escravo destinado à Bahia (cf. Cornevin, 1962:123; Silva, 2002:543).

Proveniente de folhas consideradas impróprias para ser remetidas para o Reino (**tobome**), esse tabaco, embebido em melão de cana-de-açúcar (**getim mi**), cuja produção também precisava de expandir seu mercado consumidor,

começou a ser comercializado em rolos ou cordas, inteiros ou cortados em pedaços para mascar (**azodudu**, fumo de comer) ou usar em cachimbos (**azoqué**), da mesma maneira que continua a ser vendido em feiras populares espalhadas pelo nordeste do Brasil (cf. Verger, 1968). Já o rapé (**azolili**), para ser cheirado em pitadas, é a folha de tabaco torrada, reduzida a pó e misturada com ervas aromáticas. Esses produtos foram introduzidos no Daomé com grande sucesso, onde, segundo Paul Hazoumé (1956:29), Xaxá, além do hábito de reunir seus convidados para beber um bom *agudahã* e fumar cachimbos de *agudazó*, ou seja, cachaça e fumo trazidos da Bahia, costumava dar tabaco (**azó**) e aguardente de cana (**aham getim**) de presente ao rei Guezo (1818-1858), de quem era amigo conjurado por um pacto de sangue (**avodum chomto**), ou seja, juramentado por laços míticos e religiosos com “aquele que bebeu o vodum”(cf. Argyle, 1966: 156-60).

121

Segundo o *Manuel Dahoméen*, de Maurice Delafosse, publicado em Paris, em 1894, “Ajuda ou Aguda era o nome que os indígenas davam à vila de Glehue (Uidá), enquanto que o português falado pelos antigos escravos instalados no Daomé como comerciantes, prósperos e influentes, eram chamados de “ajudagbe, língua dos ajudás”. Já o português de Portugal era o “kpotoge”. Mais recentemente, em *Le Petit Dahoméen* (1952), Julien Alapini registra, creio, por engano, “aguda, um espanhol”, e o dicionário iorubá de Abraham (1958) define o termo como “a) católico, b) português, c) brasileiro, isto é, africanos retornados da escravidão no Brasil”, enquanto no verbete respectivo do dicionário fon-francês de Segurola (1963), lê-se: “Português, provavelmente a mesma palavra Ajudá que, em português significa Uidá”. Em seguida, sugere que Agudá e Ajudá sejam deformações do nome *Xuedá* (Juda, nos documentos da época), o reino de Uidá, de capital Saxé (Savi), que era habitado pelos pedás, antes de ser tomado pelos fons, sob o comando de Agadjá, em 1727, e os prisioneiros vendidos como escravos (Argyle, 1966:18-19; Silva, 2002: 535-537).

A íntima relação desse reino com o tráfico para o Brasil é apontada pelo vocabulário de Costa Peixoto por intermédio do termo **megulitó**, traduzido por “capitão-do-mato ou meirinhos”. Trata-se, no manuscrito, de uma forma convergente de dois vocábulos distintos em fongbe, que serviam para designar diferentes agentes do reino de Uidá. Um era *megolito*, funcionário do tribunal,

correspondente ao nosso atual oficial-de-justiça, e o outro, *mehuelito`*, encarregado de caçar e prender fugitivos de qualquer espécie (**mebubu**), que foram entendidas como uma só palavra, graças à troca do / h / pelo / g /, como vimos, um procedimento muito comum nos documentos portugueses da época. Correta, no entanto, a tradução de Costa Peixoto.

Em outro plano de entendimento, a palavra dita *Xuedá* possui dois fonemas, a fricativa velar surda / x / e a oclusiva retroflexa / ɖ /, estranhos ao locutor de fala portuguesa, dando lugar à variedade de formas que se encontram na documentação histórica, onde observamos o seguinte:

122

- 1º) o / x / foi, opcionalmente, substituído:
 - a) pela africada palatal / j / (Judá, Ajudá),
 - b) pela oclusiva velar sonora / g / (Agudá),
 - c) pelo / h / aspirado ou mudo, seguido do fechamento do grau de abertura da vogal palatal / ε > i / (Huedá > Uidá), uma variação dialetal em fongbe (*jε`re` ~ jire*, disputa), há muito observada por Delafosse (1894: 84).
- 2º) a retroflexa / ɖ / mudou-se em dental / d /, ou seja, *Xuedá* > *Xuedá* > Uidá. Entre os exemplos tirados de Costa Peixoto, temos: *àdó* > **adô**, *àdú* > **adu**, *ɖ idá* > **dida**, *melãduto`* > **melanduto**.

IV.2.1. A PRESENÇA AGUDÁ

Não se sabe ao certo quantos foram, mas essa presença foi tão marcante na região que a palavra *agudá* passou a ser correntemente empregada ao longo do Golfo do Benim, para designar um seguimento socioeconômico local constituído por um contingente de africanos e descendentes retornados do Brasil, que se agruparam em sociedades fechadas, preservando tradições brasileiras em usos, costumes, manifestações folclóricas e religiosas. Portavam sobrenomes portugueses (Rocha, Souza, Olympio, Almeida, etc.), a devoção ao catolicismo, a técnica de arquitetura colonial portuguesa e a língua por-

tuguesa do Brasil ou *agudagbe*, cujo ensino foi oferecido nas escolas que instalaram naquela região durante as primeiras décadas do século XIX, chegando mesmo a ser usada como uma língua veicular entre boa parte da população local e utilizada por missionários europeus nas práticas católicas para melhor edificação dos seus fiéis (cf. Pessoa de Castro, 1964; Braga, 1969; Guran, 1999).

Fundaram “Comunidades Brasileiras”, ainda atuantes como centros de resistência e de defesa cultural daqueles “brasileiros” que, nas palavras de Matory (1999:59), “tiveram de imaginar, por meio de uma construção seletiva e criativa, a história de onde e do que era sua casa ou lar, uma vez que muitos deles não nasceram no golfo da Guiné e tampouco na África, nem todos tiveram ancestrais nos lugares africanos para onde “regressaram”. Ali, eles preservaram a tradição católica das festas brasileiras de Natal, Semana Santa e de Nosso Senhor do Bonfim da Bahia, além do folguedo popular da burrinha e o carnaval ou “careta”, nome popular na Bahia para designar a máscara ou o mascarado de rua durante as festas momescas. Hoje, essa linguagem sobrevive em um sistema lexical de base portuguesa, remanescente em alguns cânticos religiosos e de manifestações folclóricas brasileiras, em saudações, nomes de comidas, de parentesco, por meio de um processo parecido, mas na direção contrária, ao que se passou com os falares africanos no Brasil. Esses ficaram restritos ao repertório litúrgico afro-brasileiro e a alguns vocabulários de base africana usados como linguagem especial por comunidades descendentes de quilombos, localizadas em diversas zonas rurais do Brasil (cf. Pessoa de Castro, 2001: 81).

123

A última viagem de retorno foi feita pelo patacho Aliança, em 1898. Uma epidemia de cólera a bordo, com registro de muitas mortes, apavorou as autoridades do então protetorado inglês da cidade de Lagos, na Nigéria, levando-as a extinguir, em 1903, as operações regulares, entre o porto da Bahia e o dessa cidade, de uma linha de barcos denominada “Brazils-Lagos”, ou melhor, Bahia-Lagos, por meio da qual, como nos lembra Gilberto Freyre sob a epígrafe “Acontece que são baianos”, “quase todos os africanos “brasileiros” voltaram à África da Bahia, às vezes de outros pontos do Brasil, mas via Bahia” (cf. 1963:236-139).

Em 1962, na companhia de Pierre Verger, conhecemos Mariana Ojelabi (79),

baiana da cidade de Nazaré das Farinhas, na região do Recôncavo, e Romana da Conceição (77), “ricifiana” de Pernambuco, que, acompanhadas da tia e da avó, por acaso fizeram aquela viagem juntas, com a intenção de procurar e rever parentes. No desembarque, foram obrigadas a abandonar todos os seus pertences, até mesmo a própria roupa do corpo, por exigência das autoridades do porto de Lagos. Graças a essa fatalidade, não puderam voltar para o Brasil como pretendiam. No entanto, quando as conhecemos, embora casadas com nigerianos e vivendo em uma cidade de população majoritariamente iorubana, diziam que falavam iorubá como “língua de gringo”, ou seja, como segunda língua, e insistiam em falar “brasileiro”, além de ensinar rudimentos desse falar a seus filhos e netos, o que servirá tema para o nosso próximo livro *Agudagbe: o português do Brasil na rota do escravo*. Em 1963, por iniciativa da Embaixada do Brasil em Lagos e em razão da saúde fragilizada, apenas Romana da Conceição veio conhecer Brasília e o Rio de Janeiro, rever Salvador, onde embarcara com a idade de 13 anos, e “Ricife”, sua cidade natal (cf. Pessoa de Castro, 1964, 1977; Seljam, 1978).

A influência marcante dos agudás em aspectos de vida material e espiritual dos povos de língua gbe e iorubá do Benim e da Nigéria pode ser comprovada pelo testemunho de palavras do português que foram importadas pelas línguas locais. No momento, citaremos apenas os exemplos correntes em fongbe e registrados nos dicionários de Delafosse (1894), Segurola (1963) e Alapini (1955), entre os quais prevalecem os lexemas relacionados à casa/família (36,92%), religião /catolicismo (26,15%), seguidos por alimentos (23,08%) e vestuário (13,85%).



APORTES DO PORTUGUÊS EM FONGBE

religião	casa/ família	alimentos/tabaco	vestuário
<i>abēsáú</i>	<i>abuéka</i> (boneca)	<i>agómà</i>	<i>afineti</i>
<i>àbéla</i> (vela)	<i>ajanélà</i>	<i>ahoi(z)</i> (arroz)	<i>botina</i>
<i>ahisinô</i> (cristão)	<i>akámà</i>	<i>banana</i>	<i>bósò</i>
<i>àklúzù</i> (cruz)	<i>aklubá</i> (cuba)	<i>caluto</i> (charuto)	<i>célù</i>
<i>àmísà</i>	<i>akpatagā`</i>	<i>faliña,</i>	(cheiro, perfume)
<i>apostulu</i>	(prata, dinheiro)	<i>gali</i>	<i>kaléta</i>
<i>katekismù</i>	<i>basia</i>	(farinha de mandioca)	<i>kámisà</i>
<i>konfesô</i>	<i>ciàvi</i> (chave)	<i>kafé</i>	<i>lèsu</i>
(confissão)	<i>doto</i> (doutor)	<i>kàju</i>	<i>sapato</i>
<i>kōmiō</i>	<i>fákà</i>	<i>kejó</i> (queijo)	<i>v(e)lúdo</i>
(comunhão)	<i>fo`fi</i> (fósforo)	<i>kokáda</i>	
<i>kristā</i> (_)	<i>folô</i> (flor)	<i>goma</i>	
<i>lutù</i>	<i>gafû / gāfô</i>	<i>lima</i>	
<i>Natá</i>	<i>kaleta</i>	<i>māga</i>	
<i>pád(r)ì</i>	<i>kófo</i> (copo)	<i>takpioka</i>	
<i>pápà,</i>	<i>kuvidà</i>	<i>vēū</i> (vinho)	
<i>páskòà</i>	(convidado)		
<i>pē tekoste</i>	<i>pilá</i> (pilão)		
<i>sakramentu</i>	<i>tásà</i>		
	<i>távò</i> (la) (táboa, mesa)		
	<i>kuntu</i> (cobertura, de cobertor)		
	<i>losa</i> (roça)		
	<i>mose</i> (empregado doméstico, moço de confiança)		
17	21	15	9
26,15%	36,92 %	23,08%	13,85%

IV. 2.2. A DIVINDADE LEBÁ

O único traço manifesto da crença religiosa ewe-fon no manuscrito de CP é a palavra **Leba**, a mais poderosa entidade do povo adjá-fon, identificado como Demônio por imposição do cristianismo, o que motivou, nessa área de competência em questão, a maioria dos termos na cartilha, em contraposição ao conceito de **Avodum** como um ser misterioso, próximo de Deus.

126

- Cf. **Avodumçu**, quaresma – *vodũ 'su* (preceito do vodum)
Avó dum chuhê, Igreja – *vodũ 'xué* (casa do vodum)
Avódumgê, contas de rezar, rosário – *(a)vodũ 'je* (contas do vodum)
Avodumnhí, páscoa – *vodũ 'ñi* (ressurreição do vodum)
Avodumzambe, domingo – *vodũ 'zāgbe* (dia do vodum)
Avodumzampê, dia santo – *vodũ 'zāgbe* (dia do vodum)
Avóduno, padre – *vodũ 'nō* (mestre do vodum)
Hihávouvódum, Nosso Senhor, Deus – *yávovodũ* (vodum de branco).
Mahipomvodum, vou à Igreja – *ma i kpō vodũ* (vou ver o vodum).

Desse contato de culturas, também emergiram, por influência do catolicismo, os conceitos **dugê**, batizar (< *dje*`, comer sal), *ulialó/alogulító*, casar/casado catolicamente (< *ulialo / abwilito*, receber a mão) e **zome**, inferno (< *zome*, dentro do fogo), que se encontram nos seguintes diálogos, em que se pode observar, na tradução, em português, de Costa Peixoto o emprego do advérbio “aonde” por “onde” e a expressão “deitar barriga fora” por abortar (**só choume himbê**), provavelmente um dos mais antigos registros dessa expressão corrente, ainda hoje, na linguagem popular brasileira.

Cf.:

- **Filhàhegulialú?** – *Fi te a è ulialo?*
Aonde casou?
– **Hegulialô Touboume.** – *È ulialo Togbome.*
Casou no Reino
– **Hègulialó toumefi.** – *È ulialo tomefi.*
Casou nesta terra.
– **Hètimvi?** – *È ti vi.*

Tem filhos?

– **Màtimvilhâ.** – *Ma tĩ vi a.*

Não tem filhos não.

– **Vinávihêtĩm?** – *Vinabi è tĩ ?*

Quantos filhos tem?

– **Hè tim vi rupou.** – *È tĩ vi dokpó.*

Tem um filho.

– **Asichê èmòchou.** – *Asice è mō xo.*

Minha mulher anda prenhe.

– **Hè só choume himbê.** – *È so xome wi be.*

Deitou a barriga fora (abortou).

– **Hecógibi?** – *È ko jivi?*

Já pariu?

– **Emácógibihâ.** – *È ma ko jivi a.*

Não pariu não.

– **Égi hinhono.** – *È jì ñonu.*

Pariu fêmea.

– **Égi suno.** – *È jì suno.*

Pariu macho.

– **Vi ecódugê?** – *Vi è ko duje`?*

O menino já se batizou?

– **E màcodugehâ.** – *È ma ko duje` a.*

Ainda se não batizou.

– **Ecódugê.** – *È ko duje`.*

Já se batizou.

– **Nenáhiroy?** – *Nε nō yiro e?*

Como se chama?

– **Hehiroy João.** – *E yiro João.*

Chama-se João.



IV.2.3. A IMAGEM PROJETADA

128

Mensageiro entre os deuses e os homens, possuidor de todos os preceitos e amuletos da encantaria que protegem os seres humanos dos perigos ou para eles atrai esses mesmos perigos, caráter capcioso e turbulento, cuja imagem está associada à libido como a energia motriz dos instintos de vida, *i.e.*, de toda a conduta ativa e criadora do indivíduo, Leba passou a ser confundido com o Demônio, o gênio do mal, assim como Exu dos nagôs e Bambojira dos congolandeses, quando da tradução de doutrinas cristãs e da Bíblia Sagrada em línguas negro-africanas. Dessa maneira, foi identificado por Costa Peixoto, traduzido por Julien Alapini em *Le petit Dahoméen* (1955:246) e por Jacques Rongier em *Dictionnaire français-éwé* (1995: s.v.), diferentemente do que registrou Maurice Delafosse, em 1894, no *Manuel Dahoméen*: “*Legba*, gênio da fecundidade e da geração. Priápo”.

Era a única entidade negra que podia simbolizar a contraface de Deus, ou seja, a tentação dos pecados da carne em oposição à pureza do espírito cristão, ainda mais porque suas representações materiais costumam exhibir um exagerado pênis em ereção. Sendo assim, os traços míticos próprios de sua natureza se aproximavam da figura do Demônio idealizado pela visão do mundo europeu, de pensamento cartesiano e maniqueísta. Em outros termos, dominado por princípios absolutos e opostos, bem ou mal, bonito ou feio, tudo ou nada, corpo e alma, que se encontra, enfaticamente, na expressão popular brasileira “oito ou oitenta”, bem ilustrada por Cecília Meireles no poema “Ou isto ou aquilo”, da coleção infanto-juvenil *Giroflê, Giroflá* (cf. Pessoa de Castro 2000; idem 2001:85):

*Ou se tem chuva e não se tem sol,
ou se tem sol e não se tem chuva!
Ou se calça a luva e não se põe o anel,
ou se põe o anel e não se calça a luva!
[...].
Ou guardo o dinheiro e não compro o doce,
Ou compro o doce e gasto o dinheiro!
Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo...
e vivo escolhendo o dia inteiro!*

De sua parte, fora desse plano de entendimento dualista e bipartido, do qual não compartilha a visão negro-africana do mundo, *Legbà*, na definição do dicionário de Segurola (1963: s.v.), “é o gênio protetor de um indivíduo, de uma casa, de um mercado, de uma localidade, é o dispensador do bem e do mal e mensageiro dos outros voduns”. Assim, preside o destino humano como símbolo da intercomunicação, da participação, da sexualidade e fertilidade, da vida e da morte. Como o oráculo Ifá, ele conhece a língua particular de cada divindade e encarna, por esse fato, o princípio de comunicação dos deuses entre si e dos humanos com os deuses. Senhor das portas do céu e das encruzilhadas, é o dono dos caminhos cruzados que lhe servem por um lado para levar a mensagem dos desejos e anseios dos mortais até os deuses, mas pode, por outro lado, caso não seja do seu agrado, impedir que os deuses ouçam as súplicas dos mortais. Ao mesmo tempo temido e respeitado pelos seguidores das religiões afro-brasileiras, deles recebe, obrigatoriamente, as primeiras homenagens antes do início de qualquer cerimônia litúrgica, sob a forma de oferendas acompanhadas de “já”, farofa de azeite-de-dendê, de cor vermelha como as libações de sangue dos animais (bode, galo pretos) a ele sacrificados.

129

Aqui, podemos encontrar a origem da expressão corrente na linguagem cotidiana dos terreiros, “não ser Exu (Leba) pra gostar de farofa”, ou seja, para deixar-se enganar por lisonjas (cf. Pessoa de Castro, 2001:232), e entender a consequente divisão maniqueísta entre “banda branca” e “banda preta” das “mesas” (sessões) e “linhas” (cânticos) de rituais afro-brasileiros. Esta última, da qual se diz “também voltada para a feitura do mal”, usa o azeite-de-dendê em oferendas, que, por ser africano como o próprio nome banto *ndende*, é visto como “coisa de negro” ou “coisa do diabo”, uma projeção que serviu à Igreja Católica para coibir o avanço dos cultos afro-brasileiros. Mais recentemente, sob a denominação de “encosto”, vem sendo explorada, como meio de convencimento, por parte de outros segmentos religiosos, inclusive com programas diários veiculados por determinadas emissoras de rádio e televisão, a fim de atrair novos fiéis para as suas congregações (cf. Cascudo 1978: 41;165).

IV.2.4. A IMAGEM RESTAURADA

130

Conseqüentemente, essa percepção cristã da imagem de Leba ou do seu correspondente Exu-nagô e Bambojira-angola, que persiste no imaginário popular brasileiro, afastou o seu culto, entre outros, da Casa das Minas, onde não é oficialmente celebrado por ser visto pelo seu caráter “maléfico”, equivalente ao de Satanás, em consonância com o depoimento a Pierre Verger de Mãe Andresa (1953:11), uma das suas fundadoras, e confirmado a Sérgio Ferretti (1996:126) por suas atuais lideranças. No entanto, conhecido por Légua na linguagem popular do Maranhão, é venerado nos terreiros de Codó, onde predomina o tambor-da-mata ou terecô, cuja entidade-chefe é Légua Boji. Esse, semelhante ao que ocorreu no Haiti e pelas mesma razões, mudou de caráter. Longe de ser uma divindade fálica, e, por isso, tido por mal-feitor e perverso, é, pelo contrário, representado na figura respeitosa de “um negro velho angolano”, de barbas e cabelos grisalhos, próxima à imagem idealizada para os pretos-velhos ou baculos, muito populares nas umbandas e nos candomblés-de-caboclo, as mais antigas manifestações de religiosidade afro-brasileira, resultado dos contatos de práticas católicas com crenças indígenas e africanas nos primórdios da colonização do Brasil (cf. Pessoa de Castro, 2001: 91).

Talvez, nesse momento, possa ser encontrada uma explicação para o fato de Légua Boji, embora reencarnando o vodum *Legbà*, haver assumido, segundo a crença popular, uma identidade na condição de caboclo (da mata) e cambinda (não mina) ou de nobre. Nesse caso, recebeu o título de “barão”, por decalque ao termo *baqanõ*, mestre *Baqa*, senhor do “encantamento e mistérios, como se passa no culto vodu do Haiti, onde se manifesta como Barão de Samedi, Barão do Cemitério, Barão de Lacuá (cf. Menéndez y Millet, 1996:65-66.) No Maranhão, é lembrado no apelido do líder religioso afro-brasileiro Bitá do Barão, justificando a fama de que goza por seus trabalhos na “linha-da-mata” e na “linha-negra”. Sob outro ponto de vista, convém, mais uma vez, notar que, em ewe-fon, a alveolar / r / é uma variante livre da retroflexa / ɖ / em posição intervocálica, explicando, por conseguinte, a passagem *báanõ* > barão, e o número maior da ocorrência (85%) de casos desse tipo no vocabulário de Costa Peixoto (*kãe* > **care**, *mée* > **mere**, *ɖokpo* > **rupou**), em relação ao número de sua eventual substituição pela dental / d / (cf. Agudá).

Por meio desse tipo de artifício elaborado em defesa de uma continuidade cultural de um povo diante da opressão do cristianismo, o culto a *Legbà* pode ser publicamente “reabilitado” na figura de uma entidade espiritual, um vodum, “que pode fazer o mal, mas que também faz o bem e em quem se pode confiar” (Ferreti, M. 1993:213). Dessa maneira, Légua Boji foi eleito chefe do tambor-da-mata de Codó, também chamado *beta* (CP *gletá* < *gleta*, roça) e seus seguidores, apelidados de *jara*, *jaro* (< *jadá*, *jaqu*, preparar, comer já, farofa de dendê). Tais evidências, dentre outras, coincidem com a afirmação do povo-de-santo da Bahia de que “o jeje é uma nação de mato”, “dos atim”, isto é, seus fundamentos sagrados estão guardados no conhecimento do uso das folhas e das celebrações feitas dentro das matas. Ao mesmo tempo, vêm ao encontro da crença, no Maranhão, de que Légua Boji é “um vodum cambinda que entrou na mata e, como os caboclos brasileiros, gosta de cachimbo, de bebida alcoólica e da brincadeira” (Ferreti, M. 1993:125).

131

IV.3. AS DENOMINAÇÕES GAMLIMNO E COBU

Considerando que a “língua geral da mina” é de base ewe-fon, o registro “**gamlimno, gente cóbù**” direciona nossa atenção para Agonli-Cové, região de antigo agrupamento de fala mahi, cortada pelo rio Zu, no Benim meridional, onde, provavelmente, encontraremos no gentílico fongbe *kɔvɛnù*, natural de Cové, a origem da denominação cobu, registrado com freqüência nos arquivos do tempo da escravidão em Minas Gerais. Para chegarmos a esse tipo de proposição, somamos as informações históricas disponíveis às evidências lingüísticas apontadas pela análise da escrita do vocabulário de Costa Peixoto, tornando, portanto, factível explicar o que, a princípio, parecia não fazer sentido, isto é, a hipótese do termo cóbù ser derivado de *kɔvɛnù*.

1. O sufixo /-nu/, o mesmo de *mahinu* (gente mahi) é atestado em *aglono*, gente de Angola, **guno**, gente gun, logo, **gamlimno**, gente de Agonli, e também, na documentação histórica, em “ladano” e “lano”, de *aladanu*, gente de Aladá.
2. A substituição do /v/, no lexema original, por /b/ em **cobú** estaria em consonância com a fusão dos fonemas históricos /b/ e /v/ na bilabial constritiva da pronúncia dialetal portuguesa (cf. Mattos e Silva 1991:91), cuja alternância pode ser observada na linguagem popular do Brasil, onde é comum ouvir-se “bassoura” por vassoura, “berruga” por verruga, “barrer” por varrer.

No manuscrito de Costa Peixoto, essa troca do /v/ pelo /b/ encontra-se:

a) na tradução das frases:

“**máhizáchuem**, vou **barrer** a casa “

“**menu hé já**, quem é que **bem** (vem) ahí? ”,

b) na transcrição, entre outras, de palavras do fongbe:

ablaya < *avlaya*,

bibi < *vivi*,

hihabou < *yavo*,

gibi < *jivi*,

gom < *hõ'*,

gulam < *hulã*,

be < *ve*.

132

De sua parte, fenômeno semelhante também se observa nos falares dos dois lados do Atlântico:

a) em aportes da língua portuguesa correntes em fongbe: “a vela”

> *abéla*;

b) em vocábulos do fongbe importados pelo português do Brasil, entre outros, “budum” por vodum, registrada em terreiros da mata do Maranhão (cf. Ferretti, M. 2001:69) e “sabarú” por savalu, nos documentos da escravidão (cf. Guimarães, 1988: 480);

c) na alternância histórica / b, v / (cf. *obi* e *vi*, noz-de-cola) entre as línguas iorubá e fon, pertencentes, ambas, à mesma família lingüística kwa (cf. Pessoa de Castro, 2001:39-43).

Finalmente, *kɔvenù* evolui para **cóbù**, através das formas intermediárias **kɔv'nù* > *kɔbrù* > **cóbù**, com a elisão da vogal / e / diante da consoante nasal / n /, realizada como / r /, de base foneticamente frágil em fon que, por isso, termina desaparecendo, a exemplo do que se observa comparando-se os lexemas *kānu*, em fon, e *kru*, em ewe, para dizer escravo:

Cf. *kānu* > **k'nu* > *kru* > **acru**

Na terminologia religiosa afro-brasileira, “barco”, nome do grupo de iniciação, deriva do fon *agbāku*, os que morrem para renascer juntos, onde se observa o mesmo fenômeno / - *bā* -> *bar* -).

Ainda, em CP, temos os seguintes exemplos de / n > r /:

gamRu < *gānú*,
gletá aeRû < *gleta àínõ*,
tã hinhaRam náme < *ta ni na ñõ na mi*,
nhimáclomeRé berehã < *ñ ma gblome ne' gbede õ*.

Evidências dessa natureza invalidam, igualmente, a hipótese aventada por Correia Lopes, no comentário final sobre o manuscrito de Costa Peixoto (cf. 1945:660), de que o gentílico **cóbû** pudesse ser, um dia, confirmado como um caso de deformação do vocábulo brasileiro “caboré”, o cafuzo, suposição que nos pareceu baseada tão-somente no resultado do processo de mescla biológica de índios e negros na região mineira. Por conseguinte, contrariam o argumento de Mariza de Carvalho Soares (2000:109) a favor de terem sido, assim, chamados por originários do reino Gabu, da Guiné Bissau.

Sem desmerecer o mérito da sua obra, mas lamentando a falta de atenção para a importância das questões de ordem lingüística em assuntos como tais, esse tipo de presunção, tanto quanto o de querer associar a denominação “coura ou courano” ao nome de um acidente geográfico por meio de uma simples semelhança ortográfica, no caso, o lago Koura, atual Chade, no extremo norte da Nigéria (cf. ainda Mott, 1993), é um procedimento muito comum por parte de nossos pesquisadores, não só nessa área de atuação nos estudos afro-brasileiros. (cf. Pessoa de Castro, 1999.) Conseqüentemente, são argumentos equivocados porque, no presente caso, não levaram em consideração:

1. a possibilidade de “coura” corresponder a uma transcrição, em francês, do etnônimo *kura/ kuranko/ kurano*, grupo etnolingüístico mande ou mandinga da Guiné Conakry, ex-colônia francesa, o único povo europeu citado no manuscrito de Costa Peixoto (cf. **sujaquem**), e
2. o fato de os negros do Gabu serem bijagós, de língua manjaco, do grupo oeste-atlântico da Guiné Bissau (Westermann e Bryan, 1952:15,33), ambos, portanto, distintos daqueles minas que eram de fala ewe-fon do Golfo do Benim. Entre esses, o povo mahi (maki, makim, maqui, maquim, maí, marri, marrim, maquiné) a quem aquela

conceituada pesquisadora dedica sua atenção ao tratar das irmandades religiosas no Rio de Janeiro do século XVIII.

Vale observar, de passagem, pois voltaremos ao assunto mais adiante, que a variedade de formas encontradas na documentação histórica para o etnônimo *maxí*, em sua escrita original, deve-se aos seguintes fatos:

1. o desconhecimento em português da fricativa velar surda, representada, em ewe-fon, pela letra / x /, que, por isso, termina substituída por fonemas existentes em nossa língua, assim *maxí* > marri, maki, ou emudece, maí, a exemplo de hauçá > “ussá”;
2. as variantes dialetais de pronúncia em ewe-fon, no caso da nasalização das vogais finais (makim, marrim);
3. por fim, às adaptações ortográficas de acordo com as convenções estabelecidas para a língua portuguesa (maki / maquim);

134

Quanto à denominação maquiné, significa, literalmente, indivíduo mahi, ou seja, *maxíme*.

Nessa linha de raciocínio e de acordo com o dito popular “quem conta um conto, acrescenta um ponto”, eis uma hipótese provável para explicar a origem do “cobu”, um tipo de biscoito de fubá, muito duro, assado sobre folhas de bananeira, conhecido em Minas Gerais, mas, também pelos fons do Benim, onde é chamado de *kpodógbà* ou *kpógbà*, lit. “vara para lhe quebrar”, em razão da sua consistência (cf. Seguro: s.v.). Como, evidentemente, trata-se do mesmo biscoito, não vamos imaginar que ele tenha sido levado de Minas Gerais para o Benim. Logo, resta explicar como o termo fon *kpodógbà* evoluiu para “cobu” no falar mineiro, presumivelmente, quando se popularizou, a partir de sua comercialização em tabuleiros ou vendas por mulheres minas ou cobus, originárias da mesma região.

Em linhas gerais, pois não vamos analisar a substituição dos acentos tonais em fon pelo acento de intensidade, mesmo porque não caberia fazê-lo agora, observa-se a seguinte evolução:

1. *kpodógbà* />/ *kpógbà* > *koba, ou seja, / *kp* e *gb* > *k* e *b* /, seguindo uma regra fonológica já comentada para os aportes fongbe em

português e sobre o vocabulário de Costa Peixoto (cf. *alɔgbakpàme* > *alobacame*).

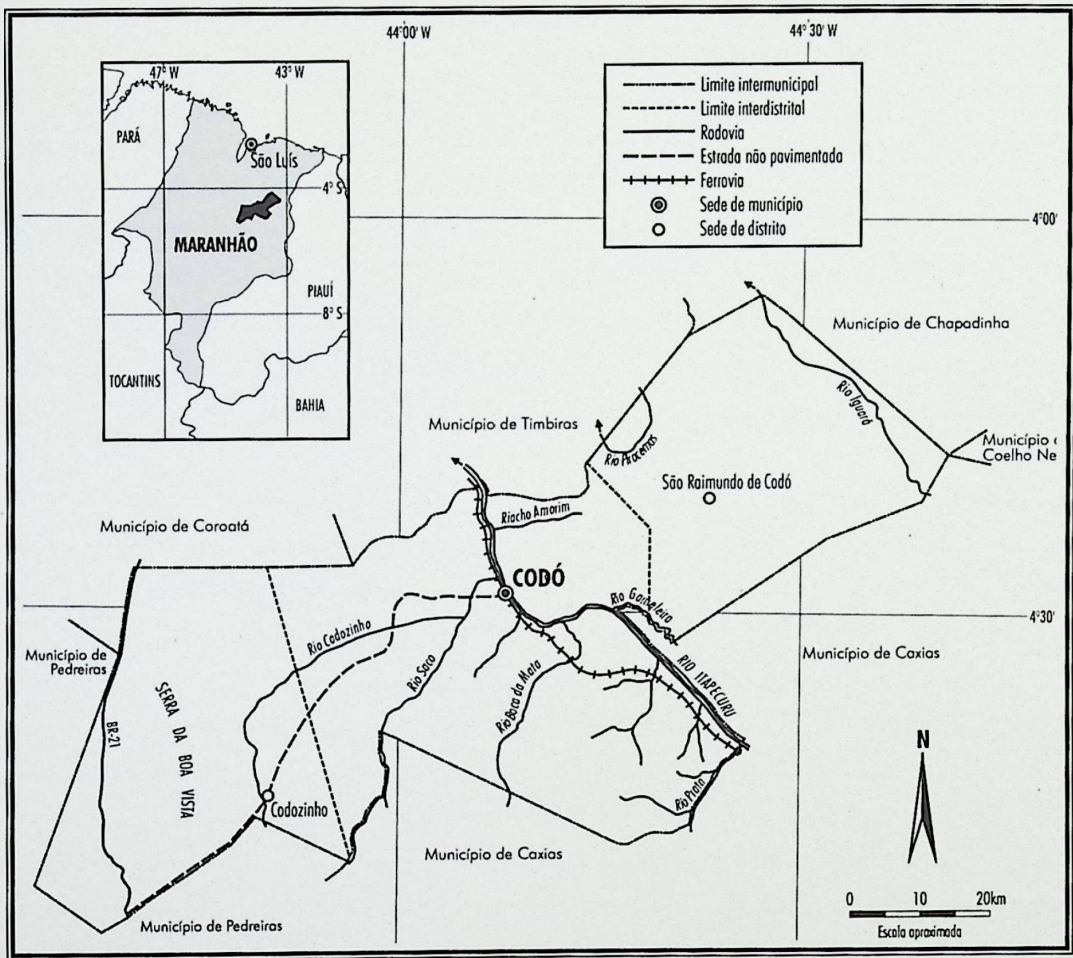
2. *koba > kobu, cobu, provavelmente resultado do pregão feito por suas vendedoras, incitando os transeuntes a comerem o biscoito, ou seja, *kpodógba* ou *kpógbà du!*, entendido *kobadu > cobu, onde o fonema final ainda corresponde ao gênero masculino, em português, da palavra “biscoito”: o biscoito cobu (cf. Pessoa de Castro, 2001: 98-105).

IV.3.1. O TOPÔNIMO MARANHENSE CODÓ

135

Na história da África Negra, os mahis são essencialmente conhecidos em razão da resistência com que enfrentaram as razias daomeanas (fons), por quem foram cruelmente perseguidos, apreendidos e vendidos como escravos do reinado de Akaba (1685-1708) ao dos seus sucessores Agadja (1708-28), Tegbesu (1728 ou 1732-75), Guezo (1818-58) e Glelê (1858-89) (cf. Argyle, 1966:14-34). O espírito combativo, independente e difícil da sua gente lhe valeu, segundo a tradição oral, o qualificativo de *ma-hi-nu*, literalmente, povo tomado de raiva, que depois foi estendido pela gente de Abomé a todos os habitantes da região compreendida entre os agrupamentos fon e iorubá do Benim atual.

Chamados de “selvagens” pelos negreiros da época (Cornevin, 1962:109), em razão de serem os mais difíceis de subjugar, ainda gozam da fama de “ter o diabo no corpo” ou de “ter parte com o diabo”, sobretudo os habitantes de Cové, temidos pelo seu culto a Leba, de onde talvez venha a origem do nome e a mesma reputação atribuída à cidade de Codó, às margens do rio Codozinho, a 130 quilômetros de São Luís do Maranhão. Esse antigo povoado recebeu negros minas a partir do século XVIII, só suplantados, em número, por congos e angolas, que os antecederam, conforme relato de João Batista Machado em *Codó, histórias do fundo do baú* (1999:24-26). De acordo com a documentação histórica existente, apenas em 1755, a Companhia do Grão Pará e Maranhão registrou 691 escravos embarcados de Bissau, contra 1.008 de Angola, rumo ao Maranhão (cf. Carreira, 1969:45), e, no século seguinte, em uma relação de 18 escravos encontrada em inventários de Codó, datados de 1838 a 1847, constavam três (3) minas contra um dobro (6) de bantos, ou seja, cinco (5) congos e um (1) angola (Eduardo, 1948:49).



MUNICÍPIO DE CODÓ NO MARANHÃO, BRASIL.

Segundo ainda Batista Machado (p. 34), “Codó nasceu Codó. Nunca houve outro nome”, pondo em dúvida as versões alegadas para a origem do topônimo, seja a indígena de Teodoro Sampaio, “arremesso de dardo, pequenas lanças usadas pelos índios”, seja aquela associada ao nome do francês Codok, afogado nas águas do rio Itapecuru por volta de 1614, e, até mesmo a mais antiga e ensinada nas escolas, a de que Codó vem de “codorna”, ave da família das tinamídeas, muito parecida com a perdiz. Finalmente, embora alegando a falta de documentação comprobatória, admite como mais verossímil a versão associada ao nome “Kodok, cidade da África Setentrional”, de onde, segundo ele, teriam sido trazidos os africanos introduzidos naquela região, cujo desenvolvimento dependeu da mão-de-obra escrava.

Tendo em vista essa última suposição, também equivocada pelas razões já conhecidas, mas que, ao menos, considera a possibilidade de haver uma origem africana para justificar o nome Codó, voltamos a Cové, a partir de onde levantamos duas hipóteses que, por serem convergentes em direção ao topônimo daomeano, parecem tornar verossímil a etimologia *kɔvɛ-tɔ'*, para os nomes da cidade e do rio maranhenses.

Cf. *Kɔvɛ-tɔ'* > **Kɔvɔ'tɔ'* > **Kɔɔ'tɔ'* > Codó

- a) a harmonia vocálica /*ɛ* > *ɔ* /, seguida da contração das vogais idênticas, muito freqüente em fongbe;
- b) a conservação do timbre aberto das vogais finais e a equivalência do tom alto no termo em fon (- *ɔ*) com a vogal tônica (- *ó*) na palavra Codó, uma norma geralmente seguida pelos aportes lexicais de base africana no português do Brasil (cf. Pessoa de Castro, 2001:100);
- c) a sonorização da dental intervocálica / *t* > *d* /, um fenômeno conhecido na evolução do latim para o português (cf. “latus” > lado, “metu”. medo, “cito” > cedo).

Ainda em fongbe existe o lexema *tɔ'* (em tom baixo) (CP *tó*) para dizer rio, riacho. Por isso, *Kɔvɛ-tɔ'* também pode significar rio Codó, o Codozinho ou *Kɔvɛtɔ-sĩ* (*sĩ*, águas), às margens do qual nasceu a vila de Codó, assim como a de Cové, no curso do rio Zu, no antigo Daomé, em territórios do povo *kɔvɛnu*.

Finalmente, temos ainda de apreciar a hipótese de Fernando Barbosa de Carvalho (em Ferretti, M., 2001:97) de que Codó significaria “charco”, “brejo”, “pântano”, sêm, no entanto esclarecer a proveniência do termo. Faria sentido se, por acaso, estivesse associado à região do Benim conhecida por *Ko*, ao sul de Abomé, que os portugueses passaram a chamar de *Lama*, por ali existir uma grande depressão alagadiça, um acidente geográfico que não está longe da cidade de Cové, mas que não se observa em Codó, no Maranhão. Outra hipótese que pode ser levantada, mas sem sustentação plausível, embora dando a impressão de ser mais verdadeira por se tratar de palavras homógrafas, é fazer o nome de Codó derivar do substantivo fon *kò'dò* (com vogal final /-ô/ de timbre fechado), que quer dizer “cacimba”, a não ser se tivéssemos notícia da importância de alguma poço daquele feitiço, aberto naquela região maranhense.

139

IV.3.2. SOBRE BARBA SOEIRA

Outra evidência lingüística que pode sustentar a possível relação de Cové com a encantaria Barba Soeira, praticada em Codó, é o vocábulo *cobé*. Na linguagem popular da Bahia ocorre, geralmente, como qualificativo de feiticeiro, ou seja, “feiticeiro-cobé” (cf. Matos e Silva, 1988) que pode ser referente a originário de Cové, reforçado pelo lexema banto *kobi*, feitiço, qualquer coisa misteriosa (cf. Pessoa de Castro, 2001:209). Sob esse ponto de vista, é fácil entender a passagem / *v* > *b* / em *kove* > *kobe*, tanto quanto explicar, pela documentação histórica existente, a presença de bantos na região, inclusive citando o testemunho do lexema de base banto *terecô* (*teeleko*, louvar, celebrar pelos tambores), usada no vocabulário maranhense, especialmente em Codó, para designar o culto conhecido por tambor-da-mata.

Se assim for, o vocábulo *cobé* funciona como um certificado de identidade da figura mais temida e respeitada entre outras do mesmo feitiço, por aparentar uma aura de grande mistério envolto no poder de uma sabedoria tradicional, regida pela entidade mais poderosa do panteão negro-africano, *Leba*, *Exu* ou *Bambojira*, que tem a vida e a morte ao seu dispor, podendo, por esse meio, usar, em terceiros, os segredos que guarda na aplicação de rezas, folhas e ervas medicinais curativas ou danosas, tidas como eficazes. Tal conhecimento é atribuído, com muito respeito e um temor velado por parte dos seguidores dos

candomblés da Bahia, ao povo jeje-mahi, em particular, à gente-de-santo da cidade de Cachoeira, considerada popularmente como “o antro da feitiçaria” e, no geral, às lideranças sacerdotais afro-brasileiras de Codó, apelidada “a capital da magia negra”.

140

Essa é uma trajetória que nos leva de volta a Cové, para onde não só os beninenses, mas africanos vizinhos de outras nacionalidades, principalmente políticos, em tempos de eleição, vão consultar os seus videntes, sem qualquer constrangimento, à semelhança do que se passa em relação aos candomblés de Cachoeira e à encantaria de Barba Soeira em Codó. Trata-se de uma entidade negra que teria sido materializada na imagem católica de Santa Bárbara, numa evidente manifestação da resistência cultural do negro em favor da continuidade de suas crenças religiosas frente à opressão do catolicismo no Brasil e da conseqüente repressão policial aos terreiros que, no Maranhão, foram obrigados a ter uma permissão oficial para fazer suas celebrações até o ano de 1988, treze anos depois da Bahia e cem anos após a abolição da escravatura no País (Ferretti, M., 2001:196).

Dessa maneira, o apelido Barba Soeira, um dos mais antigos voduns de Codó e chefe da encantaria do tambor-da-mata (Ferretti, M., 1993:213), provavelmente encobre em seu nome, de aparência portuguesa, um decalque da invocação fongbe *Baḍabaḍá sseyiro`*, em louvor a *Legbà*, uma divindade, como sabemos, essencialmente masculina. No entanto, podemos supor que, por causa da reputação de pelintra e arruaceiro (cf. Zé Pelintra, outra representação de *Legbà*), adotou uma identidade feminina, com personalidade própria, ganhando, então, o nome Bárbara por aproximação morfofonológica com o substantivo próprio feminino português (cf. *Baḍabaḍá* > Bárbara), bem demonstrado na invocação Maria Bárbara Soeiro. Não abdicou, porém, da função, que é conferida a *Legbà*, de iniciar qualquer ritual, sendo-lhe resguardado o privilégio de abrir as festividades do ano litúrgico dos terreiros do Maranhão no dia 4 de dezembro, dedicado pela Igreja Católica a “Santa Bárbara, a mesma Barba Soeira, chamada de Iansã pelos nagôs, uma divindade que baixa nos terreiros de Codó”, de acordo com o depoimento de D. Antoninha, uma das mais antigas lideranças do tambor-da-mata daquela cidade, falecida em 1997, aos 82 anos (Ferretti, M., 2001:120).

Esse processo de “embranquecimento” de *Legbà*, que também se passou disfarçado para os catimbós e umbandas sob o modo esmerado do trajar de Zé Pelintra, à maneira do estereótipo do malandro brasileiro (terno branco, chapéu mole, lenço vermelho ao pescoço, usando bengala ou cajado), em contrapartida à sua representação na figura sensual da Pombajira-mulher, de cabelos longos e lisos (cf. Pessoa de Castro, 2001:85), foi também amparado, na crença maranhense, pelo acaso do vocábulo Soeira / Soeiro coincidir e ser confundido com o sobrenome de origem portuguesa de uma família local. Por sua vez, essa transfiguração restou apoiada pela história de vida de Santa Bárbara, uma das mais populares santas católicas, cuja tradição, como se sabe, foi trazida para o Brasil da Península Ibérica (cf. Cascudo, 1962:98). Em uma das versões maranhenses, contada por Euclides Menezes Ferreira, Talabyan da Casa Fanti-Ashanti de São Luís (1997:77), ela morreu decapitada, acusada de bruxa pelo próprio pai, em revide por ter repelido suas investidas sexuais. Como castigo, ele é fulminado por um raio, no momento daquela execução. A mártir Bárbara tornou-se, então, na concepção popular, a divindade controladora das tempestades, raios e trovões, atributo implícito naquela invocação para *Legbà*.

141

Cf. *Baḍabaḍá sɔ* e *yirɔ* > Barba Soeiro ou Soeira, ou seja:

extraordinário, resplandecente (*Baḍabaḍá*),
gênio estrondoso de fogo (su , sɔ > CP zo),
ele se chama (ε *yirɔ* > CP **hehiroy**)

Para não alongar mais este assunto, que merece um estudo crítico à parte, reproduzimos na íntegra, ao final deste livro, três narrativas sobre *Legbà*, publicadas por J. Melville e Frances Herskovits em *Dahomean Narrative* (1958:142). Pela leitura desses textos, descobre-se que as versões para o “mito” de Légua Boji no Maranhão deixam de ser contraditórias se interpretadas a partir de uma reorientação metodológica na análise dos seus dados etnográficos. Entre essas versões, a de Légua Boji Buá da Trindade, considerada pelos pesquisadores a mais controversa de todas (cf. Ferretti, M., 1993: 213-218).

Seria percebida de maneira diferente, caso não se procurasse entendê-la apenas através do ponto de vista da narrativa maranhense, sem atentar, a priori, para a sua origem daomeana, um equívoco que conduz a outro, ou seja, o de querer identificar o qualificativo Trindade como um locativo, o lugar de onde aquela

entidade teria vindo para o Maranhão, a partir do entendimento popular de que Légua Boji Buá da Trindade recebera esse nome em Codó, onde se instalou, porque veio de Trinidad. Logo, a conclusão, que parece óbvia, é de que se trata de Trinidad-Tobago ou da cidade de Trinidad em Cuba, no Caribe, principalmente dessa última. A alegação dos pesquisadores, seguindo essa mesma linha de raciocínio, é de que a ilha caribenha teria influenciado as religiões de origem africana no norte do Brasil, assumindo como verdadeiro, mas de maneira também equivocada, o fato de “cuba” ser um termo corrente na região como sinônimo de feiticeiro (cf. Ferretti, M., 1993:216). “Cuba”, nessa acepção, é um aporte de base banto, com seus derivados cubaqueiro (feiticeiro) e urucubaca (enfeitiçado) correntes também em falares regionais do Brasil, como na Bahia, que, certamente, até então, nenhuma influência recebera do Caribe nesse domínio em particular (cf. Mattos e Silva, 1988; Pessoa de Castro, 2001:203).

No entanto, as narrativas daomeanas sobre *Legbà* desmentem qualquer suposição de que ele teria vindo do Caribe para Codó, mas não deixam dúvida quanto à sua vinda do Daomé tanto para Trinidad-Tobago quanto para o Maranhão. Aqui, seu personagem incorporou, sob a denominação de Trindade, um trio de entidades do panteão daomeano do qual fazia parte, enquanto em Trinidad-Tobago, ao contrário de Codó, a individualidade desse trio foi preservada, mantendo-se, ali, as denominações “Bogoyana, Vigoyana e Samedona”, de acordo com informações pessoais da coreógrafa trinitária Molly Ahye, registradas por Mundicarmo Ferretti (1993:217).

Segundo a lenda daomeana, *Legbà*, filho caçula de Maú (Argyle, 1966:166), peralta, insubordinado e brincalhão, como a fama de que gozam os caçulas brasileiros, considerados “o dengo da família”, isto é, cheios de mimos e manhas relacionados, em sua origem, ao comportamento daquele vodum (cf. Pessoa de Castro, 1990), foi criado por Kpoli, da família real de Abomé e pela rainha Agbanukwè, juntamente com Minona e Aovi, respectivamente irmã e irmão adotivos. Já na versão maranhense, Légua Boji é filho adotivo de Pedro Angaço (< *Agasu*, da linhagem real de Abomé, de *Kpoli*) e da Rainha Rosa (< *Axosi*, rainha). Os três irmãos formavam uma pequena banda que tocava em funerais, o que nos leva a entender o fato de Costa Eduardo ter associado Légua Boji à

entidade chamada João Bárbara, que, segundo Mundicarmo Ferretti (2001:70) deve ser o Barabaia (cf. *baḍabaḍá*), para quem se canta, em São Luís, em tambor-de-choro (cf. *ciohũ*, banda funerária), a fim de levar as vodunces para o outro mundo, condizente, portanto, com o desempenho mítico atribuído, em Codó, a *Legbà* na função de Légua Boji Buá da Trindade.

Cf. Légua Boji < *Legbà tobotoloji* > *gboji* > *boji*
 Légua Boji Buá < *Legbà tobotoloji* > *gboji* > *boji gla*, ou seja:

Légua (*Legbà*), gênio do espaço celeste (*gboji*) imensurável (*gla*), conhecedor dos caminhos do céu e da terra, entre os voduns e os humanos, o que justifica a crença maranhense de que ele, ao mesmo tempo, possui as chaves dos céu (daí, a sua associação com São Pedro) e, na terra, é o dono supremo de todos os amuletos (*boji*) e encruzilhadas (*tobotoloji*).

143

Diante dessas evidências, constatamos que essa entidade, considerada nos terreiros do Maranhão como “Chefe do tambor-da-mata de Codó” ou “Rei de Codó”, é uma recriação brasileira da lendária história de *Legbà*, estudada, exaustivamente, por Mundicarmo Ferretti sob o ponto de vista etnográfico, mas sem o necessário suporte etnolinguístico para fechar suas conclusões, o que não empana o valor da importante contribuição que o conjunto da sua obra representa de verdadeiro para o estudo das religiões afro-brasileiras.

IV.3.3. A PROPÓSITO DA DENOMINAÇÃO “GALINHAS”

A denominação “galinhas” é geralmente entendida pelos pesquisadores como um grupo de procedência do porto denominado de Gallinas, situado ao norte da fronteira atual entre Serra Leoa e Libéria, onde os portugueses tiveram um forte ou presídio e o traficante espanhol Pedro Blanco manteve um importante empório durante o século XIX. Segundo o testemunho de Nina Rodrigues, na Bahia de seu tempo, os negros, assim apelidados, formavam uma grande colônia na cidade do Salvador e se identificavam como grunces (*gurunces*, *grunxes*), logo, pertencentes ao ramo linguístico gur ou voltaico de Burkina-Fasso que se espalha pelo norte de Gana, do Togo e do Benim (Westermann e Bryan, 1952:61-63). Sobre a razão de serem apelidados de “galinhas”, as explicações

que lhe foram dadas suscitou, da sua parte, o seguinte comentário, que reproduzimos na íntegra (Rodrigues, 1932: 167):

144

Desde os meus primeiros estudos sobre os Africanos da Bahia, prendeu-me a atenção a existência de uma colônia preta das mais numerosas hoje, e conhecida pela denominação de negros Galinhas. Acreditei de começo que se tratasse dos negros que na região da Serra Leoa são conhecidos dos europeus por negros Gallinas. estes negros, que se revelaram sempre intrépidos guerreiros, ocupam as margens do rio Galinha e o vale do Maná. Mas, desta suposição veio dissuadir-me a declaração explícita, por parte de todos eles, de que sua terra muito central demora a grande distancia do mar. Repelem com energia a denominação de galinhas e dão da origem do apelido diversas explicações. Para a maior parte vem o nome dado pelos portugueses e brasileiros, de modo porque eles dançam, abrindo os braços e inclinando-os com o tronco para a frente no sentido e á imitação do movimento de proteção que executam as galinhas para abrigarem os pintainhos de qualquer assalto. Diversa é a versão dada por outros. São de nação muito bravia e indomável e por isso ao serem entregues os primeiros carregamentos de sua terra, sucedeu escaparem e fugirem alguns dos negros novos que se precipitaram, de elevada janela. Isto fez dizer ao comprador que não queria daquelas negros que voam feito galinhas.

Do outro lado, na história do tráfico, ao longo da costa atlântica africana, Antonio Carreira (1969:131) registrou os seguintes processos de reduzir indivíduos à condição de escravos, praticados, àquela época, pelas populações indígenas do Senegal a Serra Leoa, região, portanto, do porto das Galinhas:

- a) roubando escravos uns aos outros;
- b) apanhando em flagrante delito de furto de cereais, frutos ou gado;
- c) os que “caiam no cháí”, ou seja, a prática de qualquer ato ou omissão considerados como delito ou transgressão à face dos costumes, muitas vezes, através de uma atitude ardilosa por parte de alguém;
- d) declarando-os culpados de quaisquer delitos por averiguação feita pelos diferentes tipos de provas mágicas, em particular a prova da galinha, a mais usada entre todas, “ainda hoje praticada com outros intuitos e sanções pecuniárias”.

Essa última prova, na descrição do mesmo autor, consistia em juntar no mato, em local previamente escolhido pelo chefe da comunidade ou pelo adivinho, o maior número possível de indivíduos, formando um círculo. Dentro deste, em um ponto qualquer, o adivinho, depois de feito os rituais, cortava a cabeça de uma galinha, atirando-a para o centro do círculo, na expectativa de que parasse de estrebuchar junto a um dos circunstantes, então declarado culpado, preso, amarrado e vendido como escravo junto com toda a família. Possivelmente, sob tal condição, esses “prisoneiros” de várias etnias eram destituídos de um identidade própria e passavam aleatoriamente a receber o apelido de “galinhas”, dando origem ao nome do porto onde eram comprados aos mercadores locais e vendidos ao tráfico transatlântico pelos europeus como “negros galinhas”, como o próprio Nina Rodrigues admite.

145

Os grunces são de origem mande ou mandinga dos atuais territórios da Serra Leoa e da Libéria, a mesma do povo vai, denominado “galinhas” pelos europeus (Westermann e Bryan, 1952:35). No manuscrito de Costa Peixoto, poderiam ter sido mencionados como **gamlimno**, caso este termo fosse um decalque em fon do vocábulo português “galinha”, uma hipótese que justificaria outra, a definição “gente **cóbù**”. Em outras palavras, o termo **cóbù** viria dos vocábulos em fongbe *kɔvu ou *kɔvɔ, onde temos o lexema Kɔ, cacarejar + o sufixo vu, pequeno, ou o substantivo vɔ, sacrifício, para tentar justificar uma etimologia que se aproximaria de uma tradução, também em fon, do termo português “galinha”, no manuscrito de Costa Peixoto. De qualquer maneira, enganou-se Carlos Ott (1955: Apêndice III) ao incluir os “galinhas”, num total de 56, na relação de negros de origem banto nos documentos por ele levantados nos arquivos da Casa de Misericórdia do Salvador, entre 1800 e 1853.

IV.4. A DENOMINAÇÃO GUNO

Esta denominação não é registrada nos documentos históricos da escravidão, embora saibamos do volume do tráfico do Brasil com o reino *Xogbónu* (lit. no limiar da casa grande) por mais de dois séculos consecutivos. Esse antigo reino, situado, hoje, no cone sul do Benim, na região fronteiriça ao povo iorubá da Nigéria, que o chamava de *Ajace* (conquistado pelos adjás), foi batizado, em 1752, de Porto Novo por Eucaristus de Campos (cf. Akindele e Aguessy, 1952:71), que deu nome à cidade, atualmente, capital administrativa do

Benim. Poderiam ser os *Xogbonuvi*, filhos de *Xogbónu*, povo gun proveniente de um grupamento adjá fortemente influenciado pelos nagô-iorubás, que constitui o essencial da população de Porto Novo e ficaram denominados pelo tráfico de botobi, butubi, mondobi, mundubi, mandubi. Na Bahia, 56 escravos estão registrados sob a denominação de mandubi, em arquivos datados da primeira metade do século XIX, que se encontram na Santa Casa de Misericórdia da cidade do Salvador (Ott, 1955: Apêndice III), enquanto, no livro de “Tutelas e Inventários de São Francisco do Conde”, na região canavieira do Recôncavo, constam apenas três apelidados mondubi (Verger, 1968: Anexo).

146

Falantes de gungbe, língua muito assemelhada ao fongbe, mas, ao contrário dessa, prefere conservar em suas formas nominais o morfema inicial / o- /, correspondente, possivelmente, ao que os bantuistas chamam de “aumento”, que é característico do umbundo, a exemplo dos lexemas *ongombe* x *ngombe*, *boi*; *ongoma* x *ngoma*, tambor (cf. Pessoa de Castro, 2001:95). Como esse morfema foi registrado em palavras dos vocabulários “jeje” de Nina Rodrigues (cf. “odá, onu, odo, ôta”) e “mina” de Costa Peixoto (cf. **ugam, ugom, uhũ**), pode-se tomar esse tipo de evidência para confirmar a presença do povo gun ou guno (< *gũnu*) na Bahia, no século XIX, e na região das Minas Gerais, a partir da primeira metade do século XVIII, ou, mais precisamente, em 1731, data do primeiro manuscrito de Costa Peixoto, que define o etnônimo como gente mina.

Sob outro ponto de vista, o lexema *Xogbónuvi* é realizado com dois fonemas, a fricativa velar / x / e a labiovelar / gb /, que, como vimos, são desconhecidos em português, provocando, a partir daí, o surgimento daquelas variantes no termo importado, através, em linhas gerais, das seguintes modificações:

1. passagem de / gb > b / e / v > b /, *Xogbónuvi* > **xobonubi*;
2. emudecimento do / x / (cf. *Xueqá* > *Uidá*) e conseqüente elisão da vogal inicial / - ç /, com eventual nasalização da bilibial / b > m /: *bonubi* > *mudibi* / *monubi* / *mondubi*;
3. alternância das dentais / n, t, d /, *bonubi*, *botubi*, *monubi*, que também ocorre em aportes de base banto no português brasileiro, a exemplo de *kalombolo* > *çandomboro*, *caramoro*, *caramoro*, *galo*, ou *divuna* > *nivuna*, *barriga* (cf. Pessoa de Castro, 2001: 96);
4. variação das vogais / u, i /, *mundubi*, *mindubi*, recorrentes no

português, em vocábulos como louça/ loiça, cousa / coisa, também observada nos aportes portugueses em fongbe, entre eles, *kōmiō* < comunhão.

IV.5. A DENOMINAÇÃO AGLONO

Sabe-se que o tráfico para o Brasil não passou de uma extensão do que já vinha sendo praticado por Portugal, desde o final do século XV. A princípio, com o reino do Congo, mas, no século seguinte, para atender à crescente demanda de mão-de-obra escrava nas colônias americanas, concentrado em Luanda, no reino do Dongo (Ndongo), que passou a ser chamado pelos portugueses Angola, de *Ngola*, o Divino, título atribuído aos seus soberanos. Desde então, o apelativo angola começou a aparecer com mais freqüência do que o termo congo, para designar um sem-número de grupos etnolinguísticos bantos que eram embarcados em portos ao longo da atual costa angolana, tais como Molembo, Cabinda, Moçamedes, Ambriz e Ambrizete. Para essa região, o tráfico se voltou no século XVII, após a decadência do reino do Congo, e, nesse processo, Luanda foi tão importante para o Brasil que é invocada, em versos, por diferentes manifestações do folclore brasileiro como Aruanda, no sentido de África mítica, morada de todos os deuses e ancestrais. A mudança na direção do tráfico reflete-se no manuscrito de 1741, onde Costa Peixoto substituiu o termo cucano (< *kukongo*), registrado em 1731, por **aglono** (< *angolanu*) e aparece, de maneira subliminar, na seguinte estrofe de um cântico do Rosário do Preto Velho (1967:54):

O povo de Congo é povo valente.

Seu Rei de Congo já chegou.

Ele veio de Aruanda,

· com toda a sua Banda.

Entre os bantos, destacaram-se bacongos, ambundos e ovimbundos. Bacongos, falantes de quicongo (cerca de meio milhão), língua que engloba vários dialetos regionais de territórios correspondentes, *grosso modo*, aos limites do antigo reino do Congo, hoje compreendidos no sul do Congo-Brazzaville até o Cabo Lopes, no Gabão, sudoeste do Congo-Kinshasa e noroeste de Angola, nas províncias de Cabinda, Zaire e Uíge. Daí, foram levados para Lisboa os primeiros negros bantos escravizados, em lotes que se multiplicaram a ponto

de surgir, na literatura portuguesa da época, imitação do falar criouliante do negro em Portugal, como nos autos *Frágoa de Amor e O Clérigo da Beira* de Gil Vicente (cf. 1965: 68). Para o Brasil, dentre outras evidências, sua importância histórica reflete-se nos autos populares dos congos, nas congadas e nos candombes, que têm larga distribuição geográfica no País, mas que se concentram, sobretudo, em Minas Gerais, nos quais se preservam as figuras do Rei do Congo, o Manicongo, e da Rainha Jinga de Matamba (cf. Alvarenga, 1960:90-94; brasileiro, 2001). A grandiosidade desse reino era de tal ordem que assim a ele se referiu Luís de Camões, nos *Lusíadas*, escrito em meados do século XVI:

*Ali o mui grande reino está de Congo
 Por nós já convertido a fé de Cristo,
 Por onde o Zaire passa claro e longo
 Rio pelos antigos nunca visto.*
 (CANTO QUINTO, 13).

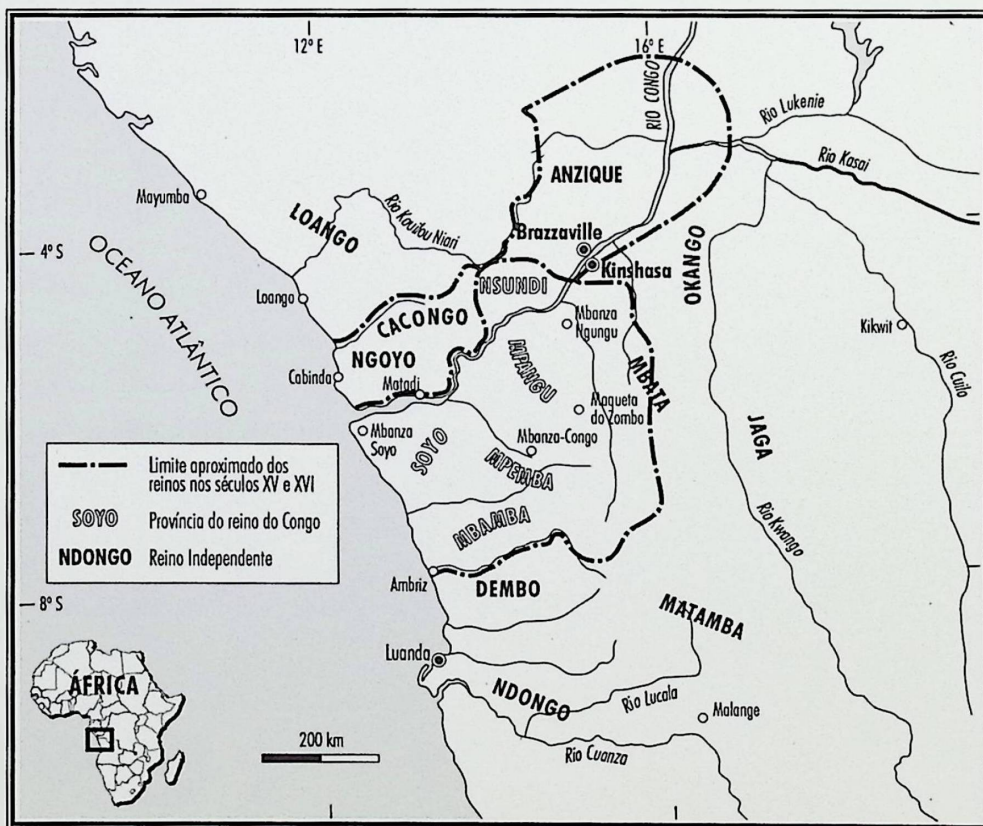
Os ambundos, falantes de quimbundo (1 milhão), estão concentrados na região central de Angola, entre Luanda, sua capital, Malanje, Bengo e Cuanza Norte até Ambriz, em território equivalente ao antigo Reino do Dongo. Já os ovimbundos, de fala umbundo (1,5 milhão) estão localizados ao longo de uma região bastante vasta e povoada, abrangendo as províncias de Bié, Huambo e o antigo Reino de Benguela, ao sul de Angola. Uma de suas características é a presença, diante dos prefixos classificatórios, exceto na classe 5, de um antigo demonstrativo “o-”, como no próprio etnônimo ovimbundo, sobre o qual já falamos. No Brasil, ao contrário do que verificamos na Bahia (cf. Pessoa de Castro, 2001: 95), esse tipo de “aumento” pode ser encontrado nos vocabulários recolhidos em Minas Gerais por Machado Filho (1944), Eugênia Gonçalves (1995), Sônia Queiroz (1998), no Rio de Janeiro, por Viotti (1957), e em São Paulo, por Vogt e Fry (1996), o que deixa entrever a relativamente maior importância da presença ovimbundo nessas regiões, trazidos, provavelmente, em contingentes mais significativos, a partir do século XVIII, sob a denominação de benguelas, de acordo com o seu porto de embarque.

A amplitude geográfica e densidade da sua distribuição humana, aliadas à antiguidade de sua presença no Brasil, foram fatores que, somados, tornaram a influência banto tão profunda, na configuração do perfil da cultura e da língua

brasileiras, que traços de suas culturas e línguas terminaram sendo apropriados como símbolos de identidade nacional, a exemplo do samba e da capoeira.

Na mesma proporção, estão os aportes lexicais de base banto correntes no português do Brasil. São vocábulos completamente integrados ao sistema lingüístico do português, formando diferentes derivados de suas respectivas raízes bantos (cf. esmolambar, molambento; moleque, moleca, molequinho, molecote, etc.). Em certos casos, chegam a substituir o vocábulo equivalente em português e corrente em Portugal, dentre outros, caçula por benjamim, corcunda por giba, moringa por bilha, cochilar por dormir, sunga por calção. Costa Peixoto ainda registra “chingar” (xingar) por insultar, “cambuta” por raquítico e “mucutos” (mocotós) por patas-de-boi, termo que os grandes dicionários da língua portuguesa do Brasil (cf. Aurélio e Houaiss) continuam insistindo em lhe dar uma etimologia tupi equivocada, pelo simples fato de que os indígenas brasileiros desconheciam o gado bovino (cf. Pessoa de Castro, 2001: 59-64).

149



REINOS DO CONGO, LOANGO E DONGO.

V. OS DIÁLOGOS

Os diálogos que reconstituímos do manuscrito de Costa Peixoto retratam o ambiente social de Vila Rica no século XVIII, durante o auge da prospecção de ouro e conseqüente aumento na demanda de mão-de-obra escrava na região, pondo em destaque: a) o enfrentamento nas relações humanas entre senhores e negros, escravos fugidos ou forros, b) seu processo de socialização e c) suas atividades profissionais e econômicas.

V. 1. ENFRENTAMENTO NAS RELAÇÕES HUMANAS

151

Essas relações envolvem o escravo fugido, os castigos a que eram submetidos e a explosão da revolta contida, manifesta no desempenho do canhambola ou **mesesim**, um assunto que foi discutido, tomando "**Dois diálogos como testemunho**". A eles retornamos, para salientar algumas de suas passagens, desta vez, pondo em destaque a condição do canhambola como ser humano, o enfrentamento com o capitão-do-mato (**megulitó**), o ódio devotado aos brancos (**hìhàbouno**) senhores e patrões, e o desprezo desses pelos negros (**mal**), tratados sempre como escravos (**acrû**).

Hihàboutómé manhôhã. Terra de branco não presta.

Yavotòme ma ñõ

Hì hà bouno, hè nachuhé acrí susû. Os brancos castigam muito os escravos.

Yavonõ e na xó (açoitam) e aklu susu

Mesisim matim hìhàbuono hã. Os canhambolas não têm amigos brancos.

Mesešì e e fì` àkue` cè kpo.

Vimos que a figura do capitão-do-mato se mostra com todo o arbítrio punitivo de "agente policialesco" e, ao mesmo tempo, de carrasco, função que lhe era conferida pela compra da patente com a qual tinha o direito de caçar e prender negros fugidos ou canhambolas e de abordar outros tantos sob a mesma suspeita. Na declaração acima, observa-se que o castigo mais comum era a flagelação feita com o bacalhau (**ba**), chicote de couro cru torcido, próprio para açoitar escravos (cf. Goulart 1971). Esses eram, geralmente, amarrados no tronco ou pelourinho, levantado em praça pública, um tipo de sevícia que serviu de

inspiração para o comovente romance *Tronco do Ipê* de José de Alencar e de que se guarda triste memória no nome da mais famosa localidade da antiga cidade do Salvador, o Pelourinho, um conjunto arquitetônico colonial português, importante centro de atração turística e cultural no Brasil, elevado à categoria de Patrimônio da Humanidade pela Unesco.

152

Quanto aos negros, embora sempre tratados, no manuscrito, como escravos ou **acru** (cf. **acruche he cupou**, os meus negros morreram-me todos), eles também se mostram na condição de forros (**methomereu**), obrigados a andar com uma carta de autorização do senhor, como se pode depreender, a partir de uma abordagem feita pelo capitão-do-mato a dois suspeitos de fuga. O primeiro é, logo, liberado, por trazer consigo aquela autorização.

MELANDUTO: – **Guisi?** Tu andas fugido?

Hui si?

METHOMEREU: – **Masihã.** Não ando fugido, não.

Ma si a.

MELANDUTO: – **Sóháhihema mápom.** Mostra escrito (carta) para ver (conferir).

Sò wa mì wema ba kpõ.

METHOMEREU: – **Héhunihe.** Aqui está.

E fi nu we.

MELANDUTO: – **Hihá licouthóhe,** vai andando o teu caminho.

Yi alixò towe.

Já o trecho a seguir retrata o procedimento para aprisionar um negro suspeito de ser canhambola, amarrando-lhe os pulsos com uma corda, tirando-lhe a roupa para revistá-lo, à procura de ouro furtado, e sua súplica desesperada, pedindo perdão, aos prantos, temendo ser morto, sob a alegação de que era escravo de uma mulher, logo, não se tratava de fugitivo nem canhambola, pois tinha dono e moradia certas.

ACRU: – **Huhemamatim. Huhema hébũ.** Não tenho escrito.

Perdi o escrito.

Wema ma fi. Wema è bú.

MELANDUTO: – Guácheguimatim huema, ná blauhe. Sócamnáme.
Name alõ.

Se não tens escrito, hei de amarrar-te. Dá cá uma corda. Dá cá as mãos.

Hu a cé hui ma tĩ wema, na bla hue. Sogã na mì. Na mì abõ`.

ACRU: – Hum biho, hehíávoudum. Blame abõ. Peço-lhe, pelo amor de Deus. Amarre-me devagar.

M bìõ', yewehiha vovodũ '. Bla mì abõ.

MELANDUTO: – Ani hutuguiviatim. Pois, por que choras?

Ani útu hui yà vin.

ACRU: – Gui blame vô. Hihàbouce de cruàme. Vosmicê amarra-me sem causa. Eu sou escravo de uma mulher.

Hui blame vô. Yavósí de kru a mì.

MELANDUTO: – Gui clóme. Tu enganas-me.

Hui gblo me`.

ACRU: – Nhimáclomeré berehã. Eu nunca enganei ninguém.

Ñ ma gblome ne' gbede ã.

MELANDUTO: – Lelo. Sódópó thóhé mápom Mentira. Dê cá as algibeiras para ver.

Gblédo`. So dokpò towe ma kpõ.

ACRU: – Dopo, hématim numréhã. Pom. Dokpò, e ma tĩ nu ndé a. Kpõ'.

As algibeiras não têm nada. Vede.

MELANDUTO – Dé avó pou. de avókpo.

Dispa a roupa.

ACRU: – Nhináhi. (Me) n na yì.

Eu hei de ir nu?

MELANDUTO: – Mégui me náhihã. Não há de ir nu, não.

Me hui ma na yì õ.

ACRU: – Jálé jálé – mágume hã. Hum bihó – hehíávou vódum

Peço vos que me não mates. Peço-vos, pelo amor de Deus.

Jalé jalé ma hu mi ã. N bìõ' e yavóvodũ'.

MELANDUTO – Humé naguhehã. Não matamos não.

Hu mi na hu we a.

ACRU: – Guidómórufidim. Você diz isto aqui, agora.

Hui do` mo du fi ãi.

Em outra passagem, os papéis se invertem. Agora é a vez dos canhambolas abordarem um branco, seguindo o mesmo procedimento ao revistá-lo, obrigando-o a tirar a roupa, sempre sob ameaça de morte, sem ouvir suas súplicas e a alegação de não ser de todo mau para os negros.

MESESIM: – **Maguhi hi habouno.** Matemos este Branco.

Ma hu yì yavonõ.

HIHABOUNO: – **Anhutũ nágume.** Por que razão me quereis matar.

Ani útu na hu mì?

MESESIM: – **Aquhê hutû na guhi. Miná – hinum poupouthóhũ.**

Por mor do ouro o quero matar. Queremos lhe tomar tudo.

Àkue' utu na hu è. Mi na yi nu kpokpo towe.

HIHABOUNO: – **Hinum poupou magumehã. Mipoupou màhichomto.**

Tomai tudo e não me mateis. Nós não somos todos amigos.

Yi nu kpokpo ma hu mì a. Mi kpokpo ma yi xõ'tõ'.

Nhimáhinháram nácruhã. Nhimerabouháme

Eu não sou ruim para os escravos. Eu não sou de todo mau.

Ñ ma ñalã na akru ã. Ñ me ñlã bi a mì.

MESESIM: – **Guidómórufidim.** Você diz isto aqui agora.

Hui dɔ' mo' u fi ði.

HIHABOUNO: – **Humdómó to poupou me.** Digo o mesmo em qualquer parte.

M dɔ' mō tɔ kpo kpo me.

No entanto, nos diálogos seguintes, essa alegada "amizade" parece existir entre dois personagens, um branco e um negro, que, supomos, de "língua passada", tentando fazer a negociação de um furto ou contrabando de ouro, tanto que estavam atentos para as pessoas que, por acaso, despontassem no caminho ou passassem pelo local onde se encontravam, aparentemente, a conversar. Entre elas, aponta duas mulheres, uma branca, tratada por "senhora", outra, ao contrário, mencionada simplesmente como "uma mulher", além de um padre. Por fim, sentindo-se seguros, realizam a transação.

Branco: – **Mesesim dáligi. Mesesim efim aquachepou.** O caminho tem canhambolas.

Os canhambolas furtaram-me o meu ouro todo.

Meseši sī d'aliĵi. Meseši e fi` àkue`cè kpo.

Negro: – **Mesisim matim hihàbuono hã.** Os canhambolas não têm amigos brancos.

Meseši ε e fi` àkue`cè kpo.

Branco: – **Menu hé jã.** Quem é que bem (vem) aí?

Menu we já?

Negro: – **Hihábouce hé já.** Aí vem uma senhora (branca).

Yavósi we já.

– **Hinhono hé já,** aí bem (vem) uma mulher.

E ñinõ we já.

– **Hi há buono héjá.** Aí bem um (homem) branco.

Yavonõ we já.

Branco: – **Avóduno hé já.** Aí bem (vem) um Padre.

(A)vodũ`nõ we já.

Negro: – **Avodumcũ hi hábouno mádu lamhã.**

Na quaresma os brancos não comem carne.

Gun/Mahi (A)vodũ`su yavonõ ma du lã a.

Branco: – **Énáduguhevi.** Comem peixe.

E na dũ huevi.

Negro: – **Mèré má já lá. Gulánum náme.** Não bem (vem) ninguém.

Guarde-me esta cousa.

Međe ma já lá (ninguém não vem com certeza). Hula nu na mi.

Branco: – **Sóhã.** Dê cá.

So wa.

V.2. PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO: A IGREJA E A VENDA.

Esse tipo de processo é polarizado entre a Igreja (**avó dum chuê**) como centro de conversão, e a venda (**nunsachome**), como estabelecimento comercial, de lazer e diversão. No primeiro plano, de caráter oficial e prestigioso, socialmente reconhecido, está a "cristianização" do negro, por intermédio do sacramento do batismo e do casamento. No plano oposto e marginal, de economia dita subterrânea, o comércio praticado na venda, incluindo o contrabando e a prostituição de mulheres negras, chamadas de **josi**, "mulher-dama", literalmente, mulher-de-venda.

NA IGREJA

Só para relembrar, aquela "cristianização" obrigatória deu lugar ao surgimento de uma série de novos conceitos, com o Vodum daomeano equiparado ao Deus europeu (**hihávouvódum**, vodum de branco), e, entre outros, o ato de batizar decalcado no sintagma verbal *duje*, comer sal, o de casar, *ulialo*, receber a mão, e confessar, *do vodu*, contar a Deus.

156

Nesse sentido, ainda é curioso notar a tradução de compadre ou comadre pelo termo **avodum xontom**, ou seja, amigo por "pacto de sangue", provavelmente, pela semelhança com a cor do vinho **agamvegê**, aguardente vermelha, que é usado na comunhão da missa, e a ausência dos aportes da língua portuguesa que se passaram para o fongbe que por essa razão, não interessou a Costa Peixoto registrar. Entre os 17 que computamos ao falar da influente presença de agudás no Golfo do Benim, estão: *abēsáũ, àklúzù, àmísà, katekísmù, kristã(ũ), kōmiõ*.

Cf. – **Filhàhegulialú?** *Fi te a è?*

Aonde casou?

– **Hegulialô Touboume.** *E ulialo Togbome.*

Casou no Reino

– **Hègulialó toumefi.** – *È ulialo tome fi.*

Casou nesta terra.

Cf. – **Vi ecódugê?** *Vi è ko duje`?*

O menino já se batizou?

– **E màcodugehâ.** *È ma ko duje` a.*

Ainda se não batizou.

– **Ecódugê.** *È ko duje`.*

Já se batizou.

A MULHER NEGRA

No Golfo de Benim não era comum armazenar escravos em barracões, à espera da viagem transatlântica, como se passava em Angola, que utilizava o sistema de pombeiros, encarregados de percorrer milhas adentro, escolhendo indivíduos

fortes, jovens, principalmente, homens. No Daomé, o embarque era imediato e a compra feita diretamente ao soberano local, que enviava para o navio negreiro os lotes por ele selecionados. Foi o caso de Agadja, que, além de vender um número maior de mulheres, só ele, em seu reino, podia fazer esse tipo de transação. No entanto, a prática generalizada era a de selecionar, entre os homens, os mais fortes, altos e esbeltos, tidos como bonitos (**hinhogampê**) para servirem à corte, e enviar, para os tumbeiros, os de porte franzino, de estatura abaixo da média (**melequete**) e aqueles classificados de feios (**hinharamgampê**) (cf. Akinjogbin, 1967:79).

157

Nessa época, primeira metade do século XVIII, no auge da prospecção do ouro, é possível que tenha sido trazido do Golfo do Benim para a região das minas no Brasil, o maior contingente de mulheres de todos os tempos, uma mão-de-obra considerada excedente para os trabalhos de garimpagem, mas que coincidiu com a chegada de um grande número de colonos vindos do Reino (**Touboume**), entre eles Antonio da Costa Peixoto, e outros provenientes de várias regiões do Brasil, atraídos pela perspectiva de fortuna imediata. Como esses aventureiros eram quase que exclusivamente homens solteiros, aquelas mulheres começaram a ser utilizadas como concubinas e prostitutas, ainda mais porque se espalhara a crença de que o minerador, para ser bem-sucedido, tinha de ter uma escrava mina para si, o que aumentou o seu valor de venda no mercado comprador de escravos, seguindo o velho lema mercadológico de que "a propaganda é a alma do negócio" (cf. Boxer, 1963: 95).

Junte-se a esse fato os estereótipos que eram veiculados pela historiografia brasileira, onde o negro mina é visto como inteligente, laborioso, e suas mulheres elogiadas pelos atributos físicos e exuberância sexual, uma fama que se encontra, de forma explícita, na expressão popular brasileira "bunda de negra mina", de referência a mulheres nadegudas, bem alcatreiras. Vale citar o exemplo da figura lendária de Xica da Silva, nas Minas Gerais do século XVIII, que ganhou notoriedade e fortuna, graças ao seu poder de seduzir o colonizador branco. No filme do mesmo nome, de Cacá Diegues, ela se transforma na heroína-sexo do tempo da escravidão no Brasil, chegando seu comportamento às raias da ninfomania, extrapolando uma visão de falsa moral burguesa sobre a mulher africana que, a priori, sem o ensinamento do cristianismo, desconhece a noção de

pecado original e não sente vergonha de mostrar o corpo e exibir sua sexualidade, num desprendimento que a tornava presa fácil do apelo sexual provocado pela sua nudez ante os olhos do homem europeu, temente a Deus (cf. Pessoa de Castro, 1955).

158

Essas mulheres também foram utilizadas como vendedoras ambulantes de comestíveis postos em tabuleiros e nas vendas, muitas delas de sua propriedade, compradas com o lucro também obtido pela receptação de contrabandos e produto do roubo de quilombolas e garimpeiros, aos quais forneciam todo o gênero de mercadoria, inclusive armas e pólvora, além da prostituição de escravas. Centros de festas e batuques ruidosos, temidos pela população e perseguidos pelas autoridades locais, essas vendas, eram situadas à beira dos caminhos mais transitados, geralmente na entrada da cidade, e, segundo comentário de Mello e Souza (1982: 177), "devem ter representado um papel de destaque na agremiação de indivíduos pobres e desclassificados, estabelecendo vínculos de solidariedade entre eles e ocupando o lugar que, na Europa, foi preenchido pela taverna". Também, no Caribe, acrescentamos nós, a exemplo de Barbados, onde a lendária figura de Rachel Pringle, mulher negra, filha de escrava de provável origem mina, dona de venda que funcionava como taverna e prostíbulo, tornou-se uma das mais ricas personalidades da história daquela ilha (cf. Anexos).

NA VENDA

Vejamos o que ensina Costa Peixoto sobre o comportamento que o seu eventual leitor, na condição de cliente, deve adotar, quando em uma dessas vendas ou prostíbulos (**nhono xome**, lit. casa de mulher) e a maneira, segundo ele, mais adequada para se relacionar com uma prostituta (**agalito**). Nota-se o empenho do autor, certamente por experiência própria, para conduzir uma abordagem que resulte no melhor aproveitamento da situação por parte do seu cliente. No entanto, os diálogos em cena doméstica são muito poucos, o que denuncia o fato de seu manuscrito ter sido dirigido para a vida fora de casa, onde não havia espaço para mulheres brancas (**hihábouce**) e esposas (**asi**), ou, senhoras e sinhazinhas casadoiras (**asuhe**, lit. jovem em idade de casar).

1. Cliente e proprietária:

– **ANIGUISÃ**, que é o que vendes?

Aní hui sà?

– **HUM SÁNUM POUPOU**, vendo muitas coisas.

M sanu kpekpo.

– **NUMPOUPOUTE**, pois que coisas?

Nu kpe kpo te`

– **QUIMATIM NUCUMHÃ**, vosmicê não tem olhos ?

Hui ma tĩ nukũ` a.

– **NHITIM NUCUM. NHIMONO**, eu tenho olhos. Eu vejo.

Ñ tĩ nukũ`. Ñ mõnu.

– **NUMRUFÍ MÁGEROUMEHÃ**, o que aqui está não me apetece.

Ndu` (du`) fĩ má jìró mì a.

– **QUI GEROI AYÕ**, vosmicê quer

Hui jìró ì wayo ? (termo grosseiro equivalente a "foder, trepar").

– **HUMGEROI**, quero.

N jìró i (agrada-me, quero isso).

– **MÁGEROI HÃ, MÁGEROU HEHÃ**, não quero (isso) não, não quero não.

Ma jìró ì a, ma jìró e a.

– **UHÃ CHÓNUM**, ande comprar alguma coisa.

Wa xo` nu.

– **NHIMATIM AQUHÉDIMHÃ**, eu não tenho agora ouro.

Ñ ma tĩ ` àkue` ãta.

– **UHÁCHÓ ACHÕ**, ande comprar fiado.

Wa xo` axo,.

– **GUBESUMI, NÀMENUMRE` MÀD**, tenho fome, dá-me alguma coisa para comer.

Gõ ve sĩ mì (a barriga me dói), na mì nuḍe ma ðù.

– **ANIGUIGEROI**, que é o que queres?

Aní hui jìró i?

– **NAME AVÀNÀPOU LEFIM POU**, dê-me banana e mais farinha.

– Na mì agbãna kpo lĩfi` kpo.

– **NHIMATIM NUMRÉNÁNAUHENHÃ**, eu não tenho que lhe dar.

Ñ ma tĩ núé na na we a.

– **GUACHE GUI MÁNÁMENUM RÉ UNÁCŪ GÓVĒ**, se não me deres alguma coisa, morro de fome.

Hu a ce hui ma na mi nù'dé m na kú gɔ ve .

– **HI**, tome.

Yi.

– **CHOGÓME, NUMBLÁ SUMI, NÀME A SIM MÁNUM**. Tenho a barriga cheia, tenho sede, dá-me água para beber.

Xo go mi (não tenho fome), nugbla sūmi. Na mi aši ma nu.

– **NHIMÁTIM A SIM RUCHUHEM HÃ**. Eu não tenho água em casa.

Ñ ma ti aši ɔo xué a.

– **GUI VÉNUM**, você é escassa.

Hui ve nu.

– **NHIMÁVÉNUMHÃ, TÃ HINHÓNÁME**. Eu não sou escassa não, tenho boa fortuna (fortuna).

Ñ ma ve nu ā, ta ni ñõ na mi.

– **TÃ HINHARAM NÁME**. Não tenho fortuna.

Ta ni na ñõ na mi.

– **ACRUCHE HĒ, CUPOU. MESESIM EFIM AQUACHEPOU, ÉBÁ TÁ NÁME. HUMDUÀCHOSUSUM**.

Os meus negros morreram-me todos. Os canhambolos furtaram-me o meu ouro todo. Quebraram-me a cabeça. Devo muito (dinheiro).

Akluce e kú kpo. Meseši e fi ` àkue` cè kpo, e ba ta na mi, n du axo' susu.

– **NHIMÁDUÁCHÓMERÉHÃ**. Eu não devo nada a ninguém.

Ñ ma ɔuaxo' meɔe a.

2. Crédito x pagamento:

– **SÁCOUCULOURUPOU NÁMEACHÔ**. Venda-me uma galinha fiada.

Sà kokulo ɔokpò na mi axo.

– **NHIMÁSÁCOUCULOUCH ACHÓHÃ**. Eu não vendo as minhas galinhas fiadas.

Ñ ma sà kokulo s'axo a.

– **AQUHÉNÁBI NÁ SÁRUPOU**. Por quanto vendes uma?

Àkue' nabí na sà dokpò?

– **UNÁSÁ AQUHÉCOU**. Vendo-a por meia oitava.

N na sà àkue'ko (vinte cauris).

– **GUIGEROU COU SÓGAM NAME.** Se queres meia oitava, dá cá a balança.

Hui jìró ko sa gã na mì.

– **NHIMATIM GAMRUFÍ.** Eu não tenho aqui balança.

Ñ ma ãi gãnú fí.

– **HIBILHÕ MERE.** Vá pedi-la a alguém.

Yi bì(y)ó meḍe'.

– **MÁHIBIHÕ.** Eu vou pedi-la.

Ma yì bìó.

– **HÉHUNIHE.** Aqui está.

E nu ni we.

– **HÉTÍM GAMSUSÛ.** Tem muita força.

É ãi gã' susu.

– **GAM MATIM.** Não tenho força.

Adã'ma ãi.

– **DIDAME.** Ajude-me a levantar.

dj`dã mì.

– **NHÁ AQUHÉCATOM NAME.** Emprésteme três oitavas de ouro.

Ñà àkue' kã tō na mì.

– **AQUHÉ NABINÁ NAUHÉ.** Quanto há de ser?

Àkue' nabí na nō we?

– **AQUHÉCATOM.** Três oitavas.

Àkue' kã tō (120 cauris).

– **BETEBE HU'NÁSÓ CHÓME.** Pois quando mas há de tornar?

Gbe te gbe hui na sú axo' mì (que dia vais me pagar a sua dívida?)

– **SUMBÛ VÕ HU NÁNAUHÊ.** Daqui a um mês.

Sũbu vō' hui na na wè (vou-lhe pagar quando a lua desaparecer completamente).

– **NÀME AGAM PARÉ MÁNUM.** Dá-me uma pinga de aguardente para beber.

Na mì àhã' kpedé ma nu.

– **CHÕNUM.** Compra e bebe.

Xò nu.

– **SÁ ATOMNO NÁME.** Vende-me quatro vinténs.

Sà atō' no na mì (três vinténs).

– **AGAM HINHÕ.** Aguardente é boa?

Ahã e ñõ?

– **HINHÔ**. É boa.

E ñõ'.

– **NHIMÀNHOIHÃ**. Eu não sei não.

Ñ ma ñõ i a.

– **NHIMÁNUM AGAMHÃ**. Eu não bebo aguardente.

Ñ ma nu ahã' a.

– **NAME APARÉ MÁ DÓ POM**. Dá-me uma pinga para provar.

Na mi àhã' kpedé ma dokpõ.

– **HIDÓPOM**. Tome e prove.

Yi dokpõ.

162

3. Abordagem sexual, sedução e negociação:

– **UHÁMIHIMELAMHI**. Vamos deitar-nos.

Wa mi hui mlãĩ.

– **NHIMÁHIDOMHÃ**. Eu não vou lá.

Ma yi d'amlõ a (não vou deitar lá.)

– **NHIRUPOU MÁ SÓGAM DAMULA HÃ**. Eu só não posso (dormir).

Ñ dokpo ma sigã d'amlõ a.

– **GUI MA SOGAM HUMBÕ**. Pois e não pode, não possa.

Hui ma sogã nùgbó.

– **GUIDÁSUCAM**. Tu tens amigos (machos)?

Hui d'àsú kã?

– **HUMDÁSUCAM**. Eu tenho amigo (macho).

M d'àsú kã.

– **NHIMÁCÓHINHÍNUN MÔHÃ**. Eu ainda não sei de seus negócios.

Ñ ma ko ñiñí mō' a.

– **NHITIMCAM**. Eu tenho hímen.

Ñ ti kã .

– **SÓHÁ MÁDÉNAUHĒ**. Dê cá que eu to tirarei.

So wa ma dè na we.

– **NHIMÁTIM ASUHÃ**. Eu não tenho amigo.

Ñ ma ti àsú a (marido).

– **GUIGÉROUME**. Tu queres-me?

Hui jìró mì.

– **MÁGEROUHEHÃ.** Não quero não.

Ma jìró e a.

– **GUITIM A SITÓH.** Vosmicê tem sua amiga (mulher).

Hui tĩ àsì towe (mulher).

– **NHIMATIM A SIHÃ, HUMCÓJOU.** Eu não tenho amiga, já a larguei.

Ñ ma tĩ àsì, m ko jo.

– **HÈCÓCÛ, HÈCÓGULIAIÔ.** Já morreu? Já casou?

E ko kú? E ko ulialo?

– **GUI HINHÓGAMPÈ GUÀSUHE.** Tu és mais formosa do que ela (minha mulher).

Hui ñõ gã kpe hu asu e.

– **GUI RÁHIGUMDÃ.** Vosmicê está zombando.

Hui aihũ 'dã.

– **NHIMÁDÁ HIGUMHÃ.** Eu não zombo não.

Ñ ma da aihũ 'ã.

– **HUNÁ NÁME NUM POUPOU.** Há de me assistir (ajudar) contudo.

Hui na ná mì nù kpókpo.

– **HUNÁNAUHÊ.** Hei de dar.

N na na nùde.

– **NÁME ABLAYA RUPOU MÁDOU.** Dê-me uma saia para vestir.

Na mì vlàyà dokpo ma do.

– **NHIMATIM AGUHÉDIMHÃ.** Eu não tenho agora ouro.

Ñ ma tĩ ` àkue ` ã.

– **GUACHE GUI MÁNÁMEDIM HUMBEUHÊ.** Se ma não deres agora, não o quero.

Hu ace hui ma na mì ã gb ε nu ε.

– **HUMCUDIU.** Estou sujo.

N kuíjì.

– **SUMSUM.** Limpe-se.

Sūsũ.

– **DÉ AVÓ.** Dispa-se.

dè avo.

– **CLÒ.** Lave-se.

Klõ'.

– **SÓVÓNAME MÁSUMSUM.** Dê cá a toalha para me limpar.

Sovó na mì ma sūsū.

– **TITÊ HUHÁHI.** Levante-se, ande buscá-la.

Cite wa hi.

– **CHIHOMAVÓ.** Cubra-se com a roupa.

Ciõ' avo.

– **DOU AVÒ.** Vista-se.

Do avo.

– **DOUAFÓPÃ.** Calce os sapatos.

Do afõ'kpà.

– **CHIHOM BÁCOM.** Ponha o chapéu na cabeça.

Ciõ' gbàkō.

– **NÓ FI ABÕ.** Esteja aqui quieto.

No fi abo.

– **ZOMDEDÊ.** Caminhe devagar.

Zõ dede.

– **HIHÁHUZOM.** Caminhe depressa.

Ya u zõ'.

– **HUHÀMIHIZUME.....** (vamos ir comigo para dentro do "mato").

Wa mi i zū'me

– **ZUME HÉMIHOM** (dentro do "mato" está quente/ úmido).

Zū'me e miõ.

– **HUHA MI HI ZANGI.....** (vamos ir para cima da esteira, cama).

Wa mi i zājí.

– **HUHA MI HI** (vamos ir).

Wa mi i.

poderá dizer, e é o mais certo

– **NAME AQUHÉ.** Dê-me ouro.

Na mì àkue'.

– **AQUHÉ NÀBI NÁ NAUHE.** Quanto te hei de dar?

Àkue' nabí na na we?.

– **NÀME AQUHÉ CARÊ.** Dê-me uma oitava.

Na mì àkue' kãḍe (40).

– **AQUHÉ CARÊ HÉ SÛ.** Uma oitava é muito.

Na me àkue` kãde (40).

– **GUIGEROI COU SÓGAM NAME.** Se queres isso (meia oitava), dá cá a balança.

Hui jìró ko i sa gã na mì.

– **GAM MATIM HÃ.** Não tenho balança.

Gã ma ã a.

– **CÓDUHEMA NAME.** Deite neste papel.

Ko`do wema na mì (então, deite neste papel e me dê).

dirá também:

165

– **HUMCHICHÊ.....** (eu te fod.).

M ci we.

– **SÓHÁ MÁPOM.....** (mostre para eu ver).

So wa ma kpõ´.

– **HUM CU HUNHAM.** Eu tenho vergonha.

Ú uñã´ (eu morro de vergonha).

– **NHIMÁ–GEROU NÁPOM GUMTHÒ HÉ HÃ.** Eu não quero olhar para ti.

Ñ ma jiró na kpõ gã towe a.

há melhor praxe de que eu vejo, algumas vezes, é esta:

– **NHIMATIM AQUHÉDIMHÁ.** Eu não tenho agora ouro.

Ñ ma ãi ` àkue` ãi a.

– **MÉMATIM AQUHE MA HÓHAYO H.** Eu não tenho dinheiro para fazer sexo.

Me ma ãi ` àkue` ma wayo a.

– **NAME AYO DIM, BERÉ SIË NA NANHE AQUHÉ.....** (dê-me logo a bocet., senão jamais te darei dinheiro).

– Na mì ayo ãi, gbede sie na na we àkue`.

– **NHI MA NA AYÓ HE ACHÓ HÃ,** (eu não vou te dar minha bocet. a crédito).

Ñ ma na àyo´ we s´axo a.

Na casa

Já os diálogos seguintes dão uma lição de conversa em uma cena doméstica e de visita social ao patrão, senhor da casa-de-branco (**hihabouno choume**) falando sobre doença e mal-estar.

a) Cena doméstica:

– **NUMDÉDU HÉCOBI**. O comer está já feito?

Nùdúdí e ko gbi.

– **HÉMACÓBÍ HÃ**. Ainda não está feito.

E ma ko gbi a.

– **ZEM MÁCÓFIHÉHÁ HÃ**. A panela ainda não ferve.

Zē ma ko fie 'wa a.

– **HIHÁHÛFELÁZOU NIM**. Sopra-lhe o fogo depressa.

– Ya u flo' zo ni.

– **NUMDÉDU HEVÉ GÊ**. O comer está salgado.

Nudúdí e ve je.

– **HÉMÁVÉGÉHÃ**. Não está salgado não.

E ma ve je a.

– **CHOULOM**. Toque viola.

Xò + Port. viola > ulom.

– **SÓLOMNÀME**. Dê cá a viola.

Solõ na mì.

– **HIMANHOILOUCHOUCHÁ**. Eu não sei tocar viola.

N mã ñõ ulõ xo a.

– **PLOMME**. Ensine-me.

Kplõ mì.

– **SÓAME**. Sou um cavalo.

Sõ' ame (cavalo, pessoa sem inteligência).

b) Visita social:

– **HIHÁBOUNO HÉRUCHUHEM**. O senhor está em casa?

Yavonō e dṓ xue.

– **HERUCHUHĒ**. Está em casa.

E `dṓ xue.

– **DÒNIMNHI RUFUI**. Dizer-lhe que eu estou aqui.

dṓ ni ñi dṓ fi.

– **MÁHIDÓNIM**. Eu lho vou dizer.

Ma yì dṓ `ni.

– **HÉDÓMÓGUI HUHÀ CHÓME**. Ele diz que entre para dentro (para você entrar na casa).

E dṓ `ma hui huhō xome `.

– **HÉJÁZOM**. Está doente.

E jazō (je azō) (principalmente de varíola).

– **HÉMÁSÓGAM NÁDÓCHOUNAUHE HÉBEHÃ**. Ele não pode hoje falar com vosmicê.

E ma sigā na dṓ `xo na wè égbe ā.

– **NÁ HIPOUHIHÁVOUVÒ DUMPO**. Fique-se com Deus Nosso Senhor.

Na yì kpo yavónodū `kpo.

– **HIPOUHÉHÉPOU**. Vá com o mesmo Senhor.

Yì kpo ehue kpo.

– **HIHÁBOUNO HÉRUCHUHEM**. O senhor está em casa?

Yavonō e dṓ xue.

– **HÉMÁRUCHUHĒHÃ**. Não está em casa.

E ma dṓ xué a.

– **FIHÁHÉHI**. Aonde foi?

Fi (t)e a é yì?

– **HÉTOM. HÉHIDÒ**. Foi para fora. Foi passear.

E tō `. *E yí do.*

– **HENAUHÁHEBE**. Há de tornar hoje.

E na wa égbe.

– **HÉMENAUHÁ HÃ**. Não há de tornar.

E ma na wa ā.

– **NHIMÀNHOIHÃ**. Eu não, sei não.

Ñ mā ñō i ā.

– **MENÙHÉBÁME**. Quem é que me procura?

Menu we bà mì?

– **HIHÁBOUNO DÉ HÉ BAUHĒ.** Um (homem) branco é que o procura.

Yavonō de é bà we.

– **MÉRÉ MÁBAUHĒH.** Ninguém o procura.

Međe ma bà we a.

b) Doença e mal-estar:

– **HUM JAZOM.** Estou doente.

N jazō (je azō) (principalmente de varíola).

– **ANIVÉDOUHĒ.** Que é o que lhe dói?

Aní ve do wè ?

– **TÀHÉDUME.** Dói-me a cabeça.

Tà è du mì.

– **ALIMHÉVÉMÉ.** Doem-me as cadeiras.

Àh 'é ve mì.

– **CHOU MEHÉDUME.** Dói-me a barriga.

Xome 'e du mì.

– **HÁHUITU POUPOU HÉ VEMÉ.** Dói-me todo o corpo.

Ya ú utu dokpo é ve mì.

– **HUMGÉPEM,** tenho catarro.

N jekpē (estou doente de...).

– **TUM AFŌ.** Sangre-se nos pés.

Hū afō'.

– **TUMÀLŌ.** Sangre-se nos braços.

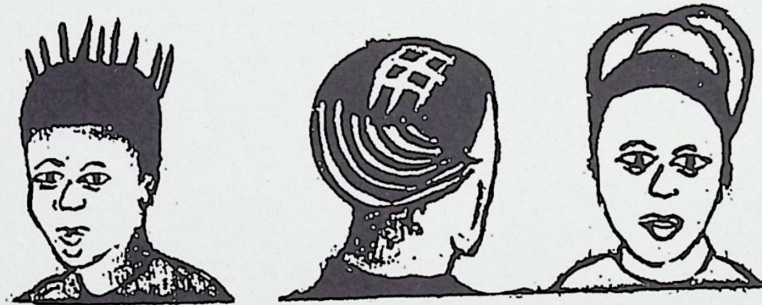
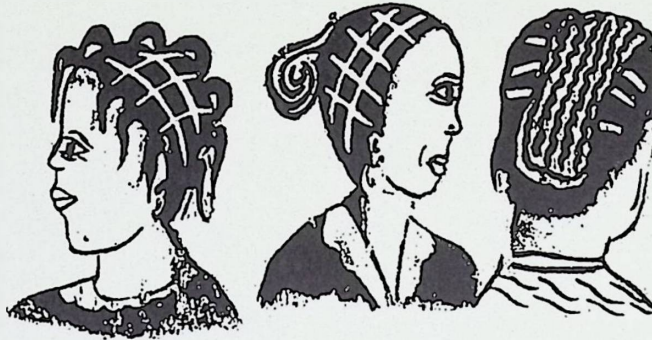
Hū alo'.

– **ADUM HÉ DUME.** Doem-me os dentes.

Àdú ve nu mi.

– **SÓHÁ MÁDÉNAUHĒ.** Dê cá que eu lhos tirarei.

So wa ma dè na we.



VI. ÁREAS TEMÁTICAS

VI.1. CORPO HUMANO E FUNÇÕES

- ABÓNUM**, os ombros. Fon *abò`xú*.
ACÒME, os peitos. Fon *àkõ'mè`*.
ADIDÒ, urina. Fon *àdídõ'*.
ADÔ, tripas. Fon *àdó*.
ADÛ, dentes. Fon *àdú*.
AFÓ, pés. Fon *afó`*.
AFÓVI, dedos dos pés. Fon *afóvi*.
AGOM GOU GOU, miolos. Fon *agõ gogo*.
AHOM, peido. Fon *àwõ'*.
AHÓTIM, nariz. Fon *aõtũ*.
AHUTÛ, o corpo. Fon *aũtu*.
AJÁME, as costelas. Fon *àjayame`*.
ALIM, as cadeiras, rins, lombo. Fon *àhĩ'*.
ALÕ, mão. Fon *alõ'*.
ALÓBÀCÁME, os braços, antebraço. Fon *alóbapkàmè*.
ALÓVI, dedos das mãos. Fon *alóví*.
ANÔ, mamas, mamilos. Fon *anò*.
ANUCUM, olhos. Fon *nukũ'*.
ASÂ, coxas. Fon *àsá*.
AYÓ, vagina. Fon *ayo'*.
BÀCHUHÊ, o rosto. Fon *gbakwé*.
CAM, hímen. Fon *kã*.
CHU, osso. Fon *xú*.
CHOUME, barriga. Fon *xome*.
CÔ, pescoço. Fon *kõ`*.
COGUEDO, cachaco, nuca. Fon *kõ`gudo*.
DÂ, cabelo. Fon *dà*.
DÁBÂ, cabeleira, penteado. Fon *dàba*.
DO, pênis. Fon *do*.
DODÔ, bunda, traseiro. Fon *gogõ'*.
ÈDÊ, língua. Fon *adè*.

- EFEM**, unhas. Fon *fê` / Gun efê*.
GOGÓ, pomo-de-adão. Fon *vego*.
GUM sangue. Fon *hũ*.
HINHONO, ânus. Fon *yonu*.
HUGUHÃ, brancas, cães. Gun *ohuà*.
HUIM DAMÃ, sobranceiras. Fon *hũ dama*.
HUTOU PEM, as fontes (têmporas). Fon *hûtómè*.
MI, sujidade de gente. Fon *mí* (fezes).
MIGOUME, ânus. Fon *migome`* (ânus).
NÉBÈ, as costas (atrás). Fon *ne`gbe`*.
NECAM, escroto, pênis, órgão genital. Fon *nekã*.
NECNOM CAM, hímem. Fon *neñokã*.
NUM, boca. Fon *nu*.
NUM GÔ, barbela. Fon *nùgò*.
NUMPLOU, os beiços. Fon *nyfló*.
NUMQUOM, testa. Fon *nukõ`*.
POUGOULI, joelhos. Fon *kogóli*.
UFUM, pelos pubianos, pentelhos. Fon *fũ` / Gun / Mahi ofũ`*.
UGOM, embigo (umbigo). Fon *hõ / Gun / Mahi ohõ*.
UTÁ, cabeça. Fon *utá*.
UTÔ, orelha, ouvido. Fon *utó*.
UTUM, coração. Fon *hũ / tũ* (*pulsar*).
VEGOME, garganta. Fon *vegome`*.
VI, dedo. Fon *alvi*.
ZACALACA, canelas. Fon *zàke`te`gblá* (pernas grandes).

VI.2. MAL-ESTAR, MÁ-SORTE, DOENÇAS E PRAGAS

- AMAM**, mezinha. Fon *amã*.
AZÈ, sarnas. Fon *azè*.
AZINZONO, pessoa doente. Fon *àzizõnõ`*.
AZOM, varíola; doença em geral. Fon *azõ*.
BOUDOU, boubas. Fon *gboḍo* (sífilis; doença venérea).
DAM, lombrigas. Fon *dã*.
ÉPEM, catarro. Fon *ekpẽ*.

HAUHÃ, azar. Fon *a huã*.

JÔ, piolho. Fon *jo`*.

JÓZIM, lêndeadas. Fon *jo`zi*.

UHÊ, bichos, vermes. Fon *we/Gun/Mahi owe*.

VI.3. CASA, FAMÍLIA E SEXUALIDADE

ACLÁCHÔME, forno. Fon *aklaxo`me*.

ANGALITO, prostituta. Fon *agaleto*.

ALOGULITÔ, casado, na igreja. Fon *alowlito`*.

ASI, esposa, mulher. Fon *asi*.

ASU, esposo, homem. Fon *asu*.

ASUHE, mulher ou amiga, jovem em idade de casar. Fon *asuhue*.

AVODUM XONTÔ, comadre ou compadre. Fon *(a)vodũ xo`to`*.

BÕBI, mulato ou mulata. Fon *(yo)vovi* (filho de branco).

CHO, casa, quarto, alojamento. Fon *xo`*.

CHOMTO, amigo ou camarada. Fon *xo`to`*.

CHUHUE, casa, habitação, domicílio. Fon *xue*.

GAUHENO, branco. Fon *gãxuenõ* (dono da casa, patrão).

HIHÁBOUBI, menino branco. Fon *yavóvi* (mulato).

HIHÁBOUCE, mulher branca ou senhora. Fon *yavósi*.

HIHABOUNO, homem branco, patrão. Fon *yavonõ*.

HIHABOUNO CHÔME, casa de branco. Fon *yavonõ xóme*.

JOSI, mulher dama. Fon *ajo`si* (mulher de venda).

NON, mãe. Fon *nõ*.

NOHÊ, minha mãe. Fon *nõce*.

NHONO, fêmea, mulher. Fon *nõnu*.

NHONO XOMÉ, casa de mulher (prostíbulo). Fon *nõnu xóme*.

NOVI, irmão (por parte de mãe). Fon *nõvi*.

NUMCHOU, coisa velha. Fon *nuxó*.

NUMDÀ CHÔME, cozinha. Fon *nuqáxo`me*.

SUNOM, homem, macho. Fon *sũ`nu*.

TO, pai. Fon *to`*.

TOVI, irmão (por parte de pai). Fon *to`vi*.

UGOM, porta. Fon *hõ` / Gun ohõ`*.

VI, filho, menino. Fon *ví*.
VIPE, rapaz ou moleque. Fon *vikpe`*.
ZÃ, esteira. Fon *zã*.
ZANGI, cama (sobre a esteira). Fon *zãji*.

VI.4. VESTIMENTA E ADORNOS

ABLAYA, calções. Fon *vlàya*.
AFOGUEDÓI, meias. Fon *afɔ`guedoé*.
AFÓP, sapatos. Fon *afɔ`kpà*.
AHÛ, casaca, ou vestia. Fon *auwà* (roupa de manga).
AHÛ, vestimenta. Fon *àú*.
AHUL, camisa. Fon *awukplá* (roupa com bolso).
APO, algibeiras, bolsos. Fon *akpò*.
AVÓ, roupa, tecido. Fon *ávɔ*.
AVOCÃ, linha. Fon *ávɔkã*.
AVÓQUIJÃ, trapos. Fon *ávɔkíjã*.
BÀCOM, chapéu. Fon *gbàkũ`*.
CHOUMEZ BLÃ, cinta. Mina *xomeblá* / Fon *xomeblánú*.
DECIO, lenço. Fon *deàcɔ`*.
HINHONO BLAYA, saia. Fon *ñõnù vlàyá*.
HULÓ, cordão. Fon *wɔ`lɔ* (corrente).
HULÒ, botões. Fon *gbo/Gun/Mahi ogbo*.
JÉ, pérola. Fon *je*.
ME, nu, despido. Fon *me*.
MÒLI, aros, anéis. Fon *mili*.
NHÊ, agulha. Fon *ñe*.
PLÃ, bolso. Fon *kplá*.
PO, bordão, cajado. Fon *kpo*.
TOUGAM, brincos ou argolas. Gun/Mahi *otogã*.

VI.5. ALIMENTAÇÃO, BEBIDAS, COMIDAS E FUMAR

ABÁDÊ, milho. Fon *(à)gbadé*.
ABADECUM CLOUCLOU, canjica grossa. Gun *àgbadékũ kloklo*.

- ABADĒCUM FLIM-FLIM**, canjica fina. Gun *àgbadékū hífi*.
ACLÁ, pão. Fon *akla*.
ACLÁCHUCHŪ, biscoito. Fon *aklaxuxu*.
ADAM, mingau. Fon *adā*.
AGAM, aguardente. Fon *àhā'*.
AGAMGĒTIM, aguardente de cana. Fon *àhā' (yovó)je'ti*.
AGAMVĒGÊ, vinho. Fon *ahāve've'* (aguardente vermelha).
AGAM HUNHUN, vinho seco. Fon *àhā xúxú*.
ALEFIM, farinha de milho. Fon *hífi*.
ALEFIM TOUBOUME, farinha do reino (de trigo). Fon *hífi togbome*.
AMIM, óleo. Fon *amì*.
A SIM, água. Fon *sī* / Gun *asī*.
ASIM VIVÉ, aguardente (água acre). Fon *sī viví*.
ATIMCAMLEFIM, farinha de mandioca (de pau). Fon *àtí 'kā' hífi*.
AZÔ, fumo, tabaco. Fon *àzò'*.
AZÓLILI, tabaco em pó, rapé. Fon *àzò' lili*.
AZÓQUÉ, pito, cachimbo. Fon *àzòkue'*.
AZÓTIM, canudo, piteira. Fon *àzò'ti*.
BADANONUM, cear. Fon *gbada n' dūqū* (comida da noite).
BLANU, sede. Fon *gblanu*.
GĒTIM MI, melado. Gun/Mahi *yevóje' tī(a)mi*.
GOVE, fome. Fon *hò've'*.
GUHEMENUM, jantar (almoço). Fon *hueme'nu* (comida de meio-dia).
HIHÁBOUGÊ, açúcar. Fon *yavójè* (sal de branco).
LAM, carne. Fon *lā*.
LAM MU, carne crua. Fon *lā nu*.
LAMDIDA, carne cozida. Fon *lā dīda*.
LAM MIMÉ, carne assada. Fon *lā mime*.
LAM CHUCHU, carne-seca. Fon *lā xúxú*.
LAM NHINHOI, carne podre. Fon *lā ñiñõ*.
NHIJOU, sebo. Fon *ñijo*.
NHIJOU TOUBOUME, manteiga do Reino. Fon *ñijo togbome*.
NHILAM, carne de vaca. Fon *ñi(bu)lā*.
NHINOSIM, leite. Fon *ñinõsī* (leite-de-vaca).
NHINOSIM DIDÀ, queijo. Fon *ñinonsī dīda* (leite-de-vaca cozido).

TOUBOUME AGAM, grapa ou graspa, aguardente destilada das borras do vinho. Fon *togbome ahã* (aguardente do reino)
TOUBOUME AMI, azeite-de-oliva. Fon *togbome ami* (azeite do reino).
ZAFOMNO NUM, almoço. Fon *zã'fõ'nu nu* (comida da manhã, o pequeno almoço).

VI.6. FLORA, PLANTAS E VEGETAIS

176

ABÀDÈ, milho. Fon *àgbadé*.
ABÀDÈFÌ, milho verde. Fon *àgbadé fi'*.
ABANA, uma espécie de banana nanica (*Musa chinenses Sweet.*), conhecida como "bananas dos gêmeos" ou *hoxo kwékwé*. Fon *agbanã*.
AQUOUQUHÊ, banana-de-são-tomé. Fon *kwékwé / Gun akókwé*.
AGÕ, coco. Fon *agõ*.
AHICUM, feijão. Fon *aikũ?*.
AMÂ, couves, mostardas e toda variedade de ervas. Fon *amà*.
ANAQUÊ, lenha. Fon *nàkí*.
ATÂ, gengibre. Fon *ata*.
ATAQUIM, pimentos. Fon *atakí*.
ATÀQUIM TOUBOUME, pimenta-do-reino. Fon *yovotakí / Gun atakí togbome*.
ATIM, pau, árvore. Fon *atí*.
ATIMCAM, cipó. Fon *atí'kã'* (raiz de pau).
ATIM SI SEM, figos, juás, cidras, goiabas e outras frutas semelhantes. Fon *atí'si'sê'*.
AVANACAME, bananal. Fon *agbanãkpame*.
AVÁNTOUU, banana-da-terra. Fon *agbãnato*.
AZIM, amendoim. Fon *àzì*.
BOU TOUCLÊ, limão. Fon *gbodoklɔwɛ*.
CÃ, raiz. Fon *kã'*.
CUM, grão. Fon *kũ*.
DEPO, palmitos. Fon *dekpò*.
DOUQUIM, batata. Fon *dókwi* (batata-doce).
EPÊ, abóbora. Fon *aíkpê*.
FEVI, quiabo. Fon *feví*.

GÊ, sal. Fon *je`*.
GÉTIM, cana-de-açúcar. Gun/Mahi *yevóje` ĩ*.
GLETA, roça. Fon *gleta*.
HUHÁVOUZOM, vou vender laranjas. Fon *yavózẽ*.
HUHÓ, pendúnculo. Fon *huhõ*.
MACUM, semente, grão. Fon *makũ*.
MÁPÁMI, quintal. Fon *makpáme`*.
NUMDÉDU, o comer, comida. Fon *nùdúđ ú*.
SÓMÂ, capim de cavalo. Fon *sò`mã`*.
TÉVI, cará. Fon *tevi* (inhamo pequeno).
UQUÂ, melancias. Fon *agba/okpá*.
ZOMIM, óleo de mamona, de lamparina. Fon *zò(a)mì*.
ZUMÉ, mato, bosque, floresta. Fon *zũme`*.

177

VI.7. FAUNA, INSETOS, AVES, ANIMAIS E DERIVADOS

ABÔ, cabra. Fon *àgbò*.
AFIM, ratos. Fon *afi* (rato do campo).
AGÁZÃ, caranguejos. Fon *agàsá*.
AHUY, gato. Fon *awíí*.
AVUM, cachorro. Fon *àvũ'*.
AZIM, amendoins. Fon *àzĩũ*.
AZIM, ovos. Fon *àzĩ`*.
BÊ, capim, mato. Fon *gbe*.
BÈZÉ, sapos. Fon *bèsé*.
COUCOLOUCHÔME, galinheiro. Fon *kokuloxóme*.
COUCULOU, galinhas. Fon *kokulo*.
COUCULOUFUM, penas. Fon *kokulofũ* (de pássaro).
COUCULOUËQUETÊ, galinha nanica. Fon *kokulo lekpete*.
COUCULOU MI, sujidade. Fon *kokulomi* (de galinha).
COUCULOU SI SÂ, capões. Fon *kokulosisa*.
COUCULOU SÛ, galo. Fon *kokulo (a)su*.
COUCULOU VÛ, pintos. Fon *kokulovu*.
COUCULOU VY, pintainhos. Fon *kokulovi*.
COUCULOUZIM, ovos (de galinha). Fon *kokuloži*.

- ECHÊ**, pássaro. Fon xe` / Mina exe`.
ELEMBÔ, carneiro. Fon lēgbo / Gun elēgbo.
ELEM SI, ovelha. Fon lēsí.
GUEVI, peixe. Fon huevi.
HÉSÉ, pombas. Fon xuexe.
JÕ, pulga. Fon jɔ`.
NHI, bois. Fon ñi(bu) / Gun ñi.
NHICHÔME, curral de bois. Fon ñixɔ`mε.
NHIDÒ, tripas de boi. Fon ñido.
NHIFÒ, mucutos (mocotós). Fon ñifò.
NHIJÔ, sebo. Fon ñijɔ`.
NHIJÔ TOBOME, manteiga do reino. Fon ñijɔ` togbome.
NHILÃ, carne-de-vaca. Fon ñilã.
NHIMI, bosta, esterco. Fon ñimi.
NHI SI, vaca. Fon ñi(bu)asi.
NHITÃ, cabeça de boi. Fon ñita.
NHIVU, bezerros. Fon ñi(bu)vu.
NHIZOU, chifres. Fon ñizo.
NHU, couro. Fon ãnú.
NHUSI, rabo de boi. Fon ñi(bu)si.
PÁPÁCHÊ, patos. Fon kpakpaxe.
SO, cavalo. Fon sɔ`.
SÓCHÔME, estribaria. Fon sɔ`xóme.
SUPÕ, moscas. Fon sukpò.
UGAM, porcos. Fon hã` / Gun / Mahi ohã`.
UGAM CHÔME, chiqueiro. Fon hãxóme / Gun / Mahi ohãxóme.
UGAM DÒ, linguças. Fon hã`do / Gun / Mahi ohã`do.
UGAM FÒ, mocotós de porco. Fon hã`fó / Gun / Mahi ohã`fó (patas).
UGAM JÃ, entrecostas. Fon hã`ja / Gun / Mahi ohã`ja (costeletas).
UGAMJOU, banha, manteiga. Fon hã`jó / Gun / Mahi ohã`jó.
UGAM LAM, toucinho. Fon hã`lã / Gun / Mahi ohã`lã.
UGAM SI, porca fêmea. Fon hã`si / Gun / Mahi ohã`si.
UGAM TÃ, cabeça de porco. Fon hã`ta / Gun / Mahi ohã`ta.
UGAM VÛ, leitões. Fon hã`vu / Gun / Mahi ohã`vu.
UGAM ZUMETOM, porcos-do-mato. Gun / Mahi ohã zũ `me tō.

VI.8. CRENÇAS, DIVINDADES E OFICIANTES

- AVODUMCŪ**, quaresma. Fon *avodũ 'su*. (1741: **avodunsum**).
- AVÓ DUM CHUHÊ**, Igreja. Fon *(a)vodũ 'xué* (casa do vodum).
- AVÓDUMGÊ**, contas de rezar. Fon *avodũ 'je*.
- AVODUMNHI**, páscoa. Fon *avodũ 'ni*.
- AVODUMZAMBE**, domingo. Gun *avodũ 'zãgbe*.
- AVODUMZAMPÊ**, dia-santo. Gun *avodũ 'zãgbe*.
- AVÓDUNO**, padre. Fon *(a)vodũ 'nõ*.
- HIHÁVOUVÓDUM**, Nosso Senhor. Fon *yavóvodũ ' (deus branco)*.
- LEBA**, o Demônio. Fon *Legbà*.
- ZOME**, o inferno. Fon *zõ me* (dentro do fogo).

179

VI.9. DIAS DA SEMANA, TEMPO, TERRA E NATUREZA

- AHIM**, caminho. Fon *àlí*.
- AHIM BIBAM**, o chão. Fon *àlí gbígbã* (caminho tortuoso).
- AHIMSOMNŪ**, depois de amanhã ou anteontem. Fon *(a)isõ ` nu*.
- ALICHOU**, o caminho. Fon *alixo*.
- AVIVÔ**, frio. Fon *àvivo'*.
- AVODUMSUM**, quaresma. Fon *(a)vodũ 'su* (preceito do vodum).
- AVODUNHI**, páscoa. Fon *avodũ 'ni* (ressurreição do vodum).
- AVODUNZAMBE**, domingo. Fon *avodũ ' zãgbe* (dia do vodum).
- AVODUNZAMPÊ**, dia-santo. Fon *avodũ 'zãgbe* (dia do vodum).
- BADÁ**, noite. Fon *gbada*.
- BEDÊ**, um dia. Fon *gbede*.
- BIBAM**, tortuoso. Fon *gbígbã*.
- CHOUCHOU**, muito tempo. Fon *sòsò*.
- CHUHÉBŪ**, um ano. Gun *sũ we bu* (doze luas).
- CÔ**, barro. Fon *kó*.
- DOU**, buraco. Fon *dó*.
- ECHÊ**, pássaro. Fon *xε ` / Mina εxε `*.
- FEM**, fresco, verde. Fon *fě*.
- GAME**, uma semana. Fon *gà atõ ` me* (espaço compreendido entre três mercados).

GEGOM, vento. Fon *jo'hõ'*.
GUHÊ, sol. Fon *huè*.
GUHEME, meio-dia. Fon *huemε'* (em pleno sol).
JI, chuva. Fon *ji*.
MIÔMIÔ, quente. Fon *miõmiõ*.
NHIGUBÊ, sábado. Fon *ñibigbe*.
NHIPLAMBE, sexta-feira. Fon *ñimagbe*.
SÔ, amanhã, ou ontem. Fon *so'*.
SUM, lua. Fon *sũ'* (lua, mês lunar).
SUMBU, um mês. Fon *sũ'bu* (a lua desapareceu, fim do mês lunar).
SUM-HURIHÛ (sem tradução). Fon *sũ'wli-huè*, eclipse do sol.
SUNDEGI, luar. Fon *sũ'didj*.
TÓ, rio, fonte, córrego, mar. Fon *to'*.
ZAME, noite. Fon *zãme'* (de noite).
ZAMBÊ, dia, data. Fon *zãgbè*.
ZÃZÃ, manhã. Fon *zãzã'*.
ZINFLU, escuro. Fon *ziflú*.
ZO, fogo, quente. Fon *zò*.

VI. 10. DEFEITOS, QUALIDADES E OUTROS ATRIBUTOS

ABAMNÓ, rico. Fon *agbãno* (mercador).
ADAM, coragem, valentia. Fon *adã*.
ADAMHATÔ, pessoa valente. Fon *adãwátõ'*.
AGAM NUTÔ, bêbado. Fon *àhãnuts'*.
BELAHU, magro. Fon *gblá ú*.
CHOU, velho. Fon *xó*.
CHUCHU, seco. Fon *xuxu*.
CLOUCLOU, grosso. Gun *klõklo*.
CUDIU, sujo. Fon *kuijì*.
CUHATÔ, pobre. Mina *ku(kõ)wátõ'* (pedinte).
DIDÁ, cozido. Fon *dIda*.
DÓCUNO, rico. Fon *do'kũnõ'*.
FLIM-FLIM, fino. Gun *lifi*.
GÁ, grande, comprido. Fon *gà*.

- GÃ**, força, poder. Fon *gã*.
(E)HEM, mentira. Fon *hẽ*.
(E)VÉ, amargo, azedo. Fon *ve`*.
FLIM-FLIM, delgado. Gun *lifi lifi*. Fon *wini-wini*.
FÓLIMNO, preguiçoso. Fon *fõh nõ*.
HIHÓ, cousa nova. Fon *yo`yo`*.
HUNHAM, vergonha. Fon *uñã`*.
GÉDEM, suado. Fon *je`dẽ*.
LELO, mentira. Fon *gblédo`*.
MELÉQUETÉ, cambuta. Fon *medékpe`te`* (uma pessoa franzina).
MIMÉ, assado. Fon *mime*.
MU, cru. Fon *mumu*.
NHÁRAM, ruim, mau. Fon *ñalã*.
NHINOM, podre. Fon *ñiñõ*.
NHOM, bom, boa. Fon *ñõ*.
NUMBIATÔ, pobre que anda tirando esmolas (mendigo).
 Fon *nùbis`to`*.
NUMHIHÓ, cousa nova. Fon *nuyõ`yo`*.
NUMCHOU, coisa velha. Fon *nuxó*.
SÓAME, sou um cavalo (pouco inteligente). Fon *so`ame* (cavalo, pessoa).
SUMSUM, limpo. Fon *sũsũ*.
TÕ NUCUM, cego. Fon *tõ`nukũ`*.
VÉ GÊ, salgado. Fon *veje*.
VEVÉ, vermelho. Fon *veve`*.
VIVÉ, amargo, desagradável. Fon *vive`*.
VIVI, doce. Fon *vivi*.

VI.11. OBJETOS FABRICADOS E OUTROS INSTRUMENTOS

- ABAM**, pratos. Fon *agbã*.
ADI, sabão. Fon *adi*.
ALIM, enxada ou almocafre. Fon *ali`*.
APÀCOU, gamela ou batea. Fon *akpakpò*.
AQUIZA, vassoura. Fon *akizà*.
ASICÒ, machado. Fon *àsiyo*.
AZÔ, fumo. Fon *àzo`* (tabaco).

AZÓLILI, tabaquo de pó (tabaco em pó, rapé). Fon àzo`lili.
AZÓQUÉ, pito. Fon àzokue` (cachimbo).
AZÓTIM, canudo. Fon àzo`tĩ` (piteira).
COUHÊ, o pito de gesso. Fon kowe.
DÁPÁNUM, tesoura. Fon dakpanú.
DÔPO, saco. Fon àdo`kpo`.
GAM, ferro. Fon gã.
GAMBAM, tacho. Fon gãgbã.
GAMPOU, alavanca. Fon gãkpoti.
GANTIN, colheres. Fon ganfĩ`.
GÔ, picuá. Fon gò.
GUHI, faca. Fon giviwi.
HUM, canoa. Fon hũ`.
NUMJÁNUM, peneira. Gun nujaxuínu.
SÓGINUM, cela. Fon so`jinu (cela de cavalo),
HUHEMA, escrito, carta, livro. Fon wema.
SÓGINUM, cela de montaria. Fon so`jinu.
ZEM, panela. Fon zē.

VI.12. CONFUSÃO, ESCRAVIDÃO, GUERRA E MANDATÁRIOS

ACHÓLUPÊ, soldados. Fon àxo`dùkpe.
ACHÓSÛ, governador. Fon àxo`sù (rei, chefe). (1731: **aholu**).
ACHÓSUCHUHÊ, palácio. Fon àxo`sùxué.
ACRÛ, cativo. Fon kãnu/ Ewe kru.
ACRUCHÔME, senzalas. Fon akluxóme.
ACRU HIHÕ, negros (escravos) novos. Fon yo`yo`.
AGUAM, guerra. Fon áhuã`.
BÂ, bacalhau de açoitar. Fon ba (açoite).
BÀJÂ, patrona. Fon agbaja (cartucheira).
CÓGAM, corrente. Fon ko`gã (de pescoço).
GAM, corrente, ferros, chave, balança. Fon gã.
GAMCHÔME, cadeia. Fon gãxóme.
GAMRU, balança. Fon gãnú.
GUHICUM, bainha (de espada). Fon wikũ.

- GUHIGÃ**, espada. Fon *wigã*.
MEBUBU, gente fugida ou perdida. Fon *mebúbú*.
MEGULITÔ, capitão-do-mato ou meirinho.
 Fon *mehuelito`* (agente perseguidor no reino de Uidá).
 Fon *megolito`* (agente de tribunal do reino de Uidá).
MEGUTÔ, matador de gente. Fon *mehũto`* (assassino).
METHOMEREU, forro. Fon *mejo meḡe*.
MESESIM, canhambolas. Fon *meseṣĩ*.
SO, espingarda, fuzil. Fon *sò*.
SOU, pente de fuzil. Fon *so*.
SOBÁLIL, peças de artilharia. Fon *sògbaliá* (canhão).
SOPEM, balas, chumbo. Fon *sokpẽ´* (de fusil).
SOTUTÛ, pólvora. Fon *sò quḡu*.

183

VI.13. OFÍCIOS, PROFISSÕES E COMÉRCIO

- AQUHÉ DUPOU**, um vintém. Fon *àkue´ àḡokpó*.
AFÓPÁTATÔ, sapateiro. Fon *afó`kpàto to`*.
AMÁDÁTÔ, capineiro. Fon *amãwato´*.
AÓTUTÔ, alfaiate. Fon *àvototo´*.
ATANCHÓLÁTÔ, barbeiro. Fon *atãxwle´t o´*.
ATIMPÀTÒ, carapina. Fon *àtĩ´kpató´*.
AVÔ, roupa ou fazenda seca. Fon *àvo`* (roupa, tecido).
AVÓCAM, linhas. Fon *àvo`kã*.
AVÓSÁCHÔME, loja de fazenda seca. Fon *àvo`sáxo´me*.
AYÓTÔ, ferreiro. Fon *àyato´*.
AZOMHÁTÔ, sorgião (cirurgião). Fon *azõwato´* (curador de doenças).
BUCÔ, sorgião (cirurgião). Fon *boko´nõ´/*
 Mina *boko´* (mediastro, curandeiro).
CHÉGUTÔ, caçador. Fon *xehuto`* (de passarinhos).
HUEGUTÓ, pescador. Fon *huegũto`*.
GANTULÔ, ourives. Fon *gãtũto´*.
GLETAERO, roceiro. Fon *gleta ainõ*.
NHIGUTÔ, carniceiro. Fon *ñigũto`*.
NUMSÁCHÔME, venda. Fon *nũsáxo´me*.

VI.14. ETNÔNIMOS E TOPÔNIMOS

- AGLONO**, gente Angola. Fon *ãglanù*.
ANGOLA, Angola (terra país). Fon *ãglono tome`*.
AGUD, a Bahia. Fon *àgudà* (português).
GAMLIMNO, gente **CÓBÙ**. Fon *agolinu*, gente de Agolin-Cové.
CÓBÙ, gente de Cové (mahi). Fon *kovenu*.
GAMTHÔMÊ, as minas. Fon *gãtome`* (país das minas, Minas Gerais).
GUNO, gente mina. Fon *gunù*, gente gun.
MELAMDUTÔ, carijó. Fon *melãduts`* (antropófago, ref. índios).
SUJAQUEM, francês. Fon *zójage*.
TOUBOUME, o Reino. Fon *togbome* (outro país) (Portugal).
THOMÊ, país, região, província. Fon *tome`*.
TOUMEFI, esta terra. Fon *tome`fi*.
TOUXIME, a minha terra. Fon *toxɔme`* (meu país, minha cidade).
TOUXIMENO, paisano. Fon *toxɔ`menu* (conterrâneo).
VIGIDÔDÊ, crioulo ou crioula. Fon *vijitóme`* (filho da terra).

184

VI.15. PORNOGRAFIAS

- ANÓHIHÓFOU**.....Fon *anu í hũ fɔ* (seu coisa, vá te arreganhar).
ANUNHATÔ ANGALITO PLOU PLOU..... Fon *anuñats`*
agaletó kpló kpló (sua coisa debochada, prostituta, filho/filha da puta).
ANUNHATÔ CRI CRI..... Fon *anuñats`kplí kplí* (sua coisa ruim, ordinária).
ANUNHATÔ VEO..... Fon *anuñats` ve u* (sua coisa desgraçada, seu desgraçado).
HUHÁDUMI..... Fon *wa ðu mi* (venha me comer, foder).
HUHÁDUMI CHUCHŨ Fon *wa ðu mi cukú* (venha me comer, seu cão leproso).

ÁREAS TEMÁTICAS		
1.	Corpo humano e funções	57 12,36
2.	Mal-estar, má sorte, doenças, pragas	11 2,39
3.	Casa, família e sexualidade	32 6,94
4.	Vestimentas e adornos	23 4,99
5.	Alimentação, bebidas, comidas e fumar	63 13,67
6.	Flora, plantas e vegetais	37 8,03
7.	Fauna, insetos, aves, animais e derivados	54 11,71
8.	Crenças, divindades, oficiantes	10 2,17
9.	Dias da semana, tempo, terra, natureza	35 7,59
10.	Defeitos, qualidades e outros atributos	47 10,2
11.	Objetos fabricados e outros instrumentos	27 5,86
12.	Confusão, escravidão, guerra, mandatários	25 5,42
13.	Ofícios, profissões, comércio	18 3,90
14.	Etnônimos e topônimos	16 3,47
15.	Pornografias	6 1,30
	TOTAL	461 100%



VII. A LÍNGUA FON

Como todas as do grupo gbe, o fon é uma língua tonal, do tipo isolante. As palavras são invariáveis, ou seja, são unidades inanalísáveis, onde não se pode sequer distinguir um radical e elementos gramaticais, e sua compreensão depende da relação entre elas e de sua ordem na frase. Os morfemas são geralmente monossilábicos e não variam, à exceção do tom que se submete a algumas mudanças em função do contexto fono-sintático e de alguns casos de contrações com eventual modificação do timbre de certas vogais.

187

VII.1. FONOLOGIA

No que diz respeito à fonologia, os tons são tratados, em **Línguas da África** (Parte I.1.2), e os fonemas, no corpo do texto e nas notas introdutórias ao **Vocabulário** (Parte III.1).

VII.2. MORFOLOGIA E SINTAXE

No nível do léxico, a composição por justaposição é um fenômeno muito freqüente e, na maioria das vezes, foi observada na transcrição de Costa Peixoto (cf. **hi ha bouno** x **hihabouno**), o que o leva a confundir frases inteiras, onde, na escrita, ela não se justifica. Entre os exemplos:

1. **Hihaboubi**, branco/homem/filho, filho-de-branco.
Hihabouce, branco/mulher, patroa.
Hihabouno, branco/homem, patrão.
Hihabouno chome, branco/homem/casa, dono da casa.
Numda chome, coisa/cozinhar/casa, cozinha.
Nhinosim didà, vaca/fêmea/leite/cozido, queijo.
Nusachome, coisa/vender/casa, venda.
2. **Hématimnhihâ**, não tem nome não. Fon é *ma tĩ ñi a*.
Humdásucam, eu tenho amigo. Fon ã *d'ású kã*.
Máhichónumdũ, vou comprar alguma cousa para comer.
Fon *ma yì xò`ndúqú*.

Nhimáduáchómeréhã, eu não devo nada a ninguém.

Fon *ñ ma quaxo' mede a*.

Tumcamnáme, tire-me as cordas fora. Fon *tūkã' na mì*.

Uhámihimelamhi, vamos deitar-nos. Fon *wa mi hui mlã*.

Do ponto de vista sintático, os esquemas são simples. Se colocarmos:
S = sujeito, V=verbo, C= complemento do objeto, Circ = complemento circunstancial, o esquema canônico da frase é:

Circ + S + V + C + circ

188

Cf. **Fihà aquhégu**. Fon *fi wa àkue'gò*

Aqui / (você) mostre/ ouro/ borracha.

Huná náme num poupou. Fon *hui na ná mì nù kpókpó*.

Você / dar/ me/ algo/ contudo.

Com exceção do verbo, cada elemento desse esquema pode estar ausente, como no caso anterior, quando se trata de formas imperativas.

Cf. **Dé avó**, dispa-se. Fon *dè avo*.

Name alõ, dá cá as mãos. Fon *na mì alõ'*.

Plomme, ensine-me. Fon *kplõ' mì*.

Sugom, feche a porta. Fon *súhõ'*.

A) As marcas verbais se reduzem a:

1. Forma progressiva: *ma*

Máhichõ, vou comprar uma cousa. Fon *ma yì xó' nu*.

Máhichóacruhihõ, vou comprar negros novos. Fon *ma yì xó' aklu yó' yó'*.

Máhichóavódou, vou comprar roupa para vestir. Fon *ma yì xó' avó' do*.

Máhichóhinhono, vou comprar uma negra. Fon *ma yì xó' wi ñõnu*.

2. Forma futuro: *na*

Huná náme num poupou, há de me assistir, contudo.

Fon *hui na ná mì nù kpókpó*.

Hunánauhe, hei de dar. Fon *ũ na na nùde*.

Mégui náhi, há de ir nu. Fon *mε hui na yì*.

3. Forma passado: *ko* (já).

Ecódugê, já se batizou. Fon *e ko duje`*.

Humcójou, já a larguei. Fon *ũ ko jo*.

Sòhécohigom, o cavalo fugiu. Fon *sɔ e ko i hõ*.

4. Forma negativa:

– *ma* (entre o sujeito e o verbo):

Gam màtim, não tenho a chave. Fon/ Gun *gã ma tĩ*.

Adi matim, não tenho sabão. Fon *ái ma tĩ*.

Hémá bouhã, não corta não. Fon *e ma gbò a*.

– *ma.....o* ou *-na.....a* > *ma.....a* (negação enfática)

(cf. francês "ne.....pas").

E màcodugehã, ainda se não batizou não. Fon *e ma ko duje` a*.

Emácógibihã, ainda não pariu não. Fon *e ma ko jivi a*.

Emàtim num ré hã, não tem nada. Fon *e ma tĩ nu ndé a*.

Na Casa das Minas * E MANJÔ RO A, pouco me importa, não quero saber. Fon *e ma n'joló a*.

5. Forma interrogativa:

– *á*, no final da frase.

Quimatim nucumhã, vosmicê não tem olhos? Fon *hui ma tĩ nukũ 'á?*

B) Quanto ao nome, ele pode ser determinado:

1. Por um artigo determinativo *a-*, um antigo prefixo classificatório, freqüente na "língua mina" e na linguagem litúrgica afro-brasileira, ambos de aspectos arcaizantes, o que levou Sérgio Ferretti a fazer a seguinte observação: "É comum o pessoal da Casa (Mina) incluir um *a* antes de muitas palavras, como por exemplo, os nomes de divindades: Verequete e Averequete, Jotim e Ajotim" (1996:183).

Ablaya, calções. Fon *vlàyà*
Avodum, vodum. Fon *vodũ*
Abade, milho. Fon *gbade*.

2. Por um adjetivo que o segue:

Abadecum clouclou, canjica grossa. Fon *gbadé kũ kloklo*.

Abadecum flim-flim, canjica fina. Fon *gbadé kũ fi fi*.

Touximê, a minha terra. Fon *toxɔ'mɛ* (terra minha).

Nohê, mãe. Fon *nõce* (mãe minha).

Gui tim a sitóhe, vosmicê tem sua amiga. Fon *hui fi àsi towe* (amiga tua).

3. Por um nome complemento que o precede:

Achósuchuhê, palácio. Fon *àxɔ'sùxué* (rei/casa).

Gambam, tacho. Fon *gãgbã* (ferro/panela).

Nhifô, mocotós. Fon *ñifô* (boi/pata).

Touboume, o Reino. Fon *togbome* (grande, importante/lugar).

Touboume ami, azeite doce. Fon *togbome ami* (reino/azeite).

Observe-se que, no Brasil, ainda se diz: “batata-do-reino, farinha-do-reino, queijo-do-reino, pimenta-do-reino”, para distinguir os produtos de Portugal dos produtos locais ou “da-terra, como no caso de “banana-da-terra, canário-de-terra”, e dos chamados “da-costa”, da África, entre eles, pano-da-costa, sabão-da-costa, folha-da-costa.

C) Quando necessário, o plural do nome é marcado por *ɛ*, que segue o grupo nominal. Ausente no vocabulário de Costa Peixoto, mas observado, esporadicamente, em itens da linguagem religiosa afro-brasileira (LS):

Fon *Gãgbãɛ*, os tachos.

Afi kpevilɛ, árvore, pequenas.

(LS) *Rumpilé*. Fon *Hükpilɛ*, os tambores.

Acovilé, companheiro, tratamento entre voduns. Fon *akovilɛ*.

D) O gênero do nome não é gramatical. A mesma palavra pode ser usada no masculino ou no feminino, mas, quando necessário estabelecer a diferença, geralmente entre animais, ele é seguido de *-si*, fêmea, ou *-su*, macho, como nos

seguintes exemplos:

Ugam, porco, porca x **ugam si**, leitoa. Fon *hã'si* (porco/fêmea)

Nhi, boi, vaca x **nhi si**, vaca. Fon *ñi(bu)si* (boi/fêmea)

Couculou sũ, galo. Fon *kokulosu* (galinha/macho).

E) A reduplicação é outro processo muito comum que corresponde à repetição do radical de um vocábulo, para lhe dar uma nuance de sentido que normalmente ele não teria, a exemplo do que ocorre com a maioria dos adjetivos.

Cf **Bubu**, fugido.

Kuku, morto.

Susu, muito, em demasia.

Vivi, doce.

Veve, vermelho.

191

VII.2.1. VERBOS E MODIFICADORES

1. Verbos:

ACÓ, jogar. Fon *ako'*.

ADIDO, mijar. Fon *adiɔ'*.

ÀHIGUM, zombar ou folgar. Fon *aihũ'*.

AMULA, dormir. Fon *amlõ*.

DUBADANO NUM, cear. Fon *du gbadanu nú*
(comer no começo da noite).

BÁ, quebrar. Fon *bá*.

BA, procurar, buscar. Fon *bà*.

BÉ, começar. Fon *bε*.

BIÓ, pedir, rogar. Fon *bìó*.

BLA, amarrar. Fon *bla*.

BLO, enganar. Fon *gblo*.

BÕ, cortar. Fon *gbò*.

BOU ZAMGI, fazer a cama. Fon *blo zã`ji*.

BÚ, perder, desaparecer. Fon *bú*.

BONUM, calar a boca. Fon *bõnu*.

BOU ZAMBI, fazer a cama. Fon *blo zã`ji*.

BÚ, perder, desaparecer. Fon *bú*.

- CHIHOM**, cobrir, pôr, colocar. Fon *ciõ'*.
CHÕ, comprar. Fon *xõ'*.
CHUEVÓDUM, rezar. Fon *xué vodũ*.
CHULÉATAM, fazer a barba. Fon *xule atã'*.
CHUZUM, roçar o mato. Fon *xo zũ*.
CLÓ, lavar. Fon *klo*.
CONUM, rir. Fon *ko nu*.
CÚ, morrer. Fon *kú*.
CUDRÓ, sonhar. Fon *kúdro*.
DÁCLÃ, fazer pão. Fon *dà akla*.
DANLOM, dormir. Fon *d'amlõ*.
DÁNUM, cozinhar. Fon *dànu*.
DE AFOPÁ, tirar os sapatos. Fon *dẽ afõkpa*.
DÉAVÕ, despir-se. Fon *dẽ avõ'*.
DENUM, vou comer. Fon *du nú*.
DESO, atirar com arma-de-fogo. Fon *dẽ so*.
DEZÃ, tirar a mesa. Fon *dẽ zã'*.
DIDÁ, levantar. Fon *didá*.
DÔ, plantar, deitar. Fon *do*.
DÓ, dizer. Fon *dõ'*.
DÕ, passear. Fon *dõ*.
DÔ AFOPÁ, calçar os sapatos. Fon *do afõkpa*.
DOUAVÓ, vestir-se. Fon *do avõ'*.
DÓPOM, provar, degustar. Fon *dõkpõ*.
DOUZAM, por a mesa. Fon *dõ zã'*.
DU, comer. Fon *du*.
DUMI, comer (sexualmente). Fon *dumi*.
DUGE, batizar. Fon *dije'* (comer sal).
DUGUHEMENUM, jantar. Fon *du hueme nu* (comer ao meio-dia).
DUZA FOMNONUM, almoçar. Fon *du zãfõ'nu nu*
 (vou comer de manhã cedo).
FELAZOU, assoprar o fogo. Fon *flõ zo*.
FIM, roubar. Fon *fi'*.
FLÉAHICUM, esburgar feijão. Fon *flé aikũ'*.
FLÓ, soprar. Fon *flõ*.
GAM GUHI, amolar a faca. Fon *gã hui*.

- GÉRÊ**, pesar. Fon *je`re`*.
GIRÓ, querer. Fon *jiró*.
GUHEVI, pescar. Fon *hu huevi* (matar peixe).
GULAMHUHEMA, escrever. Fon *hulã wema* (uma carta, um livro).
GULIAIÔ, já casou. Fon *ulialo*.
GUM, fugir, arrancar, colher. Fon *hõ*.
HA, colher. Fon *yà*.
HI, tomar, ir. Fon *i / yì*.
HIHAVIM, chorar. Fon *yà vĩ*.
HUHÁ, vir. Fon *wa*.
HINOM, saber. Fon *ñõ*.
HÓHAHIO, fazer sexo. Fon *wayo*.
HU, matar. Fon *hù*.
HUHÁZOM, trabalhar. Fon *wazõ*.
HUHEMA, escrever. Fon *wema*.
HUHOM, abrir a porta.
HULA, guardar (algo). Fon *hulá*.
HUM, sangrar. Fon *hũ`*.
HUMÉ, assassinar, Fon *hũ`mε*.
JAHÍ, cair, Fon *jayi*.
JAJOU, furtar. Fon *jajo*.
JALÉ, suplicar, pedir perdão. Fon *jale*.
JAZOM, estar doente. Fon *j`azõ`*.
JÁHI, sentar-se. Fon *jayi*.
JOU, largar, abandonar. Fon *jo*.
KU, morrer. Fon *ku*.
LEHU, banhar-se, lavar o corpo. Fon *le`u*.
LI, moer, triturar. Fon *lì*.
LO, largar, deixar. Fon *lo*.
LÔ, quebrar. Fon *gbà*.
LUÃ, feder. Fon *lũ wã*.
MINHI, defecar. Fon *miñi*.
MÒCHOU, estar grávida. Fon *mõ xo*.
MU, beber. Fon *mu*.
NA, emprestar. Fon *ñà*.

NÁ, dar. Fon *ná*.
NANO, dar de mamar. Fon *n' aṅṅõ* .
NHAVÕ, lavar roupa. Fon *ṅàvõ`* .
NHI, chamar-se. Fon *ṅi*.
PÁ ATIM, lavar paus. Fon *kpá aṅi`* .
PLOM, ensinar. Fon *kpḽõ`* .
POM, ver. Fon *kpõ*.
POM, esperar. Fon *kpo*.
POUPARÉ, falta pouco. Fon *kpò kpeḽe*.
SÁ, vender. Fon *sá*.
SÁCHO, vender a crédito. Fon *s'axõ*.
SIGÃ, poder. Fon *sigã*.
SU, fechar. Fon *sú*.
SUGOM, fecha a porta. Fon *súhõ`* .
SUNSUM, limpar(se). Fon *sūsū*.
TIM, ter, possuir. Fon *tí*.
TITÊ, levantar-se. Fon *cite*.
TÓVÓ), costurar , coser (roupa). Fon *tõ` àvõ`* .
TÓ LIM, nadar. Fon *tõ` ḽi.`* .
VE, doer, amargar, arder, azedar. Fon *ve*.
ZÁCHUHE, varrer a casa. Fon *zà xué*.
ZE, rachar. Fon *zẽ`* .
ZENAQUE, rachar lenha. Fon *zẽ nàkí*.
ZOM, caminhar. Fon *zõ`* .

2. Adjetivos e advérbios

ABÕ, quieto. Fon *abõ*.
AGÁGI, para cima. Fon *àgàji*.
ANI , o quê? Fon *ani?*
ANIHÛTU, por que? Fon *ani útu*.
BEDE, jamais. Fon *gbede*.
BUBU, perdido, desaparecido. Fon *búbú*.
CHOUCHOU, muito tempo. Fon *sòsò*.
CO, ainda, já. Fon *ko*.
DEDÊ, devagar. Fon *dede*.

DEM, longe. Fon *dè*.
DIM, agora. Fon *ε` dī*.
DÕ, em baixo. Fon *dõ*.
DOJI, em cima. Fon *doji*.
FI, aqui. Fon *fi*.
GIBI, nascer. Fon *jivi*.
HÈBE, hoje. Fon *égbe*.
VUM, está roto. Fon *vũ*.
MENU, quem? Fon *menu?*
MÉRÉ, alguém. Fon *mεdε*.
NABI, quanto? Fon *nabí*.
NEBÉ, atrás, nas costas. Fon *nε`gbe`*.
NHIZOM, para baixo. Fon *ní dõ*.
NUMQUO, adiante, em frente. Fon *nukõ`*.
PARÉ, um pouco. Fon *kpedé*.
PEUPÕ, POUPOU, muito, todos. Fon *kpe kpo, kpokpo*.
SERU, vomitar. Fon *srú*.
SOSÔ, muito tempo. Fon *soso*.
SUPÔ, demasiadamente. Fon *sùkpo.´*.
SU(SU), muito, demais. Fon *su*.
VEVE, vermelho. Fon *ve`ve`*.
VÔ, sem causa. Fon *võ* (em *vão*).
ZOMATOM, cinco vezes. Fon *azõ atõ*.
ZOMNÁBI, quantas vezes. Fon *azõ nabi*.

195

3. Pronomes:

CHÊ, meu, minha. Fon *ce*.
HE, meu, minha. Fon *we*.
TOHE, teu, tua. Fon *towe*.

VII.3. A LINGUAGEM RELIGIOSA

O presente glossário relaciona um repertório limitado aos termos de base ewe-fon utilizados na linguagem litúrgica de terreiros de tradição mina-jeje no Brasil. Assim, ele contém o vocabulário de Sérgio Ferretti (1996), assinalado por

um asterisco (*), termos que aparecem no corpo do texto do conjunto da obra de Mundicarmo Ferretti, indicados pelo sinal (°), e o repertório de Yeda Pessoa de Castro (2001), sem qualquer marcação, porque constitui a maioria do glossário, cuja ortografia está de acordo com as normas sugeridas pela autora (2001).

196

São palavras que descrevem a organização sócio-religiosa do grupo, os objetos sagrados, a cozinha ritualística, cânticos, saudações e expressões referentes a crenças, costumes específicos, cerimônias e ritos litúrgicos, todas apoiadas em um tipo consuetudinário de comportamento bem conhecido dos seus participantes por experiência pessoal. Nesse vocabulário, de estrutura ligada a certas formulações simbólicas, não há metáforas, sinonímia precisa, pois cada *palavra-de-santo* é mantida dentro da fidelidade ritual do apelo, da denominação dos referentes. Para os fiéis, o que mais importa, durante as celebrações, é demonstrar a sua competência simbólica, ou seja, saber, por exemplo, em que momento e para que divindade deve ser entoada uma cantiga e não o significado literal da cantiga, à semelhança do que se observa nos terreiros do Maranhão, inclusive na Casa das Minas, quando se canta a ladainha em latim, na abertura das celebrações festivas, sem que, provavelmente, seus participantes tenham qualquer noção da língua latina. Sob esse ponto de vista, ainda se entende a alegação de Mãe Andresa, quando indagada por Correia Lopes sobre a significação dos cânticos, de que “os velhos não lhe deixaram e “que sabia, apenas, a que vodum são atribuídos” (cf. Peixoto, 1945:53).

Entre os terreiros, seus seguidores podem compreender o sentido denotativo de certos termos, expressões, trechos de cânticos e saudações, mas ignoram as alusões e implicações mais profundas que cada um deles contem. Esse conhecimento, que faz parte dos fundamentos litúrgicos, é fator determinante de ascensão sócio-religiosa na hierarquia do grupo e do domínio exclusivo da sua classe sacerdotal, porque nele se acha guardada a noção maior de segredo do culto que lhe foi transmitido por suas divindades. Sendo assim, o repertório lingüístico de suas cerimônias se conservou estranho ao domínio da língua portuguesa, enquanto o vocabulário necessariamente se cristalizou mais, tendendo a se modificar menos, apesar das criações individuais, no momento em que foi aceito pela comunidade sócio-religiosa como meio primordial de contatar as suas entidades,

e o acesso ao seu conhecimento, como fator preponderante de integração e identidade etno religiosa do grupo em geral, e de cada um, em particular.

A partir daí, critério marcante no conceito de “nação” entre os grupos de culto foi estabelecido pela escolha propositadamente diferenciada de acordo com procedência da linguagem litúrgica de cada um deles, distinguindo, dessa maneira, os candomblés da Bahia em congo-angola (banto), jeje (gbe) e nagô-queto (iorubá), e, no Maranhão, a Casa da Minas da Casa de Nagô (cf. Pessoa de Castro, 1981 2001:80-86). Observe-se, dentre outros exemplos, que a mesma entidade é invocada com nomes diferentes entre esses terreiros. Enquanto, na Casa de Nagô, os tambores invocam os orixás, começando o ritual homenageando o Exu-iorubano sob a denominação Imbarabô, na Mina, canta-se para os voduns daomeanos, invocando Leba, representado por Averequete, por intermédio da saudação Novariê, Dom Variê, La Variê, do sintagma verbal fongbe *n'ávalú wè* (cf. Ferretti, M. 2001:118). Já nos candomblés de “nação” congo-angola, os rituais começam por homenagear Bambojira, o também o todo-poderoso inquitebanto *Mpambu yanjila*, o Senhor das Encruzilhadas (cf. Pessoa de Castro, 1981; 2001).

197

Quanto às etimologias, nem todas elas vão ser identificadas no glossário de Sérgio Ferretti. A maioria diz respeito à antroponímia da história e à antropologia religiosa do povo ewe-fon, principalmente do reino do Daomé, e merecem um estudo à parte, no qual se somem resultados de pesquisa antropológica às evidências linguísticas, de que ainda não dispomos. Igualmente, deixamos algumas delas sem traduzir, pela dificuldade de fazê-lo. Trata-se de circunlóquios de que se vale a língua fon para nomear pessoas e entidades, descrevendo-lhes os atributos que lhe são próprios ou que lhe foram conferidos pelos seus ancestrais (cf. Barba Soeira).

DENOMINAÇÕES BRASILEIRAS E REGIÕES DE ORIGEM

"NAÇÃO"	MINA-JEJE	NAGÔ-QUETO	CONGO-ANGOLA
Grupo lingüístico	kwa ▼		banto ▼
Área lingüística	gbe (ewe-fon) - iorubá		quicongo (H16) quimbundo (H21) umbundo (R11)
Região geográfica	Golfo de Benim - África Ocidental		sul da linha do Equador
Países	Benim Togo Gana	Nigéria Benim	Congo-Brazzaville Congo-Kinshasa Angola
Línguas de origem	gbe (fon, gun, mina, mahi,ewe)	iorubá (nagô-queto)	quimbundo, quicongo, umbundo

VII.4. GLOSSÁRIO

A

ABĀ – bandeja, prato, abano.

Fon *àgbā*.

ABAÇÁ, ABACÉ – salão, sala onde se realizam as cerimônias públicas festivas.

Fon *àgbasà*.

ABADÊ, ABADÔ – milho, pipoca.

Fon *agbàdê, àgbàdo*.

ABADJÁ – corpo humano.

Fon *àgbazà*.

ABADJÉ – chato, sem graça; estragado, perder a vingindade, menstruado.

Fon *gbàje', bázê, lit. quebrar o pote*.

ABARÁ, ABALÁ – abará, bolo de feijão fradinho.

Fon *ablá*.

ABARÉM, ABERÉM – bolo de milho branco.

Fon *àblohê'*.

ABÊ, AGUÊ – vodum da caça.

Fon *Agbe*.

*ABÉ – vodum feminino da família de Quevioço.

Fon *Àgbè, vodum do mar*.

ABERÉ – agulha.

Fon *abe*.

ABIĀ – pré-noviça.

Fon *avinõ, mulher que tem um bebê para aleitar*.

*ABIÉ – pedido de perdão.

Fon *bìò 'gbe*.

ABÔ – carneiro; infusão de ervas para banhos.

Fon *gbò*.

ABÓ – silêncio, atenção.

Fon *abo*.

*ABOJU – vodum feminino, jovem, da família de Dambirá.

ABROZÔ – espécie de açaçá.

Fon *ablòzò*.

ACABA – título de Kpó, rei do Daomé.

Fon *Akábà*.

ACAÇÁ – açaçá, iguaria feito de milho branco.

Fon *akasá, akasã*.

*AÇANHABEBE, AÇOABEBE – toboce de Poliboji.

ACANIM – pena vermelha, de uma espécie de papagaio africano, cinzento.

Fon *akpenĩ*.

ACARAJÉ – acarajé.

Fon *àklàje*.

AÇOBÁ – título de Aziri.

Fon *asçgbá*.

*ACOICINACABA – vodum masculino, velho, da família de Davice.

*AÇOIVODUM – todos os voduns juntos.

Fon *akò i vodũ, a família dos voduns*.

*AÇONLIVIVE – toboce de Agongono.

Fon *Ahò suvive*.

*AÇONVODUNQUE – um dos nomes de Zomadonu.

Fon *Ahò vodũse*.

*ACOVILÉ, APOVILE – companheiro, tratamento entre voduns.

Fon *akòvile, akpovile*.

ACU, ECU, ICU – morto, morte; alma.

Fon *kú, mekú*.

ACUCÓ – galo.

Fon *kokulo*.

*ACUEVÍ – vodum feminino, toquém, filha de Doçu, da família de Davice.

Fon *Akpeví*.

AÇUM – raspar, raspado.

Fon *asũ*.

*ADAGEBE – toboce de Apojevó.

*ADAMACHIO – palavra inicial do cântico, ao término da ladainha dos voduns, ordenando o início dos toques de atabaque.

Fon *a da ma xò*.

ADARRUM – toque de atabaque.

Fon *àdãhũ*.

ADÊ – coroa.

Fon *àzè*.

*ADIRI – termo de tratamento usado para as gonjais.

ADÔ – entranhas, intestinos.

Fon *àdò*.

ADOÇO – parte da cerimônia de iniciação.

Fon *adosù*.

ADOFONA, ADOFONO – primeiro no barco.

Fon *dòfônũ*.

ADOFONITIM, ADOFONITINHO – segundo no barco.

Fon *dòfônũfĩ*.

*ADROBO – bengala.

ADU – dente.

Fon *àdú*.

ADUALÓ – lésbica.

Fon *àdò 'ábo'*.

ADUBULÉ, DOBALÉ, EDOMAHAENDÔ – durma bem, boa-noite.

Fon *dògbè, e do ma hõdo*.

ADUNCE, ADUNÇO, ADUNÇUM,

ADUNXO – nome iniciático de Azoano.

Fon *Àzõsi*.

*ADUNOBLE – nome de Averequete.

ADUPÉ – licença.

Fon *do kpe'*.

AFAFÁ – abano.

Fon *afafã*.

AFIM – albino.

Fon *afi'*.

AFITIM – cheiro ácido.

Fon *afifĩ*.

AFÓ – pé, perna, pata.

Fon *afò*.

AFOGÃ – guizos de metal usados no tornozelo.

Fon *afogã*.

AFOPÁ – sandália, sapato, chinelo.

Fon *afũ kpà*.

*AFOVIVE – toboce de Doçu.

*AFREJÓ, AVREJÓ – toquém, filho de Ajautó de Aladá.

Fon *Avlejo*.

*AFRU-FRU – vodum feminino, velho.

AFU – expressão de exorcismo.

Fon *afu'*.

AGABI – toque para Sobô.

Fon *akpavi*.

*AGAJÁ MAÇOM – nome do vodum Doçu, da família de Davice.

AGALETÓ – prostituta.

Fon *agale'to'*.

AGAMÃ – camaleão.

Fon *àgamã*.

*AGAMAVI – toboce de Liça.

Fon *àgamãví*.

AGLUZA, AGRUZA – porco.

Fon *àglúzà*.

AGÔ – pedido de licença.

Fon *agoó*.

*AGOM – toboce de Daco.

Fon *agbõ*.

AGONGLÔ – vodum real.

Fon *Aglõglo*, rei do Daomé (1789-1797).

*AGONGONO, SAVALU, AHOSO,

HOSO, HOMPEZE, TRIPAPA, DUHEME, LISE, DE AGUIDÁ – vodum velho, chefe da família de Savaluno.

Fon *Agbogonõ, Savalu, Axõsu, Axõkpese*.

AGÜÊ, *AGÊ – idiofone, cabaça com fios

de conta.

Fon *asogwe*.

AGUÉ – vodum das folhas.

Fon *Àgɛ*.

AGUECE – nome iniciático de Agué.

Fon *Àgesi*.

*AGRALÁ – tipo de farofa ritual, farinha seca e dendê.

AGUIDAVI, OGUIDAVI, AGUIDAVI – vareta de percussão.

Fon *àgidàvi*.

AHOLO BESSEIM DOCUMI – vodum real.

Fon *Aholu Gbese Dokumi*.

AIABÁ – a encarregada da cozinha ritual; rainha.

Fon *ayaba*.

AINÃ, AIROÇO – título de Xapatá.

Fon *àinõ, àixosu*.

AJACÁ – rato.

Fon *ajaka*.

AJACE – nome iniciático de Gum.

Fon *àglàsì*.

*AJANUTÓI – vodum da família de Quevioço.

*AJAUTÓ DE ALADÁ, AJAUTÓI DE ALADANU – vodum, pai de *Avrejó*.

AJÊ, AJETÓ – feiticeiro.

Fon *àzè, àzètò*’.

AJIBONÃ – auxiliar da sacerdotisa.

Fon *ajígbonã*.

AJICONIM – pedra usada na divinização, no jogo de Ifá.

Fon *àjikũ*

AJIRI, AZIRI TOBOCE, TOBOCE, ABOTÔ – vodum feminino das águas doces.

Fon *Àzrì, Àzrì Toglosi, Agbotò*’.

° AJÓ – tipo de prece durante uma oferenda.

Fon *a jo*.

*AJOPOME – bengala.

Fon *a jòkpómɛ*, a bengala da mensagem,

do recado.

AJUNTÓ, AJOTÓ, JUNTÓ – espécie de anjo-da-guarda.

Fon *àjò tɔ*’.

ALÁ – pano branco, espécie de toldo.

Fon *àlà*.

*ALADANU – nome de Ajautó.

Fon *aladanu*, de Aladá.

ALAFREQUETIANA – nome iniciático de Averequete.

Fon *ávleketianõ*.

*ALOGUE – vodum da família de Dambirá.

ALOJÉ – bracelete de Xapatá.

Fon *alo je*.

ALOJI – pênis.

Fon *alo ji*.

*ALOPÉ, ALOQUÉ – pedido de bênção vodum, batendo palamas.

Fon *alo kpe*.

ALUMÃ – planta medicinal.

Fon *alumã*.

AMÃ – folha; remédio de folha.

Fon *amã*

AMAZIM, AMACI, AMANSI, VEVEU – infusão de ervas para banhos.

Fon *amañ*.

AMIM – azeite.

Fon *amì*.

AMIM-DUNDUM – azeite-doce.

Fon *amì dudu*.

AMINJÁ, AMINUÓ – farofa, pirão de dendê, comida de Leba.

*AMIÓ – espécie de pirão.

Fon *amijá, aminuo*.

ANÃ – seio.

Fon *ànõ*.

*ANADOPÉ, NADOPÉ – despedida ou arremate após o término de uma festa.

Fon *a na do kpe*.

*ANAITÉ. NAITÉ – vodum da família de

Quevioço.
 ANAJELA – menstruar.
 Fon *anajela*.
 ANALEIÚ – banho; ir para o banho.
 Fon *ana le u*.
 ANANGAIÚ – boa-tarde.
 Fon *anagbadanù*.
 *ANANIM, NANIM – vodum da família de Davice.
 ANUÃ – espécie de acarajé, assado no forno.
 Fon *añã*.
 ANUIM – boca.
 Fon *nũ*.
 APAOCÁ – espécie de árvore sagrada.
 Fon *akpáka*.
 APETEBI – auxiliar do bacanao.
 Fon *akpetevi*.
 APÔ – sacola, bolsa; uma pequena medida.
 Fon *akpò*.
 APOCÃ, CÃO – sal-da-costa.
 Fon *akpo kamũ*.
 *APOJI – vodum da família de Davice.
 Fon *Akpɔji*.
 APONÃ – espécie de doce de rapadura e gengibre.
 Fon *kpónã*.
 APOTI, ZIMPÔ – banco.
 Fon *ákpótí, zìkpo*.
 *APOVEJÓ – toquém da família de Davice.
 Fon *Akpovojo*.
 AQUÉ, ACUÉ, AQUÉ – dinheiro.
 *GUE, QUE – presente, pedido pelas toboces.
 Fon *àkue'*.
 AQUEQUÉ – o mais mimado, o xamego, o xodó.
 Fon *kike'*.
 *AQUICI – planta medicinal, benjoim.
 ARIPÁ – veneno mortal.
 Fon *arikpà*.
 ARÔ – anil.

Fon *aho*.
 *ARQUIBÃ – arrumação de louça, após o arrambã.
 Fon *akigbã*.
 *ARRAMBÃ, ARRUMÁ – cerimônia de fechamento anual do terreiro.
 Fon *a hõ gbã*.
 ARRANHA, ARRANIA – toque para Besseim.
 Fon *hãye*.
 *ARRONOVICAVÁ – vodum da família de Davice, irmão de Naedona.
 Fon *Axɔnõvi salá*, irmão caçula do rei.
 ARROBOBOI, AOBBOBOI, ARROMOBOI, AQUIDIDIORO, AVIVANÇO AIDORUEDÔ, – saudação para Besseim.
 Fon *awóbóbó, akiliwòòró, aji wansi, àidohuedo*, o arco-íris.
 *ASODOVU – toboce.
 ASSÉM, AXÉ – os objetos sagrados, o fundamento do terreiro.
 Fon *àsẽ*.
 ASSENTO, ASSENTÓ – altar dos voduns.
 Fon *àsẽto'*.
 *ASSISSI – irmão ou irmã.
 Fon *àsisì*, co-esposa.
 ATACÃ – faixa em torno dos atabaque.
 Fon *atakã'*.
 ATAXÔ – nome de Leba.
 Fon *Ataco*, semeador de problemas.
 ATIM – mato, vegetação.
 Fon *àfì*.
 ÁTINLOCÔ – gameleira branca, consagrada a Loco.
 Fon *àfì lòkó*.
 ATINGÃ – zelador do atim.
 Fon *àfigã*.
 ATINSÁ – árvore consagrada a um vodum, matagal.
 Fon *àfì sá*.
 ATINSEM – nome de Loco.

Fon *áfisē*
 ATINXI – vassoura.
 Fon *áfisi*.
 ° ATO – faixa.
 Fon *àcɔ'*, ornamento, enfeite.
 ATOTÔ – saudação para Azoano.
 Fon *tótó*.
 AUÊ – confusão.
 Fon *awè*.
 AUÊ – guarda-sol.
 Fon *awe*.
 AVAMUNA – toque de atabaque.
 Fon *aválanô*, digno de homenagem
 AVEREQUETE, ALAFREQUETE,
 ANAFREQUETE, AUREQUETE,
 AVEREQUÊ, INAFREQUÊ, LAFREQUETE,
 VEREQUÊ, VEREQUETE – vodum do mar.
 *AVEREQUETE, VEREQUETE – vodum
 toquém da família de Quevioço.
 Fon *ávleke'te*.
 *AVIEVODUM, EVOVODUM – Deus
 Superior.
 Fon *wɛ'ke'vodũ, axɔ vodũ*, vodum do
 universo, vodum-rei.
 AVUM, AVÔ – cachorro.
 Fon *ávũ'*.
 AXEGÃ – zelador do axé.
 Fon *àsɛgã'*.
 AXETÃ – o dono do axé, o sacerdote.
 Fon *àsɛtã*.
 AXÓ – roupa, tecido.
 Fon *ávɔ', àcɔ'*.
 AXOGÃ – zelador das vestes sagradas.
 Fon *àcɔ'gã'*.
 AXOQUE' – Deus.
 Fon *Axɔke'*.
 *AZACÁ, ZACÁ – vodum da família de
 Savaluno.
 Fon *Zaka*.
 AZÁIA – pano branco no alto do mastro, na

entrada do terreiro, um tipo de exorcismo.
 Fon *àsiá*.
 *AZANIEBÉ – nome iniciático de Daco.
 AZANAODÔ, AZUNCE – nome iniciático
 de Azoano.
 Fon *Àzōwànô'dó, Àzōsi*.
 AZÉ – capuz de palha.
 Fon *àze'*.
 AZILE, AZILA, AZILU – vodum da família
 de Dambirá, irmão de Acossi.
 Fon *Àzri (?)*
 AZÓ – fumo; trabalho.
 Fon *àzɔ'*.
 AZOANE, AZOANO, AZUNSUM,
 AZUMEUM, AZAMBRIÓ, XAPATÁ,
 SAPATA – nome de Xapatá, vodum da
 varíola, das doenças.
 Fon *Azōwànô, Àzōsú, Àzōmenô, Azōblótɔ', Sakpatá*.
 *ACÓSSI, ACOSSI SAPATÁ – vodum velho,
 chefe da família de Dambirá.
 Fon *Azōsi, Sakpatá*.
 *AZONCE, AGONÇO, DAMBIRÁ
 AGONÇO – vodum da família de Dambirá,
 irmão de Acossi.
 Fon *Azōsi, Azōsú, Dāviva*.
 AZOCÃ – fumo-de-corda.
 Fon *àzɔ'kã'*.
 AZOGRI, AZOGRIM – farinha feita com
 milho torrado, servida no arrambã.
 Fon *azołifi*.
 AZOM – doença, varíola.
 Fon *azô'*, doença, principalmente a varíola.
 AZOQUÊ – cachimbo.
 Fon *àzɔ'kuɛ'*.
 *AZUACE SACOREBABOI – nome iniciático
 de Zomadonu.
 Fon *Azōwàsí Sakpatátɔ'e*.

B

BABÁ – pai.

Fon *bàbá*.

*BABANATÔ – nome iniciático de Zomadonu.

Fon *Bábáwátô*'.

BACANÃO – sacerdote.

Fon *boko nō*'.

BADÉ – título de Sobô.; *BADÉ – vodum da família de Quevioço.

Fon *Gbáde*'.

*BAGONO, BAGONE, BAGOLO – vodum da família de Dambirá.

BANTÉ – avental de couro.

Fon *vantē*'.

° BARÃO DE GUARÉ, BITA DE BARÃO, COTA DO BARÃO – título de entidades e de chefes religiosos do tambor-da-mata.

Fon *Baranō*' , o senhor Bará (Leba), *Gbale*' ou *Gbáde*' , do cemitério de Badé.

° BARBA SOEIRA, BARBA SOEIRO, BARABAIA – entidade do tambor-da-mata.

Fon *Baḍabaḍá sœyiro*' , *Baḍabaḍá*.

BARCO, *RAMA – grupo de iniciação.

Fon *aqbāku*, os que morrem para renascer juntos.

*BARRI SETON – nome iniciático de Averequete.

*BEDIGÁ, BOÇU VON DEREJI, DOM DIOROJI – vodum da família de Davice.

Fon *Bosuhō Gedeji*.

*BEDIGÜI, BADIGRI – fala das toboces pedindo algo.

Fon *gbe gbìdí*.

*BEIDELEBE – nome iniciático de Daco.

BERÊ – perguntar, autorizar.

Fon *gbèle*.

BEREBEDÉ, BERERÉ, BOLOLO – barulho,

confusão.

Fon *bajele, gboló ló*.

BESSEIM, OBESSEIM – vodum representado pela cobra, o arco-íris.

Fon *Gbe` sē*'.

° BETA – terreiro-da-mata, de outras nações que não mina e nagô.

Fon *gbetá* ou *gleta*, plantação, mata.

BETÓ – leigo, ignorante.

Fon *aigbetó*'.

BIBIANO – candeeiro.

Fon *miōgbanú*.

BOBÓ – comida feita com feijão ou inhame e dendê.

Fon *abo bo*.

BOBÔ, BOLOJÔ – largo, amplo.

Fon *gbògbló, gbògbló lojò*.

*BOBOQUETE – cachimbo com cabo de taquara, longo, fumado pelos voduns.

Fon *gbògbló kue` tĩ*.

*BOÇÁ, BOÇALABÉ – vodum toquém, feminino, da família de Dambirá.

BOCAPIU, POCÃ – cesto triangular de palha, com alças.

Fon *akpokāvi*.

*BOCU RONCÔLI – nome iniciático de Boçá.

*BOÇU RUNDOLEME – nome iniciático de Bedigá.

*BOÇUCÓ – vodum toquém, masculino, da família de Dambirá.

BOITÁ – procissão cerimonial em torno dos atinças.

BONZEGA, BONZENGA, BONSEGANO – sapo; mulher feia de baixo astral.

*BAGONO, BAGONE, BAGOLO, vodum que se transforma em sapo.

Fon *adigbèséga*.

BOQUÊBOQUÊ – forma de exorcismo.

Fon *gbogbe gbogbe*.

*BORUTÓI, BOROTÓI, ABATOTÓI – vodum velho da família de Dambirá.

Fon *Agbogbotó' e*, meu pai grande.

BRAJÁ – espécie de colar de búzios.

Fon *blaja*.

BRARRUM – toque para Besseim.

Fon *gbahũ*.

BREMA – amuleto de folhas maceradas.

Fon *gbemã*.

C

*CHOSSUM, SUSSUME – alimento preparado com carne de bode chibarro.

COBÉ, COUBÉ – feiteceiro.

Fon *Ko ve*, cidade daomeana.

COBU – Biscoito de fubá, muito duro, assado sobre folhas de bananeira.

Fon *kpo(dó)gbà*, lit. "vara para quebrar", biscoito muito duro, feito com farinha de milho.

Fon *kpo(dó)gbà du*, pregão.

COCORNEZIM, COCORUEZIM – ovos, testículos.

Fon *klokozi*.

COCORO – designação genérica para aves ou bicho-de-pena.

Fon *kloko*.

COCORIVI – pinto.

Fon *klokovi*.

*COCRE, COGRE, CROCRE – colar de miçangas, justo ao pescoço, usado pelas iniciadas.

Fon *kokle*.

° CODÓ – cidade do Maranhão, centro da encantaria de Barba Soeira.

Fon *Ko vetó, de Ko ve*.

° COLI MANEIRO – um dos vodunsos

mais antigos de Codó.

COLUNFÉ – bem-vindo, boa sorte.

Fon *ku nu we*.

*COMACUIBE, OMACUIBE – toboce de Agongono.

COSSI – leigo, não-iniciado.

Fon *ko si*, o que não existe.

COTOCORÉ – galinha sem rabo.

Fon *klokode*.

*COTOQUEM – vodum feminino, mulher de Quenquem, filho de Besseim.

*COVE – fome.

Fon *go ve*.

COZODIÔ – saudação de agradecimento.

Fon *ku do dazo*.

CROQUÊ, *COCRE, COGRE, CROCRE – colar de miçangas.

Fon *koke*.

CUQUETO, QUIQUETO – nome de Iemanjá, deusa do mar.

Fon *(ki) kuketo'*.

CUTUTÓ – espírito dos mortos.

Fon *kutito'*.

D

DÃ, DAMBÊ, DAMBUÊ DAMBIRÁ, SOBOADÃ – vodum representado pela cobra piton.

*DÃ, ODÃ, IERODÃ, da família de Dambirá.

*DAMBIRÁ, família de voduns que constitui o panteão da Terra.

Fon *Dã, Dãgbe, Dãviva, Sogbóadã, Xueqã*.

DABU – termo honorífico.

Fon *daagbo*, grande senhor.

DAÇA – toque para Besseim.

Fon *dasa*.

*DACO, DACO-DONU – vodum masculino

da família de Davice.
 Fon – *Dakodonu*, rei daomeano (1625-1640/50).
 DADÁ – título do vodum Aziri.
 Fon *Dadá*, a grande irmã.
 *DADARRÔ – vodum velho da família de Davice.
 Fon *Dadaxo*, o velho respeitável.
 DAGÃ, SIDAGÃ – responsáveis pela cozinha ritual.
 Fon *dagã*, *asídagã*.
 *DAGEBE – toboce de Apojevó.
 DAGU – nome iniciático de Gum.
 Fon *Dagu*, o senhor da guerra.
 *DALÇA – pulseira de búzios ou de coral.
 DAMBI – nome iniciático de Dã.
 Fon *Dãvi*.
 *DANGIBÉ, ERO DANGIBÉ, ERO CAGIBÉ – cântico para despachar Leba.
 Fon *do ji gbe*, saudar.
 DARRUM, DARRUMO – toque de atabaque.
 Fon *do hũ*, tocar tambor, render homenagem.
 DAVICE – família dos reis do Daomé.
 Fon *daàvisi*, linhagem real (*daà* ou *dàdá*, mestre, título dos reis de Abomé).
 *DECÉ – vodum feminino da família de Davice.
 Fon *Daasi*.
 *DE, DERRROM, tratamento dado aos voduns velhos.
 Fon *mexó*, velho, idoso, grandes pessoa.
 DECÁ – transmissão de obrigação do terreiro.
 Fon *dè kà*, libertar, retirar a cabaça, cerimônia religiosa.
 *DEINHA, vodum cabinda.
 DEVÓ – pano-da-costa.
 Fon *devo`*, pano de fabricação nativa.
 *DOÇU, DOÇU AGAJÁ, MAÇOM, HUNTÓ, BOGEUÇÁ, vodum masculino da família da Dambira.
 Fon *Dosú Agajá*, rei de Abomé (1708-1732),

hũtó, guerreiro.
 DOCUIM – batata-doce.
 Fon *dokũ*.
 *DOÇUPÉ – filho de Doçu. Fon *Dosú kpeví*.
 DORRUM – bebida alcoólica; beerrão.
 Fon *dòhũ*.
 DOÚ, DOUM – nascido após gêmeos.
 Fon *dosú*.

E

EBÁ – pirão.
 Fon *bà*.
 EBÓ – oferenda propiciatória.
 Fon *vo`*
 EBOME, EBAME, EBOMIM, EVAME, EVAMIM – título recebido após 7 anos de iniciação.
 Fon *ègbõ mi*, meu parente mais velho.
 *ECREVÊ – casa.
 EDOHOENDÔ – até logo, adeus.
 Fon *edohuedenu*.
 EFÔ – forma de exorcismo.
 Fon *àfô*.
 EGUCI – semente de abóbora usada condimento.
 Fon *gùsí*.
 *E MANJÔ RO A – pouco me importa, não quero saber.
 Fon *e ma n`joló a*.
 *ENVILACÃ – conta usada em rosários de Dambirá.
 *EOVA, EOA, EUA – vodum feminino da família de Davice.
 Fon *Yewa*.
 EROCO – nome de Leba.
 Fon *Élókó*.
 ERAM – carne.

Fon *lã*.

*EROCAGIBE – primeira palavra do cântico para afastar Leba.

Fon *e do na i gbe*, pedir permissão.

ERRUIM – doce, mel.

Fon *wĩ*.

ETÊ – praga, maldição.

Fon *cékpè*.

EVIVI – bom, agradável.

Fon *e vivi*.

EVÓ – acabou, fim.

Fon *e vɔ*.

*EVONO – tratamento dos toboces para os voduns.

Fon *e vodunõ*.

EZIM – dois, gêmeos.

Fon *èjì*.

EZOM – três.

Fon *atõ'*.

F

FÁ, IFÁ, UFÁ – oráculo.

Fon *Fá*.

FADUM – jogo de Ifá.

Fon *fadu*.

FIFÓ – pequeno candeeiro.

Fon *fiɔfiɔ*.

FOMO – 3º do barco.

Fon *yomo*.

FOMUTIM, FOMITINHO, FOMUTINHA – 4º do barco.

Fon *yomotĩ*.

FUFU – farinha de milho com açúcar e pedaços de coco.

Fon *fufú*.

FULAFULA – rapidez.

Fon *fulafula*.

G

GÃ, *GÃ, OGÃ – idiofone de uma só campânula de ferro.

Fon *Gã*.

GAIACU – nome iniciático de Agué.

Fon *Gayaku*.

GAMO – 6ª do barco.

Fon *nogamu*.

GAMUTINHA, GAMUTINHO – 7º do barco.

Fon *nogamufĩ*.

GANLETÓ – o encarregado de levar os iniciados para o banho ritual.

Fon *gãletɔ'*.

GANTÓ, *GANTÓ – o tocador de gã.

Fon *gãtɔ'*.

GAVIONÇO – nome iniciático de Kpó.

Fon – *Gajexɔsu*, o rei das pérolas.

GLAXOMA, GALAXOMA – faixa usada, no braço, pelos iniciados na pajelança.

Fon *gblanuxɔmé*.

GOGÓ – cheio, repleto; pescoço de garrafa.

Fon *gigɔ'*.

GOGÔ – nádegas grandes.

Fon *gogó*.

GONGOM – pequeno tambor feito de lata.

Fon *gãgã*.

GONGUÊ – pequeno tambor que produz um som seco e surdo.

Fon *gohwe*.

*GONJAI, HUNJAI, VODUNCE-GONJAI – filha-de-santo feita.

Fon *hũya, vodũsí-hũya*, mulher velha, mãe no vodum.

*GONJEUME – nome iniciático de Doçu.

*GONO CUIBE – nome iniciático de Jotim.

GONZEM, DOZEM – caldeirão de ferro; panela.

Don *gāzē*, *dozē*.
 GONZIM – talha, pote.
 Fon *gosī*.
 GONZOM – bom, grande; ordem, comando.
 Fon *gbozā*, *zūzō*.
 * GOROGORO – velha.
 Fon *xóxó*.
 GREMO – 9ª do barco.
 Fon *glemo*.
 GREMUTINHA – 10ª do barco.
 Fon *glemoñi*.
 GUAIAÁ – chocalho consagrado a Gum.
 Fon *guaya*.
 GUEDEMO – vodum da caça.
 Fon *Glegbenú*.
 ° GUEDEVÍS – entidades caboclas.
 Fon *gedevi*, filhos de Guede.
 GUELÊ – pombo.
 Fon *xuelé*.
 GUM, OGUM – vodum da guerra, ferreiro.
 Fon *Gu*.
 *GUMA, SARABANTÃ – varanda de danças ou terreiro.
 Fon *hūme`tá*, *salagbetã*.
 GUMBAÇA – espada de Gum.
 Fon *gugbása*.
 *GUMÉ – pátio interno, quintal.
 Fon *xuéme`*, interior da casa.
 ° GUNA – poste central da sala de festas.
 Fon *xúná*.
 GUNTÓ – tocador do ferrinho.
 Fon *gūto`*.
 GURUFIM – cantos fúnebres de vigília.
 Fon *kú nú fi*.

H (Ver R)

HACATO – nome iniciático de Sobô.
 Fon *wāxoto`*, o que bate na bigorna.

HEIM – peixe.
 Fon *huévi*.
 HOHO – gêmeos.
 Fon *hoho*.
 HUM – sangue.
 Fon *hū`*.

I

IBÁ – quartinha, cuia.
 Fon *gbá*.
 IBIM – caracol.
 Fon *gbī*.
 IDÃ – símbolo de Besseim, representado por duas cobras.
 Fon *dã*.
 *IHAPEN – nome iniciático de Lepon.
 *INDÉ – nome de Toçá, diz-se também quando um vodum vem, ao mesmo tempo, em duas iniciadas.
 Fon *meḍe... meḍe*, um e outro.
 IMÃ – conhecimento.
 Fon *mō`*.
 INAÊ, * NO CHÊ – minha mãe.
 Fon *nō è*, *nō ce*.
 IUNDUNCE – nome iniciático de Aziri.
 Fon *wīdūsí*, beber de água doce.
 IXÉ – ave, pássaro.
 Fon *xε`*.
 *IZADINCOI, ZADONCOI – mãe-pequena.

J

° JARA, JARO – apelido dado aos negros de Codó e filhos de Légua Boji Buá.
 Fon *jaḍá*, *jaḍu*, preparar, comer *já*, farofa de

dendê.

JAVALU – celebrar os voduns.

Fon *je avalú*.

JÉ, *JEVIVI – sal.

Fon *je*.

*JEAVÓ – bengala.

JEVIVI, *JEÇUÇU – açúcar.

Fon *jevivi*, sal doce.

JIBI – negrinho, moleque.

Fon *wìwiví*.

JIAU – nome iniciático de Xapatá.

Fon *Jijaũ*.

JINJE – tremor de frio.

Fon *ùjijí*.

JINJIM – formiga.

Fon *zĩ zĩ*.

JIRRÃ – cantar, louvar.

Fon *jihã*.

° JOANA GUNSA – entidade de Codó, tida como princesa, irmã de Légua.

Fon *Axõñõnu hũsõ*, princesa, ajudante do vodum.

JOBOROGOÇU – vodum da terra de Dã.

*JOBOROGOÇU – vodum toquém masculino da família de Zomadonu.

*JONU, JOLO, JOLU – agradecimento da festa, cerimônia privada, após o encerramento da festa, quando repartem alimentos.

Fon *jo`nu*, banquete.

*JOTIM, AJOTIM – vodum toquém masculino da família de Savaluno.

L

LABÉ – cortar.

Fon *lãgbẽ*.

LAMBA – chicote, tala de couro.

Fon *lãbã*.

LANÇATÉ-DE-VOVÓ – (arcaico) a Igreja do Bonfim, em Salvador.

Fon *Lisàxuè xóxó/ yovo*, a morada de Liça, o velho, o branco.

LEBA, ELEBÁ, ELEGUA, LÉGUA –

divindade mensageira, dono das encruzilhadas confundida com o Demônio.

*LÉGUA, LÉGUA BOJI BUÁ e ° LÉGUA BOJI BUÁ DA TRINDADE.

Fon *Legba, Legbà gboji, Legbà gboji gla, Legbà gboji gla da Trindade*.

LEGUELÉ – indivíduo desprezível, reles.

Fon *legede*, espião de polícia.

LELÉ, MATINTÁ – maluco.

Fon *lile', ma tĩ ta* (não tem cabeça).

*LEPON – vodum masculino da família de Dambirá.

LIÇÁ – vodum masculino, a contraparte de Maú, da família de Quevioço.

Fon *Lisà*.

LIÇAÇE – nome iniciático de Liça.

Fon *Lisàsí*.

LIMO, LIMO-DA-COSTA – espécie de manteiga africana.

Fon *límu*.

LIQUAQUA – aplauso, louvor.

Fon *likpikpa*.

LOCO, LOCÔ, IROCO, ROCO – gameleira branca, árvore sagrada.

*LOCO – vodum masculino da família de Quevioço, a gameleira branca.

Fon *Lòkó*.

LOGOZÔ, AJAPÁ – cágado.

Fon *logozò, àjàkpá*.

M

MAMBÊ, MAMBÓ – forma de exorcismo.

Fon *māgbé, mābó*, palavra de exorcismo, despacho.

MANAUÊ, MANUÊ, LELÊ – bolo de fubá de milho.

Fon *mawé*.

MATÓ – ouvido, orelha.

Fon *ma tó*.

MAÚ, *MAVU – Deus Supremo, principio feminino de Liçá.

Fon *Mawú*.

MECÔ – brincalhão.

Fon *mekiko*.

MEJITÓ – sacerdotisa, na terra de Quevioço e de Dã.

Fon *mejito'*, mãe.

MERRUNTÓ – o sacrificador de animais.

Fon *mehuto'*, matador.

MEURUNTÓ – companheiro do terreiro.

Fon *mehato'*.

MIÃ, EZÔ, UZÔ – fogo, esquentar, çlarear.

Fon *miõ, zò*, fogo, quente.

MIÃO-MIÃO – luz, claridade, candeeiro.

Fon *miõmiõ*.

N

NÃ AGOTIMÉ – vodum da família de Quevioço, seria a fundadora da Casa das Minas.

Ná Agot_me, esposa do rei Agonglo que foi vendida como escrava para o Brasil.

NABORODÔ – coito, cópula.

Fon *nõnu wayo*.

*NADOPÉ – despedida e agradecimento no

encerramento da festa, cerimônia privada.

Fon *na do kpe*, agradecer, aplaudir.

*NAÉ – vodum feminino da família de Davice, ancestral da família.

Fon *Naé*, princesa, título dado às mulheres da família real de Abomé.

*NAEDONA, NAIADONA, NAEGONGON – vodum feminino da família de Davice.

*NAGONO – termo utilizado antes dos nomes dos gêmeos Toçá e Tocé.

*NAITARANDÊ – expressão de despedida do vodum para se desincorporar.

Fon *na i troló de*, estou indo embora, agora.

NAJADÁ – defecar.

Fon *najáda*.

NANÃ, NANÃ BURUCU, NANÃ BOROCÔ, NANÃ SOBÔ, ANAMBURUCU – a mais velha vodum, ancestral.

*NANÃ, NANAMBIOCO, NANÃ BURUCU, NANÃ BOROCO, NANÃ BORUTU – da família de Quevioço.

Fon *Naná, Nõnõ*, mãe, avó materna; *Naná, Gbohukū*, mãe ancestral;

Naná Segbo, a grande mãe

NANANCE, PENANCE – nome iniciático de Nanã.

Fon *Nánási, Kpenási*.

*NANOMBEBE – toboce de Loco.

*NARRUNÓ – matança cerimonial.

Fon *nahunu, matança*.

NAZANZOM, NAZANZÓ – escuro, sombrio.

Fon *nazõzõ*.

NECA – pênis.

Fon *někã*.

*NENEM QUEVIOÇO – nome de Badé.

Fon *Nõ é Xebiosò*, A Sabedoria.

*NHA CHÊ – meu irmão, tratamento entre voduns.

Fon *Nãce*.

NIANCÓ – tios, tia materna.

Fon *nilõ akõ`*, da família dos tios maternos.

*NACÔ – a senhora, tratamento entre vodum masculino e feminino.

Fon *naxó*, velha senhora; *nakõ`*, da mesma família materna

*NONUFON, NUNUFO – alimento ritual que leva dendê, quiabo, servido com galinha e amió.

*NOVARIÊ, DOM VARIÊ, LA VARIÊ – termo inicial do cântico de abertura do tambor-da-mata.

Fon: *n'ávalú wè*, apresento meus respeitos, ofereço minha homenagem.

*NOVICHE – minha irmã, tratamento entre filhas-de-santo.

Fon *nõvice*.

NU – beber, fumar.

Fon *nù*.

NUCUM – olho.

Fon *nukũ*.

O

OBI, *OBI. – noz-de-cola.

Fon *vi*.

OBONSU – vodum cultuado no terreiro do Bogum, em Salvador.

Fon *Agbósu*, tido como de origem Savalu (mahi).

OGÃ, GÃ, GANO, *OGÃ – zelador, protetor.

Fon *gã, gãnu*.

OGANGO – título de Gum.

Fon *gãgu*, general.

*OMACUIBE – toboce de Agongono.

OPÉ – agradecimento.

Fon *kpe*.

*OROBININDECHÊ – nome iniciático de Jgoroboçu.

OSSÉ, OSSÉM – oferecimento de alimento

aos voduns.

Fon *se*, preceito.

OTÔ – chega, basta.

Fon *too*.

P

PADÊ – rito propiciatório para Leba, precede todas as cerimônias.

Fon *kpadénu*.

PAGODÔ – terreiro.

Fon *kphótó*.

PANÃ – cerimônia final da iniciação.

Fon *àkpánõ*.

PAÓ, PAÔ – palmas.

Fon *kpa ó*.

PAVENA, PAVENÃ – nome e Leba.

Fon *Kpavinõ*.

° PEDRO ANGAÇO – entidade tida como pai de Légua.

Fon *Àgasú*, ancestral das famílias reais de Aladá, Abomé e Porto Novo, representado por um pantera.

PEJERECUM – fava empregada como condimento.

Fon *kpejerekũ*.

PEJI – altar.

*COMÉ, PENDOME, PODOME, PODON, VALDENCÓ.

Fon *kpejí*, sobre o altar; *kpe xome` / xome`*, altar no interior do quarto.

PEJIGÃ – zelador do peji.

Fon *kpejigã*.

*PELE BOJU – refrão de cânticos.

PETITE – pequeno, pouco.

Fon *kpetiti*.

PÓ, PUÓ, KPÓ, IPÓ, POÊ – divindade real, vodum da floresta e das raízes.

Fon *Kpõ*, pantera, representa o rei de

Abomé.

POÇU BETA – terreiro na região do Recôncavo baiano.

Fon *Kposu Xuègbetá*.

POLIBOJI – nome de Xapatá.

*POLIBOJI – vodum masculino da família de Dambirá.

Fon *Kpoligboji*.

PORSUCE – nome iniciático de Pó.

Fon *Kposusi*.

PUADÁ, QUADÁ – voltar.

Fon *kpātà*.

PUXARRUM, PUXARRUMO – tocar atabaque, abrir as celebrações.

Fon *kpà xo hũ`*.

Q

QUELELÊ – confusão.

Fon *kilélé*.

QUENDÊQUENDÊ – grávida, pejada.

Fon *kpède*.

*QUENQUEM – vodum masculino, marido de Cotoquem.

QUEREBETÃ, BETÁ – terreiro, "compound" constituído de várias habitações (*xó*).

Fon *Xuègbetá*.

QUEREBETÃ SOGBOATÃ – terreiro situado nos arredores de Salvador.

Fon *Xuègbetá Sogboatá*.

*QUEREBENTÃ DE ZOMADONU – Casa das Minas no Maranhão.

Fon *Xuègbetá Zomadónu*.

QUEVIOÇO, HEVIOÇO – nome de Sobô.

*QUEVIOÇO – voduns chefiados por Sobô e Badé.

Fon *Xebiosò*, nome genérico de toda uma família de voduns associados à tempestade.

QUIOIO – erva para banhos.

Fon *yoyoe*.

QUIROTO – vulva, clitóris.

Fon *akíriboto*.

R

° RAINHA ROSA – entidade recebida por Bitá do Barão, tida por mãe de Légua.

Fon *axosi*, rainha.

REGÔ – torço.

Fon *hẽgo*.

*RENDECHÊ – sala do altar católico.

Fon *hũdexue*.

RESNITINHA – 14ª do barco.

Fon *hũsenõfi*.

*RESSAU, RUESSAU, RUESSÁ – alimento ritual.

Fon *nusanu*.

*REVIVE – toboce de Doçupé.

ROCÉ, RUNDONCÉ – céu.

Fon *hõse, hũ hõse*.

*ROÉJU – vodum masculino da família de Dambirá.

*ROINÇAMA – nome iniciático de Mãe Andresa, de Poliboji.

RONDEME, RONDEMO, RUNDEME,

*GONZEMO – santuário.

Fon *hũkpèmè*.

*RONDOPE – base de cimento em torno de algumas plantas sagradas onde se colocam oferendas.

Fon *hũdokpe*.

*ROTOPAMERAÇULEME – nome iniciático de Mãe Andresa após a feitoria.

RUEGÃ – os mais velhos nos segredos do culto.

Fon *hugã*.

RUGÃ – tratamento para os ogãs.

Fon *hugã*.

*RUIÑÇÃ – nome iniciático de Apojevó.
RUM, RUMPI, RUMPRI, RUNLÉ, LÉ –
nome dos atabaques.

* RUM, GUMPLI, RUMPLI

Fon *hũ, hũkpi, hũle*.

*RUMACO – cerimônia de limpeza ritual
do terreiro.

Fon *hũ ma ko*.

RUMBONDO, RUMBONA, RUNÃ,
VODUNOM – sacerdotisa.

Fon *hũgbonõ, hũnõ, vodunõ*.

RUMPILÉ, nome de um grupo carnavalesco
da cidade do Salvador, hoje desaparecido.

Fon *hũkpile*, os tambores.

RUNCÓ, *RONCÓ, NUFÉ – camarinha,
clausura.

Fon *hũko*.

RUNDONCÉ, ROCÉ – o céu.

Fon *hũdose*.

RUNHÓ – nome iniciático de Sobô.

Fon *Hũyo'*.

RUNJEBE, *GONJEVA, *RONJEVA,
RONJEVI – colar, pulseira ou rosário feita
de contas pretas ou marrons, símbolo da
nação mina-jeje.

Fon *hũjebe*, conta vermelha consagrada a um
vodum.

RUNRÃ – abrir a porta.

Fon *hũhõ*.

RUNTÓ, *RUNTÓ – o tocador de rum.

Fon *hũto'*.

S

SABAJI – nome iniciático de Aziri.

Fon *So'baji*, que promove elegância.

SAFANTÓ – homossexual.

Fon *saxõtõ*, amigo muito íntimo.

*SANDOLEBE – toboce de Polibiji.

SANJEBE – ato de saudar os atinças.

Fon *sajegbe*.

*SANLEVIVI – toboce de Boçá.

SATÓ – toque para Besseim.

SAVALU, SAVARÁ, SAVARU – saudar,
prestar homenagem.

Fon *savalu*.

*SAVALUNO – família de divindades de
origem mahi.

Fon *Savalunu*, de origem Savalu, região mahi
ao norte de Abomé.

*SAVÔ – sacrifício de animais para salvar
epidemias.

Fon *sá ve*, oferecer um sacrifício.

*SEPAZIM – vodum feminino da família de
Davice.

SIRRUM, ZENLIM, ZELIM, XORRUM –
cerimônias fúnebres.

*SIRRUM, ZELIM, ZELI, TAMBOR DE
CHORO.

Fon *sihũ, zũli, ciohũ*.

SOBÔ, *:SOBÔ, vodum do trovão e
tempestades, da família de Quevioço.

Fon *Sogbó*.

*SOCIMETON – nome iniciático de Sobô.

*SOHÔ – segredo dos voduns.

Fon *súxó*, palavra tabu.

*SONLEVIVE – toboce de Agongone.

SUNDIDÉ – banho de sangue, parte da
cerimônia de iniciação.

Fon *sũdide*.

SUPÓ – beberrão, mulherengo.

Fon *sukpo*.

SUPÔ – muito, bastante.

Fon *sukpo*.

SURRÃ – fechar a porta.

Fon *suhõ*.

T

TÁ, UTÁ – cabeça.

Fon *tá*.

TACUM, ATACUM, *TAQUI – pimenta malagueta.

Fon *átákū*.

TIANA – forma de tratamento para mulheres proeminentes.

Fon *cianà*, grande mãe.

TÓ – rio.

Fon *tó`*.

*TOBOCE, TOBOÇA, TOHOÇO – espíritos infantis de crianças anormais, renascidos da águas, onde eram jogadas para morrer.

Fon *tɔxɔ'sú, tɔ xɔ'sí*, entidades infantis masculina e feminina.

TOBOJI, TOBOROJI – encruzilhada.

Fon *tobotoji*.

*TOÇÁ, TOCÉ – gêmeos da família de Davice.

*TOCHÊ, TOI – meu pai.

Fon *tɔce, tɔe*.

*TOPA – vodum masculino da família de Savaluno.

*TOQUÉM, TOQUENO, TOQUENE – vodum jovem, mensageiro.

Fon *tɔwẽ*.

TOTÔ, ATOTÔ – com licença, calma.

Fon *tótó*.

*TROCI-TROCI – nome iniciático de Jotim.

*TROTROBE – toboce de Tocá.

U

*UOLEBE – toboce de Boçucó.

V

*VICHÊ – meu filho.

Fon *více*.

VITO – 11º do barco.

Fon *vitú*.

VITUTINHA – 12ª do barco.

Fon *vituí*.

VODUM, *VODUM, VODU – divindade ewe-fon.

Fon *vódū*.

VODUNCE, *VODUNSI-GONJAI,

º VODUNSA – a/o iniciado.

Fon *vódūsí, vódūsí hūya*.

VODUNCE-AÊ, *VODUNSI-HE – em processo de iniciação.

Fon *vódūsí ahe*.

*VODUNCIPONCILÊ – ajudante cozinheira do vodum.

VODUNOM – sacerdotisa.

Fon *vódunō*.

*VÔ MISSÃ – vodum feminino da família de Quevioço.

VOVÔ – o velho.

Fon *yovo*.

X

XAORÔ – guizos presos nos tornozelos.

Fon *caolo*.

XODÓ – companheiro, xamego.

Fon *xõtõ*.

XORRAM – canto fúnebre.

Fon *cihã*.

Z

ZANDRÓ – cerimônia religiosa noturna.

*ZANDRÓ – invocação dos voduns,
cerimônia privada.

Fon *zã`dro*, cerimônia noturna.

*ZOMADONU – vodum masculino da
família de Davice.

Fon *Zomadónu*, filho do rei Acaba, tornou-se
tohoço.

ZOOGODO BOGUM MALÊ RUNDÓ,
BOGUM– terreiro localizado em Salvador.

Fon (*So / Zo*) *Xogbodò(nu) Agbóhũ` mlé hũdo*,
literalmente, "os fundamentos dos
descendentes de Agbo, do panteão das
divindades do raio /*Sò*/, do fogo /*Zò*/,
postos no portal da casa".

ANEXOS

1. NARRATIVAS DAOMEANAS

Como Legba se tornou chefe dos Deuses: Como a magia se tornou uma habilidade humana: Criatura versus Criador: Como a magia se difundiu.

Há muito tempo, Legba era o caçula dos deuses. Um dia, Maú disse que mostraria quem seria seu chefe, dando a cada um deles um gongo, um sino, um tambor e uma flauta, com a seguinte advertência: quem tocasse todos os quatro instrumentos, ao mesmo tempo, e dançasse ao som deles, seria seu chefe.

217

“Eu sou muito forte. Eu posso fazer tudo”, Hevioço disse.

Assim, ele tentou, mas fracassou.

Maú chamou Gu e Agué para tentarem e Agué disse: “Eu sou um caçador. Eu tenho muita força. Eu posso fazer qualquer coisa.” Ele tentou e fracassou. Gu veio. Ele disse que tinha muita força. Ele tinha o fogo. Ele fazia muitas coisas. Ele poderia fazê-lo. Ele tentou, e ele, também, fracassou.

Então Maú convocou todos os deuses e pediu a Legba que tentasse. Legba tentou e conseguiu. Ele bateu o tambor; ele tocou o gongo; ele soou o sino; ele soprou a flauta e (ao mesmo tempo) fez todos os passos da dança. Maú disse-lhe: “Agora, eu lhe darei uma mulher, cujo nome é Konikoni”. E Maú disse aos outros deuses que Legba seria o primeiro entre eles.

Então, Legba disse que cantaria, e ele cantou:

“ Se a casa é tranqüila,
Se o campo é fértil,
Eu serei muito feliz.”

Agora Legba tinha a sabedoria e começou a fazer feitiços. Ele foi o primeiro a fazê-los. Ele fez uma serpente. Então, ele pôs a serpente numa estrada para o

mercado e ordenou à serpente que mordesse os vendedores e os compradores. Quando a serpente os mordia, Legba vinha até eles e lhes dizia: “Me dê alguma coisa e eu lhe curarei.” Se lhes dessem alguma coisa, ele ia comprar acaçá e azeite-de-dendê, e beber água. E ele comia tudo e bebia tudo.

Certo dia, alguém perguntou a Legba: “O que é aquilo”, apontando para a serpente, “aquilo que morde as pessoas?”

218

Legba lhe respondeu: “É feitiço.” Legba disse a este homem: “Me traga duas galinhas, oitenta búzios e um pouco de palha, e eu lhe farei uma.” Assim, Legba começou a fazer feitiços para esse homem.

Legba guiou o homem pela estrada para o mercado e disse-lhe tudo o que era necessário para fazer esse feitiço. Quando Legba disse-lhe para lançar o cipó, o cipó se tornou uma serpente e começou a morder as pessoas. Então, Legba deu-lhe o remédio para curar estas pessoas. Esse homem chamava-se Awè, e foi Legba quem deu feitiços a Awè.

Os feitiços se espalharam por toda a parte. Legba começou a dar-lhe outros encantamentos, de modo que se alguém precisasse de um feitiço ele iria a Awè e Awè chamaria Legba à sua casa. Eles faziam os feitiços dentro da casa e depois os levavam para fora, para dar àqueles que os vinham pedir.

Maú ficou muito zangado. Ele chamou Legba e lhe disse: “Agora, se alguém não puder ve-lo, você não poderá mais fazer isso.”

Legba se tornou, então, para sempre, um *vodum*. Awè é um homem. Por isso continuou a fazer feitiçarias. Awè se tornou o dono do feitiço. Quando alguém queria fazer um encantamento, vinha a ele trazendo tudo o que era necessário, e Awè tomou o lugar de Legba. E Awè ia a todos os lugares perguntando quem queria fazer feitiços. Então lhes dava os encantamentos e desaparecia.

Ele deu encantamentos a todos. Ele também os deu a quem fazia o mal. Ele os deu a mulheres grávidas para que seus filhos não viessem. E quando a mulher estava tendo problemas chamavam Awè, e tinham que lhe dar muitas coisas antes

que ficasse satisfeito. Só então ele lhes dava o remédio que faria a criança vir.

Os reis de muitas terras vieram a Awè para pedir encantamentos. Se Awè encontrasse uma criança ele derramava uma poção sobre seu corpo e o corpo da criança se tornava uma bola.

Awè disse, então: “Vou conhecer o mundo. Agora já existe bastante feitiço.” Um dia ele comprou linha de algodão e seda. Em uma só noite enrolou todo o algodão em uma bola. Ele fez isso das seis horas da tarde às seis da manhã do dia seguinte. Ele a deixou de lado. Durante o dia, ele pegou o fio de seda e o enrolou até à noite. Ele mediu os dois e descobriu que tinham o mesmo comprimento.

219

Certo dia, ele subiu em um cupinzeiro e lançou as bolas de linha de seda e algodão em direção aos céus. Maú pegou as duas linhas e, agarrando-se a elas, Awè chegou aos céus. Maú lhe perguntou: “O que você está procurando aqui?”

Awè disse a Maú: “Minha sabedoria é grande. Eu busco agora avaliar a minha sabedoria com Mau.”

Maú disse: “Mostre-me qual é a sua sabedoria”. Awè derrubou uma árvore. Ele começou a fazer uma figura humana. Ele fez a cabeça muito bem, o rosto, o cabelo, os braços, todos os membros. Mas a estatueta não podia falar. Ela não respirava. Não se movia. Maú disse-lhe: “Sua sabedoria não é suficiente. Espere, eu vou lhe mostrar.”

No mesmo dia, Maú pegou um grão de milho, riscou a terra e semeou o grão. O grão brotou, e, no mesmo dia, eles comeram milho maduro. Debulharam o milho da espiga, colocaram-no no moinho, levaram a farinha para casa e prepararam o prato, que Awè comeu.

Maú deixou Awè, e este voltou à terra. Mas Maú mandou a Morte segui-lo. Maú disse à Morte: “Os homens são maus. Se alguém faz o mal, é preciso matá-lo.”

Awè usou um feitiço e atacou a Morte. Naqueles tempos, a madeira não queimava, pois não havia fogo e não era possível cozinhar. Assim, Maú disse à

Morte e a Awè: "Se você, Awè, atacar a Morte, qualquer um que cozinhar sua comida a encontrará crua novamente". Por isso, Awè deixou a Morte ir, para que os homens pudessem cozinhar e comer sua comida. Maú disse a Awè: "Se alguém adoecer, você deverá cuidar bem dele, porém, se eu quiser, mandarei a Morte buscá-lo."

Awè dominou o conhecimento de Legba, tornou-se um mestre em magia. Awè e a Morte são os dois amigos do mundo.

220

COMO LEGBA SE TORNOU O GUARDIÃO DOS DEUSÈS E DOS HOMENS: POR QUE O CACHORRO É RESPEITADO.

Agbanukwè e Kpoli tinham três filhos. A mais velha chamava-se Minona. O do meio era Aovi e o mais jovem, Legba. Os três formaram uma pequena banda para tocar em funerais e quando, no distante reino de Adjaminako, morreu um homem muito importante, eles foram chamados para o funeral. Todos eles já haviam sido casados, e todos tinham matado seus companheiros. Minona matou o marido abrindo-lhe a barriga e arrancando-lhe os intestinos. Aovi matou a esposa arrancando-lhe a cabeça e Legba matou a sua golpeando-a na cabeça com sua bengala.

Quando chegaram ao funeral, tocaram seus tambores e cantaram suas músicas, e todos gostaram muito. Eles receberam muitos presentes e búzios.

O rei Metonofi também estava no funeral. Ele havia casado sua filha mais velha com o rei de Adja, mas este era impotente, o que lhe causava grande vergonha e, por isso, deu-a a seu filho mais velho.

No funeral conheceram Fa, o mestre de Legba. Fa só podia falar quando Legba estava a seu lado. O filho do rei de Adja havia contado a Fa tudo o que aconteceu entre seu pai e a filha de Metonofi e, também, que seu pai a havia dado para ser sua esposa. Ele pediu a Fa um remédio que o tornasse muito potente, o que removeria a vergonha de sua família.

Fa disse-lhe que fosse para casa e que, em três dias, lhe mandaria o remédio. Legba, que tomava conta do saco onde Fa guardava seus remédios, disse-lhe: “O seu saco está aqui. Eu posso levar o rapaz para trás da casa e dar-lhe o remédio imediatamente.” Fa concordou e instruiu Legba a dar ao rapaz um pouco do pó branco. Fa tinha dois tipos de pó: o branco, que dava potência, e o vermelho, que deixava os homens impotentes. Legba deu do pó vermelho ao rapaz.

Após o funeral, Legba e seus dois irmãos foram embora. Quando chegaram a uma encruzilhada, sentaram-se para dividir os presentes que haviam recebido. Dividiram os búzios em três montes de igual tamanho, mas sobrou um. Fizeram inúmeras divisões, mas não importava a forma como dividiam, sempre sobrava um búzio.

221

Minona disse que, por ser a mais velha, ficaria com ele, mas Aovi discordou, alegando que, por ser o segundo, é com ele que o búzio deveria ficar. Legba também o reivindicou, dizendo que os outros haviam comido muito antes que ele nascesse. Enquanto conversavam, veio, pela estrada, uma mulher, com uma garrafa sobre a cabeça, que catava lenha para vender no mercado. Eles a chamaram e pediram que dividisse os búzios em três partes iguais. Ela tentou várias vezes, mas sempre sobrava um. Por fim, ela perguntou: “Qual de vocês é o mais velho?” Minona respondeu que era ela, e a mulher disse que, em sua terra, quando se dividia algo entre três e havia uma sobra, esta iria para o mais velho, e deu o búzio a Minona. Imediatamente Aovi cortou-lhe a cabeça e Legba golpeou-a com sua bengala. Jogaram o corpo no mato e Legba foi até lá e deitou-se com a mulher morta.

Quando retornaram, voltaram à discussão até que, pela estrada, veio uma mulher a caminho do poço para pegar água. Eles a chamaram e pediram-lhe que dividisse os búzios para eles. Após várias tentativas, sempre sobrava um. Ela, então, perguntou: “Qual de vocês é o segundo?”, e Aovi respondeu que era ele. “Em minha terra, quando se divide algo entre três e sobra um, este não vai para o primeiro nem para o último e sim para o do meio.” E ela deu o búzio extra a Aovi. No mesmo momento, Legba acertou-a com sua bengala, e Minona abriu-lhe o estômago e arrancou-lhe os intestinos. Jogaram o corpo no mato, e Legba, outra vez, foi até lá e manteve relações com a mulher morta.

Após algum tempo, veio uma terceira mulher, desta vez indo do mercado para casa. Eles a convidaram a dividir os búzios. Ela tentou e tentou, mas sempre, após uma divisão exata, sobrava um búzio. “Quem é o mais jovem?”, perguntou. “Sou eu”, respondeu Legba. Ela então deu-lhe o búzio dizendo: “Em minha terra, quando se divide algo entre três e sobra um, este vai para o mais jovem, pois os outros já comeram muito antes que ele nascesse.” Com isto, Minona cortou-lhe a barriga, arrancando os intestinos, e Aovi cortou-lhe a cabeça, enquanto Legba levou o corpo para o mato e deitou-se com a mulher morta.

222

A esta altura, Legba já estava saciado e disse aos seus irmãos que iria para o mato procurar algo. Legba era um grande cantor e ainda carregava o saco de seu mestre Fa. Dentro do saco, encontrou uma figura esculpida, que transformou em um cachorro. Ele sussurrò ao cão que passasse por seus irmãos, que ainda tentavam dividir os presentes do funeral, e disse-lhe o que fazer. Então, foi reunir-se a eles.

Assim que chegou, um cão veio pela estrada e eles o convidaram a dividir os búzios. O cão tentou muitas vezes, mas sempre sobrava um. Com sua pata, cavou um pequeno buraco, dizendo: “Em minha terra, quando três dividem algo entre eles e sobra um, este vai para os ancestrais.” E enterrou o búzio.

Os três ficaram satisfeitos e abençoaram o cachorro. Fa disse: “Você liderará todos os *voduns* que eu comando e estará sempre à frente deles”, e Legba disse: “Você guiará a todos os homens e nunca os deixará perder o caminho.” Novamente, abençoaram o cão, e este seguiu seu caminho. Mas Legba entrou no mato, onde o cão o encontrou e foi novamente transformado na estatueta.

Quando chegaram em casa, o filho de Adja, a quem Legba havia dado o pó vermelho, o aguardava junto a Fa. Este disse-lhe que ele, também, havia ficado impotente.

Naqueles tempos, todos consultavam Fa antes de tomar qualquer atitude. Assim, quando Metonofi anunciou que qualquer homem que pudesse ter relações com sua filha teria direito à metade do seu reino, todos vieram consultá-lo. Legba, porém, deu a todos eles o pó vermelho, tornando-os

impotentes. Quando os homens queixaram-se ao rei que Legba os havia tornado impotente, Metonofi foi procurá-lo para puni-lo, mas ele fugiu e se escondeu na casa de sua sogra Ayo. Acontece que, seu sogro havia viajado, e Legba teria que dormir no mesmo quarto que ela. Durante a noite, ele deitou-se com ela e, pela manhã, retornou à sua vila, onde foi imediatamente preso e levado ao rei, que havia convocado todos os homens do reino para que fizessem suas queixas. Quando os homens das famílias das três mulheres mortas por Legba e seus irmãos, na encruzilhada, o viram, acusaram-no, perante o rei de suas mortes. O sogro de Legba também o acusou de ter dormido com sua mulher, e todos os homens do reino o acusaram de ter-lhes dados o pó vermelho.

223

O primeiro caso foi a julgamento, e o rei perguntou a Legba se ele tinha matado as três mulheres, e ele respondeu: “Não, foi Aovi.” Ele contou que havia intervindo e ajudado a dividir os búzios de modo a evitar novas mortes, mas os irmãos negaram a culpa de Aovi e contaram que um cachorro havia resolvido o problema. Legba, então, disse ser ele o responsável pela decisão do cachorro e contou como havia transformado uma figura esculpida em um cão, e, para provar o que dizia, à vista de todos, pegou a escultura e a transformou em um cachorro.

Todos, então, viram que Legba havia falado a verdade, e Metonofi ordenou que ele fosse o guardião dos homens e mulheres e de todos os outros deuses. Ele ordenou que Minona voltasse para casa e que, de agora em diante, vivesse na casa das mulheres, às quais comandaria. Ele ordenou a Aovi que vivesse entre os deuses. A Legba, disse que poderia viver onde quisesse. Assim, Legba entrou nas casas.

Depois disso, o segundo caso veio a julgamento dois dias depois. “Você dormiu com sua sogra?”, perguntaram a Legba, e ele respondeu que sim, mas explicou que ela havia dormido no lugar onde sua esposa dormia habitualmente. Metonofi disse que o havia feito guardião de todos e não podia revogar sua decisão, mas, por causa dos escândalos que Legba sempre criava, ele não deveria mais viver dentro das casas, mas sim em frente a elas.

Após dois dias, ocorreu o terceiro julgamento sobre se Legba havia dado aos homens o pó que os tornara impotentes. “Você deu-lhes o remédio bom?”

“Sim”, respondeu Legba, e foi pedido que ele mostrasse o pó que havia dado aos homens. Legba, antes de retornar, misturou o pó branco ao sangue de um pombo, tornando-o vermelho. Ao pó vermelho, misturou água com cal, tornando-o branco. Ao retornar com os dois remédios, Metonofi perguntou aos homens de qual eles haviam tomado. Todos gritaram que Legba lhes havia dado o vermelho. Metonofi ordenou que Legba tomasse do pó vermelho e que todos retornassem em dois dias para ver se ele havia ficado impotente.

224

Quando todos se reuniram novamente, notaram que Metonofi havia mandado erguer uma pequena casa onde colocou sua filha, a esposa do rei de Adja. Ordenaram os homens a entrar, um a um, e tentar manter relações sexuais com sua filha. Nenhum deles pode fazê-lo, e foram saindo. Eles estavam tristes, por estarem impotentes, e alguns diziam que não adiantava tentar desta maneira, com todos esperando ansiosamente que cumprissem sua tarefa.

No entanto, Legba disse ao rei que os homens nada sabiam e que ele manteria relações com a filha do rei, em público, se assim quisessem. Metonofi ordenou-lhe que entrasse na casa e que, se ele mantivesse relações com sua filha, seria bem recompensado.

Legba tinha feito alguns tambores e mandou que fossem tocados enquanto ele entrava na casa onde estava a garota. Ele deflorou a filha do rei e havia sangue espalhado por toda a casa. Feito isto, saiu da casa nu e, com o pênis ainda ereto, dirigiu-se às pessoas e fez simulações dos movimentos da relação com a garota, enquanto seus tambores tocavam.

Metonofi estava muito feliz com o que havia acontecido e disse a Legba que tomasse sua filha como esposa. Ordenou ainda que, a partir desse dia, os tambores deveriam ser tocados em todos os lugares, em homenagem à sua filha. Disse também que Legba poderia dormir com qualquer mulher que desejasse, sem qualquer distinção, e, por sua sabedoria, nomeou Legba intermediário entre este mundo e o próximo, e é este o motivo pelo qual Legba dança do modo que dança, em todos os lugares.

Legba deu a filha de Metonofi a seu mestre Fa, e este convidou todos os

homens do reino para sua festa de casamento, em sua casa. Quando todos estavam presentes, Legba deu-lhes uma bebida misturada ao remédio bom e todos recobriram sua virilidade. A partir desse dia, Legba foi nomeado Aflekete, que significa, “Eu lhe enganei”, e ele deu à garota o nome de Adje, que significa búzios, já que foi por causa deles que as mulheres foram mortas.

É por esse motivo que Legba se encontra em toda a parte. Para se chegar a um *vodum*, deve-se passar primeiro por Legba. Para se fazer Fa, deve-se passar primeiro por Legba, e todos os homens e mulheres devem ter o seu Legba como guardião pessoal, e também é por isso que o cachorro é respeitado como o animal de Legba.

225

POR QUE LEGBA PODE TER TODAS AS MULHERES

Legba tinha uma esposa chamada Nunde. Quando Legba saiu de casa, Fa veio e deflorou-a, pois ela ainda era virgem.

Um dia Legba perguntou-lhe: “Por que você se comporta tão mal na minha ausência?”

“Seu pênis não é suficiente para mim, por isso procuro em toda a parte”, respondeu Nunde.

Legba foi para casa e comeu muito. Chamou então sua esposa, Nunde, e disse: “Hoje você vai ter bastante.” Ele convocou todas as pessoas do reino e fez sua esposa deitar-se ante elas. “Meu pênis é forte. Hoje serei bem-sucedido”, disse ele. Ele então deitou-se com ela diante de todos e ela disse que estava satisfeita. Mas Legba disse: “Hoje eu terei relações com você até você se cansar.” As pessoas começaram a tocar os tambores e Legba cantou:

“Gudufu,
O caminho do meu destino, É grande;
Como um pênis grande.
Oh, Gudufu,
Você é grande.”

Ele fez isto para deixar sua esposa envergonhada e disse a todos: “Fa é meu amigo e nós somos deuses do mesmo quilate. Fa é o primeiro, e eu, Legba, o segundo. Na minha ausência, vejam o que minha esposa fez! É por isso que estou envergonhando-a”. A Fa, Legba disse: “Você não deve ir-se. Deverá permanecer sempre na casa, e nós, os outros, andaremos por toda a parte. Se encontrarmos algo de bem, dividiremos com você.

Legba saiu e levou sua mulher para que Fa não a possuísse novamente e disse: “Se eu encontrar qualquer mulher, me deitarei com ela, não importa de quem seja.”

226

É por isso que até hoje, quando se toca o tambor de Legba, ele vem e dança alegremente. Ele concede todos os desejos, e Konikoni sempre está com ele quando ele sai. Nunde e Konikoni são a mesma mulher. Ela tem muitos nomes. É também por isso que Legba vem primeiro, antes de Fa.

POR QUE O ENGANADOR TEM UMA REPUTAÇÃO RUIM:
O CRIADOR ENGANADO: POR QUE O CÉU É ALTO

Legba fazia o bem a todos, sempre em companhia de Maú. Toda vez que ele fazia algo bom, as pessoas iam agradecer a Maú. Ele disse a Maú: “Eu faço tudo o que você me manda fazer, e ninguém me agradece.”

Naqueles tempos, diz-se que Legba não fazia nada sem as ordens de Maú. Mas, quando acontecia algo ruim, as pessoas iam chorando a Maú, e este lhes dizia que fora obra de Legba, e todas as pessoas começaram a odiar Legba.

Uma noite, Legba foi perguntar a Maú porque, quando havia o mal, ela chamava por seu nome. Maú lhe disse que num reino era necessário que o mestre fosse tido como bom e seus servos como maus. Legba disse: “Muito bem.”

Maú tem um jardim onde planta inhames. Legba foi dizer-lhe que ladrões planejavam roubar seu inhame e dividi-lo. Maú congregou a todos do seu reino e lhes disse que o primeiro que fosse roubar seu jardim seria morto.

Naquela noite choveu e Legba foi à casa de Maú e pegou suas sandálias. Ele as

calçou, entrou no jardim e roubou os inhames. Pela manhã o roubo foi descoberto. Imediatamente Legba mandou que todos viessem, para saber de quem eram aqueles pés. Todos vieram e mediram seus pés, mas não encontraram nenhum pé que combinasse com as pegadas do jardim. “Será possível que a própria Maú tenha vindo à noite e se esquecido disso?” Ao que ela respondeu: “Quem, eu? É por isso que eu não gosto de você, Legba. Medirei o meu pé com as pegadas.” Maú colocou seu pé e este encaixou perfeitamente nas pegadas.

Todos gritaram: “Existe um dono que é o próprio ladrão”. Maú ficou humilhada. Ela contou ao povo que fora seu próprio filho quem lhe pregara essa peça. Ela deixaria a terra e iria para o alto, e todas as noites Legba lhe faria um relatório. Até então Maú estava na terra, agora ela se foi para os céus.

227

Naqueles dias, se dizia que o céu era bem perto, a apenas dois metros da terra, por isso, quando Legba cometia alguma falta, Maú via e o repreendia. Legba ficou irritado com isso e foi conspirar com uma velha, dizendo-lhe para jogar água no lugar onde Maú estava, a dois metros da terra. A velha, após lavar seus pratos e panelas, jogou a água suja onde Maú estava. Maú ficou zangada e disse: “Ficar aqui é muito problemático. É necessário que eu me afaste mais.” E, assim, Maú partiu para o alto, deixando Legba aqui, na terra.

OS PRIMEIROS HUMANOS:

A VERSÃO MISSIONÁRIA DE LEGBA REJEITADA

A história relata que, nos primeiros tempos, toda a África era deserta. Um homem chamado Zogbo cruzou o Duwaya (o Níger) e veio se estabelecer aqui com duas mulheres. A primeira chamava-se Heti e a segunda Heto. Foi após a sua chegada que os cinco profetas que desceram do céu para explicar a Fa que estiveram aqui.

Antes disso, os homens viviam muito tempo. Viviam quatrocentos, seiscentos anos e, quando se vive tanto assim, se tem muitos filhos. Entretanto, só após a vinda dos profetas é que as pessoas realmente se multiplicaram.

No começo havia apenas um homem e uma mulher. Foram eles que povoaram

o mundo todo. Ele se chamava Adanhu e ela, Yewa. O Criador usou terra e fez quatro seres humanos, dois homens e duas mulheres. Eles estavam ali, porém ainda não lhes havia sido dada a vida. Legba mudou dois desses seres. E por fazê-lo sem o consentimento de Maú e sem ter o conhecimento necessário, estes dois viraram macacos. Todos os macacos descendem desses dois. Os outros dois Deus transformou em Adanhu e Yewa.

228

A história que os missionários contam sobre a fruta não existe aqui. Se Legba deu esta fruta, não sabemos. Tudo o que sabemos é que o homem que para cá veio chamava-se Zogbo. Diz o provérbio: “Quem alguém se diz mais importante que o outro, pergunte-lhe: ‘Você é Zogbo?’” Os missionários, porém, quando ouviram os nomes de Adanhu e Yewa, disseram que nossos deuses eram os mesmos. Tentaram nos ensinar o restante sobre o começo do homem e da mulher, mas os Daomeanos não concordam. Acreditam que esta não é a sua história. Não sabem nada sobre Legba tentando dar uma fruta.

(Fonte: HERSKOVITS, J. Melville e Frances. *Dahomean narrative*. Tradução de Ana Pessoa de Souza Castro. USA: Northwestern University Press, 1958. p. 139-151).

2. A HISTÓRIA DE RACHEL PRINGLE

Rachel Pringle Polgreen era filha de uma escrava africana com seu dono, William Lauder, nascida por volta de 1753.

Lauder, um professor escocês, chegou a Barbados em 1750 ou 1751. Ele deixou a Inglaterra em desgraça, por causa de seus ataques públicos ao poeta John Milton. Com a ajuda da mãe de Rachel, constituiu um pequeno negócio varejista, chamado *huckster shop*, na Roebuck Street, onde, provavelmente, Rachel nasceu.

229

De acordo com a lenda, ao atingir a adolescência, seu charme e juventude despertaram o interesse de seu pai, e, quando ela repeliu seus avanços incestuosos, ele a entregou ao “carrasco público”, cuja função era administrar punição física a escravos desobedientes. Foi salva desse sofrimento graças à intervenção oportuna do Thomas Pringle, capitão do navio de Sua Majestade, o *Centaur*, que apareceu na cena, por acaso, bem a tempo. Pringle a levou e a instalou em uma casa em Bridgetown. Ela ainda não tinha dezoito anos.

Pela lei, Rachel ainda era escrava de seu pai, e diz-se que Lauder instituiu processos legais para reavê-la, mas o assunto foi resolvido fora dos tribunais, quando Pringle concordou em comprá-la por uma quantia vultosa.

Sabemos que Rachel trocou o sobrenome do pai pelo de seu recém-encontrado protetor. Entretanto, o relacionamento entre os dois parece ter acabado quando Rachel utilizou-se de um golpe baixo para tentar prendê-lo ainda mais. Ao retornar de uma viagem, Rachel apresentou a Pringle uma criança que tomara emprestada, dizendo-lhe ser seu filho e herdeiro. A farsa, porém, foi descoberta quando a mãe verdadeira veio reivindicar sua criança. Pringle abandonou Rachel, cheio de desgosto, mas logo ela encontrou outro “protetor”, chamado Polgreen, e, a partir de então, passou a chamar-se Rachel Pringle Polgreen, apesar de continuar conhecida como Rachel Pringle.

Sabemos que, por volta de 1780, Rachel estava morando na Back Church Street (hoje Suttle Street – St. Mary’s Row) e que pagava tributos anuais por sua casa.

Em março de 1781, ela já era proprietária de uma casa “grande”, pagando tributos de 50 libras anuais, em Canary Street (hoje St. George Street). De algum modo, entre 1780 e 1781, ela havia adquirido a propriedade e estabelecido o primeiro hotel da ilha. Ela escolheu o momento oportuno para fazê-lo. A Guerra Revolucionária Americana estava no seu auge e havia grande atividade naval no Caribe. Os oficiais da Marinha Real utilizavam muito dessa comodidade no exterior, onde podiam descansar e relaxar após longos períodos no mar. O hotel de Rachel era um próspero negócio, naquela época.

230

Em 1786 e em 1789, o Príncipe William Henry, filho de George III, que viria a ser o Duque de Clarence, e, eventualmente, sucessor ao trono, como William IV, visitou Barbados, enquanto servia à Marinha Real. Em sua segunda visita, hospedou-se no hotel de Rachel. Certa noite, após comer e beber muito, ele e seus companheiros, bêbados, protagonizaram a destruição do estabelecimento. Rachel permaneceu, imperturbável, sentada à porta, em sua cadeira de balanço, enquanto de lá de dentro vinha o ruído de louças se estilhaçando, portas, janelas e móveis se quebrando e nuvens de penas de travesseiros e colchões sendo rasgados. Quando os farristas completaram a destruição e estavam deixando o local, o príncipe notou Rachel, sentada à saída, e ele a derrubou, para divertimento da multidão que se havia formado.

Ela aceitou até esta indignidade sem maiores protestos e, então, levantou-se e começou a fazer um levantamento cuidadoso do prejuízo. Na manhã seguinte, ao ouvir que o navio do príncipe estava para levantar âncoras, mandou-lhe uma conta, no valor de 700 libras esterlinas. Sem questionar, o príncipe ordenou que fosse pago. Rachel usou o dinheiro para reformar o hotel de forma mais suntuosa e o nomeou de Hotel Real Naval, em homenagem a seu hóspede real.

Os anos seguintes foram um período de crescente prosperidade para Rachel, que, eventualmente, se tornou dona de não menos do que dez propriedades em Canary Street, além do seu hotel. Ela morreu em 1791 e em seu testamento não esqueceu do seu antigo protetor, Thomas Pringle, para quem deixou 30% dos seus bens líquidos.

(Fonte: ALLEYNE, Warren. *Folheto do Museu Histórico de Barbados*. Tradução de Ana Pessoa de Souza Castro. 2002, p. 11-12).



BIBLIOGRAFIA

- ABRAHAM, R.C. *Dictionary of modern yoruba*. London: University of London Press, 1958.
- AKINDÉLÉ, A.; AGUESSY, C. *Contribution a l'étude de l'histoire de l'ancien royaume de Porto-Novo*. Dakar: IFAN (Mémoires 25), 1953.
- AKINJOGBIN, I. A. *Dahomey and its neighbours (1708-1818)*. Cambridge: The University Press, 1967.
- ALAPINI, Julien. *Le petit dahoméen*. Paris: Presses Universelles, 1955.
- ALVARENGA, Oneyda *Música popular brasileira*. Rio de Janeiro: Globo, 1966.
- ANTONIL, A.J. *Cultura e opulência do Brasil*. Salvador: Progresso, 1962.
- ARGYLE, W.J. *The fon of Dahomey*. Oxford: Clarendon Press, 1966.
- AZEVEDO, Thales de. *Povoamento da cidade do Salvador*. Salvador: Prefeitura Municipal do Salvador, 1949.
- BASTIDE, Roger *As religiões africanas no Brasil*. São Paulo: Pioneira/Edusp, 1971. 2 v.
- _____. *O candomblé da Bahia (rito nagô)*. São Paulo: Nacional, 1961.
- BAUMANN, H. and WESTERMANN, D. *Les peuples et les civilisations de l'Afrique*. Paris: Payot, 1962.
- BIOBAKU, S. *The Egba and their neighbours: 1842-1872*. Oxford: Clarendon Press, 1957.
- BOXER, Charles R. *A idade do ouro no Brasil*. São Paulo: Editora Nacional, 1963.
- BRAGA, Júlio Santana. Contribuição ao estudo da língua portuguesa no Daomé. In: *Afro-Ásia 8-9*. CEAO/UFBA, 1969, p. 21-28.
- BRASILEIRO, Jeremias *Congadas de Minas Gerais*. Brasília: Fundação Cultural Palmares. 2001.
- BUTT-THOMPSON, W. *West African Secret Societies*. London: H.F. and G. Whirthley, 1929.
- CACCIATORE, Olga. *Dicionário de cultos afro-brasileiro*. 3. ed. Revista. Rio de Janeiro: Forense-Universitária. 1988.
- CÂMARA JR., J. Mattoso *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Organização Simões. 1959.
- CARNEIRO, Edison. *A linguagem popular da Bahia*. Rio de Janeiro, (s.n.), 1951.
- _____. *Candomblés da Bahia*. Salvador: Museu do Estado da Bahia, 1948.
- _____. *Ladinos e crioulos; estudos sobre o negro no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964 (Retratos do Brasil, 28).
- CARNEIRO, Souza. *Mitos africanos no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937 (Brasiliana, 103).
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 2. ed. revista e aumentada. 1962. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro.
- _____. *Meleagro: pesquisa do catimbó e notas da magia branca no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir (1978 [1951]).
- CORNEVIN, Robert. Paris: Editions Berger-Lebrault (Col. Mondes d'Outre-Mer, Série Histoire). 1962.
- COSTA E SILVA, Alberto da. *A enxada e a lança. A África antes dos portugueses*. Rio de Janeiro/ São Paulo: Editora Nova Fronteira/Edusp. 1992.
- _____. *A manilha e o libambo: a África e a escravidão de 1500 a 1700*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Fundação Biblioteca Nacional. 2002.
- CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. 8.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1925.
- D'ALBECA, A.L. Essai sur les langues jeji e mina parlés au Dahomey et dans les établissements. In: *Les établissements français dans le Golfe de Bénin*. Paris: Librairie Militaire de L. Baudoin et Cie, 1889, Part. II, p. 129-137.
- DELAFOSSÉ, Maurice. *Manuel dahoméen*. Paris: Ernest Leroux Editeur, 1894.
- EDUARDO, Octávio da Costa. *The negro in northern Brazil: a study in acculturation*. New York: J. Augustin Publisher. 1948.

- ELLIS, A. B. *The ewe-speaking peoples of the slave coast of West Africa*. London. 1890.
- FERRETTI, Mundicarmo. *Desceu na guma*. São Luís: SIOGE, 1993.
- _____. *Encantaria de "Barba Soeira"*. Codó, capital da magia negra? São Paulo: Siciliano, 2001.
- _____. *Terra de caboclo*. São Luís: SECMA, 1994.
- FERRETTI, Sérgio Figueiredo. *Querebetã de Zomadônu*; etnografia da Casa das Minas do Maranhão. São Luís: EDUFMA, 1996.
- FREYRE, Gilberto. *Acontece que são baianos*. In: *Problemas brasileiros de antropologia*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962, p. 263-313.
- _____. *Casa grande e senzala*. 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964. 2 t.
- GONÇALVES, Eugênia Dias. *Vocabulário dos Tata n'Ganga Mukice da Irmandade de N. S. do Rosário do bairro Jatobá, Belo Horizonte, Minas Gerais*. Belo Horizonte: FAFI/FUNDAC-BH, 1995.
- GOULART, Alípio. *Da fuga ao suicídio: aspectos de rebeldia de escravos no Brasil*. Rio de Janeiro: Conquistas / INL, 1972.
- _____. *Da palmatória ao patíbulo: castigos de escravos no Brasil*. Rio de Janeiro: Conquistas /INL. 1971.
- GOULART, Maurício. *Escravidão africana no Brasil; das origens à extinção do tráfico*. São Paulo: Martins, 1949.
- GREENBERG, Joseph. *The languages of Africa*. Bloomington: Indiana University, 1966.
- GRIMES, B. F. *Ethnologue: Languages of the world*. Dallas (Texas): Summer Institute of Linguistics, 1998.
- GUIMARÃES, Carlos Magno. *Uma negação do ordem escravista: quilombos em Minas Gerais do século XVIII*. São Paulo: Icone, 1988.
- GURAN, Milton. *Agudás: os brasileiros do Benim*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- GUTHRIE, Malcolm. *The bantu language of western equatorial Africa*. London: Oxford University Press, 1953.
- HAZOUË, Paul. *Le pacte de sang au Dahomey*. Paris: Institut D'Étologie/ Université de Paris, 1956.
- HERSKOVITS, M. *Dahomey, an ancient west-african kingdom*. New York: J. J. Augustin, 1938. 2 v.
- _____. *Life in a haitian Valley*. New York: A.A. Knopf, 1937.
- JOHNSON, S. A. *The history of the yorubas*. Lagos, Nigéria: C.M.S. Bookshops, 1969.
- KIZERBO, J. *História geral da África I. Metodologia e pré-história*. São Paulo: Ática, 1972.
- LAW, Robin. *The kingdom of Allada*. Leiden: School of Asian, African and Ameridian Studies, 1997.
- LIMA, Vivaldo da Costa. *A família-de-santo nos candomblés jeje-nagôs da Bahia: um estudo de relações intragrupais*. Dissertação (Mestrado). Salvador: UFBA, 1977.
- _____. *O conceito de nação nos candomblés da Bahia*. In: *Afiro-Ásia 12*. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais/UFBA, 1966. p. 65-90.
- MACHADO, João Batista. *Codó, histórias do fundo do baú*. São Luís, FACT/UEMA, 1999.
- MAESTRI FILHO, Mário José. *O escravo gaúcho*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1984.
- MARTINET, A. *Éléments de linguistique générale*. Paris: Armand Colin, 1965.
- MARTINS, Tarcísio José. *Quilombo do Campo Grande: a história de Minas roubada do povo*. São Paulo: A Gazeta Maçônica, 1995.
- MATORY, J. Lorand. *Jeje: repensando nações e transnacionalismo*. *MANA 5* (1):57-80. Rio de Janeiro: PPGAS/ Museu Nacional/ UFRJ, 1999.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virginia. *O português arcaico: fonologia*. São Paulo/Bahia: Contexto/ EDUFBA, 1991.
- _____. *Um leitura da carta 99 do atlas prévio dos falares baiano*. In: FERREIRA, Carlota et al. *Diversidade do português do Brasil: estudos de dialectologia*. Salvador: PROED/ UFBA, 1988. p. 53-66.
- MAY, Carlyle. *A survey of glossolalia and related phenomena in non-christian religions*. *American Anthropologist*, n. 58, p. 75-96, 1964.
- MEIRELES, Mário Martins. *Os negros do Maranhão*. São Luís: UFMA, 1983.

- MELLO E SOUZA, Laura de. *Desclassificados do ouro. A pobreza mineira no século XVIII*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.
- MELO, Gladstone Chaves de. *A língua do Brasil*. São Paulo: Editora, 1946.
- MENDONÇA, Renato. *A influência africana no português do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1935.
- _____. *O português do Brasil. Origens, evolução, tendências*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936 (Brasiliana, Série 5ª, 46).
- MENENDEZ, Ivonne; y MILLET, José. *Glosario mínimo del VODÚ. Signos 43*. Vila Clara, Cuba, p. 69-89. 1996.
- MENESES, Inácio de. *Flora da Bahia*. Rio de Janeiro: Nacional, 1949 (Brasiliana, Série 5ª)
- METRAUX, Alfred. *Haiti, la terre, les hommes et les dieux*. Neuchâtel, Suisse: Éditions de la Baconnière, 1957.
- _____. *Le voodoo haïtien*. Paris: Gallimard, 1958.
- MOTT, Luiz. *Rosa egípcia. Uma santa africana no Brasil*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.
- MOURA, Clóvis. *Rebeliões na senzala*. São Paulo: Ciências Humanas, 1981.
- MELLO E SOUZA, Laura. *Desclassificados do ouro. A pobreza mineira no século XVIII*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.
- O ROSÁRIO do Preto Velho (Preces, pontos e orações). Rio de Janeiro: ECO, 1967.
- OTT, Carlos. *Formação e evolução étnica da cidade do Salvador*. Salvador: Prefeitura Municipal de Salvador, 1955. 2 v.
- _____. O negro bahiano. In: *Les afro-américains*. Dakar: IFAN, 1953. p. 157-162 (Mémoires 27).
- PARRINDER, E.G. *The story of Ketu, na Ancient Yoruba Kingdom*. Ibadan University Press, 1956.
- PEIXOTO, Antônio da Costa. *Obra nova da língua geral de Mina*. Lisboa: Agência Geral as Colônias. 1945 [1771].
- PESSOA DE CASTRO, Yeda. A dignidade restaurada de Exu. In: *Um grapiúna no país do carnaval*. Salvador: FCJA/EDUFBA. 2000.
- PESSOA DE CASTRO, Yeda. *Falares africanos no Brasil: um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/Topbooks editora.
- _____. Colaboração, antropologia e lingüística nos estudos afro-brasileiros. In: MARTINS, Cleo; LODY, Raul (Orgs.) *Faraimará – O caçador traz alegria. Mãe Stella, 60 anos de iniciação*. Rio de Janeiro: Pallas, 1999, p. 81-97.
- _____. Etnônimos africanos e formas ocorrentes no Brasil. In: *Afro-Ásia 6-7*. Salvador: CEAO/UFBA, 1968. p. 63-81.
- _____. Língua e nação de candomblé. *África 4*. São Paulo: Centro de Estudos Africanos/USP, 1981. p. 57-74.
- _____. *No canto do acalanto*. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais/ UFBA 1990 (Série Ensaios/Pesquisa 12).
- _____. Notícia de uma pesquisa em África. In: *Afro-Ásia 1*. Salvador: CEAO/UFBA, 1965. p. 41-56.
- _____. O ensino de línguas africanas no Brasil. In: *O pensamento negro em ação 3*. Florianópolis: NEN, 1998, p. 29-38.
- _____. *Os falares africanos na interação social do Brasil Colônia*. Salvador: Centro de Estudos Baianos/UFBA, 1980.
- _____. Também mulher, imagem de Deus. In: *Mulher negra: preconceito, sexualidade e imaginário*. Recife: FUNDAJ/ ED. Massangana, 1995, p. 85-90.
- PIKE, Kenneth. *Tone languages*. Michigan: University of Michigan Press. 1966.
- QUEIROZ, Sônia. *Pé preto no barro branco. A língua dos negros de Tabatinga*. Belo Horizonte: EDUFMG. 1998.
- RAMOS, Arthur. *O negro brasileiro – Etnografia religiosa*. São Paulo: Editora Nacional. 1951.

- RAYMUNDO, Jacques. *O elemento afro-negro na língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Renascença, 1933.
- _____. *O negro brasileiro e outros estudos*. Rio de Janeiro: Record. 1936.
- REIS, João. *Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês (1835)*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.
- RIVIERE, Claude. *Ahthropologie religieuse des Évés du Togo*. Lomé: Les Nouvelles Éditions Africaines. 1981.
- RODRIGUES, Nina. *Os africanos no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nacional, 1945 (Brasiliana, Série 5, 9)
- RONGIER, Jacques. *Dictionnaire français-évé*. Paris: ACCT et Karthala. 1995.
- SALLES, Vicente. *O negro no Pará*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/ Universidade Federal do Pará. 1971.
- SANTOS, Jocélio Teles dos. *O dono da terra: o caboclo nos candomblés da Bahia*. Salvador: Sarah Letras. 1995.
- SEGUROLA, R. P. B. *Dictionnaire fon-français*. Cotonou: Procure de l'Archidiocèse. 1963. 2 v.
- SELJAM, Zora. *No Brasil ainda tem gente da minha co?* Salvador: DAC/ Prefeitura Municipal. 1978.
- SENNA, Nelson de. *Africanos no Brasil*. Belo Horizonte: Oficinas Graphicas Queiroz Breyner Limitada. 1938.
- SENNA, Ronaldo de Salles. *Jarê: uma face do candomblés: manifestação religiosa na Chapada Diamantina*. Feira de Santana: UEFS. 1988.
- SOARES, Mariza de Carvalho. *Devotos da cor*. Identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro, século XVIII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2000.
- SOGBOSSI, Hippolyte Brice. *La tradición ewé-fon en Cuba*. Alcalá de Henares: Universidade de Alcalá/ Havana: Fundação Fernando Ortiz. 1998.
- SOUZA, Bernardino José de. *Dicionário da terra e da gente do Brasil*. 5. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional (Brasiliana, Série Grande Formato, 19). 1961.
- TAVARES, Luís Henrique. *História da Bahia*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA. 1974.
- TIDJANI, A. Serpos. Notes sur le mariage au Dahomey. *Études Dahoméennes* 6, p. 27-107. 1951.
- VALENTE, Valdemar. *Survivances dahoméennes dans les groupes-de-culte africains du Nord-Est du Brésil*. Dakar: Centre des Hautes Etudes Afro-ibero-américaines (Université de Dakar, 9). 1952.
- VERGER, Pierre. *Flux et reflux de la traité des nègres entre le Golfe de Bénin et Bahia de Todos os Santos, du XVII au XX Siècle*. Paris, La Haye: Mouton. 1968.
- _____. Le Culte Vodoun d'Abomey aurait-il été apporté à Saint-Louis de Maranhon pour la mère du roi Ghezo? In: *Les afro-américains*. Dakar: IFAN, p.157-162 1953 (Mémoires 27).
- VIANA FILHO, Luis. *O negro na Bahia*. São Paulo: José Olympio, 1946.
- VICENTE, Gil. *Obras de Gil Vicente*. Porto: Lello & Irmãos. 1965.
- VIOTTI, Manuel. *Novo dicionário da giria brasileira (Vocabulário quimbundo)*. São Paulo: Civilização Brasileira. 1957.
- VOGT, Carlos; FRY, Peter. *Cafundó, a África no Brasil – Língua e sociedade*. São Paulo: Cia. das Letras/Campinas: Editora Unicamp. 1996.
- WEINREICH, Uriel. *Languages in contact*. New York: Linguistic Circle. 1953.
- WESTERMANN, Dietrich and BRYAN, M. A. *Languages of West Africa*. London: Oxford University Press. 1953.
- WESTERMANN, Dietrich. *A study of the Ewé language*. London: Oxford University Press. 1930.
- YAI, Olabiyi Babalola. Identifying Enslaved Africans in Fon and Yoruba Vocabularies in Brazil (18th –19th centuries). In: *Identifying enslaved Africans in the nigerian hinterland*. Toronto: Unesco Conference, p. 544-553. 1997.

PROFESSORA DOUTORA Yeda Pessoa de Castro

Uma vida dedicada à divulgação da língua portuguesa e da literatura brasileira na África e no Caribe e das línguas e culturas africanas no Brasil.

Yeda Pessoa de Castro, nascida em Salvador-BA, é etnolinguísta, professora da Universidade Federal da Bahia, Mestre em Ciências Sociais (UFBA/Universidade Federal da Bahia/Brasil e UNIFE/Universidade de Ifé, atual Obafemi Awolowo/Nigéria) e Doutora em línguas africanas pela Universidade Nacional do Zaire, atual Universidade de Lumbumbashi, na República Democrática do Congo.

Na África, foi professora visitante de português nas Universidades da Nigéria, Ibadã e Ifé, onde também foi Honorary Research Associate do Instituto de Estudos Africanos e assistente do Departamento de Língua Iorubá. Foi ainda professora visitante no Zaire e em Trinidad e Tobago, onde exerceu o cargo de Adida Cultural junto à Embaixada do Brasil. No Brasil, além das suas atividades de docente na graduação e pós-graduação de Ciências Sociais da UFBA, dirigiu o Centro de Estudos Afro-Orientais e fundou o Museu Afro-Brasileiro, na Bahia. Atualmente é Conselheira da Fundação Cultural Palmares, órgão do Ministério da Cultura do Brasil, e membro efetivo do Comitê Científico Brasileiro do *Projeto Rota do Escravo*, da Unesco.

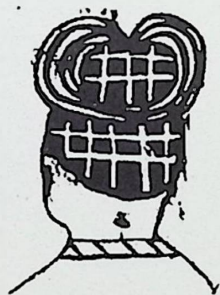
Com larga experiência de ensino de língua portuguesa e de pesquisas em línguas africanas na África e no Caribe, tem vários trabalhos publicados também no exterior sobre as relações culturais e lingüísticas Brasil-África, sobretudo no que diz respeito ao português do Brasil.

O conjunto de sua obra é considerado em todas as partes como uma renovação nos estudos afro-brasileiros. É pioneira nas pesquisas de campo realizadas sobre línguas africanas no Brasil e nos dois lados do Atlântico.

Condecorada com a *Comenda Maria Quitéria* pelo governo do Estado da Bahia, sua terra natal, e no grau de *Comendadora da Ordem do Rio Branco* pelo Ministério das Relações Exteriores do Brasil (1998), pelos serviços prestados na política de

aproximação cultural Brasil-África. Neste campo é pioneira, tendo sido o primeiro brasileiro a defender tese de pós-graduação numa universidade africana.

O seu livro mais recente, *Falares Africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*, publicado em outubro de 2001, uma edição da Academia Brasileira de Letras e da Topbooks, do Rio de Janeiro, teve grande repercussão na imprensa nacional e portuguesa e foi aceito nos meios acadêmicos como a obra mais completa já escrita até agora sobre as línguas africanas no Brasil.



Este livro é parte integrante da COLEÇÃO MINEIRIANA, organizado pela Fundação João Pinheiro por intermédio do Centro de Estudos Históricos e Culturais. Belo Horizonte, Minas Gerais, dezembro de dois mil e dois.

